

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

PAOLO TARGIONI

LINHAS QUE SEPARAM, LINHAS QUE UNEM:  
percepção da fronteira na cidade de Cáceres - MT

SÃO CARLOS -SP  
2020

PAOLO TARGIONI

LINHAS QUE SEPARAM, LINHAS QUE UNEM: percepção da fronteira na cidade de  
Cáceres - MT

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de doutor em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Mário Serra Truzzi

São Carlos-SP  
2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Paolo Targioni, realizada em 17/07/2020.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr. Oswaldo Mario Serra Truzzi (UFSCar)

Prof. Dr. Sandro Mezzadra (UNIBO)

Prof. Dr. Gustavo Tentoni Dias (UNIMONTES)

Prof. Dr. Gabriel de Santis Feltran (UFSCar)

Prof. Dr. Fábio José Bechara Sanchez (UFSCar)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

A Luisa, che ancora non c'è

## AGRADECIMENTO

Ao Instituto Federal de Mato Grosso e à Universidade Federal de São Carlos por propiciar-me a possibilidade de fazer este doutorado.

Ao meu orientador Oswaldo que aceitou me orientar em uma temática nova e desafiadora.

A Sandro, meu co-orientador e companheiro de mesa nos restaurantes de Bolonha.

Aos professores do PPGS da UFSCar, em especial aos que se aventuraram até Cáceres, foi um prazer estar com vocês todos.

Ao coordenador do Dinter, Paulo Alberto, sem o qual não haveria um Dinter.

Aos colegas do Dinter, em especial Agilson, Ariele e Ivone e aos meus “conterrâneos” do IFMT, Chris, Dora, Noemi e Giovana.

Aos colegas de Doutorado que frequentaram algum momento minha vida em São Carlos, com um carinho especial para João Paulo, Fabio, João Pedro, Milena e Monique.

Aos colegas e amigos que aceitaram serem minhas cobaias nas primeiras entrevistas exploratórias e aos alunos do IFMT que participaram das entrevistas e dos grupos focais.

Aos professores dos cursos de engenharia e “Bio” do IFMT que me cederam um tempo de suas aulas e aos que me ajudaram a organizar as entrevistas, um obrigado especial para Gláucia.

A Priscilla e Suely pela ajuda, tanto em campo como fora.

Ao Campus Olegário Baldo do IFMT em Cáceres pelo apoio em todo momento, seria impossível nomear individualmente todo amigo que esteve comigo ao longo da tese.

Ao meu “suporte técnico” Ryan, Hiago e Alexandre, fundamentais para a finalização da tese.

Aos meus amigos Joel e Giorgia, pelo apoio e pelos ótimos conselhos que me deram ao longo de todos estes anos.

A Silmara, que consegue organizar o funcionamento do departamento de maneira impecável.

À banca que avaliou meu trabalho: Sandro, Gustavo, Fabio e Gabriel. Terei lembranças de bons momentos junto com cada um de vocês além dos encontros oficiais.

Aos meus amigos de Cuiabá: Frantyesco, Leonardo, Devair, Rafael, sem os quais não teria avançado na pesquisa.

À Sofia e Mariana, que me deram a alegria que precisava para poder terminar meu trabalho.

À minha Irmã Giulia, que me acompanhou em vários momentos, sobretudo étlicos e gastronômicos, desta pesquisa.

A meu pai Giancarlo e minha mãe Claudia, que acompanharam meu percurso de estudos desde o começo e que sempre me apoiaram e suportaram em todas as minhas decisões, mesmo que às vezes tenha sido difícil.

A Manoella, por tudo.

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar a percepção dos moradores de uma região fronteira entre o Brasil e a Bolívia sobre a própria fronteira física que separa os dois países, bem como de outras fronteiras que eventualmente possam existir. Inicialmente, foi realizado um levantamento teórico sobre a sociologia da fronteira com intuito de amparar a pesquisa empírica. Sucessivamente, foi construído um questionário aplicado em jovens estudantes de um campus universitário na cidade de Cáceres (Mato Grosso) e, em seguida, com os mesmos sujeitos, formados grupos focais a fim de aprofundar o entendimento acerca dos resultados obtidos. A cidade foi escolhida por sua particularidade geográfica: suficientemente próxima à fronteira, para que seus moradores possam conhecê-la, mas também longe, a ponto de haver pessoas que nunca tenham se aproximado dela. Esta característica fez com que a população fosse constituída de pessoas que conhecem muito bem a região da fronteira e outras que apenas têm uma vaga e remota ideia, fruto muitas vezes de preconceitos e estereótipos. Baseado nos escritos teóricos de Sandro Mezzadra, e outros autores tidos como referência acerca dos *border studies*, sobre a indeterminação da fronteira, objetiva-se melhor compreender se haveria diferença entre indivíduos que conhecem a fronteira física e não a conhece (na percepção desta e de outras fronteiras, como de gênero ou étnico-raciais), podendo eventualmente surgir no nosso cotidiano. Os resultados alcançados confirmaram a diferença na percepção da indeterminação da fronteira física entre os conhecedores da fronteira e os não conhecedores, bem como não forneceram dados significativos em relação à percepção de outras formas de fronteiras. Outra questão importante diz respeito a como se desenvolveria a relação entre os moradores autóctones e aqueles que vivem além da fronteira: os estrangeiros. É interessante compreender se é possível haver alguma diferença nesta relação com os estrangeiros, bem como entender se haveria diferença de percepção entre os moradores da zona urbana e rural. Estas hipóteses também foram testadas por meio das mesmas entrevistas, questionários e grupos focais. Os resultados finais, que confirmaram nossas hipóteses sobre a diferente relação com os estrangeiros entre moradores de zona rural e urbana, não mostraram diferenças substanciais na relação com os estrangeiros entre quem conhece e não conhece a fronteira.

**Palavras-chave:** Fronteira. Sandro Mezzadra. *Border studies*. Inclusão diferenciada.

## ABSTRACT

The present study desires to investigate the perception that residents of a border region between Brazil and Bolivia have about the physical border that separates the two countries, as well as other borders that may possibly exist. Initially, in order to support empirical research, were analyzed the work of some of the most important border studies authors. Subsequently, we applied a questionnaire to young students from a university campus in the city of Cáceres (Mato Grosso - Brazil) and then, with the same corpus, were formed focus groups in order to deepen the understanding of the obtained results. The city has been chosen because of its geographical particularity: close enough to the border, so that its residents can get to know it, but also far, to the point that there are people living there who have never approached it. This characteristic meant that the population of the study was composed of people who know the border region very well and others who only have a vague and remote idea, often result of prejudices and stereotypes. Based on the theoretical writings of Sandro Mezzadra on the indeterminacy of the border as well as other authors considered as a reference on border studies, the objective was to better understand if there would be a difference between those who well experienced the physical border and those who do not know it, as in the perception of that, as well as in the perception of other borders (such as gender or ethnic-racial ones) that may eventually arise in our daily lives. The results achieved confirmed the difference in the perception of the indeterminacy of the physical boundary, between the familiar and the unfamiliar with the border, but did not provide significant data relatively the perception of other forms of boundaries. Another important question concerned how would develop the relationship between indigenous residents and those living across the border: foreigners. We were interested in understanding whether there was any difference in this relationship with foreigners between those who know and those who do not know the border, as well as between residents of an urban and a rural area. These hypotheses also were tested through the same interviews, questionnaires and focus groups. The final results, which showed no substantial differences in the relationship with foreigners between those who know and do not know the border, confirmed a different relationship between rural and urban residents.

**Keywords:** Border. Sandro Mezzadra. Border studies. Differential inclusion.

## ABSTRACT

Il presente studio vuole indagare il tipo di percezione che i residenti di una regione di confine tra Brasile e Bolivia hanno del confine fisico che separa i due Paesi e se e come questo possa influenzare la percezione di altri tipi di 'confini', come le divisioni di genere, razza o altro. Si è partiti con una panoramica delle teorie legate alla sociologia della frontiera, su cui abbiamo strutturato la ricerca empirica. In un secondo momento, è stato somministrato un questionario ai giovani studenti di un campus universitario nella città di Cáceres (Mato Grosso - Brasile), che sono stati poi oggetto anche di *focus group* per approfondire la portata e il valore dei risultati ottenuti. La città di Cáceres è stata scelta per la sua particolare posizione geografica: è abbastanza vicina al confine da far sì che parte dei suoi abitanti lo conoscano bene, ma allo stesso tempo sufficientemente distante perché altri non l'abbiano mai visto. Tale caratteristica geografica ha permesso di costruire un corpus composto sia da persone che conoscono molto bene zona di confine sia da individui che ne hanno solo un'idea vaga, spesso risultato di pregiudizi e stereotipi. Basandoci sugli scritti teorici di Sandro Mezzadra relativi all'indeterminatezza del confine e integrando la nostra ricerca con alcuni dei principali autori di riferimento nei *border studies*, abbiamo cercato di capire se ci fosse una differenza tra gli individui che conoscono la frontiera e quelli che non la conoscono nella percezione del confine fisico e degli altri possibili confini legati alla vita quotidiana come ad esempio, quelli di genere ed etnico-razziali. I risultati ottenuti hanno confermato una differente percezione dell'indeterminatezza del confine fisico in relazione alla frequentazione o meno della frontiera, ma allo stesso tempo non hanno fornito dati significativi in merito alla percezione di altre forme di confine. Altro punto d'interesse della ricerca è stato il tipo di relazione tra i residenti della città oggetto della ricerca e coloro che abitano oltrefrontiera: gli stranieri. Volevamo capire se nel rapporto con gli stranieri esistesse una differenza in base alla conoscenza o meno del confine e in funzione alla diversa provenienza, urbana o rurale, dei soggetti intervistati. Anche queste ipotesi sono state testate per mezzo del precedente questionario, di interviste e di *focus group*. Il risultato finale non ha mostrato differenze sostanziali nel rapporto con gli stranieri in base alla conoscenza del confine, ma ha tuttavia confermato un diverso atteggiamento a seconda che i soggetti intervistati risiedessero in aree urbane o provenissero da zone rurali.

**Parole Chiave:** Frontiera. Sandro Mezzadra. *Border studies*. Inclusione differenziale.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relação entre a percepção e contato com a fronteira.....	104
Figura 2 - Relação entre percepção dos estrangeiros e variáveis influenciadoras....	106
Figura 3 - Localização de Cáceres.....	108
Figura 4 - Mapa da BR 070.....	108
Figura 5 - Início da estrada partindo de Cáceres até a fronteira com a Bolívia.....	109
Figura 6 – Modelo multivariado para o questionário.....	129
Figura 7 - Descrição das respostas dos participantes e da população em geral em relação às características sociodemográficas: distribuição de gênero.....	136
Figura 8 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: semestre letivo e vínculo com a universidade.....	137
Figura 9 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: município de criação e zona de criação.....	138
Figura 10 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: tempo de residência.....	139
Figura 11 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: religião.....	140
Figura 12 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: renda.....	141
Figura 13 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: classe social.....	142
Figura 14 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: tendência política.....	143
Figura 15 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a frequência de leitura de notícias em meios digitais.....	144
Figura 16 - Descrição da frequência de respostas dos participantes de acordo com o acesso de notícias por meios de comunicação tradicionais: jornais impressos.....	145
Figura 17 - Descrição da frequência de respostas dos participantes de acordo com o acesso de notícias por meios de comunicação tradicionais: jornais online.....	145
Figura 18 - Descrição da frequência de respostas dos participantes de acordo com o acesso de notícias por meios de comunicação tradicionais: telejornais.....	146

Figura 19 - Frequência de respostas dos participantes em relação as questões sobre a percepção de fronteira entre Brasil e Bolívia: contato com a fronteira e com os estrangeiros em geral.....	147
Figura 20 - Frequência de respostas dos participantes em relação às questões sobre a percepção de fronteira entre Brasil e Bolívia: percepção de permeabilidade de pessoas ou mercadorias.....	148
Figura 21 - Frequência de respostas dos participantes em relação às questões sobre a percepção de fronteira entre Brasil e Bolívia: percepção de diferença entre os dois lados da fronteira e entre brasileiros e bolivianos.....	149
Figura 22 - Frequência de respostas dos participantes em relação às questões sobre a percepção de fronteira entre Brasil e Bolívia: conhecimento sobre crime em geral ou cometido por algum estrangeiro.....	150
Figura 23 - Frequência de respostas dos participantes em relação às questões sobre a percepção de fronteira entre Brasil e Bolívia: concordância em relação ao atendimento no Hospital Regional de Cáceres para bolivianos.....	152
Figura 24 - Frequência de respostas dos participantes em relação às questões sobre a percepção de outras fronteiras: diferença na vida das pessoas relacionadas à cor/etnia ou gênero.....	153

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Associação entre gênero e contato com estrangeiros.....	154
Tabela 2 - Associação entre gênero e contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil.....	155
Tabela 3 - Associação entre gênero e frequência de visão de notícias: “Jornal Nacional”.....	156
Tabela 4 - Associação entre gênero e frequência de visão de notícias: “MTTV”.....	156
Tabela 5 - Associação entre gênero e percepção da diferença referente à cor e etnia na vida das pessoas em Cáceres.....	157
Tabela 6 - Associação entre gênero e percepção da diferença que o gênero faz na vida das pessoas em Cáceres.....	157
Tabela 7 - Associação entre a classe social dos participantes e o contato com a fronteira.....	158
Tabela 8 - Associação entre a classe social dos participantes e a frequência de leitura de notícias: “WhatsApp”.....	159
Tabela 9 - Associação entre a classe social dos participantes e percepção de diferença devido a etnia ou raça.....	159
Tabela 10 - Associação entre a classe social dos participantes e percepção de diferença devido a gênero.....	160
Tabela 11 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e o município de criação.....	161
Tabela 12 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e a zona de criação.....	161
Tabela 13 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e o contato com estrangeiros.....	161
Tabela 14 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e o contato com a fronteira.....	162
Tabela 15 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e a concordância com o atendimento no hospital.....	163
Tabela 16 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e a percepção de diferença devido a etnia ou raça.....	163
Tabela 17 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e a percepção de diferença devido a gênero.....	164

Tabela 18 - Contato com a fronteira e sua influência sob a percepção de controle de passagem de pessoas na fronteira.....	165
Tabela 19 - Contato com a fronteira e sua influência sob a percepção de controle de passagem de mercadorias na fronteira.....	166
Tabela 20 - Município de criação e sua influência sob a percepção de controle de passagem de pessoas na fronteira.....	167
Tabela 21 - Contato com a fronteira e sua influência sob a percepção de controle de passagem de mercadorias na fronteira.....	167
Tabela 22 - Zona de criação e sua influência sob a percepção de controle de passagem de pessoas na fronteira.....	168
Tabela 23 - Zona de criação e sua influência sob a percepção de controle de passagem de pessoas na fronteira.....	168
Tabela 24 - Tempo de residência e sua influência sob a percepção de controle de passagem de pessoas na fronteira.....	169
Tabela 25 - Zona de criação e sua influência sob a percepção de controle de passagem de mercadorias na fronteira.....	169
Tabela 26 - Associação entre o contato com a fronteira e a percepção da diferença entre os lados desta.....	170
Tabela 27 - Associação entre a zona de criação e a percepção da diferença entre os lados da fronteira.....	171
Tabela 28 - Associação entre o tempo de residência e percepção da diferença entre os lados da fronteira.....	171
Tabela 29 - Associação entre o contato com a fronteira e a percepção de diferença em aspectos físicos e culturais entre bolivianos e brasileiros.....	172
Tabela 30 - Associação entre a zona de criação e a percepção de diferença em aspectos físicos e culturais entre bolivianos e brasileiros.....	172
Tabela 31 - Associação entre o tempo de residência e a percepção de diferença em aspectos físicos e culturais entre bolivianos e brasileiros.....	173
Tabela 32 - Associação entre a zona de criação e a concordância com o atendimento aos bolivianos no hospital de Cáceres.....	173
Tabela 33 - Associação entre o contato com a fronteira e a concordância com o atendimento aos bolivianos no hospital de Cáceres.....	175
Tabela 34 - Associação entre o município de criação e a concordância com o atendimento aos bolivianos no hospital de Cáceres.....	175

Tabela 35 - Associação entre o tempo de residência e a concordância com o atendimento aos bolivianos no hospital de Cáceres.....	175
Tabela 36 - Associação entre o tempo de residência e a percepção de diferença devido a gênero.....	176
Tabela 37 - Associação entre a zona de criação e a percepção de diferença devido a gênero.....	177
Tabela 38 - Associação entre o contato com a fronteira e a percepção de diferença devido a gênero.....	177
Tabela 39 - Associação entre o município de criação e a percepção de diferença devido a gênero.....	178
Tabela 40 - Associação entre o tempo de residência e a percepção de diferença devido a cor ou etnia.....	178
Tabela 41 - Associação entre o contato com a fronteira e a percepção de diferença devido a cor ou etnia.....	179
Tabela 42 - Associação entre o município de criação e a percepção de diferença devido a cor ou etnia.....	179
Tabela 43 - Associação entre a zona de criação e a percepção de diferença devido a cor ou etnia.....	179

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Propriedades individuais e contextuais dos entrevistados e percepção da fronteira e dos estrangeiros.....	130
--	-----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>2 CAPÍTULO 1: POR UMA ONTOLOGIA DA FRONTEIRA.....</b>	<b>23</b>
2.1 A ORIGEM DA NOÇÃO DE FRONTEIRA NO OCIDENTE.....	23
2.2 AS FRONTEIRAS NA HISTÓRIA.....	24
2.3 AS POLÍTICAS MIGRATÓRIAS COMO FORMA DE FORTALECER AS FRONTEIRAS.....	26
<b>2.3.1 Os tratados como início do problema.....</b>	<b>27</b>
<b>2.3.2 <i>Aux armes, citoyens</i>.....</b>	<b>28</b>
<b>2.3.3 Após a revolução: o que fazer?.....</b>	<b>29</b>
<b>2.3.4 Muros e mais muros.....</b>	<b>31</b>
<b>2.3.5 E no Brasil?.....</b>	<b>33</b>
<b>2.3.6 Estados e identidade.....</b>	<b>36</b>
2.4 A FRONTEIRA COMO MITO: JOHN WAYNE E OS APACHES.....	38
2.5 A FRONTEIRA NO IMAGINÁRIO FICCIONAL: DO TENENTE DROGO A JON SNOW.....	39
<b>3 CAPÍTULO 2: POR UMA SOCIOLOGIA DA FRONTEIRA.....</b>	<b>42</b>
3.1 SOCIOLOGIA DA FRONTEIRA: OS CLÁSSICOS.....	43
<b>3.1.1 Simmel e a fronteira como fato sociológico.....</b>	<b>43</b>
<b>3.1.2 Fredrik Barth: a inversão da fronteira.....</b>	<b>48</b>
<b>3.1.3 Pierre Bourdieu: a luta simbólica na criação das fronteiras.....</b>	<b>53</b>
<b>3.1.4 Elias: uma fronteira em processo.....</b>	<b>57</b>
3.1.4.1 Processo civilizador e fronteiras.....	58
3.2 OS NOVOS ESTUDOS SOBRE A FRONTEIRA.....	61
<b>3.2.1 As fronteiras internas: Zygmunt Bauman.....</b>	<b>62</b>
3.2.1.1 Modernidade sólida vs modernidade líquida.....	63
3.2.1.2 Fronteiras urbanas.....	64
3.2.1.3 Novos muros para velhos problemas.....	66
<b>3.2.2 O funcionamento diferencial da fronteira: Étienne Balibar.....</b>	<b>69</b>
<b>3.2.3 A fronteira como método: Sandro Mezzadra.....</b>	<b>73</b>
3.2.3.1 <i>Border as method</i> .....	77
3.2.3.2 Fronteiras do capital.....	82
3.3 FRONTEIRAS E COLÔNIAS: E AS OUTRAS FRONTEIRAS?.....	85

<b>3.3.1 Um olhar pós-colonial.....</b>	<b>86</b>
<b>3.3.2 As fronteiras no pensamento pós-colonial.....</b>	<b>88</b>
<b>3.3.3 Outras fronteiras.....</b>	<b>90</b>
<b>4 CAPÍTULO 3: O DESENHO DA PESQUISA.....</b>	<b>94</b>
<b>4.1 A RELEVÂNCIA INTELECTUAL DA PROBLEMÁTICA.....</b>	<b>94</b>
<b>4.1.1 Étienne Balibar: a sobredeterminação da fronteira.....</b>	<b>95</b>
<b>4.1.2 Sandro Mezzadra e Brett Neilson: uma nova maneira de entender as fronteiras.....</b>	<b>97</b>
<b>4.1.3 Zygmunt Bauman: relações com os estrangeiros na sociedade líquida.....</b>	<b>99</b>
<b>4.1.4 Margaret Mary Wood: relações entre estrangeiros e grupos integrados.....</b>	<b>102</b>
<b>4.2 A CONSTRUÇÃO DAS HIPÓTESES.....</b>	<b>103</b>
<b>4.3 A ESCOLHA DA POPULAÇÃO.....</b>	<b>105</b>
<b>4.3.1 O IFMT.....</b>	<b>106</b>
<b>4.3.2 Fronteira, mas não muito. Urbano, mas rural também.....</b>	<b>107</b>
<b>4.3.3 Municípios limítrofes.....</b>	<b>109</b>
<b>4.3.4 O IFMT Cáceres e sua relação com a fronteira.....</b>	<b>110</b>
<b>4.3.5 Importância do contexto socio-ambiental da pesquisa.....</b>	<b>110</b>
<b>4.3.6 Importância da escola como ambiente homogêneo.....</b>	<b>111</b>
<b>4.3.7 A escolha da população/amostra.....</b>	<b>111</b>
<b>4.3.8 Motivo da escolha de jovens estudantes.....</b>	<b>112</b>
<b>4.4 O MODELO DE ANÁLISE.....</b>	<b>113</b>
<b>4.4.1 Entrevistas exploratórias: construir um questionário partindo dos dados.....</b>	<b>113</b>
<b>4.4.2 Quem foram os entrevistados.....</b>	<b>115</b>
<b>4.4.2.1 Entrevistada 1: 36 anos, professora.....</b>	<b>115</b>
<b>4.4.2.2 Entrevistada 2: 19 anos, estudante.....</b>	<b>116</b>
<b>4.4.2.3 Entrevistado 3: 21 anos, estudante.....</b>	<b>117</b>
<b>4.4.2.4 Entrevistado 4: 21 anos, estudante.....</b>	<b>118</b>
<b>4.4.2.5 Entrevistado 5: 21 anos, estudante.....</b>	<b>119</b>
<b>4.4.2.6 Entrevistado 6: 43 anos, servidor público.....</b>	<b>119</b>
<b>4.4.2.7 Entrevistado 7: 29 anos, autônomo.....</b>	<b>121</b>
<b>4.4.2.8 Entrevistada 8: 38 anos, jornalista.....</b>	<b>123</b>

4.4.2.9 Entrevistado 9: 36 anos, engenheiro agrônomo.....	124
4.4.2.10 Entrevistada 10: 26 anos, interprete de libras.....	125
4.4.2.11 Entrevistada 11: 24 anos, servidora pública.....	125
4.4.2.12 Entrevistado 12: 44 anos, veterinário.....	126
4.4.2.13 Entrevistado 13: 43 anos, escritor.....	126
<b>4.4.3 A confirmação inicial das hipóteses.....</b>	<b>127</b>
<b>4.4.4 A construção do questionário.....</b>	<b>128</b>
<b>4.4.5 Os grupos focais.....</b>	<b>132</b>
<b>5 CAPÍTULO 4: RESULTADOS.....</b>	<b>135</b>
5.1 ANÁLISE DOS DADOS.....	135
<b>5.1.1 Análise estatística: um perfil geral dos entrevistados.....</b>	<b>135</b>
<b>5.1.2 O cruzamento das variáveis.....</b>	<b>154</b>
5.1.2.1 O perfil de gênero.....	154
5.1.2.2 O perfil de classe.....	158
5.1.2.3 O perfil político.....	160
<b>5.1.3 A percepção da fronteira.....</b>	<b>164</b>
5.1.3.1 Relação entre tipo de socialização/conhecimento de fronteira e percepção desta quanto à passagem de pessoas e de mercadorias: a fronteira é aberta ou não?.....	165
5.1.3.2 Atendimento a bolivianos no Hospital Regional de Cáceres: quando o outro é estrangeiro.....	173
5.1.3.3 Um corolário: percepção de diferença devido a cor, etnia e gênero.....	176
5.2 OS GRUPOS FOCAIS.....	180
<b>5.2.1 Conheço a fronteira.....</b>	<b>181</b>
<b>5.2.2 Não conheço a fronteira.....</b>	<b>186</b>
<b>6 CONCLUSÕES.....</b>	<b>190</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>192</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário.....</b>	<b>197</b>
<b>APÊNDICE B – Code Book.....</b>	<b>203</b>
<b>APÊNDICE C - Tabelas de análises estatísticas.....</b>	<b>212</b>
<b>APÊNDICE D - Roteiros para os grupos focais.....</b>	<b>215</b>
<b>APÊNDICE E – Referências complementares.....</b>	<b>230</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O conceito de fronteira é plural e pode ser entendido de inúmeras maneiras, servindo para definir vários âmbitos do nosso cotidiano. A primeira função aprendida atribuída às fronteiras é a de separação (separação entre estados, mais especificamente): os mapas geográficos comumente vistos em livros escolares são o primeiro contato com a noção da fronteira. Linhas negras que dividem espaços com cores distintas é a imagem vista ao focar a representação do lugar no qual se vive. Imagina-se o controle feito por policiais para que estas linhas não sejam ultrapassadas e, assim, acredita-se que seja o mundo: um lugar dividido em compartimentos separados por uma fronteira no qual o contato é mínimo.

As palavras “fronteira” e “divisa” evocam imediatamente imagens de policiais e de arame farpado, de rígidas delimitações territoriais, de mapa-múndi nos quais cada país tem uma cor diferente e nos quais linhas pretas separam um estado do outro<sup>1</sup> (CUTITTA, 2007, p. 17).

Nunca na história o conceito de fronteira foi tanto posto em discussão como nos dias atuais: a globalização fez crer que aquelas linhas negras haviam desaparecido e se tornado algo simbólico, sem função real, uma velha lembrança do período escolar. Na realidade, percebe-se que as famosas linhas pretas ao invés de desaparecer, multiplicaram-se e se deslocaram a lugares cada vez mais distantes daqueles nos quais estava-se acostumado a vê-las. Elas não estão mais nas fronteiras propriamente ditas, mas “em *outros lugares, em qualquer lugar no qual se exercitem controles seletivos*”<sup>2</sup> (BALIBAR, 2001, p. 211).

Deslocada de seu lugar inicial, aparentemente borrada pela globalização e pelos grandes movimentos migratórios contemporâneos, destituída de sentido devido à crise do Estado-nação, a fronteira é algo extremamente interessante que deve ser estudada com muita atenção e propriedade, exatamente devido ao fato de não ter desaparecido. Todos estes fatores citados, pelo contrário, a ressignificam e a deslocam para lugares novos, muitas vezes sobreterritoriais e imateriais, aos quais

---

<sup>1</sup> “Le parole ‘confine’ e ‘frontiera’ evocano immediatamente immagini di doganieri e di filo spinato, di rigide delimitazioni territoriali, di mappamondi in cui ogni paese ha un colore diverso e in cui linee nere separano uno stato dall’altro” (tradução nossa).

<sup>2</sup> “Sono altrove, dovunque si esercitano dei controlli selettivi” (tradução nossa).

ela não pertencia e que agora, obrigando a repensar a percepção e o sentido que se dá à palavra fronteira.

O interesse nessa temática surgiu do desejo em entender como a experiência maior ou menor em relação à fronteira possa ser um discriminante no conhecimento da mesma: ontologicamente definida como algo insuperável, sabe-se que em realidade se trata de algo mais complexo que um simples muro divisor de dois territórios. Para entender como se dá a percepção desta divisa a partir da própria experiência empírica, foi iniciada a observação de um contexto específico: uma região fronteira entre o Brasil e a Bolívia, na qual encontram-se pessoas que têm contato e outras que não têm contato com a fronteira. A percepção de como é e como funciona um lugar específico é construída a partir de vários fatores, sendo mais importante, talvez, a experiência direta. Partindo desta concepção, imagina-se que possa haver uma diferença no entendimento do que é uma fronteira, do que ela representa e como ela funciona, a partir do conhecimento ou desconhecimento deste lugar específico. A escolha de uma população que se posiciona heterogeneamente ao longo do *continuum* – conhecedor/não conhecedor – foi o que ajudou a entender como se dá esta distinta percepção, conforme muda o nível de conhecimento.

Especificamente, a presente pesquisa objetiva entender, a partir da teoria sociológica sobre a fronteira – os modernos *border studies* – como (e se) a população-alvo percebe a indeterminação da própria fronteira contemporânea. Qual é a imagem que ela tem desta divisa é o foco abordado ao longo de toda a tese, mais especificamente, se há diferença nesta percepção entre quem conhece e quem não conhece a fronteira física na região pesquisada. Outro objetivo da pesquisa é entender se este conhecimento da fronteira pode gerar percepções diferentes (ou mesmo um distinto modo de agir) em outros ambientes e em outras situações. Para isso, é preciso compreender se há alguma relação entre o conhecimento da fronteira física e a percepção de outras fronteiras que eventualmente possam surgir no nosso dia a dia (gênero, étnico-raciais) e se poderia haver diferença na relação com os que vivem além da fronteira: os estrangeiros. Finalmente, visto a extrema heterogeneidade da população, pretende-se tentar esclarecer outra questão interessante: se na relação com estes moradores que vivem além da fronteira - os estrangeiros - poderia haver diferenças baseadas em distintos fatores, como por exemplo, de socialização.

No primeiro capítulo, a intenção é apresentar a noção de fronteira conforme seu desenvolvimento no Ocidente ao longo dos séculos. Ela foi tratada tanto em sua concepção do ponto de vista histórico, bem como sua construção em consequência das políticas migratórias adotadas por distintos Estados em diferentes momentos. Além disso, foi apresentada uma visão da fronteira que permanece no imaginário a partir da fantasia que foi criada em relação à fronteira mais famosa da história – a fronteira dos filmes de faroeste – bem como em relação a um imaginário ficcional mais geral sobre o tema. Para este fim, é apresentado brevemente a ideia da fronteira tanto ao longo da história bem como sua construção derivada de políticas migratórias específicas. Outros meios utilizados para entender a percepção da fronteira são tanto séries e filmes, bem como obras literárias consagradas: a clássica imagem da fronteira como território inexplorado, repleto de índios cruéis, a ser conquistado pelo *cowboy*, também faz parte de um imaginário construído que se cristalizou na memória de muitas pessoas.

No segundo capítulo – por uma sociologia da fronteira – apresenta-se as distintas visões que a sociologia tem sobre o tema escolhido. Inicialmente foi feito um panorama histórico sobre a percepção da fronteira em autores mais tradicionais da sociologia, tanto clássica como moderna. Partindo de Simmel, passando pela clássica obra de Barth, chega-se a Bourdieu e Elias e suas visões sobre a fronteira. Em um segundo momento, a análise foca nos estudos que se desenvolveram nos últimos anos sobre o tema: Zygmunt Bauman, o filósofo francês Balibar, e o italiano Sandro Mezzadra foram os representantes dos modernos *border studies*, escolhidos para guiar ao longo do caminho a ser trilhado para entender melhor o que pensa hoje a sociologia sobre o tema da fronteira. As ideias de inclusão diferencial, heterogeneidade e polissemia da fronteira são as linhas guias seguidas para construir a visão sobre o tema escolhido.

Em um segundo momento, foi decidido enfrentar a temática de outras fronteiras que podem surgir no nosso dia a dia. As fronteiras de gênero e as fronteiras étnico-raciais são lidas a partir de um olhar mais específico: o feminismo pós-colonial indiano e as leituras de Du Bois e Fanon sobre raça e etnia são fundamentais para entender como estas fronteiras outras se constroem e se desenvolvem, muitas vezes imperceptivelmente, no nosso cotidiano.

No terceiro capítulo é mostrado o caminho percorrido para o desenvolvimento da pesquisa, bem como a escolha e construção das ferramentas que foram utilizadas

para ouvir a população alvo e analisar os dados. Inicia-se com a apresentação da relevância intelectual da problemática, mostrando como os autores escolhidos dialogariam com esta pesquisa e sustentariam as hipóteses apresentadas logo em seguida. Sucessivamente, apresenta-se a população escolhida, bem como os motivos pelos quais foi feita esta escolha: uma região de fronteira em que parte da população desconhece totalmente esta última, oferece uma oportunidade única de conseguir uma heterogeneidade importantíssima para demonstrar a validade das hipóteses do presente estudo. Em seguida, mostra-se como se deu a construção do modelo de análise: inicialmente foram realizadas entrevistas exploratórias, para assim poder ter uma noção mais clara de quais poderiam ser as tendências dos resultados no momento em que o questionário for aplicado. Em um segundo momento, é apresentada a forma escolhida para construir o questionário aplicado e, finalmente, a última parte mostra como se deu a criação e operacionalização dos grupos focais que complementaram o questionário e foram fundamentais para a confirmação de nossas hipóteses.

O quarto e último capítulo demonstra a análise dos dados coletados e os resultados obtidos. Foi traçado inicialmente um perfil geral dos entrevistados, fundamental para entender as características da amostra, para depois, por meio do cruzamento de algumas variáveis, traçar perfis mais específicos em relação ao gênero, classe e posicionamento político. Finalmente, tem-se à análise mais importante, que serve para entender se as hipóteses criadas se confirmam ou não: a análise dos resultados sobre a percepção de fronteira e da relação com os estrangeiros. Os grupos focais apresentados no final do capítulo são o complemento final da pesquisa e servem para esclarecer as dúvidas que podem surgir após a análise do questionário.

## 2 CAPÍTULO 1: POR UMA ONTOLOGIA DA FRONTEIRA

### 2.1 A ORIGEM DA NOÇÃO DE FRONTEIRA NO OCIDENTE

A palavra “fronteira” deriva do antigo provençal *frontière*, que por sua vez vem do latim *frons-frontis*: aquilo que está à frente, parte mais à frente (por derivação da parte mais avançada de um exército, portanto o limite, o ponto de contato entre dois exércitos). A fronteira pode ser vista como a divisa entre dois Estados, mas também como o limite entre áreas científicas, como separação entre grupos sociais, entre homens e mulheres, ricos e pobres, brancos e negros, entre estudantes e professores, como uma maneira de distinguir dois lados políticos, separar dois biomas e duas bacias hidrográficas. Enfim, pensar em fronteira é, aparentemente, pensar em diferença e separação.

Desde a antiguidade, a fronteira sempre foi algo muito importante e até sagrado na cultura humana. Basta pensar nos *Kudurrus* mesopotâmicos ou os romanos, nos chamados *terminalia*<sup>4</sup>, as festas relacionadas ao culto do deus *Terminus*, um deus tão importante no *Pantheon* romano que era o único cujo culto teve o direito de permanecer no templo de Júpiter Ótimo Máximo, o maior e mais importante templo da Roma antiga.

Considerando a própria fundação da cidade de Roma, conforme a lenda, retorna mais uma vez a questão da fronteira para mostrar o quão importante era para esta civilização. Rômulo e Remo, os dois irmãos filhos de Rea Silvia e do deus Marte, após uma longa narrativa que não será relatada aqui, decidem fundar uma nova cidade na beira do rio Tibre (a futura Roma). Assim, cada um sobe num cole (Romulo no Palatino e Remo no Aventino), pois conforme a indicação de um sacerdote, quem avistasse mais abutres seria o escolhido para a fundação. Romulo sai vencedor, dado que avista doze abutres, enquanto Remo apenas seis. O ganhador pega um arado e começa a traçar o sulco daquele que os romanos chamavam de *pomerium*<sup>5</sup>, o sulco sagrado, a delimitação da futura cidade, a fronteira entre a *Urbe*<sup>6</sup> e o campo. Remo, insatisfeito com o resultado e com ciúmes do irmão (sempre mais valoroso que ele),

---

<sup>3</sup> Pedras com inscrições variadas que fixavam as concessões de terra aos vassallos e que permaneciam em templos, enquanto cópias em barro deviam ser postas nos limites das propriedades das terras concedidas.

<sup>4</sup> Festividade que acontecia no final do mês de fevereiro, criada pelo segundo rei de Roma Numa Pompilio, assim que definiu as fronteiras entre as terras dos cidadãos romanos, a fim de sacralizá-las.

<sup>5</sup> Fronteira sagrada e inviolável de uma cidade romana.

<sup>6</sup> *Urbs – is*, em latim, significa cidade. A *urbe* por antonomásia é a cidade de Roma.

decide não aceitar o resultado e atravessa o sulco que Romulo acabara de traçar. Este, com fúria e ímpeto, pega uma espada, traspassa o irmão e pronuncia a famosa frase – reportada em Tito Lívio – “*sic deinde, cuicumque alius transiliet moenia mea*”<sup>7</sup>. A defesa de suas fronteiras é a base sobre a qual Roma funda sua origem, nem laços de sangue fraternos poderiam superar a importância que os romanos deram às delimitações sagradas de sua cidade. A civilização que conquistou a bacia do Mediterrâneo na antiguidade acabara de nascer marcando, por meio de um fratricídio, suas fronteiras.

## 2.2 AS FRONTEIRAS NA HISTÓRIA

Como observado no texto clássico de Martin (1994), a noção de fronteira é um conceito histórico que muda ao longo do tempo. Para pensar num percurso histórico da noção de fronteira, devemos seguir o geógrafo paulista e iniciar prioritariamente pelos grandes impérios da antiguidade: China, Império Romano e Civilização Inca.

Em relação à China antiga, não passa despercebido que nela tem-se o maior símbolo de uma fronteira entendida como separação: a grande muralha, a maior fronteira artificial construída pelos seres humanos, defendendo os chineses dos invasores que vinham do Norte. Trata-se de uma construção incrível, repleta de torres, fortins e portões que se estendiam do mar até a Ásia central, confundindo-se com a própria noção de fronteira como espaço físico de separação entre povos e nações.

Outro império da antiguidade que fez uso de fortificações para separar suas fronteiras foi o Império Romano. Este império costumava usar os limites naturais<sup>8</sup> como fronteiras para proteger seus territórios, porém, o *limes* romano teve também casos frequentes de barreiras artificiais construídas para impedir invasões de populações externas ao império. O caso mais famoso são as duas muralhas (de Antonino e Adriano) que protegiam a província romana de Britânia da invasão dos pictos e dos escotos. Se constituíam em duas linhas de fortificações situadas no Norte da Inglaterra, projetando-se de mar a mar nos dois locais mais estreitos da ilha

---

<sup>7</sup> Tito Lívio (1982) “*Ab urbe condita*” 1,7 - “assim, portanto, será para qualquer outro que passe meus muros” (tradução nossa).

<sup>8</sup> A fronteira romana, ou *limes*, como era conhecida, consistia em uma série de barreiras físicas que protegiam as fronteiras do império. Este *limes* podia ser um rio, como no caso do Reno na atual Alemanha, montanhas, como no caso dos Cárpatos, ou um deserto, como no caso do Sul do Egito.

britânica, e que consistiam de muros e fortalezas em pedra. O valo Adriano, bem melhor conservado que o valo Antonino, mostra uma série de fortificações em lugares estratégicos que formam um *continuum* ao longo da divisa, assemelhando-se em muitos aspectos à grande muralha chinesa.

Observando outro continente, podemos perceber como a noção de fronteira entendida como fortificação, para defender os territórios das invasões externas, se repete. Os incas, segundo Martin (1994), são mais um exemplo de império que criava fronteiras estáticas e defensivas por meio de trincheiras e outras fortificações. Estas fronteiras, seguras e fixas, acabam criando uma contradição: se as fronteiras rígidas e fechadas ajudavam no desenvolvimento da sociedade, tanto do ponto de vista de aumento de produção agrícola como também em relação ao aumento populacional, este mesmo crescimento populacional se tornava um problema devido à rigidez destas barreiras que limitavam a circulação de pessoas e restringiam a possibilidade de saída de um território fisicamente limitado.

Se pensarmos nas fronteiras durante a idade média (na Europa Ocidental, mais especificadamente), percebemos claramente que estas não são mais tão rígidas como na época do Império Romano, uma vez que com a dissolução deste último, com a fragmentação do continente em microestados e com a pulverização da economia, o único fator que mantinha uma unidade era a religião cristã. Pode-se, de qualquer forma, pensar em três macrorregiões europeias separadas pela maior ou menor influência romana (desde o Sul da Europa, onde há uma influência maior para chegar ao Norte, onde esta influência é quase mínima).

O mais interessante a ser notado neste período era a quase total leveza e fragilidade das fronteiras. Como observado no momento da morte do Imperador Luís, o Piedoso (filho de Carlos Magno), ao dividir o império entre seus três filhos (Lotário, Luís, o Germânico, e Carlos, o Calvo) na hora do tratado de Verdun, em 843, os dignitários lá presentes perceberam a existência de um quase total desconhecimento, tanto cartográfico como geográfico para definir detalhadamente, e com a devida precisão, as fronteiras entre os três reinos. Diferentemente da época romana, as fronteiras na idade média não passavam, portanto, de uma mera obra de ficção. Vários fatores modificaram esta situação: em primeiro lugar, a necessidade de regularização da propriedade da terra, ligada ao novo modo de produção mercantil que estava surgindo e que permitiria alcançar uma maior precisão na delimitação dos confins. Como é sabido, nesta época houve grandes mudanças nos sistemas, tanto

econômico como político. A dispersão da produção respondeu à centralização da política. Tornou-se mandatório, portanto, criar um elemento que unisse estas duas partes. Assim, graças à esta mudança e ao crescimento científico, foi impulsionado o desenvolvimento da cartografia (Martin, 1994). De qualquer forma, foi o Tratado de Westfalia (1648) que, devido à inauguração de um novo sistema moderno de divisões, pode ser considerado o marco do nascimento da moderna noção de fronteira na Europa Ocidental (informações detalhadas adiante).

O problema das fronteiras, portanto, começa a se confundir com a questão das nacionalidades, das políticas dos Estados modernos, e se estrutura conforme avançam as ciências ligadas à cartografia (matemática, astronomia, entre outras). A partir deste momento, as fronteiras não são mais imaginadas e nebulosas como eram anteriormente, mas podem ser projetadas e criadas (como o Tratado de Tordesilhas, por exemplo). É possível afirmar, portanto, que o surgimento do Estado nacional moderno é o responsável pelo estabelecimento de limites rígidos e precisos e, sobretudo, de políticas ligadas ao atravessamento destes limites: as políticas migratórias, que serão analisadas mais detalhadamente a seguir, com objetivo de melhor entender os fluxos fronteiriços.

### 2.3 AS POLÍTICAS MIGRATÓRIAS COMO FORMA DE FORTALECER AS FRONTEIRAS

As políticas migratórias caracterizam a maneira que os Estados modernos têm de regulamentar o fluxo de cidadãos que podem ou não cruzar suas fronteiras. Refletindo melhor, representam algo a mais: são as políticas que fazem com que uma pessoa que vive entre estas fronteiras seja um cidadão pleno, com seus direitos e deveres, e de outra pessoa, um indesejado que não possui tais direitos e, conseqüentemente, tampouco os deveres.

Estas políticas não são uma invenção moderna. Apesar de serem altamente utilizadas nos modernos Estados nações, foi na modernidade que elas tiveram seu pleno desenvolvimento e aplicação, com todos os problemas que isto gerou. Para tentar entender estas políticas, vamos dá-se um salto para trás de quatro/cinco séculos e volta-se sucessivamente aos dias de hoje, guiando-se neste percurso pelo texto de Sciortino (2017).

### 2.3.1 Os tratados como início do problema

O grande problema das fronteiras e, portanto, de suas regulamentações, começou aparentemente com os conflitos que seguiram à reforma protestante iniciada por Lutero. Formou-se neste momento, na Alemanha de Carlos V (na cidade de Esmalcalda), uma liga defensiva de príncipes que logo se tornou referência para a liberdade da confissão da religião protestante. Esta liga criou problemas ao soberano Habsburgo ao longo dos anos em que foi ativa e, mesmo derrotada, conseguiu alcançar um importante feito na história religiosa - e não só - do país.

No ano de 1555, na cidade hoje alemã de Augsburg, se reuniram soberanos e embaixadores de vários países para tentar solucionar algumas das grandes questões geradas pela reforma protestante na Alemanha. O resultado mais famoso deste tratado é o princípio *cuius regio, eius religio*<sup>9</sup>, que implicava a liberdade religiosa e dividiu o país entre católicos e protestantes (divisão que permanece ainda hoje, em maior ou menor escala). Porém, o grande legado deste tratado são alguns direitos que ainda hoje são reconhecidos internacionalmente.

Os dignitários lá reunidos debateram e regulamentaram o *ius reformandi*, ou seja, presentearam o monarca, que já tinha direito de intervir sobre o corpo do súdito (coisa corriqueira e abertamente consolidada naqueles dias), também com o novo direito de intervir sobre a mente destes, para deixar esta mais próxima (do ponto de vista religioso) à do chefe da região. Ao mesmo tempo, garantiram para quem não quisesse se tornar religiosamente tão parecido ao monarca, do lugar onde morasse, a possibilidade e o direito de se deslocar rumo a outras terras: o *ius emigrandi*. Tratava-se basicamente do núcleo inicial, de um embrião de liberdade de consciência com a consequência de todas as liberdades civis que desta derivam. Quem quisesse praticar uma religião diferente daquela praticada pelo soberano poderia deixar o território, cruzar sua fronteira, mesmo por um breve tempo, e não perderia suas propriedades nem seus direitos. Aproximadamente um século depois, o Tratado de Osnabruque (documento fundamental para a paz de Westfalia, que em 1648 acabou com a guerra dos trinta anos) ratificou definitivamente estas regras: os signatários

---

<sup>9</sup> Ao pé da letra: de quem é da região, a sua religião, é um princípio que concedia às autoridades locais o direito de estabelecer a religião oficial daquele Estado sobre o qual detinham poder político. Foi aplicado após o Tratado de Augsburg para, finalmente, pôr fim a problemas religiosos que vinham se arrastando ao longo dos anos.

garantiram o direito de emigração para quem praticasse uma religião diferente, caso o soberano fosse zeloso demais na aplicação do *ius reformandi*.

Nesta garantia e nestes dois tratados encontram-se as sementes das políticas migratórias e, também, dos problemas que hoje são enfrentados pelos países que recebem imigrantes. Tudo isto não devido ao que neles foi escrito, mas exatamente àquilo que foi deixado de escrever, pois ninguém pensou, no momento em que estava sendo regulamentado o *ius emigrandi*, que seria interessante regulamentar também o *ius immigrandi*. Os soberanos eram obrigados a aceitar a decisão dos súditos que queriam sair dos seus territórios, mas não eram obrigados a aceitar a chegada dos súditos que abandonavam os territórios dos outros. Neste exato momento, o mundo no qual vive-se hoje tinha sido criado. Migrantes regulares e irregulares, refugiados e outras categorias, todos têm uma coisa em comum: precisam, em algum momento, da autorização do país receptor. Esta situação, inconscientemente criada pelos signatários dos dois tratados, é a normalidade na migração moderna e contemporânea, quer se trate de filas imensas para entrar em Ellis Island, no século passado, quer se trate da chegada em barcos nas praias italianas ou a travessia do deserto mexicano nos dias atuais. Tudo isto é consequência de algo que aconteceu (ou melhor, não aconteceu) naquele momento.

A intenção deste texto não é debater sobre a falta de regulamentação do *ius immigrandi*. Contudo, é preciso trazer aqui uma nota explicativa, mesmo que simples, para este fato. Existiam razões importantes para não regulamentar o *ius immigrandi*, sendo a principal o fato que todos os senhores precisavam de mais súditos. Vivia-se num mundo escassamente povoado, sendo necessário ter mais pessoas nos feudos para ter mais terras cultivadas e mais pessoas para pagar impostos. Neste sentido, a mão de obra não especializada era bem recebida em qualquer lugar. Isto tudo ficou mais claro depois das migrações Huguenotes, que ao longo de todo o século XVI levaram, da França para a Holanda, por exemplo, além de mais pessoas, novas tecnologias, fluxo de capitais privados e novas visões de mundo, enriquecendo o país receptor.

### **2.3.2 *Aux armes, citoyens***

A época das revoluções e a aventura napoleônica ajudaram a moldar ainda mais o mundo como o conhecemos hoje. O governo francês, na época napoleônica,

pediu a seus prefeitos um censo da população presente em seus respectivos territórios, com intuito de saber basicamente quantos cidadãos poderiam ser alistados para o exército (agora não mais profissional, mas formado por cidadãos comuns). Em menos de um século, desde este primeiro censo, o controle sobre a população foi muito parecido àquele conhecido hoje: um controle da mobilidade interfronteiriça estritamente ligado à ideia de soberania nacional.

Outro efeito importante da revolução, com o qual deve-se dialogar ainda hoje, é a noção de cidadão, pois ao criar a figura do cidadão pleno, detentor de direitos, a constituição revolucionária criou, por oposição, seu contrário: o não cidadão, o que não tem direitos. A criação do cidadão como figura abstrata foi um grande avanço na direção da homogeneidade da cidadania, agora não mais reservada apenas a alguns por capricho de um rei ou por costumes históricos, mas finalmente concedida irrestritamente e abstratamente àqueles que tivessem nascido em determinado lugar. Surge com isto uma questão: assim como nasce uma categoria plena, abstrata e homogênea de inclusos, ao mesmo tempo nasce, por oposição, uma mesma categoria plena, abstrata e homogênea de excluídos. Ao criar o moderno cidadão, a revolução francesa cria o moderno estrangeiro, definido em negativo como externo à comunidade nacional.

O problema principal desta lógica, que ainda hoje rege o princípio da cidadania, é que os cidadãos das democracias liberais, como tais, têm direitos e ao mesmo tempo deveres. Surge, portanto, uma questão política: se o Estado moderno pretende dos seus cidadãos obediência total e lealdade plena, como ele poderia em troca oferecer os mesmos direitos que oferece a todos, cidadãos ou não cidadãos imigrados? Dar importância à cidadania significa, assim, criar um sistema de circuitos redistributivos que privilegiem os cidadãos em detrimento dos estrangeiros.

### **2.3.3 Após a revolução: o que fazer?**

A mudança drástica que seguiu a Revolução Francesa e a epopeia napoleônica gerou um momento histórico sem iguais que acabou influenciando a nova organização do Estado: cada vez mais presente, cada vez mais organizado administrativamente e distante da sociedade civil. As mudanças do século XIX foram, pelo menos na Europa, mais dinâmicas do que eram antigamente. Um novo mundo estava se criando rapidamente e mudanças estruturais que normalmente

demandariam longos períodos agora eram mais repentinas. Um novo sistema produtivo, a fuga do campo rumo à cidade, passagem da manufatura para a indústria e descobertas científicas vieram acompanhadas de uma nova visão de Estado. Esta nova entidade, mais racional administrativamente, com nova organização, novas constituições, departamentos e ministérios e uma nova linguagem administrativa que se distancia da linguagem coloquial, acaba se afastando cada vez mais da sociedade civil. Assim, o Estado e sociedade civil criam cada um seu espaço autônomo.

Estas mudanças estruturais acompanham também mudanças na mobilidade em todas suas formas conhecidas. Do campo para a cidade, de uma cidade para outra cidade, de um país para outro, de um continente para outro, os sistemas migratórios têm um impulso como nunca antes. Os viajantes individuais se tornam os heróis desta época e os migrantes a normalidade. Surgiu o que parece ser um paradoxo durante o século da consolidação dos estados-nação. Desapareceram as proibições de saída (como observado previamente), porém, ainda não havia regulamentação para a entrada (situação na qual uma pessoa se encaixava caso fosse branco, importante ressaltar). Isto gerou uma mobilidade sem precedentes ao longo de um século, mas as primeiras tentativas de regulamentação estadual dos movimentos de seus cidadãos não tardaram a aparecer.

Quem ajuda a fomentar o desenvolvimento de uma noção de maior presença e atuação do Estado sobre seus cidadãos e, por consequência, também da legislação restritiva em relação à migração, oferecendo para isto suas ferramentas filosóficas, é o alemão Immanuel Kant. Pensador extremamente influente, suas bases teóricas serão utilizadas para contribuir com o desenvolvimento do pensamento liberal que se consolidará ao longo do século XIX.

Pode-se resumir a proposta filosófica de Kant como uma tentativa de apontar a razão como último juiz de todas as coisas. A razão é o metro por meio do qual posso medir todas minhas ações e a luz que preciso seguir para que minha vida em sociedade aconteça da melhor forma possível. O fio condutor do pensamento deste autor é que somos humanos porque somos sujeitos de razão e, portanto, é diante desta razão que tudo o que merece existir deve se espelhar. Assim fazendo, o autor coloca o ser humano, entendido como indivíduo, em primeiro lugar em relação às temáticas políticas e, dessa maneira, vincula entre si autonomia, razão e liberdade individual. O grande limite desta razão, como sucessivamente apontará Hegel, é que ela tem natureza totalmente abstrata, não concretizável e plenamente desancorada

do seu tempo e do mundo real.

A noção de imperativo categórico criada por Kant é importante pois é necessária para dirimir os conflitos morais internos ao indivíduo que eventualmente podem aparecer. Já em relação aos conflitos externos (interindividuais), o autor pensa que a lei que deve presidir as ações tomadas em sua exterioridade é a lei jurídica, o direito como o conhecemos. Esta lei prescreve deveres externos e se faz obedecer por motivos empíricos e coercitivos, não simplesmente porque deve ser moralmente cumprida. O caráter de coerção da lei é fundamental para a convivência, pois assegura a observação da mesma por parte também daqueles que não seguiriam a obrigação moral categórica e, assim, disciplinando as livres vontades, consente a convivência pacífica das vontades individuais.

Ainda, Kant escreve que o direito é “o conjunto das condições para as quais o arbítrio de cada um (a vontade de cada um) pode se acordar com o arbítrio dos outros, segundo uma lei universal de liberdade”<sup>10</sup> (KANT, 1784 apud COLLINA; BONAIUTI, 2010, p. 123-4). Passamos assim do direito para a liberdade, uma liberdade dentro da qual as ações convivem pacificamente com as ações dos outros: a liberdade de cada um é assim coordenada pelo direito para não ferir a liberdade dos demais.

Percebe-se claramente que Kant é um teórico do estado de direito que propõe como fim último do Estado, não diretamente a felicidade coletiva (como vários iluministas da sua época pensavam), mas a liberdade individual. Pode-se, portanto, inferir que cabe ao Estado regulamentar as vontades individuais para garantir uma liberdade coletiva que derive da ausência de abuso das liberdades individuais. Também, o direito individual à migração deve, necessariamente, ser moderado pela lei jurídica a fim de não ferir a liberdade dos cidadãos dos Estados receptores. Mas como se efetivou na prática esta regulamentação?

### **2.3.4 Muros e mais muros**

“Há momentos em que, quando olho para as regulamentações dos países do mundo que afetam os imigrantes, vejo em meus olhos a construção de países

---

<sup>10</sup> “L’insieme delle condizioni per le quali l’arbitrio di ognuno (la volontà di ognuno) può accordarsi con l’arbitrio degli altri secondo una legge universale di libertà” (tradução nossa).

cercados por muros, como as cidades cercadas por muros do período”<sup>11</sup> (FIELDS, 1938 apud ZOLBERG. 1999, p. 71), escrevia Harold Fields há quase cem anos, no auge da primeira crise de imigração que envolveu os Estados Unidos. Assim também poderia escrever qualquer pessoa nos dias de hoje, sem parecer anacrônico. Uma constatação fundamental que devemos fazer ao tentar entender as migrações, é que elas dependem de inúmeros fatores: riqueza do país receptor, pobreza no país de origem, desejo daqueles que migram, maior ou menor facilidade de chegada no novo lugar. No entanto, às vezes há algo que esquecemos e que possui um peso considerável na decisão tomada por alguém ao mudar de lugar: a política migratória e a legislação que desta diretamente deriva. É fundamental não se ater apenas à política migratória do país receptor, mas pensar na do país de origem também, ressaltando que até 30 anos atrás quase metade do mundo (a metade ao Leste da cortina de ferro, principalmente) não podia mudar de país com tanta facilidade devido às leis extremamente restritivas que existiam naqueles lugares. Salienta-se também a Inglaterra da época Elisabetana, que restringia as migrações internas em direção à capital. Com certeza estas políticas influenciaram os fluxos migratórios de vários lugares do mundo, embora a possibilidade de sair tenha sido sempre relativamente facilitada, podendo-se deixar de lado, neste texto específico, a política emigratória. Nesse sentido, concentra-se nas políticas imigratórias que os Estados receptores adotaram ao longo de sua história recente, ainda mais porque as políticas migratórias restritivas em relação à saída são extremamente complexas de serem estudadas e um texto com este teor apenas introdutório não seria suficiente para a compreensão de um tema tão variado.

Ao analisar as políticas migratórias em um dos países que mais recebeu imigrantes ao longo da história, os Estados Unidos, pode-se perceber que a política do *laissez-faire*, pela qual esta nação ficou famosa, foi deixada de lado em inúmeras ocasiões ao tratar das migrações, dando lugar a medidas restritivas e regulamentações (e.g., em 1875, para evitar o crescimento da comunidade oriental, foi proibida a entrada de mulheres chinesas; em 1882, foi proibida a entrada de trabalhadores chineses; em 1885, houve uma proposta, que se tornou lei em 1917,

---

<sup>11</sup> “There are times when, as I look at the regulations of the countries of the world affecting immigrants, I see in my mind’s eye the building up of walled-in countries, much like the wall-encircled towns of the medieval period” (tradução nossa).

exigindo que os trabalhadores que quisessem imigrar para os Estados Unidos soubessem ler). De qualquer forma, a maior pedra do muro americano contra a imigração foi colocada no período entre 1896 e 1924, quando foram criados impostos sobre a imigração, regras e restrições baseadas em critérios políticos, critérios sanitários, restrições ligadas ao analfabetismo, proibição de imigração chinesa, entre outros. Se tratava claramente de uma política migratória com interesse principal em manter uma nação WASP<sup>12</sup>. De qualquer forma, a criação de leis que proíbem a imigração não as torna necessariamente eficazes. Na opinião de vários teóricos das migrações, deixar de lado as regulamentações migratórias incidentes em vários Estados significa estar fadado à criação de uma análise fraca. O próprio Ravenstein, considerado por muitos o pai-fundador das teorias migratórias modernas, relatava que “correntes migratórias que vão naturalmente em determinada direção [...] podem [...] ser desviadas, ou até paralisadas, por atos legislativos”<sup>13</sup> (RAVENSTEIN, 1889, apud ZOLBERG, 1999, p. 73).

### 2.3.5 E no Brasil?

O Brasil é considerado um país de alta imigração. Mesmo não alcançando os números estratosféricos de migrantes que os Estados Unidos receberam, o país fez sua parte ao receber pessoas de todos os lados do globo.

Como é de comum conhecimento, o Brasil incentivou por vários motivos a migração ao longo do século entre meados de 1800 a meados de 1900, destacando-se o chamado *projeto civilizatório* (SEYFERTH, 2002). Segundo este, dever-se-ia privilegiar a entrada de imigrantes brancos, cultos e aptos para o trabalho. O primeiro estímulo (subsidiado pelo governo português) para a chegada de migrantes aconteceu em 1815 com uma colônia de suíços instalada na atual Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, já abrangendo o objetivo “embranquecedor” do projeto. Esta empreitada não teve o sucesso esperado devido a problemas logísticos<sup>14</sup>. Ao

---

<sup>12</sup> Acrônimo para *White Anglo-Saxon Protestant* – brancos de origem anglo-saxã que professam a religião protestante.

<sup>13</sup> “*Currents of migrations which would flow naturally in a certain direction (...) may (...) be diverted, or stopped altogether, by legislative enactments*” (tradução nossa).

<sup>14</sup> “Vários problemas inviabilizaram a colonização de Nova Friburgo: o alto custo do agenciamento e da manutenção do núcleo colonial, as altíssimas taxas de mortalidade na viagem e nos primeiros meses após a acomodação, a má qualidade das terras, o isolamento (apesar da proximidade de Cantagalo e suas grandes propriedades cafeeiras) (NICOLIN, 1981 apud SEYFERTH, 2002). O empreendimento perdeu a maior parte dos

contrário, conforme relata Geralda Seyferth (2002), o projeto apresentou resultados efêmeros. No entanto, apesar dos resultados desencorajadores, abriu-se o caminho para que, dez anos mais tarde, num Brasil finalmente independente, houvesse a retomada deste modelo de projeto.

Foi assim subsidiada novamente, a partir de 1824, a vinda de migrantes (principalmente alemães) que se estabeleceram nas colônias do Sul do país. Naquele momento, o Brasil objetivava principalmente com a migração a ocupação do território nacional e, ao mesmo tempo, caminhar rumo à civilização. É interessante notar os vários fatores que impulsionaram a migração de alemães, destacando o fato de serem considerados agricultores eficientes, seguindo uma linha que foi marcada na legislação migratória direcionada à colonização da época: “nas regras de admissão de estrangeiros, o imigrante ideal, o único merecedor de subsídios, é o agricultor; mais do que isso, um agricultor branco que emigra em família” (SEYFERTH, 2002, p. 119). Contudo, a migração teve uma forte redução quando, em 1830, foi aprovada uma lei que proibia gastos com migração, e assim, impedia na prática a migração subsidiada. Desta forma, por um longo período, o fluxo migratório foi extremamente reduzido até que, já às vésperas da abolição da escravidão, o país voltou a ter interesse pelas questões migratórias devido à necessidade iminente de mão de obra livre para suas lavouras de café, em plena expansão à época. Foi retomado o subsídio à migração e, em pouco menos de cinquenta anos, houve entrada de milhões de alemães, poloneses, italianos, portugueses (estes, aliás, foram os únicos que sempre tiveram as portas abertas), espanhóis, japoneses, sírio-libaneses, entre outros (OLIVEIRA, 2015).

Estes distintos grupos de migrantes chegaram aqui em consequência de acordos estipulados entre os países de saída e o Brasil. Não se exagera ao afirmar que as políticas migratórias eram criadas basicamente pelo país de saída do migrante, pois o Brasil neste momento precisava de mão de obra e, portanto, salvo algumas exceções, não apresentava política restritivas. Não se chegava ao paradoxo citado aqui anteriormente, relatando sobre a migração interna ao continente europeu (LUCASSEN; LUCASSEN, 2009; SCIORTINO, 2017), uma vez que no Brasil havia restrições para a migração tanto de natureza política como ideológica, além de outras

---

colonos suíços (muitos retornaram à Europa) e só não desapareceu porque após a independência foram para lá encaminhados imigrantes alemães” (SEYFERTH, 2002, p. 193).

relacionadas a doenças e à idade (embora exagera-se um pouco ao afirmar que vivia-se num momento em que não haviam restrições para sair e quase não haviam regulamentações para entrar).

As primeiras restrições à entrada de estrangeiros aparecem durante a ditadura de Getúlio Vargas. Após a crise de 1929, há uma queda geral da migração para a América do Sul e, em especial, no Brasil. O fator que mais contribuiu para este declínio foi a lei dos 2/3<sup>15</sup> (1931), que regulava a contratação de estrangeiros em estabelecimentos comerciais e a lei de cotas<sup>16</sup> (1934), que restringia a entrada de estrangeiros no país (com exceção de portugueses). Tratava-se de uma legislação precedida de intensos debates, e que tinha como finalidade, entre outras, ajudar a alcançar o objetivo de fiscalizar e nacionalizar as numerosas comunidades migrantes – seus núcleos de imprensa, suas escolas – presentes no Brasil, além de regular a migração futura (GERALDO, 2009). É interessante ver, no caso do segundo decreto, como as emendas colocadas pelos parlamentares tentam, mais uma vez, manter um padrão de migração para o Brasil, restringindo ao máximo a migração da África, limitando – ou proibindo totalmente – a da Ásia, impedindo a entrada de anarquistas, de doentes (tanto físicos como mentais), e tentando explicar cientificamente os motivos de preferirem brancos indo-europeus do que outras etnias.

O governo Vargas não parou de definir sua política migratória com esta lei (embora não serão abordados aqui todas as medidas tomadas durante este período). Atem-se à lei de cotas como a primeira de uma série de leis que miraram alcançar este objetivo e que teve como efeito a regulamentação da migração. Regulamentação esta que chegou a ser revista, após a era Vargas, durante a ditadura militar que, em 1980, criou a lei nº 6815, conhecida como “estatuto do estrangeiro”.

O “estatuto do estrangeiro” é uma lei em consonância com o período político em que foi criada e que tinha como característica principal uma visão do estrangeiro migrante como uma ameaça à soberania nacional. Além de dificultar enormemente a entrada, era vedado aos estrangeiros residentes se reunirem em associações, exercer cargos de líderes sindicais, entre outras proibições. Esta regulamentação, altamente limitadora da mobilidade internacional, esteve vigente até pouco tempo

---

<sup>15</sup> Decreto 20.291, de 12 de agosto de 1931.

<sup>16</sup> Decreto 24.215, de 9 de maio de 1934.

atrás<sup>17</sup>, regulando a entrada e permanência de estrangeiros no país.

### 2.3.6 Estados e identidade

Para melhor entender as políticas migratórias no âmbito global, é fundamental começar compreendendo que estas não entram no “jogo” apenas como *outsiders* numa partida disputada somente entre fatores sociais e econômicos, mas sim como elementos constitutivos dos fluxos migratórios. As migrações internacionais são os efeitos – também – de processos políticos que acontecem em um mundo feito de Estados nacionais mutuamente exclusivos. Se trata, conforme mencionado anteriormente, de leis e regulamentações que variam dependendo da época histórica ou do país envolvido, não sendo possível encontrar, portanto, um padrão de comportamento único.

As migrações envolvem basicamente três atores: os que enviam, os que se movimentam e os que recebem. Normalmente, o primeiro e o terceiro componentes desta tríade são os Estados nacionais, para os quais, como dizia Hannah Arendt, “em questões de emigração, naturalização, nacionalidade e expulsão a soberania é mais absoluta” (ARENDR, 2012, p. 382). Desta noção deriva um problema de soberania, uma vez que se qualquer Estado tiver o direito de aplicar políticas migratórias para o próprio território-nação, é preciso que haja um consenso e uma relativa pacífica convivência internacional. Este consenso/convivência deve ir além das fronteiras para garantir que cada um não abuse da própria soberania em detrimento de outros Estados, já que é importante a existência de um equilíbrio entre estes, para frear os abusos, e que este equilíbrio se origine de interesses recíprocos.

Os interesses que com frequência direcionaram as políticas migratórias ao longo da história foram basicamente de ordem econômica. Podemos tranquilamente dizer que estas políticas responderam sobretudo às necessidades tecnológicas e econômicas dos Estados receptores. Os migrantes, por causa disto, são vistos até hoje como simples mão de obra, como trabalhadores e nada mais. Sua recepção também reflete esta visão. Em linha de princípio a chegada de imigrantes é bem vista, por exemplo, por empresários - já que costumam ser mão de obra mais barata -

---

<sup>17</sup> Em 24/05/2017 foi sancionada a lei 13.445 mais conhecida como lei de migração, mais aberta que a anterior foi considerada um grande avanço para as políticas migratórias do Brasil.

vendedores de bens de consumo - por óbvias razões - e ao mesmo tempo malvista pelos trabalhadores locais - pelo motivo oposto dos empresários. A questão principal surge quando se pondera sobre o fato de que estes migrantes não aparecem apenas para trabalhar: “importar” pessoas não é a mesma coisa que importar objetos de consumo. Diferentemente de uma ameixa ou de uma cadeira, ao chegar, os migrantes carregam consigo uma identidade bem específica que pode bater frontalmente com a identidade local. Quando a palavra “identidade” entra na questão imigração, ela centra na nacionalidade, e a ideia de identidade baseada em nacionalidade envolve sempre a afirmação nada banal: “nós somos quem somos porque não somos quem não somos”.

Surge aí uma questão importante relacionada aos direitos. Conforme relatado anteriormente, as democracias modernas têm um problema que deriva do fato delas garantirem direitos, porém, ao mesmo tempo, exigirem deveres de seus cidadãos. De acordo com o exposto por Hannah Arendt, os direitos humanos sempre foram pensados como algo superior, abstrato, que na prática eram garantidos pelas leis civis dos vários Estados. Um cidadão, portanto, somente pelo fato de morar em determinado país e de possuir cidadania, já teria seus direitos humanos inclusos diretamente nos direitos civis. No entanto, segundo a autora alemã, “os direitos humanos, supostamente inalienáveis, mostraram-se inexecutáveis [...] sempre que surgiram pessoas que não eram cidadãos de algum Estado soberano” (ARENDR, 2012, p. 399). Surge, portanto, o problema tal qual discutido previamente: como conciliar uma política estatal que deveria ser redistributiva em relação a todos os seres humanos, mas que cobra e exige deveres apenas dos cidadãos plenos? Exemplificando: o migrante leva os modernos Estados democráticos a um impasse que dificilmente pode ser resolvido, a exigência de deveres para estas entidades ocorre apenas em relação aos seus cidadãos, enquanto a concessão de direitos deveria – conforme muitas constituições rezam – ser geral, para todos os seres humanos que lá se encontram. Como pode um Estado conciliar estas duas situações: ao conceder os mesmos direitos – civis - a todos (cidadãos plenos, migrantes, apátridas, entre outros) que tem seus deveres cobrados juntamente à concessão destes direitos, podendo reclamar uma vez que a carga de deveres cai apenas sobre seus ombros. Ao optar pela outra solução, concede os direitos civis apenas a seus próprios cidadãos, abrindo mão assim da universalidade dos direitos humanos - estimulando que outra porção de cidadãos reclamem. Criam-se assim duas fronteiras

que incluem, e ao mesmo tempo excluem: uma, a mais clássica e fácil de perceber, entre quem é autóctone e quem não o é; a segunda, mais sutil e complexa, porém não menos presente, que divide os autóctones entre quem vê os imigrantes como privilegiados e como uma ameaça, e quem não.

## 2.4 A FRONTEIRA COMO MITO: JOHN WAYNE E OS APACHES

*Considerate la vostra semenza:  
fatti non foste a viver come bruti  
ma per seguir virtute e canoscenza*<sup>18</sup>

O mito da fronteira é algo extremamente explorado no cinema, cristalizando-se no imaginário coletivo graças a obras clássicas do faroeste hollywoodiano e aos atores tradicionais, que geraram um estereótipo do que foi a conquista do Oeste<sup>19</sup>.

*Cowboys* e índios, carroças fugindo de ataques, caçadores de recompensas, velhos coveiros com barbas brancas, pistoleiros solitários, bandos de fora da lei armados até os dentes semeando o pânico por onde passam (até serem encontrados pelos pistoleiros solitários antes nomeados), fazem todos parte de um imaginário construído a partir do momento em que o ser humano sentiu a necessidade de organizar suas histórias em um livro. Seguindo Auerbach (2010), podemos fazer partir a literatura ocidental dos livros de Homero, o qual foi definido pelo grande diretor de cinema Sergio Leone como o primeiro autor de faroeste da história ocidental<sup>20</sup>.

Além destas obras ficcionais, há outras de cunho científico que ajudaram a marcar esta visão da fronteira como algo perenemente em construção, uma “fronteira em movimento”<sup>21</sup>. Do ponto de vista historiográfico, a obra clássica de Turner (2010)

---

<sup>18</sup> “Considerais sua origem: vocês não foram feitos para viver como brutos, mas para seguir a virtude e o conhecimento” (Dante Alighieri, *A Divina Comedia*, Inferno XXVII, p. 118-120) (tradução nossa).

<sup>19</sup> Podemos pensar em alguns filmes clássicos como *“Stagecoach”* (1939) ou *“The Searchers”* (1956), de John Ford, *“Red River”* (1958) ou *“Rio Bravo”* (1959), de Howard Hawks, entre tantos outros. É importante também lembrar os atores tradicionais do gênero como John Wayne, Cary Grant, Henry Fonda, Gary Cooper, apenas para citar os mais conhecidos.

<sup>20</sup> Os duelos entre Aquiles e Heitor, ou entre Paris e Menelao, não são diferentes dos duelos de *High Noon* ou do duelo entre Harmônica (Charles Bronson) e Frank (Henry Fonda), em *Era uma vez no Oeste*, do próprio Leone. Os heróis de Homero estavam num território de fronteira tentando conquistar uma cidade, mas ao mesmo tempo deram início a outro livro de fronteiras que é a Odisseia, na qual o protagonista (Odiseu ou Ulisses) busca ao longo da obra inteira ultrapassar as fronteiras do mundo conhecido até o presente momento.

<sup>21</sup> “A noção de “fronteira em movimento” vem da geopolítica dos séculos XIX e XX. [...] nessa perspectiva, as fronteiras estatais não são estáticas, são vivas e se estruturam mediante processos de expansão ou retração. Os

é o ponto de partida para quem está interessado em uma análise pioneira da fronteira norte-americana, como base constituinte da identidade estadunidense. Conforme reportado por Albuquerque (2010), Turner tenta entender as novas instituições norte-americanas que surgiram e se diferenciaram das europeias usando a noção de movimento fronteiriço como chave interpretativa da criação destas. Claro que, inclusive por ser um trabalho do final do século XIX, a obra do autor americano passou por severas críticas, embora seja inegável a influência que teve ao longo dos anos, inclusive para as interpretações da fronteira na América Latina e para a famosa marcha para o Oeste<sup>22</sup>, de Vargas (WAIBEL, 1955 apud ALBUQUERQUE, 2010).

Estas interpretações receberam várias críticas, sobretudo a partir da década de 1970 (ALBUQUERQUE, 2010), quando vários autores se posicionaram criticamente perante as frentes de expansão da marcha para o Oeste, entendendo que estas frentes gerariam problemas do ponto de vista cultural, pois “produzem outras fronteiras culturais e simbólicas na relação entre os ideólogos do progresso e as comunidades camponesas e indígenas” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 44). Conforme mencionado por Martins (1997), a fronteira é um lugar de conflito e alteridade, um lugar onde o “nós” encontra o “eles”, portanto, a fronteira em movimento é um lugar de conflito aberto, e esta questão da fronteira como conflito pode ser interessante para o presente estudo no entendimento de como a fronteira é percebida na condição de lugar de conflito ou não.

## 2.5 A FRONTEIRA NO IMAGINÁRIO FICCIONAL: DO TENENTE DROGO A JON SNOW

Como já percebido, o mundo da literatura, do cinema, da narrativa em geral oferece muitos tópicos relacionados à ideia de fronteira. Se assistirmos a qualquer filme de faroeste, a fronteira é presente na grande maioria dos casos como um lugar a ser conquistado pelos *cowboys* ou pelos pioneiros. O mesmo acontece ao

---

Estados nacionais estão em constante movimento, comandados por forças centrípetas ou centrífugas” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 43).

<sup>22</sup> A Marcha para o Oeste, um plano governamental para incentivar pessoas a se mudarem para as regiões escassamente povoadas no centro do Brasil, foi implementada durante a ditadura Vargas e ideologicamente influenciada pelo mito da fronteira e dos pioneiros como implementadores da unidade nacional.

assistirmos um filme de ficção científica<sup>23</sup>, nos quais o espaço é visto como algo a ser conquistado e explorado, pedaço após pedaço.

Não é apenas nos filmes, porém, que encontramos presente a noção de fronteira. Ela está presente nas narrativas mais clássicas da literatura mundial, sendo um dos mais famosos *O deserto dos Tártaros*, que Dino Buzzati escreveu em 1945. Nele, o jovem protagonista tenente Drogo, é enviado para a Fortaleza Bastiani para cuidar da fronteira deste país imaginário e protegê-lo da chegada dos invasores, os Tártaros. A vida deste jovem tenente transcorre na espera de uma invasão que nunca acontece, guardando uma fronteira que nunca foi ultrapassada por ninguém, em uma fortaleza que nunca serviu para nada, uma fronteira que precisa ser defendida, mesmo que ela nunca em realidade tenha separado algo ou alguém, já que além da fortaleza só existe o deserto e nada mais. Drogo desperdiça sua vida inteira na fortaleza para defender uma linha imaginária que deveria ser o lugar onde ele combateria e conquistaria honra e valor militar, lutando contra os Tártaros na longínqua fronteira do império.

Se pensarmos em outros exemplos narrativos, é fácil lembrar de muitos outros livros, filmes ou seriados em que este tema é tratado. O seriado americano *Lost*, produzido pelo canal ABC entre 2004 e 2010, por exemplo, narra a história de um grupo de sobreviventes a um desastre aéreo em uma ilha aparentemente deserta. Um dos momentos mais importantes deste seriado é o momento em que os “outros” (os moradores originais da ilha, que não era deserta como os protagonistas acreditavam, e com os quais estes estão em conflito) traçam uma fronteira que não deve ser ultrapassada por ninguém, delimitando assim um lugar onde nossos heróis podem viver com tranquilidade e paz. O mundo de *Lost*, o mundo desta ficção televisiva, é feito de fronteiras, um mundo de divisões rígidas e claramente demarcadas, onde os protagonistas querem apenas tranquilidade e paz, e onde eles só podem ter esta tranquilidade e esta paz se não ultrapassarem as fronteiras impostas. No entanto, *Lost* é também um mundo onde as coisas mais interessantes e enriquecedoras acontecem quando algumas pessoas ultrapassam estas linhas imaginárias, que são as fronteiras criadas. Quando os “mocinhos” entram no mundo dos “outros”, encontram comida, ferramentas e outras coisas positivas, descobrem e

---

<sup>23</sup> O monólogo inicial da sigla de abertura de todos os episódios da versão original do seriado *Jornada nas Estrelas* (*Star Trek*, 1966-1969) é “espaço, a fronteira final...”.

entendem mais sobre o lugar onde se encontram, enriquecem em várias coisas, desde bens materiais até conhecimentos. O mundo das fronteiras criado para separar os outros dos protagonistas serviria para oferecer tranquilidade (e é isso que a maioria da comunidade pensa). Na realidade, o atravessamento destas fronteiras é o que garante melhores condições de vida e maior clareza: graças inclusive às esporádicas interações entre os dois grupos de iguais (os protagonistas e os outros), ambos obtêm melhorias e conquistas. Mas, ao mesmo tempo, o mundo de *Lost* é parecido com o Oeste selvagem, onde qualquer um pode se comportar de uma maneira não esperada, irracional. Por isso, é melhor fugir ou ser o primeiro a atirar. É neste sentido que as fronteiras são importantes neste seriado, pois graças a elas podem ser reduzidas ao mínimo as possibilidades de aparecimento do inesperado, do incomum, do diferente.

Outro seriado americano de grande sucesso mundial que trata este mesmo fenômeno é *Game of Thrones*. Produzido pelo canal americano HBO e televisionado entre 2011 e 2018, tem como ponto forte, entre mil conflitos, traições e dragões cuspidores de fogo, a presença de uma muralha de gelo no extremo norte do país. Esta muralha marca a fronteira entre o mundo dos civilizados e o mundo dos chamados “selvagens”, a fronteira entre o conhecido e o desconhecido é delimitada por uma muralha que serve para defender o território dos perigos que vêm do além. Mais uma vez, nossos “mocinhos” ao atravessar a fronteira e cruzar até o outro lado só têm a ganhar: percebem que os selvagens não são tão selvagens como imaginavam, ganham conhecimento e ferramentas para enfrentar os perigos que podem encontrar e percebem que é a muralha, enquanto fronteira, que cria a diferença entre eles e os moradores do outro lado. Em determinado momento, os “civilizados” convidam os “selvagens”, os moradores do outro lado da fronteira, para atravessar esta e se pôr a salvo deste lado da muralha, uma vez que haveria a chegada de um “exército de mortos”. No momento em que estes “refugiados” chegam ao lado civilizado, aparecem os conflitos com os moradores autóctones e, como o seriado é imaginado numa quase-idade média, o líder dos mocinhos é morto devido a sua decisão de abrir as fronteiras para fazer passar os “diferentes”. Um mundo extremamente violento que espelha nossa realidade e nossos piores medos.

### 3 CAPÍTULO 2: POR UMA SOCIOLOGIA DA FRONTEIRA

Ao pensar em fronteiras, vêm à cabeça uma infinidade de conceitos, como a divisão entre Estados, separação de áreas científicas, divisão entre bairros dentro de uma mesma cidade, entre outros. É fundamental que se pense nesta categoria de análise como algo a ser compreendido e pensado além dos conceitos comuns: a fronteira pode ser uma ferramenta de pesquisa para entender o mundo social, permitindo um trabalho de interpretação dele. Obviamente, para que isso ocorra, torna-se necessário inicialmente esclarecer o significado de “fronteira”. É preciso, primeiramente, pensar nos conceitos com os quais interpretamos o mundo. O cientista social, assim como qualquer outro pesquisador, precisa inicialmente compreender que os termos que ele usa para seu trabalho são criados socialmente e devem ser de-reificados, para evitar o alerta que nos fazem Berger e Luckmann sobre os perigos da reificação<sup>24</sup>, principalmente quando tratada na análise social.

Por este motivo, é fundamental discutir, conforme mencionado por Milena Meo, o uso de termos como “fronteira” e “etnia”, entre outros, pois “concorda-se com Foucault que a linguagem não é apenas o lugar no qual as relações de dominação e de exclusão se cristalizam, mas também o lugar onde elas se negociam, se produzem e são reproduzidas”<sup>25</sup> (MEO, 2010, p.3). Neste sentido, é possível pensar que a noção de fronteira não passa de uma ficção (se pensarmos na própria etimologia da palavra “ficção”, que vem do latim  *fingere* , que significa basicamente “criar, formar, inventar”), ou seja, algo que não existe e que em algum momento foi criado, surgiu do nada.

A seguir, será abordado claramente como o outro não é visto inicialmente como um diferente, pois é preciso todo um percurso de criação, de invenção, construção, abstração e classificação que, transformando o outro em diferente, ajude a gerar uma fronteira entre nós e ele. Este percurso teórico será iniciado com uma abordagem

---

<sup>24</sup> “A reificação é a apreensão dos fenômenos humanos como se fossem coisas, isto é, em termos não humanos ou possivelmente super-humanos. Outra maneira de dizer a mesma coisa é que a reificação é a apreensão da atividade humana como se fossem algo diferente de produtos humanos, como se fossem fatos da natureza, resultado de leis cósmicas ou manifestações de vontade divina. A reificação implica que o homem é capaz de esquecer sua própria autoria do mundo humano e, mais, que a dialética entre o homem, o produtor e seus produtos são perdidos de vista pela consciência. O mundo reificado é por definição um mundo desumanizado. É sentido pelo homem como uma facticidade estranha, um *opus alienum* sobre o qual não tem controle, em vez de ser sentido como o *opus proprium* de sua mesma atividade produtora” (BERGER; LUCKMANN, 2010, p. 118-119).

<sup>25</sup> “Convenendo con Foucault che il linguaggio non è solo il luogo in cui i rapporti di dominio e di esclusione si cristallizzano ma anche il posto dove si negoziano, si producono e vengono riprodotti” (tradução nossa).

geral sobre como a sociologia tratou o tema da fronteira, focando cronologicamente em alguns autores importantes. Este percurso será importante para perceber como ao longo de quase todo o século XX a fronteira foi pouco tratada pelos sociólogos (uma “propriedade” então quase exclusiva dos geógrafos) e que ao ser enfrentada mostrou-se importante principalmente ao aspecto de separação territorial que ela assume. Apenas no final do século passado, alguns poucos autores enfrentaram o tema de um ponto de vista distinto, e estes *border studies* começaram a ser mais e mais vistos em publicações. Serão apresentados alguns autores da nova geração de estudos sobre a fronteira, sendo estes relevantes para nossa pesquisa. Finalmente, há uma outra questão importante sobre as fronteiras que aparece e da qual tem-se consciência: as fronteiras “outras”, sejam elas de gênero, étnico-raciais, há um movimento dito pós-colonial que se ocupa também destas fronteiras e, em parte, serão apresentados aqui.

### 3.1 SOCIOLOGIA DA FRONTEIRA: OS CLÁSSICOS

#### 3.1.1 Simmel e a fronteira como fato sociológico

O primeiro autor entre os clássicos da sociologia a tratar diretamente a questão da fronteira foi o alemão Georg Simmel. Em um capítulo específico de sua monumental obra *Sociologia* (2018), o autor trata do *espaço e (d)os ordenamentos espaciais da sociedade*. Ao discorrer sobre o espaço e, sobretudo, sobre as formas que a vida em sociedade assume nele, Simmel mostra a importância que têm as fronteiras no configurar-se e reconfigurar-se destas formas, já que “o espaço se decompõe em pedaços que se apresentam como unidades e - como causa e como efeito disto - estão rodeados por fronteiras”<sup>26</sup> (SIMMEL, 2018, p. 752). Estes pedaços, estas formas sociais em que se decompõe o espaço como um todo (e que poderia erroneamente conduzir a imaginá-los como definidores da subjetividade individual), são a parte deste espaço realmente relevante ao sociólogo, pois é neles que deve-se prestar atenção quando quer-se entender como se dão algumas interações sociais. Para esclarecer melhor este ponto, é importante ressaltar que já no *excurso* do

---

<sup>26</sup> “Lo spazio si scompone in pezzi i quali si presentano come unità e - come causa e come l’effetto di ciò - sono contornati da confini” (tradução nossa).

primeiro capítulo do seu livro (SIMMEL, 2018), Simmel relata que a base da associação em sociedade é dada pelo fato que os indivíduos que a produzem por meio da interação (e produzem estas formas no espaço), não são eles mesmo definidos por esta interação: “a maneira de estarem associados é determinada e co-determinada pela maneira de não-estarem-associados”<sup>27</sup> (SIMMEL, 2018, p. 95). Isto significa que o “a priori da sociedade consiste, portanto, no fato que a vida não é totalmente social”<sup>28</sup> (DESIDERI, 1993, p. 114), ou seja, que os indivíduos não se encontram totalmente definidos pelos lugares que ocupam nas configurações espaciais e associativas: o fato deles interagirem e produzirem dinâmicas associativas não significa que estas os condicionam e os definam totalmente.

O sociólogo italiano Fabrizio Desideri, ao tentar esclarecer as noções simmelianas de espaço e de forma, apresenta a fronteira como ponto central de todo o pensamento de Simmel: “se não central, a questão da fronteira é com certeza nevrálgica para toda a operação simmeliana [...] a questão da fronteira, poderíamos dizer, é o terminal nervoso do intelecto simmeliano”<sup>29</sup> (DESIDERI, 1993, p. 105). Na sua opinião, percebe-se ao ler Simmel que a relação opositora fundamental no pensamento do autor alemão – aquela entre vida e formas – é basicamente uma questão de fronteiras. Fronteiras estas que mudam em continuação, deixando a vida entrar e sair das formas, ou seja, deixando as formas se alterarem, mas também se fixarem por meio de fronteiras que se consolidam; ainda mais que “do conflito em geral, em todas as configurações que o termo assume, a fronteira é o lugar próprio (seja de sua gênese, seja de sua fenomenologia)”<sup>30</sup> (DESIDERI, 1993, p. 105); o espaço como um todo é, portanto, limitado por fronteiras e perenemente negociado. Pode-se entender o espaço como um lugar de perene conflito e contínua construção de novas fronteiras.

O fato dos indivíduos se associarem inaugurou no espaço onde se encontram estas diversas formas de estar juntos. Para entender todas estas novas formas, pesquisadores precisam atentar especialmente ao espaço em que isso se dá:

---

<sup>27</sup> *“Il modo del suo essere associato è determinato o condeterminato dal modo del suo non-essere-associato”* (tradução nossa).

<sup>28</sup> *“L’apriori della società consiste dunque nel fatto che a vita non è del tutto sociale”* (tradução nossa).

<sup>29</sup> *“Se non centrale, la questione del confine è senz’altro nevrálgica per tutta l’operazione simmeliana. [...] la questione del confine, si potrebbe dire, è il terminale nervoso dell’intelletto simmeliano”* (tradução nossa).

<sup>30</sup> *“Del conflitto in generale, in tutte le configurazioni che il termine assume, il confine è il luogo stesso (sia della sua genesi che della sua interna fenomenologia)”* (tradução nossa).

Kant, num trecho, define o espaço como ‘a possibilidade do estar juntos’, e isto corresponde também sociologicamente a esta definição, dado que a ação recíproca faz com que o espaço, antes vazio e nulo, se torne algo para nós, e preencha o espaço a partir do momento que o espaço a torna possível<sup>31</sup> (SIMMEL, 2018, p. 748).

Estas formas que surgem no espaço possuem algumas características que consideramos importante apontar, uma das mais importantes é a “exclusividade do espaço”, assim definida, pois segundo Simmel (2018), existe apenas um único espaço geral do qual todos os pequenos espaços particulares fazem parte. Apesar de que esta limitação em relação ao espaço possa gerar uma possível sobreposição de formas, ele tem as ideias bem claras sobre como esta separação/superposição se dá. Segundo o autor, existem dois tipos de relações sociais possíveis num determinado espaço físico: a primeira se dá quando uma determinada formação social se coloca num determinado espaço e não há neste espaço lugar para outra formação social (usando como exemplo o Estado, pois não existem dois Estados no mesmo território); a segunda se dá quando no mesmo espaço podem coexistir duas ou mais formações sociais. Neste caso, temos formações que não têm limitações determinadas e para as quais o espaço não tem peso ou importância.

Sendo assim, é fundamental que seja questionado, sociologicamente, qual é o significado das formas de qualquer associação e como estas formas podem, eventualmente, influenciar outros aspectos da realidade social. A propósito, torna-se importante recordar que a dinâmica do espaço influencia também a forma como o pesquisador acaba analisando determinados processos. Por exemplo, não é a proximidade com alguém que gera sentimentos de vizinhança ou estranhamento, mas alguns processos psíquicos que podem depender sim do espaço, mas não são causados por ele. Um erro comum às vezes cometido, nos alerta o sociólogo alemão (2018), é exatamente considerar certas pré-condições – sem as quais alguns acontecimentos não poderiam acontecer – como causas formais destes mesmos acontecimentos (por exemplo, pensando na expressão muito comum segundo a qual “o tempo cura tudo”, podendo parecer que o tempo seja a causa da superação de certos traumas e, ao pensar desta maneira, deixa-se de lado os verdadeiros motivos

---

<sup>31</sup> “Kant, in un passaggio, definisce lo spazio come ‘la possibilità dell’essere insieme’, ed esso corrisponde anche sociologicamente a questa definizione, in quanto l’azione reciproca fa sì che lo spazio, prima vuoto e nullo, divenga qualcosa per noi, e riempie lo spazio in quanto lo spazio la rende possibile” (tradução nossa).

psíquicos que levam a estes esquecimentos). Isto acontece também quando pensamos no espaço. Por exemplo, dificilmente olhando um quadro queremos saber como se configura nele o espaço; o que se deseja saber, em realidade, é a disposição de certas formas específicas nesse espaço fechado, que é a moldura de um quadro. É importante, portanto, entender o que Simmel quer dizer quando nos fala que:

O espaço permanece sempre a forma em si privada de eficácia em cujas modificações se manifestam, sim, as energias reais, mas somente da mesma maneira como a língua exprime processos conceituais que se desenrolam com certeza em palavras, mas não por meio das palavras<sup>32</sup> (SIMMEL, 2018, p. 746).

O autor nos explica como a delimitação espacial do grupo social contribui para definir a interação no seu interior de uma maneira bem específica. A moldura é uma metáfora importante no pensamento simmeliano e ele a usa para fazer entender como funciona a delimitação espacial do grupo social a partir da ideia de um quadro, pois esta delimitação do espaço para um grupo social tem o mesmo peso que uma moldura tem para uma obra de arte:

A moldura delimita a obra de arte em relação ao mundo circunstante e a fecha em si mesma; da mesma maneira, em uma sociedade a relação dos elementos que a compõem, a unidade da ação recíproca, adquire sua expressão espacial na fronteira que a emoldura: a fronteira constitui uma maneira de “recortar” o espaço por meio da qual se fornece sentido às atividades sociais<sup>33</sup> (MANDICH, 1996, p. 9).

A fronteira delimita, portanto, os grupos sociais, assim como uma moldura delimita uma obra de arte: ela delimita o lugar onde fazem sentido determinadas ações sociais.

É sempre importante lembrar que estas fronteiras/molduras das quais o autor menciona não são fixas, mas estão perenemente em discussão ou em construção, “a fronteira [...] não é um fato espacial, mas um fato sociológico formado espacialmente”<sup>34</sup> (MANDICH, 1996, p. 9). Simmel nos alerta continuamente sobre a

---

<sup>32</sup> *“Lo spazio rimane sempre la forma in sé priva di efficacia nelle cui modificazioni si manifestano sì le energie reali, ma soltanto così come la lingua esprime processi concettuali che si svolgono certamente in parole, ma non mediante le parole”* (tradução nossa).

<sup>33</sup> *“La cornice delimita l’opera d’arte rispetto al mondo circostante e la chiude in se stessa; nello stesso modo, in una società la relazione degli elementi che la compongono, l’unità dell’azione reciproca, acquista la sua espressione spaziale nel confine che la incornicia: il confine costituisce un modo di “ritagliare” lo spazio attraverso il quale si dà senso alle attività sociali”* (tradução nossa).

<sup>34</sup> *“Il confine, quindi, non è un fatto spaziale, ma un fatto sociologico formato spazialmente”* (tradução nossa).

natureza social das delimitações espaciais, já que o espaço é contínuo e não tem fronteiras preestabelecidas. Segundo o autor (2018), por exemplo, a percepção das fronteiras puramente políticas é muito mais forte em comparação às fronteiras naturais (por exemplo uma montanha ou um rio). Giuliana Mandich percebeu claramente isso em seu texto quando relata:

O descobrimento das fronteiras constitui um caso específico dos processos de limitação social, ou seja, aqueles processos através dos quais se escrevem as linhas de demarcação que regulam as relações entre os indivíduos ou definem os pertencimentos<sup>35</sup> (MANDICH, 1996, p. 9).

Imagina-se o espaço ocupado por alguns grupos sociais como a unidade social que rege estes mesmos grupos. Este espaço possui a mesma dúplice função que uma moldura possui para um quadro: delimitar a obra de arte em relação ao mundo externo e fechar ela em si mesma. Isto significa que dentro da moldura existe um mundo com suas regras que não correspondem necessariamente às regras do mundo ao redor. Da mesma maneira, uma sociedade fechada dentro de suas fronteiras também é vista como coerente e rigidamente regrada: ao pensar na força da imagem que possui uma linha de divisão interestadual, uma linha imaginária que se torna quase algo físico. Porém, ao analisar melhor, percebe-se que perante a natureza qualquer fronteira é arbitrária, nada pode separar nada de ninguém, e é exatamente por isso que a força da conexão social que a fronteira oferece é interessante.

A noção de limite/fronteira é muito importante em todas as relações humanas, embora deva-se pensar no limite em sua noção sociológica, ou seja, pensar na interação de uma pessoa com outra pessoa, pois neste sentido “cada um dos dois elementos age sobre o outro pondo-lhe um limite, porém, o conteúdo deste agir é exatamente a determinação de não querer ou poder agir além desta barreira, portanto, sobre o outro sujeito”<sup>36</sup> (SIMMEL, 2018, p. 755). Não são apenas as cidades, os terrenos ou os Estados que se delimitam, mas também as próprias pessoas que nestes lugares habitam: se limitam entre si, cada personalidade cria em si a ideia de

---

<sup>35</sup> *“L’individuazione dei confini costituisce un caso particolare dei processi di limitazione sociale, cioè di quei processi attraverso i quali si segnano delle linee di demarcazione che regolano le relazioni tra gli individui o definiscono le appartenenze”* (tradução nossa).

<sup>36</sup> *“Ognuno dei due elementi agisce sull’altro ponendogli il limite, ma il contenuto di questo agire è appunto la determinazione di non voler o poter agire al di là di questo confine, e quindi sull’altro soggetto”* (tradução nossa).

possuir alguns elementos próprios, criando assim o que é simbolizado pelo limite espacial, a separação entre a esfera de ação deste e a esfera de ação do outro. Mais uma vez é importante ressaltar que “o limite não é um fato espacial com efeitos sociológicos, mas é um fato sociológico que se forma no espaço”<sup>37</sup> (SIMMEL, 2018, p. 756).

Pode-se pensar também em outra situação: não são importantes apenas as ações recíprocas que acontecem quando há interação entre um lado e outro da fronteira, mas é importante o que esta fronteira, este limite, significa para as pessoas que estão enquadradas nela (ou de um lado, ou de outro). É preciso lembrar que não é a amplitude dos limites que oferece determinada configuração social, mas as tensões que se desenvolvem no interior das fronteiras, que por sua vez são as que configuram estes limites. Uma fronteira pode ser estreita demais para algumas pessoas porque, por exemplo, limita certas energias que não podem se desenvolver internamente ou larga suficiente para outros pelo motivo oposto.

### 3.1.2 Fredrik Barth: a inversão da fronteira

Fredrik Barth (1928-2016), antropólogo norueguês, foi professor nas universidades de Boston, Oslo, Bergen e Harvard. Ao longo de sua carreira realizou pesquisas em várias áreas do mundo (Oriente Médio, Paquistão, Sudão, Bali e Nova Guiné), dedicando-se basicamente à reformulação da noção de etnia, temática particularmente em voga na época em que ele completava suas pesquisas.

O autor começou a pensar a noção de etnia, seu conteúdo e as implicações desta a partir da noção compartilhada pela academia naquele momento: uma ideia de identidade étnica como um objeto, portanto, algo altamente reificado. Em sua obra, Barth questiona especialmente esta visão “natural” que faz de cada etnia uma unidade discreta dotada de uma cultura, uma língua e de uma psicologia específica.

Ao longo de sua carreira, escreveu vários textos. O mais famoso e importante, do ponto de vista da contribuição para a ruptura com as precedentes visões sobre identidade, é um livro sobre grupos étnicos e fronteiras (BARTH, 1998), por ele organizado em 1969 e cuja introdução, escrita por ele, se tornou pedra miliar de um

---

<sup>37</sup> *“Il limite non è un fatto spaziale con effetti sociologici, ma è un fatto sociologico che si forma spazialmente”* (tradução nossa).

novo paradigma, não apenas em antropologia, mas pelo que concerne as noções de grupo étnico e de fronteira.

Para chegar a esta introdução, é preciso entender o percurso que o autor faz ao longo de suas pesquisas: é interessante analisar um texto de 1956 em que Barth publica os resultados de uma pesquisa efetuada no norte do Paquistão, na região chamada *Swat*, entre as populações *Pathans*, *Kohistanis* e *Gujars* (BARTH, 1956). Nesta publicação, pode-se perceber alguns direcionamentos sobre aqueles que serão seus estudos e suas ideias futuras, uma vez que o autor, ao analisar a distribuição espacial destas etnias, percebe fronteiras e divisões não tão rígidas entre elas, como era de se esperar. Pelo contrário, há uma superposição e uma permeabilidade destas fronteiras dependendo das necessidades, das características étnicas e da conveniência das populações analisadas. Além disso, e esta é a questão talvez mais interessante, temos *Pathans* que se tornam *Gujars* (com a aquisição de toda a carga cultural que isso implica) em determinados momentos do ano e em situações bem específicas, tornando assim a fronteira entre os territórios dos *Gujar* e dos *Pathans* algo que, sim, pode ser atravessado, mas também algo que serve para produzir socialmente as diferenças culturais que existem entre os dois grupos.

Entende-se com o autor, portanto, que um grupo étnico que interage com outros precisa elaborar critérios de autodefinição que façam com que seus membros interajam de determinada maneira com os membros de outros grupos, que se autodefinam de maneira diferente, para assim favorecer eventuais trocas, sem que ninguém perca a própria identidade. Nesta pesquisa, o grupo étnico se autodefine por meio de estratégias casuais que garantem a continuidade em nível de autorrepresentação e, ao mesmo tempo, permitem a interação com os outros.

O autor norueguês utiliza alguns conceitos da “ecologia animal” para compreender a natureza dos grupos étnicos por ele estudados como, por exemplo, a ideia de “nicho”: o lugar físico do grupo étnico naquele ambiente, o lugar no qual este se situa e do qual extrai os recursos materiais para sua sobrevivência. O nicho, porém, se caracteriza também pelos vínculos particulares que o grupo étnico constrói com os outros grupos que residem na mesma área e que são os eventuais competidores para estes recursos materiais. A partir destes estudos ecológicos, Barth deduz quatro postulados fundamentais:

- 1) A distribuição dos grupos étnicos não é controlada por “áreas naturais” fixas e objetivas, mas pela distribuição em nichos ecológicos específicos, que cada grupo explora mediante sua organização política e econômica [...];
- 2) Distintos grupos étnicos irão se estabelecer em coresidência estável em uma área, caso explorem diferentes nichos ecológicos e, especialmente, caso constituam entre si relações econômicas “simbióticas” [...];
- 3) Se diferentes grupos étnicos exploram os mesmos nichos, espera-se que o mais poderoso em termos militares acabe suplantando o mais fraco [...];
- 4) Se diferentes grupos étnicos exploram os mesmos nichos, mas o mais fraco dentre eles é capaz de explorar os ambientes, recursos e climas marginais, coexistirá com os outros na mesma área sem maiores problemas [...]<sup>38</sup> (BARTH, 1956, p. 1088).

A partir destes quatro postulados, concorda-se com a conclusão de Villar, segundo o qual “diferentes grupos étnicos têm, compartilhando a mesma zona, distribuições e fronteiras superpostas, fluidas” (VILLAR, 2004, p. 168), ou seja, os grupos étnicos se relacionam entre si de várias maneiras diferentes, desde a cooperação até a simbiose, podendo passar também pela coresidência, dependendo apenas das suas necessidades e das possibilidades oferecidas.

Como mencionado anteriormente, nas ciências sociais os estudos fronteiriços tiveram um impulso importante no momento em que foi publicado o livro supracitado (*Ethnic Groups and Boundaries*), organizado pelo próprio Barth e no qual a temática das fronteiras era desenvolvida em relação à temática da identidade étnica. Esta foi considerada por muito tempo como uma entidade fixa, com suas fronteiras rígidas e definidas e cuja permanência temporal era garantida por fatores basicamente populacionais/demográficos. A ideia de etnia considerava, portanto, um grupo étnico definido com base em critérios culturais e linguísticos, misturando a isso a colocação geográfica de determinados grupos. Barth, nesta obra, desenvolve uma temática importante conforme a qual um grupo étnico não é definível por meio destes critérios apontados, mas sim seguindo critérios que os próprios interessados criam para sentir-se unidos entre si e estabelecer ao mesmo tempo uma distinção em relação aos outros. Pode-se perceber este fato quando se estudam grupos com culturas e línguas parecidas e compreensíveis (FABIETTI, 2004), salientando que, mesmo assim, as

---

<sup>38</sup> “*The distribution of ethnic groups is controlled not by objective and fixed “natural areas” but by the distribution of the specific ecologic niches which the group, with its particular economic and political organization, is able to exploit (...)* (tradução nossa).

2) *Different ethnic groups will establish themselves in stable co-residence in an area if they exploit different ecologic niches, and especially if they can thus establish symbiotic economic relations (...)* (tradução nossa).

3) *If different ethnic groups are able to exploit the same niches fully, the militarily more powerful will normally replace the weaker (...)* (tradução nossa).

4) *If different ethnic groups exploit the same ecologic niches but the weaker of them is better able to utilize marginal environments, the groups may co-reside in one area (...)*” (tradução nossa).

diferenças étnicas são especialmente fortes. Conforme Barth explica na introdução de seu livro, portanto, é preciso entender os grupos étnicos não do ponto de vista das diferenças culturais existentes entre eles, mas do ponto de vista das dinâmicas práticas que estes grupos produzem para estabelecer fronteiras entre si e os outros.

Há uma visão interessante sobre a questão do estabelecimento de fronteiras, partindo do estudo da etnicidade para entender o funcionamento dos vários grupos: Barth analisa várias situações, tanto na Ásia como na África, e percebe que em várias destas pesquisas existe uma mudança de grupo por parte de determinados indivíduos que pertenciam a outra etnia, sem que haja mudança no grupo em si (BARTH, 1998). O autor cita, entre outros, o exemplo da população sedentária agrícola *Hoe-Fur* no Sudão, que muda e se torna criadora de gado *Baggara* em circunstâncias muito específicas ou os *Pathans* na Ásia, que se tornam *Beluch*. Este último caso é extremamente interessante: há uma diferença étnica a partir do lugar onde estas pessoas moram (*Pathans* no Sul e *Beluch* no Norte da região do *Kohistan*), pois os costumes diferentes foram os que inicialmente definiram as duas populações. A fronteira que se criou para dividir os diferentes costumes foi o elemento que marcou a separação entre a população do Sul e do Norte, criando as duas etnias e, portanto, os costumes distintos.

Nesta obra, Barth basicamente colocou em xeque a concepção clássica de grupo étnico, vista até então como uma população que compartilhava valores culturais, uma língua comum e, principalmente, composta de sujeitos que qualquer observador externo pudesse distinguir de outros não pertencentes à mesma etnia. O ponto mais importante desta teoria é que, ao observar o trânsito de indivíduos entre grupos étnicos distintos que podia acontecer em lugares onde vários grupos étnicos viviam (a pesquisa na região *Swat*, por exemplo), Barth inova ao enfrentar a questão do ponto de vista do ator social:

Nesta nova perspectiva os grupos étnicos foram considerados em primeiro lugar como categorias de atribuição e identificação por parte dos mesmos atores que manipulam contextualmente práticas e simbologias com o objetivo de definir a si mesmos e assim estabelecer (ou apagar) uma fronteira em relação aos outros<sup>39</sup> (FABIETTI, 2004, p. 181).

---

<sup>39</sup> “In questa nuova prospettiva i gruppi etnici vennero considerati in primo luogo come categorie di ascrizione e identificazione da parte degli stessi attori che manipolano contestualmente pratiche e simboli allo scopo di definire sé stessi e così stabilire (o elidere) un confine nei confronti di altri” (tradução nossa).

Pode-se assim refletir junto ao autor italiano (FABIETTI, 2004) sobre o fato que na nova definição de grupo étnico proposta por Barth, são as fronteiras que atribuem a determinado grupo a sua identidade, e não o conteúdo cultural que cria uma etnia. Indo mais a fundo, ao pensar nos componentes de um grupo étnico qualquer, para que estes afirmem a própria identidade, é fundamental que definam algo que possa distingui-los em relação aos outros. Ou seja, é preciso algo que os ajude a construir uma fronteira em relação a eventuais outros, baseando-se na escolha de alguns traços culturais específicos.

Barth, em sua introdução, é extremamente claro, reportando que “a natureza da continuidade dos grupos étnicos é clara: depende da manutenção das fronteiras”<sup>40</sup> (BARTH, 1998, p.14). Ou seja, são as fronteiras que criam e mantêm os grupos étnicos e não o contrário: as distinções que as sociedades em geral são capazes de criar (desde a simples distinção entre “nós e eles”) são adubadas por meio de uma construção contínua de fronteiras. Ao pensar nas castas, nos estamentos weberianos, mas também nos mais próximos conceitos de nações ou classes, estas distinções sempre têm como característica uma necessidade de construção de especificidades por meio das quais coloca-se as identidades em contraposição às dos outros.

É neste ponto específico que Barth se coloca claramente em uma nova posição teórica em relação à ideia de fronteira: ele não pensa na fronteira física que, sim, pode existir, muitas vezes existe e, com certeza, faz seu papel de separação física. Ele, em vez desta fronteira física, deste muro de tijolos, desta cerca de arame farpado, pensa nas fronteiras étnicas: “o foco principal de investigação deste ponto de vista se torna assim a fronteira étnica como algo que define o grupo e não todas as práticas culturais que esta fronteira cerca”<sup>41</sup> (BARTH, 1998, p.15). Não são os conteúdos culturais que definem uma fronteira, mesmo que em alguns casos específicos possam ajudar a criá-la. Estas fronteiras direcionam a vida social de determinado grupo em contraposição a outro e, mesmo que as práticas culturais não sejam tão fortes a tal ponto de determinar as diferenças entre etnias, de qualquer forma elas ajudam na construção de uma identidade específica em relação (muitas vezes em

---

<sup>40</sup> “*The nature of continuity of ethnic units is clear: it depends on the maintenance of a boundary*” (tradução nossa).

<sup>41</sup> “*The critical focus of investigation from this point of view becomes the ethnic boundary that defines the group, not the cultural stuff that it encloses*” (tradução nossa).

contraposição) a outra. É exatamente esta identidade, construída a partir de uma fronteira, que separa os distintos grupos étnicos e, conforme visto anteriormente, “depende da manutenção de uma fronteira”<sup>42</sup> (BARTH, 1998, p. 14). Neste sentido, concorda-se com Fabietti (2004) ao lembrar que graças a Barth as noções de fronteira e identidade entraram na dimensão da subjetividade, coletiva ou individual. O paradigma étnico inaugurado pelo antropólogo norueguês nos oferece a possibilidade de prestar maior atenção ao que os sujeitos afirmam sobre a própria identidade e como se relacionam com outros, pois hoje é cada vez mais complexo falar em fronteiras do ponto de vista tradicional. Exemplo disso é o fato que também a relação entre etnia e lugar físico é cada vez mais fraca e nebulosa.

### 3.1.3 Pierre Bourdieu: a luta simbólica na criação das fronteiras

Pierre Bourdieu (1930-2002) foi um autor extremamente prolífico, tanto na sociologia como na antropologia, e de certa forma também na filosofia. Suas obras refletem seus interesses de pesquisa ao longo da sua vida: desde a literatura, a arte, a pedagogia, passando pela etnografia, a linguagem, até a televisão, ele enfrentou um amplo leque de temas e deixou contribuições interessantíssimas. Não poderia faltar neste arco-íris de análise algo relacionado às questões fronteiriças, fato este abordado a seguir.

Antes de abordar especificamente sobre a fronteira, é importante ressaltar primariamente a noção apresentada por Bourdieu sobre de capital simbólico<sup>43</sup>, definido como todo conjunto de características (língua, religião, etnia, nacionalidade, entre outros) que distingue uma pessoa de outra, e que nos caracteriza socialmente. A noção de simbólico possui um papel muito importante na obra de Bourdieu, podendo-se ousar relatar que o seu projeto de trabalho foi criar uma “sociologia do simbólico”. O autor usa esta palavra para definir tudo aquilo que se refere ao papel

---

<sup>42</sup> “*It depends on the maintenance of a boundary*” (tradução nossa).

<sup>43</sup> “Chamo de capital simbólico qualquer tipo de capital (econômico, cultural, escolar ou social) [...] é um capital com base cognitiva, apoiado sobre o conhecimento e o reconhecimento [...] é uma propriedade qualquer – força física, riqueza, valor guerreiro – que, percebida pelos agentes sociais dotados das categorias de percepção e de avaliação que lhe permitem percebê-la, conhecê-la, e reconhecê-la, torna-se simbolicamente eficiente, como uma verdadeira força mágica: uma propriedade que, por responder às ‘expectativas coletivas’, socialmente constituídas, em relação às crenças exerce uma espécie de ação à distancia, sem contato físico. Damos uma ordem e ela é obedecida: é um ato quase mágico” (BOURDIEU, 2007a, pp. 149-50; 170).

do sujeito na construção e no funcionamento da realidade social: o simbólico se refere à esfera do subjetivo, em contraposição ao objetivo, ao material.

O capital simbólico se define, portanto, em relação a qualquer objeto, ou propriedade social, no momento em que lhe é reconhecido um valor pelos membros da sociedade. Este tipo de capital constitui aquele prestígio, aqueles recursos pessoais, que cada um possui e luta diariamente também para aumentar, para poder alcançar assim, graças a ele, altos valores de reconhecimento social dentro dos campos nos quais atua. No final das *Meditações pascalianas* (2001), Bourdieu refere que a luta social, mesmo quando parece motivada por algum interesse material, é sempre, também, uma luta para o reconhecimento social, e este reconhecimento não é distribuído casualmente, depende da composição e do volume de capital, também simbólico.

Ligado a fio duplo com o capital simbólico, tem-se o poder simbólico. Um explica o outro e um se sustenta no outro, por isso, torna-se interessante abordar o poder simbólico, mesmo que de forma breve. “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2007b, p. 7-8). Se trata de um poder, conforme o autor francês define, sutil, disfarçado e que existe e perpassa os sistemas simbólicos que criamos (arte, religião e língua). Através destes sistemas simbólicos estruturados (que exercem poder estruturante), o poder simbólico constrói uma ordem de conhecimento do mundo: estes sistemas apontam como são as coisas, como elas devem ser e como deve-se acreditar que é justo que sejam (BOURDIEU, 2007b). Aparece aqui, portanto, uma luta entre as diferentes classes para conseguir impor a definição de social que mais se ajusta à própria visão de mundo e a seus interesses, adaptando-se perfeitamente às fronteiras (maiores informações serão detalhadas adiante), pois as condições de sua produção e circulação, ou como diz o autor francês, “as funções que elas cumprem” (BOURDIEU, 2007b, p. 13), são um reflexo de sua estrutura. O poder simbólico é, então, a capacidade de criar algo tangível a partir de uma palavra, o poder de fazer crer, por exemplo, que quem vive além desta linha (ou deste rio, ou deste monte) é diferente, e de impor, assim, uma visão de mundo específica, sem necessitar da força física: é uma relação dialética que existe entre os que exercem o poder e os que a ele estão sujeitos dentro de todos os campos. É o poder que pode ser exercido pela ordem das coisas; uma ordem que, separada de sua origem histórica e da sua relação com as

formas de domínio, tende a ser percebida como natural, legítima. Disto segue que, quanto mais a ordem das coisas é percebida como natural pelos dominados, mais facilmente se realizam formas de domínio pelos dominantes (aqueles que detêm o poder simbólico e que podem definir ou mudar a ordem das coisas).

Voltando a atenção novamente para o capital simbólico, o autor explica (BOURDIEU, 2007a) que este conceito lhe serviu como modelo para uma pesquisa que rendeu o livro *A Distinção* (2015). Esta obra monumental analisa diversos comportamentos sociais relacionando às “*posições sociais* (conceito relacional), as disposições (ou os *habitus*) e as *tomadas de posição*, as escolhas que os agentes sociais fazem nos domínios mais diferentes da prática, na cozinha, no esporte, na música, na política, entre outros” (BOURDIEU, 2007a, p. 18). A partir disto, tenta-se entender como funcionam os comportamentos que criam esta distinção do título, atitudes que tendem a dividir, separar, criar fronteiras entre as pessoas (que tem determinados comportamentos, que consomem determinados objetos) e os outros (que não os têm, ou que não os consomem). Estas fronteiras sociais que se criam existem a partir da quantidade de capital que cada um possui e que está disposto a gastar para mantê-las. Como exemplo, tem-se as escolas que, conforme o autor nos relata (BOURDIEU, 2007a, p. 36-37), servem como *demónios de maxwell* para fazer uma triagem das partículas (alunos) que se movimentam dentro do campo escolar e separar assim os detentores de capital cultural daqueles que não possuem este. As próprias condições de vida e de estudo de cada aluno, em cada escola, instituem e reforçam fronteiras sociais parecidas com aquelas que dividiam a nobreza da plebe antigamente.

O capital simbólico é, portanto, a ferramenta que serve para criar estas fronteiras sociais, mas não apenas elas. O autor se interessa também pelas fronteiras físicas que separam populações e que, assim como as fronteiras sociais, são fruto de lutas simbólicas entre os detentores de capital que definem quem deve estar de um lado ou outro, e onde começa a distinção entre autóctones e estrangeiros.

Há, em Bourdieu (2007b), uma menção específica à questão da fronteira física em seu livro *O poder simbólico*. Mais especificamente no capítulo V - “A ideia de região” –, é discutido a noção de região, no sentido de território geograficamente limitado a ser analisado interdisciplinarmente, para assim conseguir aprender o conceito, sua gênese e as representações a ela associadas.

O debate sobre a questão da região é interdisciplinar, envolvendo, portanto, geógrafos, economistas, sociólogos, antropólogos e cientistas sociais. A ciência social (mas não só ela) é obrigada a criar categorias para facilitar suas análises, sendo que a noção de região não pode fugir desta categorização. Sabemos que no momento em que criamos categorias, como por exemplo região, fronteira, ou também etnia e etnicidade, estamos classificando (BOURDIEU, 2007b). Fazemos isto tanto na ciência social como no dia a dia, aparentemente para facilitar o entendimento, a compreensão, embora não se deve esquecer nunca que estas “classificações práticas estão sempre subordinadas a *funções sociais* e orientadas para a produção de efeitos sociais” (BOURDIEU, 2007b, p. 112).

Ainda – e nisso o autor francês assemelha-se a Fredrik Barth –, estas representações práticas das classificações “podem *contribuir para produzir* aquilo por elas descrito ou designado, quer dizer, a *realidade objetiva*” (BOURDIEU, 2007b, p. 112). Ou seja, ao criar uma classificação, uma separação, por exemplo, acaba-se produzindo a realidade desta separação. Seria como se, ao criar uma fronteira, fosse criada a real separação entre, por exemplo, duas etnias. Esta separação, que na realidade não existia antes da classificação, é fruto da produção de efeitos sociais, que por sua vez é derivante da própria necessidade desta classificação.

Este desejo classificatório, que muitas vezes não passa de uma forma de luta para autodefinir sua identidade, é um desejo que remete à criação de características derivantes de origens, línguas, sotaques, entre outros. Características estas que podem servir para informar aos outros (fazer os outros crerem) que existem grupos sociais divididos e separados com estilos de vidas e costumes distintos e – sempre por meio destas classificações e das separações que delas podem derivar – inventar do nada alguns grupos sociais que às vezes nem existiam antes (ou até, no limite, desfazer grupos já existentes).

A possibilidade destas classificações serem aceitas representa, portanto, “o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade e a unidade do grupo” (BOURDIEU, 2007b, p. 113). Ou seja, se trata aqui da capacidade que um grupo tem de se autodefinir como tal e, mais importante, de ser visto pelos outros como um grupo distinto dos demais. Criam-se assim fronteiras entre grupos onde antes nada havia.

Pierre Bourdieu, nesta sua obra, tenta entender como se dá a construção simbólica de uma determinada região, mas é patente que isto deve passar pela criação/construção de fronteiras que possam assim delimitar e cercar esta região. Sabendo que não existem critérios que possam atribuir um sentido de naturalidade a determinadas regiões ou fronteiras (fronteiras naturais? Regiões naturais? O que seriam estas naturalidades?), é importante concentrar no processo que cria estas fronteiras (e com isso as regiões) e que faz com que a elas seja atribuído um valor de realidade e passem, assim, a existir. A fronteira é o produto de um ato de delimitação e é criada por alguém que juridicamente tem o poder e a autoridade de criá-la e fazê-la passar assim a existir. Se trata, portanto, de algo que se torna real, mas que nada tem na realidade de real. A fronteira é o resultado de relações de força para legitimar as delimitações.

Diferente de Barth, o autor pensa a fronteira como algo de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que ela produz uma diferença cultural entre duas regiões esta mesma diferença é produzida também por ela (há o claro exemplo das políticas escolares linguísticas como uma forma de influenciar a cultura de determinado lado da fronteira). De qualquer forma, Bourdieu foca seu interesse na questão da criação das regiões e dos regionalismos: ele tenta entender como se cria um discurso regionalista que tenta impor uma nova definição de fronteira e, legitimando esta última, possa assim passar a validar a região que ela delimita. O foco da sua análise é o discurso que cria a fronteira, o discurso que cria novas regiões, novas identidades, e conseqüentemente as relações de poder que existem na tentativa de fazer aceitar este discurso e, a partir dele, criar uma nova realidade social compartilhada.

### **3.1.4 Elias: uma fronteira em processo**

Modernamente foi o príncipe que sentiu a necessidade de materializar os limites de sua contestada autoridade. Foi o Renascimento que lhe forneceu os meios de chegar a isso: o mapa, a exploração topográfica, o interesse estratégico. As primeiras fronteiras traçadas no mapa são as da autoridade do soberano, da monarquia administrativa. O que ainda está impreciso e indeterminado na realidade, aparece exato na carta geográfica (CARVALHO, 1939, p. 109).

Norbert Elias (1897-1990), migrante e sociólogo alemão, foi um dos maiores pensadores das ciências sociais do século passado. Infelizmente por uma série de circunstâncias, teve que esperar quase o final da sua vida para obter o devido

reconhecimento, uma vez que suas obras foram descobertas tardiamente pela academia.

Autor prolífico, escreveu a maioria de suas obras relativamente cedo, mas o fato de ser cidadão alemão de origem judaica, na década de 1930, influenciou sua carreira acadêmica (além de sua vida). Por causa do nazismo, foi forçado a emigrar, primeiro para a França, depois para a Inglaterra, Gana e, finalmente, Holanda. Algumas das suas pesquisas mais famosas foram desenvolvidas naquela época de diáspora e só puderam ser publicadas muito tempo depois: *A sociedade de corte* (2001), foi escrita no início dos anos 30, mas publicada apenas em 1969. *A sociedade dos indivíduos* (1994), é de 1939, assim como *O processo civilizador* (1994), apesar de ambos os livros terem o devido reconhecimento apenas a partir da década de 1970. Uma obra fundamental para o entendimento do pensamento do autor alemão é o seu *Was ist Soziologie?*, traduzido em português com o título traiçoeiro e aparentemente simplificador de *Introdução à sociologia* (2008). No entanto, o que pretende-se analisar aqui o seu processo civilizador, pois percebe-se facilmente como Elias, por meio da noção de figuração, consegue romper o monopólio da noção de separação entre indivíduo e sociedade e abrir assim o caminho para um melhor entendimento da sua sociologia alcançando o seu conceito de processo civilizador<sup>44</sup>.

#### 3.1.4.1 Processo civilizador e fronteiras

O processo civilizador moderno caracteriza-se pela criação e reforço de fronteiras nacionais, sendo a criação dos Estados-nação a prova mais patente disso. Importante ressaltar, além da criação das tradicionais fronteiras nacionais, tem-se a criação de fronteiras entre “civilizações” (Ocidente e Oriente) e fronteiras internas (as fronteiras interétnicas, por exemplo), percebendo assim como estas fronteiras construídas ao longo do processo civilizador não passam de uma maneira de marcar uma separação entre nós e eles.

---

<sup>44</sup> Elias explica o processo civilizador (1993) como um processo não no sentido de melhorar alguma sociedade (a ideia tradicional de civilização vs barbárie), mas como um processo que modela determinadas condutas sociais para adaptá-las a um modelo que hoje podemos definir como moderno. Um processo que se fundamenta basicamente em duas ideias centrais: a divisão do mundo em estados nações e a ampliação do modo de produção capitalista em economia (GOETTERT; SOUZA; ABREU, 2012). Ambas as ideias se reforçam, de qualquer forma, no momento em que há um processo contínuo de construção de fronteiras.

Ao pensar que o mundo atual está separado por aproximadamente 248 mil quilômetros de fronteiras (FOUCHER, 2009 apud GOETTERT; SOUZA; ABREU, 2012), podemos perceber que a ideia de um mundo separado e dividido está bem estabelecida como natural. Elias (1993) acredita que a formação do mundo atual se deu através de um processo civilizador, sugerindo que este, além de ter todas as características já mencionadas, engendrou um processo de construção de fronteiras e de reforço das separações. Afinal, não é possível pensar numa nação rodeada por uma fronteira que a separa de outras nações, como um corpus único de cidadãos que se sentem pertencentes a apenas um grupo; pelo contrário, tem-se também, cada vez mais fortes, a construção de fronteiras internas (sejam elas étnicas, religiosas, entre outras) que reforçam a relação estabelecidos/outsideers. Segundo Elias e Scotson (2000, p. 208-209):

Trata-se da questão de por que a necessidade de se destacar dos outros homens, e com isso de descobrir neles algo que se possa olhar de cima para baixo, é tão difundida e enraizada que, entre as diversas sociedades existentes na face da Terra, não se encontra praticamente nenhuma que não tenha encontrado um meio tradicional de usar uma ou outra sociedade como sociedade outsider, como uma espécie de bode expiatório de suas próprias faltas (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Conforme Renato Janine Ribeiro (ELIAS, 1994), se o processo civilizador é entendido “como processo, como verbo que se substantiva, *o civilizar dos costumes*”, e as fronteiras, para André Roberto Martin (1994, p. 46 apud GOETTERT; SOUZA; ABREU, 2012, p.3), “aparecem como as moldura dos Estados-nações”, então podemos deduzir que as fronteiras criam uma moldura para um modelo civilizacional criado junto ao Estado-nação no mundo moderno, sendo uma parte fundamental para o processo civilizador que Elias apresenta. Fronteiras que são reforçadas por meio da criação/imaginação de uma comunidade nacional (recintada por elas), uma grande família, conforme relatado por Frantz Fanon (2008, p. 126-7 apud GOETTERT; SOUZA; ABREU, 2012, p. 7):

[...] a família na Europa (e certamente não só ali), representa uma maneira que tem o mundo de se oferecer à criança. A estrutura familiar e a estrutura nacional mantêm relações estreitas. A militarização e a centralização da autoridade de um país conduzem automaticamente a uma recrudescência da autoridade paterna. Na Europa, e em todos os países ditos civilizados ou civilizadores, a família é um pedaço da nação (FANON, 2008, p. 126-7 apud GOETTERT; SOUZA; ABREU, 2012, p. 7).

O monopólio do Estado-nação para a formação de uma comunidade no processo civilizador é o monopólio das fronteiras físicas que emolduram o território do qual os sujeitos passam a fazer parte. Praticamente, o domínio sobre o território define um domínio sobre as identidades daqueles que fazem parte dele, criando assim uma separação: quem está dentro *versus* quem está fora. Nasce assim uma nova relação estabelecidos-*outsiders* baseada nas linhas fronteiriças que permanecem perenemente em tensão, pois é definida politicamente entre grupos que vivem em tensão e definem o dentro/fora de cada sociedade ou Estado:

[...] os monopólios e os poderes moderno-contemporâneos articulam-se definindo a 'exatidão' do território e da população. De modo semelhante, as relações entre populações, comunidades grupos e pessoas tendem a se desenvolver também a partir de uma racionalidade 'exata' ('nós somos isto, e eles são aquilo') (GOETTERT; SOUZA; ABREU, 2012, p. 15).

O "nós" é, portanto, o normal, já o "eles", representa o errado, o anômalo. Nesta tensão, as relações estabelecidos/*outsiders* se criam, se renovam e se moldam continuamente, fazendo e desfazendo relações fronteiriças, pois como já mencionado por Barth (1998), as fronteiras territoriais ou étnicas definem suas próprias territorialidades.

Repetindo (mas, como diziam os romanos, *repetita iuvant*), o processo civilizador é, portanto, um processo de construção de fronteiras: cada Estado-nação tem suas fronteiras, sua nacionalidade, seu "dentro" e seu "fora", seus estabelecidos e seus *outsiders*. Além da divisão tradicional entre quem tem o mesmo passaporte e quem não o tem, são criadas também relações interno-externo dentro do próprio Estado-nação (diferentes etnias, regiões diferentes de origem dos cidadãos de um país), como também entre comunidades transnacionais (Oriente e Ocidente). Como lembrado por Bruno Latour (1994, p. 96 apud GOETTERT; SOUZA; ABREU, 2012, p. 16):

Nós, ocidentais, somos completamente diferentes dos outros, este é o grito de vitória ou a longa queixa dos modernos. A Grande Divisão entre Nós, os ocidentais, e Eles, todos os outros, dos mares da China até o Yucatán, dos inuit aos aborígenes da Tasmânia sempre nos perseguiu. Não importa o que façam, os ocidentais carregam a história nos cascos de suas caravelas e canhoneiras, nos cilindros de seus telescópios e nos êmbolos de suas seringas de injeção. Algumas vezes carregam este fardo do homem branco como uma missão gloriosa, outras vezes como uma tragédia, mas sempre como um destino. Jamais pensam que apenas diferem dos outros como os sioux dos algonquins, ou os baoulés dos lapões; pensam sempre que diferem

radicalmente, absolutamente, a ponto de podermos colocar, de um lado, o ocidental, e de outro, todas as outras culturas, uma vez que estas têm em comum o fato de serem apenas algumas culturas em meio a tantas outras. O Ocidente, e somente ele, não seria uma cultura, não apenas uma cultura.

Pode-se dizer, com base no autor francês, que o processo civilizador no sentido de processo de construção de fronteiras não é uma configuração apenas de modos de agir, mas também uma configuração social e sobretudo espacial que deriva da fragmentação do mundo contemporâneo. Desta maneira, este “fronteiramento” acaba definindo um jeito certo de viver (estabelecidos, ocidentais) e um jeito errado (*outsiders*, todos os outros), quase uma ordem normal versus uma desordem anormal que define e estigmatiza quem mora fora das fronteiras definidas do nosso país como inferiores (remete-se aos Bolivianos e Paraguaiois, como eles são vistos pelos brasileiros, ou aos índios, ou ainda aos nordestinos, como vistos por certa parte do país). O que se tem é, portanto:

[...] um processo civilizador como processo de *fronteiramento* (que) define o ‘Nós’ e o ‘Eles’. As fronteiras internacionais são a materialidade definidora de quem pode ficar dentro e de quem deve permanecer fora. Indesejáveis, desajustáveis, incivilizados, desordeiros e incômodos, como “ovelhas negras”, podem e devem ser expulsos, mancham a ordem e o progresso, ou, caso contrário, deverão, quando for possível, tornarem-se “brancos”, ordeiros e trabalhadores (GOETTERT; SOUZA; ABREU, 2012, p. 18).

E ainda, “o processo civilizador constrói fronteiras. As fronteiras, dialeticamente, civilizam os sujeitos, os grupos, as comunidades e as sociedades, os tempos e os espaços modernos - contemporâneos” (GOETTERT; SOUZA; ABREU, 2012, p. 18). São estas fronteiras, mais uma vez, que definem a maneira como alguém deve ou não se comportar, quais são os costumes aceitos e quais não.

### 3.2 OS NOVOS ESTUDOS SOBRE A FRONTEIRA

A partir do final do século XX os *border studies* começam a ter amplo desenvolvimento, enquanto os sociólogos começam a perceber que as fronteiras merecem ser estudadas com maior atenção. Paradoxalmente, a época da chamada globalização reduziu as fronteiras a um punhado de linhas: em 1990 Kenichi Ohmae publica seu *Mundo sem fronteiras*, em que esta instituição atemporal parece destinada a desaparecer. Aos poucos, começa-se a perceber, porém, que as

fronteiras além de não terem desaparecido, ainda existem, tendo mais força que antes. Claramente elas não têm o mesmo papel: o que se testemunhou foi sua reorganização, sua redefinição, tanto nas formas como nas funções que possuem. Sua presença no dia a dia está cada vez maior: as fronteiras parecem multiplicar-se, reapresentando-se em novas formas, novas tipologias, distintas características e novas modalidades de funcionamento. É a partir deste momento que aparecem uma série de estudos extremamente interessantes sobre o tema, estudos que indicarão o caminho a ser seguido ao longo do percurso: estes autores serão utilizados para construir e tentar validar as hipóteses deste trabalho. O percurso teórico, seguido até o presente momento, com toda a sua diversidade de reflexões apresentada, foi algo fundamental para ampliar nosso conhecimento acerca da fronteira. Não seria possível enfrentar esta tese sem conhecer algumas das mais importantes discussões clássicas sobre a sociologia da fronteira. Assim, é a partir deste momento que o foco desse estudo se concentrará em uma série de autores que, apesar de serem devedores dos seus antepassados, conseguem se destacar e construir um percurso mais relevante para a discussão sobre a temática escolhida.

### **3.2.1 As fronteiras internas: Zygmunt Bauman**

O sociólogo Zygmunt Bauman foi um refugiado polonês que teve de fugir do seu país por duas vezes: a primeira, devido à eclosão da Segunda Guerra Mundial<sup>45</sup>; a segunda, após o final da década de 60, devido a problemas com o regime<sup>46</sup>. Radicado na Inglaterra desde a década de 70 (com uma breve passagem pela universidade de Tel Aviv), ensinou sociologia na Universidade de Leeds, decidindo lá viver até o final da sua vida. Pesquisador ativo nas temáticas da estratificação social e movimentos sociais, tardiamente se interessou em questões de mais amplo respiro como, por exemplo, a natureza da modernidade. Graças a estes trabalhos, obteve reconhecimento intelectual além dos muros universitários, sobretudo por causa das

---

<sup>45</sup> Judeu polonês, quando seu país foi invadido pela Alemanha Nazista e União Soviética, fugiu para a URSS e se alistou para combater o exército alemão, participando ao longo da guerra de várias batalhas.

<sup>46</sup> Em março 1968 aconteceram na Polônia vários movimentos de protesto contra o regime por parte de estudantes e intelectuais. Estes protestos terminaram com uma forte repressão contra o movimento estudantil e também contra os intelectuais que apoiaram o movimento. Entre estes intelectuais estava Bauman, que foi obrigado, entre outras medidas, a emigrar para Israel.

obras em que apresentava a sua visão acerca da relação entre modernidade e pós-modernidade.

### 3.2.1.1 Modernidade sólida vs modernidade líquida

Bauman ficou conhecido por seus estudos sobre questões da modernidade e sua relação com a chamada pós modernidade, que ele (não aceitando o termo), batizou respectivamente de modernidade sólida e modernidade líquida. Líquida, fluida como a água, a cujas características ele se inspirou para interpretar “o estágio presente da era moderna” (BAUMAN, 2001, p. 8), um estágio em que o tempo parece ser a temática mais importante para tentar entender as mudanças na passagem de uma sociedade sólida à líquida<sup>47</sup>. Se o autor pensa a modernidade como um momento “de sonhos de pureza e de controle ‘totalizante’ sobre a natureza e sobre a ‘natureza humana’” (ADELMAN, 2009, p. 195) – pode-se ver isso no momento em que, com a revolução francesa e o fim do *ancien régime*, percebe-se que o mundo é resultado das ações humanas, começando, portanto, uma preocupação também com os efeitos destas ações - ele também sabe que a modernidade deve, em certo momento, preocupar-se em entender “como é que os sonhos modernos rapidamente produzem discursos e tentativas práticas de homogeneização e controle de um mundo não mais visto como determinado por poderes divinos ou sobrenaturais” (ADELMAN, 2009, p. 19). A prisão, o panóptico (como vistos em Foucault), é uma tentativa de controlar e ordenar a ação humana. A modernidade é vista por ele como um momento de busca por estruturas rígidas nas quais encaixam os possíveis desvios. A partir desta visão crítica da modernidade, Bauman chega a saudar a pós-modernidade como possibilidade de conviver com a diversidade, pois ele tem consciência que:

[...] existem muitas histórias que precisam ser contadas e recontadas repetidamente, cada vez perdendo algo e acrescentando algo às versões anteriores. Há também uma nova determinação: a de resguardar as condições nas quais todas as histórias podem ser contadas, recontadas e contadas novamente de forma diversa. É na sua pluralidade e não na 'sobrevivência dos mais aptos (isto é, na extinção dos 'menos aptos') que reside agora a esperança (BAUMAN, 1999).

---

<sup>47</sup> O autor faz uma introdução à modernidade líquida comparando os dois estados sólido e líquido, para assim justificar a escolha pelo termo. A questão do tempo é frequente ao longo de toda sua obra, “os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. [...] Em certo sentido, os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é o que importa” (BAUMAN, 2001, p. 8).

De qualquer forma, Bauman não consegue se sentir seguro e confiante em relação a esta nova estação da jornada humana (ADELMAN, 2009), pois se a modernidade desencaixa os indivíduos das comunidades tradicionais sem oferecer alternativas válidas, a pós-modernidade enfatiza mais ainda esta tendência, uma vez que ao promover uma liberdade sem nenhuma certeza e ao não oferecer alternativas para a reconstrução dos laços que unem as pessoas no mundo, ela se torna a época dos vínculos tênues, das comunidades imaginadas e das fronteiras que os seres humanos constroem quase que para se proteger desta falta de laços, como veremos mais adiante.

### 3.2.1.2 Fronteiras urbanas

O sociólogo polonês, em sua obra *Fiducia e paura nella città* (2005), trata da convivência humana nas grandes cidades e nas metrópoles e, analisando as fronteiras internas que as percorrem, oferece uma análise interessante sobre uma relação entre iguais que se percebem como diferentes. Segundo Bauman, a metrópole é o maior laboratório de convivência que os seres humanos criaram: “viver na cidade significa viver junto, junto a estrangeiros”<sup>48</sup> (BAUMAN, 2005, p. 65). Este viver juntos leva a conviver com “os outros”, leva a se relacionar com as diferenças, com costumes diferentes que estes outros têm em relação a nós. E estas diferenças aparecem a partir do momento em que é “possível reivindicar, por parte de uma coletividade, uma presença originária, atávica, em um território em relação a outros, vizinhos, ou mais ou menos novos ‘chega(ntes)dos’”<sup>49</sup> (FURRI, 2018, p. 13), tratando-se de diferenças que acabam salientando a existência de fronteiras, divisões entre nós, a coletividade original, atávica, e os outros, os recém chegados.

Aparentemente, foram criadas fronteiras, tentou-se dividir o nós dos outros, o eu do ele, ao perceber que existem diferenças, que existem pessoas que não são como nós. Contudo, conforme aprofundado no início do capítulo e ressaltado por Bauman, “Fredrik Barth, o grande antropólogo norueguês contemporâneo, percebeu que - contrariamente à errada opinião comum - as fronteiras não são traçadas para

---

<sup>48</sup> “*vivere in città significa vivere insieme, insieme con degli stranieri*” (tradução nossa).

<sup>49</sup> “*possibile rivendicare da parte di una collettività una presenza originaria, atavica su un territorio a discapito di altri, vicini, o più o meno nuovi ‘arriva(n)ti*” (tradução nossa).

separar diferenças. Ao contrário, é exatamente porque são traçadas fronteiras que de repente surgem as diferenças, que são percebidas e ficam conscientes delas. Aliás, diferenças são procuradas exatamente para legitimar as fronteiras”<sup>50</sup> (BAUMAN, 2005, p. 66). É devido à construção das fronteiras e divisões que percebe-se um certo perigo e tem-se medo de certas coisas e pessoas. Por exemplo, ao frequentar os shoppings, nota-se claramente que existem pessoas que neles podem entrar ou sair livremente, enquanto outras não podem fazer o mesmo (um mendigo, por exemplo, mas não somente ele). As proibições de ultrapassar a porta de um shopping mostram e fazem aparecer estas diferenças: é a criação de fronteiras (no caso, o muro do shopping) que cria a diferença entre certas pessoas, não o contrário.

Ainda segundo Bauman, “cada fronteira cria suas diferenças, que têm fundamentos e são relevantes”<sup>51</sup> (BAUMAN, 2005, p. 66), ou seja, sabe-se que as diferenças entre os homens são naturais, elas existem naturalmente: ninguém é exatamente igual ao outro, todos são distintos e possuem peculiaridades. Apesar destas diferenças existirem – e de se ter consciência disto – e haver coisas que não são um problema – lida-se bem com a maioria das diferenças que se apresentam no dia a dia – há algo que incomoda muito, existe algo que sugere a existência de diferenças que disturbam mais, que não se pode suportar. São exatamente as fronteiras criadas que trazem à tona certas diferenças como mais fortes, como insuportáveis. A metrópole, no caso específico, por causa da extrema proximidade com os outros, com os diferentes, cria a noção de vulnerabilidade, pois “são mais reduzidos o espaço e a distância, maior é a importância que lhes atribuem as pessoas; mais é desvalorizado o espaço, menos protetiva é a distância e mais obsessivamente as pessoas traçam e movem fronteiras”<sup>52</sup> (BAUMAN, 2005, p. 65-66).

No mundo de hoje, tanto as comunidades de *Lost* como *Game of Thrones* - vistos no capítulo anterior - são praticamente inexistentes, embora os mesmos problemas enfrentados nestes seriados tenham sido encontrados nas grandes

---

<sup>50</sup> “Fredrik Barth, il grande antropologo norvegese contemporaneo, ha rilevato che – contrariamente all’erronea opinione comune – i confini non vengono tracciati allo scopo di separare differenze ma, al contrario, è proprio perché vengono tracciati confini che improvvisamente emergono le differenze, che ce ne accorgiamo, e ne diventiamo consapevoli, anzi andiamo in cerca di differenze proprio per legittimare i confini” (tradução nossa).

<sup>51</sup> Ibidem, p. 66, “ogni confine crea le sue differenze, che sono fondate e rilevanti” (tradução nossa).

<sup>52</sup> “Più sono ridotti lo spazio e la distanza, maggiore è l’importanza che attribuisce loro la gente; più è svalutato lo spazio, meno protettiva è la distanza e più ossessivamente la gente traccia e sposta confini” (tradução nossa).

idades. “As cidades, nas quais vivem mais que a metade dos seres humanos, são de uma certa forma uns depósitos de lixo para os problemas criados e não resolvidos no espaço global”<sup>53</sup> (BAUMAN, 2005, p. 68). A cidade é, sim, um refúgio para os diferentes, os estrangeiros, os “outros”, mas é sobretudo um lugar onde se localizam os problemas criados a nível global, que deverão ser resolvidos a nível local: o fluxo migratório no Mar Mediterrâneo é, com certeza, o resultado de contraste de forças globais, mas os problemas práticos devem ser resolvidos pelos administradores locais das cidades alvo dos desembarques.

### 3.2.1.3 Novos muros para velhos problemas

Sempre seguindo o raciocínio de Bauman (2005), pensa-se que a globalização, ou economia global, criou entre outros problemas uma quantidade enorme de gente “supérflua”, que não pode mais viver como viviam seus predecessores (camponeses, por exemplo, que não conseguem mais viver só com o trabalho da terra, artesãos que não vendem mais seus produtos) e que, por conta disso, são obrigados a procurar alguma solução alternativa: emigrar, sair do lugar onde se mora e ir para um lugar novo que prometa mais oportunidades. Qual é o lugar que mais apresenta (aparentemente) oportunidades e promessas de uma vida melhor senão a cidade, sendo que nela acontecem os encontros entre os diversos, os estabelecidos e os novos chegados:

[...] inevitavelmente a cidade, o espaço urbano, que desde sempre “concentra” as populações, se torna o lugar pragmático e material do confronto dialético, e de interação política e cultural, entre uma comunidade que se reivindica “do lugar” (e que deste reivindica a posse), e pessoas - estrangeiros de diferentes formas - que este lugar o atravessam, ou o chegam a coabitar<sup>54</sup> (FURRI, 2018, p. 15).

Essas pessoas vão para a cidade trazendo a mensagem de forças misteriosas, de desventuras, de perigo: da possibilidade de sermos “nós mesmos”, num futuro quem sabe próximo, como “eles”. Assim, trazem consigo o pior pesadelo: a

---

<sup>53</sup> “Le città, nelle quali vive già oltre la metà del genere umano, sono in un certo qual modo delle discariche per i problemi creati e non risolti dello spazio globale” (tradução nossa).

<sup>54</sup> “Inevitabilmente la città, lo spazio urbano che da sempre “concentra” le popolazioni, diventa il luogo pragmatico e materiale di confronto dialettico, e di interazione politica e culturale, tra una comunità che si rivendica “del luogo” (e che ne rivendica la proprietà), e persone - stranieri a diverso titolo - che questo luogo lo attraversano, o arrivano a co-abitarlo” (tradução nossa).

possibilidade de ser supérfluo e de perder posição e segurança social. Parecem estar ali para lembrar, cada vez que as encontram, de algo que gostariam de esquecer: a fragilidade da natureza humana, a precariedade das vidas e das certezas. Os migrantes são entendidos como portadores da ideia de seres supérfluos, ou seja, pessoas cujas capacidades de trabalho não poderiam ser utilizadas da melhor forma, gente que seria melhor caso fosse excluída, que seria melhor que desaparecesse, e é também por causa disso que são traçadas fronteiras imaginárias entre “nós” e “os outros”, entre os estabelecidos e os *outsiders*.

O progresso econômico sempre tornou muita gente supérflua (camponeses, artesãos, entre outros). Antigamente, esse tipo de pessoa costumava ir da Europa para fora (Américas, Austrália) e o problema era resolvido. No entanto, algo novo está acontecendo. Hoje, o mundo inteiro está produzindo supérfluos, e por esse motivo, não existem mais lugares melhores (Américas) para tentar a sorte. Eis que todos querem se acumular nas cidades que mais oferecem oportunidades, cidades estas que infelizmente já têm seus próprios problemas e seus próprios “inúteis” que não conseguiram nelas uma recolocação, e que irão se somando a esse novo exército de deslocados que chegam diariamente.

Existe, para designar esse tipo de pessoa, uma palavra específica nos Estados Unidos: *underclass*, ou seja, quem está fora do sistema de classes, não está em cima ou embaixo, está totalmente fora dele. Essa palavra espalhou-se pelo resto do mundo de uma forma impressionantemente rápida. Tão rápida como a velocidade com a qual muitas pessoas passaram a fazer parte deste novo grupo. A característica principal da *underclass* é que as pessoas que dela fazem parte não estão embaixo ou subindo, crescendo ou oscilando. Quem está na *underclass* está fora, fora do sistema de classes, fora do ambiente, sem possibilidade nenhuma de entrar nele; é um excluído, parafraseando Eichendorff,<sup>55</sup> um *good for nothing*, um bom para nada, obrigado a vagar sem colocação nenhuma no sistema de trabalho tradicional.

Para se salvar da vista e do contato com essas pessoas, com os problemas nas cidades, existe uma tendência geral para a construção de muros, fronteiras e proteções contra um eventual inimigo externo. Além disso, criaram-se espaços

---

<sup>55</sup> Joseph Freiherr von Eichendorff (1788-1857) foi um poeta e romancista alemão que em 1826 escreveu um livro cujo título “Aus dem Leben eines Taugenichts”, pode ser traduzido como “a vida de um bom para nada” (não existe tradução em português, porém existe uma versão em inglês “Life of a good-for-nothing” editada pela Hesperus Press em 2002) que relata a vida de um rapaz que, por não se encaixar no mundo no qual vive, picarescamente, decide vagabundear para tentar ver o que a vida lhe reserva sem muita expectativa.

proibidos, ou seja, espaços onde algumas pessoas não podem sentar, parar ou até não podem entrar. Se trata daqueles que Steven Flusty (1994) chama de *interdictory spaces*, espaços proibidos. Proibidos (somente para algumas pessoas), não no sentido literal da palavra, mas também porque se trata às vezes de espaços públicos, nos quais se dificulta ao extremo a possibilidade de frequentar estes lugares. Um caso extremo são as americanas *gated communities*, ou como são conhecidas aqui no Brasil, os condomínios fechados: lugares onde ninguém pode entrar se não for convidado, e que têm seguranças (às vezes até armados) dia e noite. Esses lugares são o espelho, o reflexo desses guetos involuntários em que foram colocados os *underclasses* e os migrantes que sobraram: “estes guetos voluntários [...] são o resultado da aspiração a defender a própria segurança procurando ter só a companhia de seus semelhantes, e deixando longe os estrangeiros”<sup>56</sup> (BAUMAN, 2005, p. 74). Uma prisão voluntária da qual, graças às televisões internas, por exemplo, os prisioneiros de si mesmo podem se defender de quem passar por perto, e podem também ter uma visão do mundo no qual não se põe o pé, no qual não se passeia mais, não se vive mais. Uma prisão voluntária que é alimentada pelo medo dos outros, uma situação em que as pessoas abandonam voluntariamente alguns dos fundamentais direitos humanos de primeira geração, entre eles o mais importante, a liberdade. Liberdade de andar livremente na própria cidade, liberdade de passear sem medo, de não ser preso em suas próprias habitações (prisões com todo conforto, mas sempre com grades, gaiolas de ouro), liberdade de perceber que essas prisões não deixam entrar os “outros”, mas que também não os deixam sair.

Segundo Richard Sennet (2014), há um círculo vicioso nesta situação de condomínios fechados: as pessoas que neles se enclausuram aparentemente têm uma grande dificuldade (ou medo) em se relacionar com os estrangeiros, com os outros. Existe para isso uma explicação lógica, pois nestes lugares, eles frequentam apenas os próprios semelhantes e, quanto mais frequentam pessoas similares a eles, menos têm disposição de conviver com os diferentes, com os estrangeiros, têm medo deles e por isso procuram mais ainda a companhia dos próprios semelhantes. Uma situação de ansiedade, de medo e de recusa do outro, de criação de muros/fronteiras, de perda voluntária daquela liberdade e capacidade de convivência, em nome de uma

---

<sup>56</sup> “*Questi ghetti volontari [...] sono il risultato dell’aspirazione a difendere la propria sicurezza procurandosi la sola compagnia dei simili, e tenendo lontani gli stranieri*” (tradução nossa).

tranquilidade aparente, de uma segurança fictícia. Eis, então, que surgem, por exemplo, as escolas fechadas nas quais as crianças não chegam a entrar em contato com estas outras pessoas, filhos das famílias “erradas”, e onde eles, sempre graças a estes muros/fronteiras dentre os quais estão fechados desde pequenos, também aprendem a cultura do medo, da recusa do outro, da recusa do diferente e do abandono voluntário de algumas das liberdades mais fundamentais em nome de uma suposta segurança.

### 3.2.2 O funcionamento diferencial da fronteira: Étienne Balibar

Existe uma pergunta aparentemente simples que perpassa todo o percurso teórico que percorremos até o presente momento: o que é uma fronteira? Segundo Balibar (2001), trata-se de uma pergunta de difícil resposta. Por qual motivo exatamente se trataria de uma pergunta tão difícil? Pelo simples fato de não ser possível oferecer uma definição abrangente o suficiente que valha para todos os tipos de fronteira, para todas as épocas e para todas as pessoas que a experimentam ou experimentaram. Ao refletir sobre as fronteiras de, por exemplo, um estado europeu do século XVIII, e nas fronteiras do mesmo Estado na Europa hodierna, percebe-se claramente que não se trata da mesma coisa. É de amplo conhecimento que ao cruzar a fronteira entre Itália e Suíça não haverá o mesmo tratamento para o indivíduo com passaporte europeu ou passaporte, por exemplo, peruano. Brincando com a língua para tentar definir, relata o filósofo francês, pode-se dizer que traçar uma fronteira significa delimitar um território, registrar sua identidade e oferecer esta identidade ao próprio território em questão. Ao mesmo tempo, porém, definir uma identidade (ou um território) em geral significa traçar uma fronteira entre esta identidade (ou este território) e as restantes. Adquire-se assim um círculo que continua ao infinito.

Pode-se concordar com o autor, então, quando refere que a criação de uma fronteira (seja ela racial, nacional, de classe ou de gênero) acaba gerando uma certa configuração do mundo, pois segundo o mesmo, ao falar especificamente das fronteiras nacionais:

[...] estas não poderiam fixar (ou tentar fixar) algumas *identidades* [...] em breve [...] não poderiam ser umas *fronteiras internas* (fronteiras interiorizadas, fronteiras para a interioridade) se não fossem idealizadas. E não seriam idealizadas, pensadas como suporte ao universal, se não fossem

imaginadas como o ponto no qual estão em jogo as “concepções do mundo”, portanto, também as concepções do homem: o ponto em que é preciso escolher e escolher-se<sup>57</sup> (BALIBAR, 2001, p. 216).

Resumindo, pode-se dizer que as fronteiras só geram divisão no momento em que são idealizadas e, ao mesmo tempo, só podem ser idealizadas no momento em que geram uma configuração do mundo, uma noção de homem. Mais especificamente, as fronteiras são duplas: elas instituem ou separam territórios, e nesta duplicidade podem se tornar fronteiras internas (da interioridade). Segundo Emanuela Fornari (2011), as noções desenvolvidas por Étienne Balibar são extremamente interessantes para pensar as fronteiras, uma vez que a maior contribuição do autor para esta temática foi exatamente colocar no centro de sua análise política a ideia de fronteira não tanto como separação/muro, mas exatamente como espaço heterogêneo e ubíquo. Neste espaço fronteiriço, assim definido, aparecem duas características importantes para as quais devemos prestar atenção: se por um lado existe a materialização clara do funcionamento diferencial da fronteira (por exemplo, um dispositivo de exclusão interna), por outro lado não é mais possível identificar as fronteiras conforme um código mais tradicional, quer seja político, geográfico ou administrativo, visto que elas existem em qualquer lugar onde há seletividade ou controle de segurança.

As fronteiras vacilam e, sobretudo, não estão mais às fronteiras, naquele lugar material que existe num pedaço de terra onde termina uma soberania e começa outra. Existem inúmeros fatores simultâneos (econômicos, jurídicos, sanitários, entre outros) que contribuíram para esta mudança e que fizeram com que as fronteiras vacilassem, não sendo mais o que era imaginado sobre elas, embora isso não signifique que elas desapareceram. Pelo contrário, o mundo atual não é sem fronteiras, elas se multiplicaram e se dividiram tanto em localização como em função, se estenderam e se duplicaram: se tornaram algo onipresente. É possível, refletindo com Balibar, confirmar que as fronteiras, como as que conhecemos, vacilam? Talvez não. O que vacila, quem sabe, é a nossa certeza de ter uma noção clara e possível destas fronteiras, uma noção que hoje mais do que nunca parece extremamente

---

<sup>57</sup> “Non potrebbero fissare (o tentare di fissare) delle identità [...], in breve [...] non potrebbero essere delle frontiere interne (frontiere interiorizzate, frontiere per l’interiorità) se non fossero idealizzate, pensate come il supporto dell’universale, se non fossero immaginate come il punto in cui sono in gioco le “concezioni del mondo”, quindi anche le concezioni dell’uomo: il punto in cui bisogna scegliere e scegliersi” (tradução nossa).

complexa e que deve se confrontar diariamente com novas reviravoltas. Este vacilo toca plenamente nossa consciência de uma identidade forte e firme, tanto individual como coletiva e compartilhada, e nos mergulha na incerteza de se ter alguma possibilidade de definição clara, seja quando tentamos pensar e representar as fronteiras, bem como quando refletimos sobre nossas identidades e as pressupomos como certas e limitadas: somos fronteiras. Não somos algo distinto e nem o seu oposto, nem uma coisa e nem a outra, somos a margem de todas as identidades que nos compõem.

Nos acostumamos a pensar que existiam fronteiras, mais ou menos seguras, ou fechadas ou abertas, mas nunca que poderíamos sermos nós mesmos fronteiras. Desta forma, fica mais claro ainda o motivo pelo qual Balibar fala em fronteiras que vacilam pois:

[...] as fronteiras vacilam: isto não significa que elas desaparecem. Menos ainda que o mundo atual é um mundo “sem fronteiras”. Significa, pelo contrário, que elas se multiplicam, se dividem em sua localização e em sua função, que se estendem ou se duplicam, se tornando *lugares, regiões, países* de fronteira, nos quais se passa um tempo ou se vive. É a relação entre “território” e “fronteira” que se inverte. Significa que elas se tornam objeto de uma reivindicação e de uma contestação, de um reforço feroz, em especial pela sua função de segurança. Mas isto significa também - irreversivelmente - que as fronteiras pararam de *marcar os limites* entre os quais termina a política por que termina a comunidade [...]. Isto significa que as fronteiras não são mais *a borda* da política, mas se tornaram [...] *objetos* desta, digamos mais exatamente umas *coisas* no espaço da política<sup>58</sup> (BALIBAR, 2001, p. 215).

E voltando a falar sobre a identidade e sobre sua relação com a territorialidade/nacionalidade, Balibar (2001) argumenta com clareza que não existe identidade idêntica a si mesma, pois toda identidade é fundamentalmente ambígua e *in fieri* e que, portanto, é impossível encontrar uma identidade - tanto individual como coletiva - que seja especificamente nacional. Para chegar a encontrar uma lógica para esta ambiguidade profunda da identidade, o autor tenta descer ao nível da produção

---

<sup>58</sup> “*Le frontiere vacillano: ciò non vuol dire che spariscono. Men che mai il mondo attuale è un mondo ‘senza frontiere’. Significa, al contrario, che esse si moltiplicano e si dividono nella loro localizzazione e nella loro funzione, che si estendono o si sdoppiano, divenendo delle zone, delle regioni, dei paesi di frontiera nei quali si soggiorna e si vive. È il rapporto tra ‘frontiera’ e ‘territorio’ che si inverte. Significa che esse divengono oggetto di una rivendicazione e di una contestazione, di un rafforzamento accanito, in particolare per la loro funzione di sicurezza. Ma ciò significa anche – irreversibilmente – che le frontiere hanno smesso di segnare i limiti in cui si arresta la politica perché cessa la comunità (...). Questo significa infatti che le frontiere non sono più il bordo della politica, ma sono diventate (...) oggetti, diciamo più esattamente delle cose nello spazio stesso della politica*” (tradução nossa).

identitária individual dentro de uma forma nação que tenta construir um certo tipo de “homem” e que se esforça para produzir um sentido de pertencimento do indivíduo à comunidade ou à nação. É preciso reforçar que toda identidade é individual, porém “toda individualidade é mais que individual, e também: é imediatamente transindividual, feita de representações do “nós” ou da relação entre si e os outros, que são tecidos em relações sociais, em atividades cotidianas, públicas ou privadas”<sup>59</sup> (BALIBAR, 2001, p. 202). Dito isto, o autor propõe três ideias fundamentais em relação a isto: 1) não existe identidade dada, o que existe é identificação, ou seja, um processo de construção individual que necessita de garantias simbólicas fortes e é diferente para cada um; 2) cada identidade se comporta conforme aquela que foi definida pela sociedade de pertencimento como cultura própria que por sua vez, para existir, deve combinar em si dois traços distintivos que a definem claramente: os traços do costume ou do rito (o indivíduo pertence a uma comunidade graças a uma semelhança de gestos, comportamentos, etc) e os traços de crenças e fé (a irmandade simbólica que se manifesta na resposta comum a um chamado transcendente - deus, pátria, revolução, etc). No caso específico da identidade nacional, a cada um destes dois polos correspondem dois temas ideológicos que a sustentam: a etnicidade fictícia (uma história étnica específica construída sob medida para aquela nação) e o patriotismo (a nação como comunidade transcendente que deve ser passada de geração em geração); 3) Dado isto, para que haja a formação de uma identidade (principalmente coletiva), deve existir uma hierarquia dos pontos de referências comunitários e conseqüentemente dos sentidos de pertencimento.

Em síntese, para definir a nação, é preciso entender como ela se forma desde seu interior: o autor chega à conclusão que a nação é histórica e que as identidades que são interiorizadas pelos cidadãos como próprias e que estão ligadas a esta (mas não só) são ambíguas e plurais. Como nos recorda muito bem Emanuela Fornari:

Fronteiras e limites não se configuram como simples linhas traçadas em uma carta geográfica, mas possuem o estatuto, constitutivamente ambivalente de uma interface que intervém nos processos de apropriação e divisão territorial e simbólica, reenviando por um lado à mais ampla questão da instituição de identidades (nacionais, culturais sociais) e por outro lado ao critério de regulamentação de pertencimento a uma ordem estatal ou nacional na base

---

<sup>59</sup> *“Ogni individualità è più che individuale, e inoltre: è immediatamente transindividuale, fatta di rappresentazioni del “noi” o del rapporto tra sé e altri, che sono tessuti in rapporti sociali, in attività quotidiane, pubbliche o private”* (tradução nossa).

de uma bem específica codificação daquele que vale como 'interno' (inclusão) e como 'externo' (exclusão)<sup>60</sup> (FORNARI, 2011, p. 43-44).

A apropriação pelo cidadão da própria nacionalidade (ou seja, a normalidade nacional que acaba sendo apropriada e interiorizada pelo cidadão da nação) faz com que as fronteiras que nascem como externas se tornem internas, estando assim em todo lugar e em nenhum lugar. Podemos agora pensar em corrigir uma visão da fronteira que parece natural, mas que é falsa (ou pelo menos simplista demais): a ideia que a fronteira é um limite entre dois territórios independentes. Deve-se pensar que as fronteiras são determinadas externamente e que, por serem fronteiras (além de entre estados) entre culturas e identidades, servem para dividir o mundo e para configurá-lo ao lhe oferecer uma distribuição espacial. As fronteiras precisam ser interiorizadas e para isso devem ser idealizadas (assim se pode morrer para defendê-las, por exemplo) e não poderiam ser idealizadas, se não fossem pensadas como a coisa que define a concepção do mundo (e do homem) que temos.

### 3.2.3 A fronteira como método: Sandro Mezzadra

Uma vez que aceitamos que os métodos tendem a produzir, muitas vezes de maneira contraditória e inesperada, o mundo que pretendem descrever, a questão da fronteira como método é, para nós, mais que metodológica. É sobretudo uma questão de política, acerca dos tipos de mundos sociais e subjetividades produzidas às fronteiras e a maneira como nosso trabalho tem um papel de intervenção nestas práticas. Para por isso de uma maneira diferente, podemos dizer que o método é para nós mais sobre atuar sobre o mundo que sobre o conhecer. Mais especificamente é sobre a relação entre ação e conhecimento em uma situação na qual muitos outros regimes e práticas de conhecimentos entram em conflito. A fronteira como método envolve negociar as fronteiras entre os diferentes tipos de conhecimentos que surgem na divisa e, ao fazê-lo, visa lançar luz sobre as subjetividades que surgem através de tais conflitos de regime. Por todas essas razões, a fronteira para nós não é tanto um objeto de pesquisa quanto um ponto de vista epistemológico que permite uma análise crítica aguda, não apenas sobre como as relações de dominação e exploração estão sendo redefinidas no presente momento, mas também sobre as lutas que tomam forma em torno dessas relações em mudança<sup>61</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2012, p. 66-7).

---

<sup>60</sup> *"Confini e limiti non si configurano come semplici linee tracciate sulla carta geografica, ma posseggono lo statuto costitutivamente ambivalente di un'interfaccia che interviene nei processi di appropriazione e spartizione territoriale e simbolica, rinviando per un verso alla più vasta questione dell'istituzione di identità (nazionali, culturali, social) e per l'altro ai criterio di regolazione dell'appartenenza a un ordine statale o nazionale sulla base di una ben precisa codificazione di ciò che vale come 'interno' (inclusione) e come 'esterno' (esclusione)"* (tradução nossa).

<sup>61</sup> *"While we accept that methods tend to produce, often in contradictory and unexpected ways, the worlds they claim to describe, the question of border as method is for us something more than methodological. It is above all a question of politics, about the kinds of social worlds and subjectivities produced at the border and the way our*

As últimas décadas viram um incremento interessante dos estudos sobre as fronteiras, talvez por causa da percepção de um aumento destas, ou talvez porque as velhas definições não são suficientes para entender como elas funcionam. Mas fato é que “se olha com cada vez maior interesse às inúmeras maneiras com as quais a ação do homem traça e transforma fronteiras, as derruba e as reconstrói, as abre e as fecha, as reforça e as rodeia, as explora e as sofre”<sup>62</sup> (CUTITTA, 2014, p. 165). Observou-se aqui, desde Simmel, como as fronteiras são fatos sociológicos: se, por um lado, elas são o resultado de interações sociais, por outro lado elas influenciam os sujeitos. Como notado ao longo deste capítulo, por muito tempo - fora as exceções do próprio Simmel e de outros poucos autores - a fronteira não foi interesse das disciplinas sociológicas (basicamente foi a geografia que se ocupava deste tema) e, quando havia algum interesse, era apenas em relação às fronteiras físicas interestatais ou inter-regionais. Apenas no final do século passado vimos crescer um interesse sociológico em relação às fronteiras físicas e, conseqüentemente, a outros tipos de fronteiras que podem surgir nas interações. É por este motivo que “as fronteiras territoriais - em primeiro lugar as dos Estados - merecem ser estudadas, especialmente naquela que é a relação com as fronteiras sobre-territoriais, ou seja, as fronteiras identitárias, simbólicas e mentais”<sup>63</sup> (CUTITTA, 2014, p. 165), para assim complementar, e não substituir, o estudo das fronteiras físicas<sup>64</sup>. Outro ponto importante que deve ser entendido é que as fronteiras são essenciais para os seres humanos em seus processos cognitivos, já que facilitam a construção e hierarquização de categorias e conceitos: “as fronteiras cognitivas possuem uma

---

*work plays into and intervenes in these practices. To put this differently we could say that method for us is as much about acting on the world as it is about knowing it. More accurately it is about the relation of action to knowledge in a situation where many different knowledge regimes and practices come into conflict. Border as method involves negotiating the boundaries between the different kinds of knowledges that come to bear on the border and, in so doing, aims to throw light on the subjectivities that come into being through such regime conflicts. For all of these reasons, the border for us is not so much a research object as an epistemological viewpoint that allows an acute critical analysis not only of how relations of domination and exploitation are being redefined at the present time but also of the struggles that take shape around these changing relations”* (tradução nossa).

<sup>62</sup> “*Si guarda con sempre maggiore attenzione agli innumerevoli modi con i quali l’azione dell’uomo traccia e trasforma i confini, li abbatte e li ricostruisce, li apre e li chiude, li rafforza e li aggira, li sfrutta e li subisce”* (tradução nossa).

<sup>63</sup> “*I confini territoriali – in primo luogo quelli degli stati – meritano di essere studiati particolarmente in quella che è la loro relazione con i confini sovraterritoriali, cioè i confini identitari, simbolici e mentali”* (tradução nossa).

<sup>64</sup> Um trabalho interessante nesta direção é o de Gloria Anzaldúa que, com seu “*Borderland/la frontera*” (2012), conseguiu ser uma das pioneiras nesta direção dos border studies.

relevância filosófica extrema, dado que elas descrevem uma dimensão geral [...] do pensamento humano”<sup>65</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2012, p. 66). Elas fazem com que seja possível separar as categorias mentais, mas também entender onde estas se encontram e se unem.

Em linhas gerais se pensa a fronteira como algo relacionado exclusivamente aos Estados. Pensou-se por muito tempo que ela pudesse desaparecer como consequência da globalização. Também, pensou-se que pudesse se fortalecer se opondo ao fluxo das novas migrações e dos refúgios, mas todas estas ideias surgiam tendo a função dos Estados como principal para entender a fronteira. Como observado em Balibar, o desafio em realidade é agora outro: é necessário tentar entender as fronteiras de um novo ponto de vista epistemológico, entender que nós mesmos podemos ser fronteiras, que a fronteira não pode e nem deve mais ser estudada como um lugar físico, mas que precisa:

[...] se tornar o *método* com o qual interpretar a realidade, o ponto de partida privilegiado para uma reflexão sobre a complexa e multiforme rede de dispositivos de inclusão e exclusão que caracterizam - quer em nível local, quer em nível global - as dinâmicas políticas e sociais dos nossos tempos<sup>66</sup> (CUTITTA, 2014, p. 165-6).

Uma nova epistemologia que surge no momento em que os *border studies* percebem que é preciso superar a velha noção geopolítica de fronteira, não a descartando, mas a englobando, para que se possa entender que as categorias usadas até o presente momento de inclusão/exclusão, dentro/fora, pertencimento/exclusão, não são mais suficientes para distinguir o que está dentro e o que está fora. Sobretudo porque, graças também aos estudos de fronteira, entendemos mais claramente que não podemos pensar o mundo como dado, finito, acabado e apenas dividido por algumas separações fronteiriças; deve-se pensar o contrário, são estas divisões, estas fronteiras que criam o mundo como o percebemos:

[...] a existência de um espaço delimitado era tomada por dada, a fronteira era a linha que estabelecia os limites da sua extensão e ao mesmo tempo

---

<sup>65</sup> “Cognitive borders have great philosophical relevance, since they describe a general (...) dimension of human thought” (tradução nossa).

<sup>66</sup> “Diventare il metodo con il quale interpretare la realtà, il punto di partenza privilegiato per una riflessione sulla complessa e multiforme rete di dispositivi di inclusione ed esclusione che caratterizzano – sia a livello locale, sia a livello globale – le dinamiche politiche e sociali dei nostri tempi” (tradução nossa).

definia o perímetro dentro do qual interações intensas poderiam ser observadas e comparadas com outras que acontecessem em outros supostos espaços delimitados<sup>67</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2012, p. 59).

Esta saída do espaço cartesiano limitado – proposta, entre outros, por Mezzadra e Neilson – abre a possibilidade para a leitura e interpretação de relações onde antes existiam linhas que separavam: “novos ‘campos de relação’, como por exemplo, a proximidade virtual das fronteiras [...] que desafiem a rigidez da distinção entre inclusão e exclusão”<sup>68</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2012, p. 59).

Estes dois conceitos de inclusão e exclusão, por sua vez, nos obrigam a refletir sobre outras questões, pois implicam forçadamente a abordagem dos conceitos de migração e cidadania e com eles o conceito de migração irregular, que é um dos conceitos chave para entender a multiplicação e o deslocamento das fronteiras do qual Mezzadra, retomando Balibar (2004), relata. O migrante irregular representa o símbolo desta condição indeterminada das fronteiras, pois se encontra dentro do espaço do estado, no mercado de trabalho, contribuindo ativamente inclusive para a reprodução destes espaços, mas, ao mesmo tempo, a estes mesmos espaços ele não pertence (juridicamente falando). Ao invés da separação rígida entre inclusão e exclusão nos limites físicos do estado, “parece que as fronteiras e as práticas institucionais que lhes correspondem foram transladas no meio do espaço político”<sup>69</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2012, p. 63).

Esta é a abordagem que Mezzadra propõe para entender as fronteiras: uma análise delas a partir destas modificações, destas tensões, rejeitando a imagem da fronteira marcada por um muro que deixa como cristalizada a rigidez e a “intransformabilidade” de uma divisão que tanto rígida quanto intransformável não é. O que temos nas fronteiras é a obra de um conjunto de tensões entre práticas de atravessamento e prática de fechamento “que (as) transformam [...] em instituições sociais”<sup>70</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2012, p. 64). É preciso entender que as fronteiras

---

<sup>67</sup> *“The existence of a bounded space was taken for granted and the border was the line that established the limits of extension while also defining the perimeter within which intensive interactions could be observed and compared to those occurring in other supposedly bounded spaces”* (tradução nossa).

<sup>68</sup> *“New ‘fields of relation’, such as the virtual proximity of borders (...) that challenge the rigidity of the distinction between inclusion and exclusion”* (tradução nossa).

<sup>69</sup> *“It seems that borders and the institutional practices corresponding to them have been transported into the middle of political space”* (tradução nossa).

<sup>70</sup> *“That constitute (...) as a social institution”* (tradução nossa).

não bloqueiam fluxos globais, pelo contrário, acabam se tornando instrumentos para suas articulações.

### 3.2.3.1 *Border as method*

É exatamente nesta direção que Sandro Mezzadra e Brett Neilson conduzem sua obra *Confini e frontiere*<sup>71</sup> (2014), oferecendo uma contribuição muito importante para a discussão sobre as fronteiras, conforme também já esclarecido ao longo do texto:

[...] da complexa instituição social da fronteira os dois autores pretendem evidenciar, primeiramente a dúplice função ao mesmo tempo inclusiva e exclusiva [...] se afastando de leituras unicamente negativas da fronteira, que tendem a sublinhar apenas o poder de impedir a entrada, de excluir, de segregar e aquele diametralmente oposto de acolher, incluir e compreender<sup>72</sup> (CUTITTA, 2014, p. 166).

Pode-se dizer que as fronteiras se tornam uma ferramenta estratégica para visualizar os processos globais e os territórios que estas deveriam rodear rigidamente, mas que na verdade sabe-se que se encontram fechados em um círculo fronteiriço extremamente flexível e articulado.

A obra dos autores italiano e australiano pode ser lida como uma contribuição para o debate sobre o aprofundamento da “política do comum” (MEZZADRA; NEILSON, 2014), que vem para ajudar a entender que a parede e o muro são falsos símbolos da fronteira, uma vez que o muro simboliza divisão, enquanto a fronteira não: a ideia fundamental é que a fronteira não separa a passagem de pessoas, capitais, objetos, entre outros. Pelo contrário, serve para articular estas passagens de uma maneira diferencial:

O fato que a função produtiva da fronteira seja bem mais articulada e complexa que a dicotomia dentro/fora possa sugerir é exemplarmente ilustrado pelas políticas de gerenciamento das migrações (...) o conceito de inclusão diferencial serve para entender, exatamente, o amplo e variado

---

<sup>71</sup> *Border as method* (2013) em original.

<sup>72</sup> “Della complessa istituzione sociale del confine i due autori tengono a evidenziare, innanzitutto, la duplice funzione al tempo stesso esclusiva e inclusiva [...] prendendo le distanze da letture unicamente negative del confine, tendenti a sottolineare soltanto il potere di impedire l’accesso, di escludere, di segregare e quello diametralmente contrapposto di accogliere, includere, comprendere” (tradução nossa).

espaço intermediário entre os dois extremos do dentro e do fora<sup>73</sup> (CUTITTA, 2014, p. 166).

Pensar a fronteira não apenas como um objeto de pesquisa, mas como um ponto de vista epistêmico (um *border as method*), ajuda a evidenciar as tensões que deixam tênue a linha entre inclusão e exclusão, pois como os autores sustentam:

Nosso interesse primário não é comparar distintas instâncias ou técnicas de fronteiramento, mas, pelo contrário, entrelaçar, justapor e sobrepor as práticas, técnicas em questão, evidenciando tanto suas mútuas implicações e consonâncias como suas diferenças e dissonâncias, suas coisas em comum e sua singularidade<sup>74</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2012, p. 65).

Basicamente se trata de repensar a fronteira e entendê-la não mais como um objeto de pesquisa - já dado - que deve ser analisado como tal. O desafio é tentar reformular a inteira categoria fenomenológica da fronteira e tentar entender esta última a partir dos processos pelos quais está constituída. A fronteira não deve ser vista como algo neutro, ela deve se tornar um método por meio do qual entender as práticas que acontecem ao seu redor.

Além disso, hoje existem novas fronteiras que rodeiam os cidadãos e os trabalhadores e, muitas vezes, estas ficam longe das fronteiras tradicionais. Por este motivo, é preciso pensar outras linhas de demarcação social, cultural, política e econômica que possam servir para entender estas reconfigurações. Como os dois autores fazem isto em sua obra? Tomando como faísca a greve dos táxis de *New York* de 2004, começam explicando como existem tanto fronteiras linguísticas e étnicas entre os vários trabalhadores grevistas, como ao mesmo tempo fronteiras urbanas que os táxis cruzam diariamente, e também, que existem fronteiras sociais que dividem estes mesmos taxistas de seus clientes. Esta greve é vista por eles como uma crônica da proliferação das fronteiras no mundo contemporâneo, um mundo novo no qual as fronteiras nacionais não são mais as únicas, ou as mais importantes, para dividir ou limitar a mobilidade, por exemplo, do trabalho.

---

<sup>73</sup> “Il fatto che la funzione produttiva del confine sia ben più articolata e complessa di quanto la dicotomia dentro/fuori possa suggerire è esemplarmente illustrato dalle politiche di gestione delle migrazioni [...] Il concetto di inclusione differenziale serve a comprendere, appunto, l'ampio e variegato spazio intermedio tra i due estremi del dentro e del fuori” (tradução nossa).

<sup>74</sup> “Our primary interest is not in comparing different instances or techniques of bordering but rather in interlacing, juxtaposing and superimposing the practices, techniques and sites in question, highlighting their mutual implications and consonances as well as their differences and dissonances, their commonalities and their singularities” (tradução nossa).

Mas e se quiséssemos tentar o que Balibar refere ser impossível e tentássemos definir o que é uma fronteira? Os autores (2014) deixam clara a sua dívida com o filósofo francês em relação às suas ideias sobre as fronteiras e, citando a Anzaldua - “ódio raiva e exploração [...] são as características prevalentes desta paisagem”<sup>75</sup> (ANZALDUA, 2000 *apud* MEZZADRA; NEILSON, 2014, p. 22) - nos lembram que esta é a imagem que em linha geral associamos às fronteiras: linhas fechadas por um muro que existem apenas para excluir. Segundo eles, porém, esta visão deixa a desejar, podendo levar a entender que a fronteira se reduz apenas a isso, e com esta noção, corre-se o risco de isolar uma única função da fronteira e pensar que seja a única possível, deixando de lado toda a flexibilidade que ela tem.

Retomando o conceito de inclusão diferencial, ao qual acenou-se pouco antes, os autores, por meio desta ideia, querem reorganizar a percepção das fronteiras para adaptá-la melhor à realidade:

[...] de um ponto de vista topológico, é possível dizer que o conceito de inclusão diferencial tenta substituir a distinção binária que existe entre inclusão e exclusão por meio de [...] um processo de filtragem e seleção que se relaciona a escalas, classificações e avaliações múltiplas e variáveis<sup>76</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2012, p. 68).

Não é possível pensar a fronteira como algo que exclui quem está fora e inclui quem está dentro. Nenhuma sociedade é construída e ergue sua identidade e totalidade através da exclusão: é preciso repensar tanto os processos políticos que na fronteira ocorrem, bem como a noção cristalizada desta última como lugar de conflito.

Os autores sustentam que as fronteiras não só excluem, mas ao mesmo tempo também incluem, filtrando pessoas e bens tão violentamente como os excluem. Sua visão é que, ao contrário daquele que é o pensamento comum, ou seja, que a inclusão é sempre positiva, em realidade pode-se perceber que existem problemas relacionados com a violência também nas inclusões, no sentido que estas se desenvolvem em continuidade com as exclusões, e não em oposição a elas:

---

<sup>75</sup> “*Odio, rabbia e sfruttamento [...] sono le caratteristiche prevalenti di questo paesaggio*” (tradução nossa).

<sup>76</sup> “*From a topological point of view, one could say that the concept of differential inclusion points to a substitution of the binary distinction between inclusion and exclusion with (...) processes of filtering and selecting that refer to multiple and shifting scales, ratings and evaluations*” (tradução nossa).

[...] em outras palavras nós focamos na capacidade de hierarquização e estratificação das fronteiras, examinando sua articulação em relação ao capital e ao poder político, seja que coincidam com os limites territoriais dos Estados, seja que existam dentro e além deles<sup>77</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2014, p. 22).

Para entender isso, é necessário uma linguagem mais complexa e dinâmica em comparação àquela que lembra muros e exclusões. Então, partindo da fronteira como método, os autores repensam várias temáticas como trabalho, espaço, tempo, poder e cidadania e explicam que, ao tomar o conjunto destas mudanças, é possível entender melhor as transformações, inclusive, da sociedade contemporânea, pois a multiplicação de barreiras e fronteiras no mundo contemporâneo pode ser lida como um sinal da crise do poder estatal, mais que sua reafirmação de força.

A peculiaridade da nossa abordagem está na tentativa de separar a fronteira do muro, mostrando como as funções regulativas e o poder simbólico da fronteira submetam à prova a barreira entre soberania e formas mais flexíveis de governança global, fornecendo um prisma por meio do qual seguir as transformações do capital e as lutas que surgem dentro e contra estas<sup>78</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2014, p. 23).

Ainda, os autores explicitam isso por meio da imagem do muro que existe entre Israel e a Palestina, mostrando ele funcionando como “uma membrana que deixa passar alguns fluxos e bloqueia outros’, transformando o território palestino em uma ‘zona de fronteira’”<sup>79</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2014, p. 24).

A imagem do muro não poderia explicar os novos processos de construção de fronteiras. No entanto, os fatores que tornam necessário questionar essa imagem dominante da fronteira como muro não sinalizam o desaparecimento de processos de hierarquização e controle. Pelo contrário, apontam de várias maneiras a proliferação ou multiplicação de paredes e fronteiras de vários tipos, não apenas para marcar a distinção entre espaços internos e externos, mas também no espaço e no tempo do capital global e nas fronteiras da inclusão diferencial<sup>80</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2012, p. 71).

---

<sup>77</sup> *“In altre parole, ci concentriamo sulla capacità di gerarchizzazione e stratificazione dei confini, esaminando la loro articolazione rispetto al capitale e al potere politico, sia che coincidano con i limiti territoriali degli Stati, sia che esistano dentro o oltre a essi”* (tradução nossa).

<sup>78</sup> *“La peculiarità del nostro approccio risiede nel tentativo di separare il confine dal muro, mostrando come le funzioni regolative e il potere simbolico del confine mettano alla prova la barriera tra sovranità e forme maggiormente flessibili di governance globale, fornendo un prisma attraverso cui seguire le trasformazioni del capitale e le lotte che montano dentro e contro di esse”* (tradução nossa).

<sup>79</sup> *“Funziona come ‘una membrana che lascia passare alcuni flussi e ne blocca altri’, trasformando l’intero territorio palestinese in una ‘zona di frontiera’”* (tradução nossa).

<sup>80</sup> *“The image of the wall could not possibly explain the new processes of border construction. Nonetheless the factors that make it necessary to question this dominant image of the border as a wall do not signal the disappearance of processes of hierarchization and control. On the contrary, they point in many ways to the*

Existe neste lugar - mas também nos muros dos EUA ou da União Europeia - uma produção legal de ilegalidade por parte do Estado que gera um processo de inclusão de migrantes por meio da ilegalidade e, ao mesmo tempo, a construção de filtros específicos:

Esses meios altamente tecnocráticos, mas também bastante arbitrários, de instituir a inclusão diferencial envolvem a submissão de sujeitos migratórios a parâmetros diferentes e cada vez mais altamente calibrados que pretendem medir sua dignidade e adequação para entrar em determinados espaços políticos: educação, saúde, religião, idioma, economias e prontidão para se 'integrar' figuram com destaque nesse sistema, ao lado de critérios econômicos clássicos, como habilidades laborais. Esses sistemas tendem a multiplicar e estratificar cada vez mais os status legais dos sujeitos que habitam o mesmo espaço político<sup>81</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2012, p. 69).

É por meio destes filtros, por exemplo, que é aplicada a inclusão diferencial sobre a qual os autores discorrem. A questão talvez mais interessante é que estes filtros podem ser aplicados também aos cidadãos, aqueles *cidadãos que não pertencem*, como os autores os definem, que estão quase equiparados aos migrantes irregulares pois não possuem estes parâmetros que lhes permitiriam entrar no espaço político da cidadania: estão incluídos, mas não pertencem ao seu país.

O embaçamento dos padrões de interioridade e externalidade implícitos nos regimes migratórios cada vez mais predominantes de inclusão diferencial também tem ramificações importantes, como já enfatizamos, para as questões que envolvem a subjetividade política, principalmente a natureza mutável e as formas de cidadania<sup>82</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2012, p. 70).

Não podemos esquecer, porém, de dois detalhes importantes: perante a globalização, o Estado-nação se reorganizou e recriou suas fronteiras (que de qualquer maneira não são as mesmas de antigamente), ao mesmo tempo, houve

---

*proliferation or multiplication of walls and borders of various kinds, not merely to mark the distinction between internal and external spaces, but also within the space and time of global capital and the borders of differential inclusion” (tradução nossa).*

<sup>81</sup> *“These highly technocratic but also quite arbitrary means of instituting differential inclusion involve the submission of migratory subjects to different and ever more highly calibrated parameters that purport to measure their worthiness and suitability to enter certain political spaces: education, health, religion, language, savings and readiness to ‘integrate’ figure prominently in these systems, alongside classical economic criteria such as labour skills. These systems tend to multiply and increasingly stratify the legal statuses of subjects inhabiting the same political space” (tradução nossa).*

<sup>82</sup> *“The blurring of patterns of internality and externality implicit in the increasingly prevalent migration regimes of differential inclusion also has important ramifications, as we already stressed, for the issues surrounding political subjectivity, not least the changing nature and forms of citizenship” (tradução nossa).*

forçadamente uma modificação na subjetividade política, visto que esta nasceu junto ao conceito de Estado-Nação (deve-se pensar no conceito de cidadania e sua relação estreita com o trabalho, por exemplo).

### 3.2.3.2 Fronteiras do capital

Pode-se, portanto, dizer que a própria noção de cidadania se flexibiliza – junto à lógica tradicional clássica do Estado-nação e da identidade – e abre o caminho para uma nova lógica orientada pelas necessidades do mercado de trabalho, pois, como é sabido, apesar do Estado-nação ser uma instituição que ainda inibe fortemente a mobilidade dos trabalhadores, existem outros fatores e outras dinâmicas que perpassam estes limites nacionais. “Neste sentido [...] propusemos a fórmula ‘fronteiras do capital’ para colher esta essencial tendência expansiva que caracteriza a ação do capital do ponto de vista da produção do espaço”<sup>83</sup> (MEZZADRA, 2015, p. 21). Uma das teses principais que pretendem sustentar isto tem como base o fato de que as fronteiras servem não para bloquear, mas para articular os fluxos globais. Além disso, precisa-se pensar também na heterogeneização das fronteiras, pois hoje as fronteiras não são mais apenas linhas, são instituições sociais complexas marcadas por práticas de reforço e de atravessamento.

Além disso, o operar da fronteira é importante não apenas para as pessoas, mas também para os Estados, o capital e as mercadorias, por exemplo. O próprio Mezzadra esclarece este ponto quando faz a seguinte pergunta: “o que é uma economia e, ainda antes, onde fica uma economia?”<sup>84</sup> (MEZZADRA, 2015, p. 20). O autor parte desta pergunta (emprestada por Wallerstein) para entender a relação que o capital mantém com as fronteiras hoje.

Toda economia – cada ‘retículo de processos produtivos mais ou menos estritamente independentes’ – se desenvolve dentro de determinadas ‘fronteiras espaço-temporais’, diz Wallerstein: a historicidade de um sistema econômico, sua origem, seu crescimento, suas transformações correspondem a uma específica (mesmo que mutável) colocação no espaço, circunscrita por um conjunto de ‘limites’<sup>85</sup> (MEZZADRA, 2015, p. 20).

---

<sup>83</sup> *“In questo senso (...) abbiamo proposto la formula “frontiere del capitale” per cogliere questa essenziale tendenza espansiva che caratterizza l’azione del capitale dal punto di vista della produzione di spazio”* (tradução nossa).

<sup>84</sup> *“Che cos’è un’economia e, ancor prima, dov’è un’economia?”* (tradução nossa).

<sup>85</sup> *“Ogni economia – ogni ‘reticolo di processi produttivi più o meno strettamente interdipendenti’ – si sviluppa all’interno di determinati ‘confini spazio-temporali’, aggiunge Wallerstein: la storicità di un sistema economico,*

A dificuldade neste ponto é entender como estas fronteiras do capital se ligam a outras fronteiras (políticas ou culturais, por exemplo). A solução que Mezzadra nos oferece é particularmente interessante. Segundo o autor, há uma relação forte entre espaço do capital e espaço político. Citando Marx, o pesquisador italiano nos introduz uma noção esclarecedora:

[...] compensa retomar neste sentido uma breve citação extraída dos Grundrisse: “a tendência a criar o mercado mundial”, escreve aqui Marx, “é dada de imediato por meio do conceito de capital. Todo limite (Grenze) se apresenta aqui como um obstáculo (Schranke) a ser superado”<sup>86</sup> (MEZZADRA, 2015, p. 20-21).

Ou seja, se o capital existe como tendência, então esta tendência desestabiliza qualquer fronteira ou limite existente. A partir deste ponto de vista, a ideia de Mezzadra deve ser entendida como uma contribuição à análise dos processos globais, que serve também para apagar o mantra (por longo tempo escutado) que com o avanço da globalização deixariam de existir as fronteiras.

O propósito último da análise de Mezzadra e Neilson é juntar uma perspectiva de fronteira à noção de força de trabalho; eles fazem isto analisando as tensões e os conflitos que criam e recriam as vidas dos sujeitos os quais, como as fronteiras trabalham, são configurados como “carregadores” de força trabalho. Há uma produção de subjetividade nestes trabalhadores que é fundamental entender para esclarecer como se produz a força-trabalho como mercadoria (“marxianamente” falando). “O poder genericamente humano da força-trabalho, para retornar à formulação marxiana, está sempre encarnado em corpos sexuados que são socialmente construídos dentro de múltiplos sistemas de domínio, não último o racismo”<sup>87</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2013, p. 38), ou seja, a maneira como as pessoas carregam sua força de trabalho é determinada em sua origem pela raça, nação, origem geográfica e pelo gênero.

---

*la sua origine, la sua crescita, le sue trasformazioni corrispondono cioè a una specifica (ancorché mutevole) collocazione all'interno dello spazio, circoscritta da un insieme di 'limiti'* (tradução nossa).

<sup>86</sup> “Conviene riprendere in questo senso una breve citazione tratta dai Grundrisse: ‘la tendenza a creare il mercato mondiale’, scrive qui Marx, ‘è data immediatamente con il concetto stesso di capitale. Ogni limite (Grenze) si presenta qui come un ostacolo (Schranke) da superare” (tradução nossa).

<sup>87</sup> “La potenza genericamente umana della forza lavoro, per richiamare la formulazione marxiana, è sempre incarnata in corpi sessuati che sono socialmente costruiti all'interno di molteplici sistemi di dominio, non ultimo il razzismo” (tradução nossa).

A partir deste ponto de vista, é claro que as práticas de fronteiras devem ser observadas à luz das múltiplas configurações de gênero e raça, cuja produção e reprodução são influenciadas pela fronteira, pois se a fronteira tem um papel fundamental na criação da força-trabalho como mercadoria, significa que as maneiras como os trabalhadores são filtrados, bloqueados pelos controles estaduais, têm efeitos maiores sobre as constituições dos mercados de trabalho e, portanto, sobre o trabalho em geral. Conforme bem lembrado por Mezzadra: “neste sentido, eu e Brett Neilson propusemos a fórmula ‘fronteiras do capital’ para colher esta essencial tendência expansiva que caracteriza a ação do capital do ponto de vista da produção do espaço”<sup>88</sup> (MEZZADRA, 2015, p. 21), isto significa que a maneira como as ‘fronteiras do capital’ se articulam junto aos territórios e a suas fronteiras está na origem de novas relações entre capital e Estado. O que Mezzadra propõe é uma leitura destas novas relações à luz da fronteira a partir desta nova epistemologia:

Em *border as method*, eu e Brett Neilson nos propusemos a ler as relações entre expansão das fronteiras do capital e fronteiras territoriais na época da globalização em uma perspectiva distinta. Nos parece, para simplificar, que uma essencial *mobilitade* investiu as configurações espaciais que caracterizam nosso tempo<sup>89</sup> (MEZZADRA, 2015, p. 23).

O que isto significa? Basicamente, não que as fronteiras tenham se tornado irrelevantes, mas que houve uma proliferação destas. Não se trata de pensar a contradição entre a fácil circulação das mercadorias e a difícil circulação das pessoas, mas pensar que tanto as fronteiras tradicionais como as novas fronteiras administrativas (como as Zonas de Processamento e Exportação – ZPE – por exemplo, uma parte do Brasil que não é regida pelas normas que regem a produção industrial no resto do Brasil) têm um papel importante, pois agem cada vez mais não segundo os processos que têm lógica industriais, mas os processos que têm lógica financeira.

Isto não significa que não existem mais regras, mas que o capitalismo contemporâneo tende a multiplicar as formas de trabalho submetidas à exploração

---

<sup>88</sup> “In questo senso, io e Brett Neilson abbiamo proposto la formula “frontiere del capitale” per cogliere questa essenziale tendenza espansiva che caratterizza l’azione del capitale dal punto di vista della produzione di spazio” (tradução nossa).

<sup>89</sup> “In *Border as Method*, io e Brett Neilson abbiamo proposto di leggere i rapporti tra espansione delle frontiere del capitale e confini territoriali nel tempo della globalizzazione in una diversa prospettiva. A noi pare, per dirla in breve, che un’essenziale mobilità abbia investito le configurazioni spaziali che caratterizzano il nostro tempo” (tradução nossa).

econômica (as ligadas à economia do conhecimento, as redes das economias populares e sociais) e que ao mesmo tempo a nível global temos uma contínua reorganização dos espaços (nasceram mercados regionais e continentais – o Mercosul por exemplo – mas o mesmo tempo se descompõem os mercados nacionais, nascem cidades globais e outros ambientes que têm uma própria autonomia normativa e governamental também). Temos aqui um contínuo reconfigurar de fronteiras do capital que deve lidar com fronteiras territoriais sem aparência de perspectiva de estabilização destas relações.

### 3.3 FRONTEIRAS E COLÔNIAS: E AS OUTRAS FRONTEIRAS?

*The problem of the 20th century is the problem of the color-line<sup>90</sup>*

É importante entender como a polissemia apresentada por Balibar nos acompanha continuamente ao longo da nossa jornada, pois é patente que existem várias palavras (e em muitas línguas) para designar o conceito de fronteira. Não é meramente por acaso que estas palavras entraram, inclusive, no uso comum para designar outras áreas (trabalho de fronteira e fronteira das pesquisas científicas, por exemplo). Isto se dá por que a fronteira, além de uma base geográfica forte, tem alto valor simbólico, e os autores vistos até o presente momento (Simmel e Barth *in primis*) mostram claramente isto.

A esta altura, de qualquer forma, é fundamental esclarecer mais um ponto: para entender a fronteira é preciso entender o papel constitutivo da fronteira colonial, ou seja, a relação que existe entre um espaço “europeu” com fronteiras lineares e fechadas e um espaço “outro”, com fronteiras abertas para a conquista. Um espaço “outro”, colonial, aparentemente aberto, no qual as situações de fronteira sempre estiveram presentes, pois nas colônias a geografia interna sempre foi bem mais complexa que na capital de origem (podemos simplesmente pensar no fato que, além das fronteiras tradicionais, existiam também as fronteiras entre nativos e colonos).

Os estudos de fronteira, de qualquer maneira, se baseiam tradicionalmente em contextos especificamente ocidentais, como a fronteira entre EUA e México, ou as fronteiras da União Europeia. Por meio da fronteira como método vista anteriormente,

---

<sup>90</sup> Du Bois, 2010, p. 35.

podemos atravessar divisões disciplinares e geográficas e assumir um ângulo realmente global e pós-colonial, isto por que o *border as method* tem o sentido de pensar a fronteira como algo maior que um simples objeto de pesquisa: ela é um dispositivo epistemológico (pois serve para entender o momento em que a fronteira estabelece conexões ou produz divisões) que se ativa toda vez que há uma distinção entre sujeito e objeto (MEZZADRA; NEILSON, 2014).

Se, por um lado, é importante pensar o processo de produção do saber, por outro, necessita-se suspender esta ideia de saber (no sentido de objetos do conhecimento) pré-constituído. Conseguimos lograr êxito em fazer isto no momento em que tentamos indagar os processos que constituem e que criam este mesmo saber. No caso específico da fronteira, é fundamental tentar deixar produtivo o círculo vicioso identificado por Balibar, segundo o qual é impossível definir uma fronteira, já que estas são essenciais para os processos cognitivos, além de permitir estabelecer hierarquias conceituais que estruturam o movimento do pensamento e dividem a ciência em áreas, por exemplo.

Para isto, acredita-se ser interessante dar um breve mergulho nos trabalhos de alguns autores pós-coloniais, com intuito de melhor entender as fronteiras étnico-raciais e de gênero.

### 3.3.1 Um olhar pós-colonial

A partir da publicação e difusão da obra “Orientalismo” (2007), do palestino Edward Said, inicia, primeiramente nos Estados Unidos, um percurso de estudos que põe em questão todos os pressupostos eurocêntricos que estavam à base dos códigos de estudos, tanto da filosofia como da história e da política. Este percurso intelectual, pode-se ousar dizer, é uma tentativa de “provincializar” a Europa<sup>91</sup>:

[...] de criar uma nova configuração do “mundo”, que se tornou materialmente um só e apesar disso, atravessado, hoje mais do que nunca, por quebras, turbulências e linhas de ruptura; uma radical retirada dos universais que surgiram ao nascer do iluminismo europeu (primeiramente a ideia de uma história “uni-versalmente” orientada), que assume a forma não de uma simples “crítica à ideologia”, mas de uma subversão – ou seja, ao pé da letra, de uma sub-versão – imanente ao tecido da identidade ocidental; um

---

<sup>91</sup> “Provincializar a Europa” é o gesto que Dipesh Chakrabarty espera que aconteça no mundo intelectual para assim entender como e em que sentido as ideias universais são construídas historicamente dentro de condições intelectuais específicas que não deveriam exigir o status de universalmente validas (CHAKRABARTY, 2004).

reposicionamento, finalmente, da indagação teórica ao redor de categorias quais “sujeito” e “identidade” no terreno das dinâmicas experienciais e políticas da subjetivação<sup>92</sup> (FORNARI, 2011, p. 20-1).

Esta é a definição que Emanuela Fornari oferece para entender o que é o pós-colonial. Não se trata de uma simples descentralização (uma perda do centro), mas uma perda de periferia, ou seja, uma condição de periferia misturada que embaraça o edifício criado ao redor das coordenadas de ‘interior’ ou ‘exterior’, ou de ‘inclusão’ e ‘exclusão’ (FORNARI, 2011).

O próprio Étienne Balibar (que escreveu o prefácio do livro da autora italiana) relata logo na abertura que o texto nos obriga a tentar “entender o que pensam os autores pós-coloniais, como eles o pensam e como nos obrigam a pensar após eles” (BALIBAR apud FORNARI, 2011, p. 9), sem partir de um ponto de vista dominante.

O filósofo francês coloca uma questão fundamental para entender o pós-colonial: há uma nova pragmática do sujeito que fica implícita na elaboração da noção de subalternidade (especificamente o duplo vínculo da emancipação). Aprofundando este ponto, entendemos, seguindo o pensamento dele, que a ideia de sujeito subalterno é relativamente nova (mesmo que etimologicamente a palavra sujeito, no sentido de súdito, ator passivo, já existisse tanto nas questões jurídicas como nas políticas). Porém, apenas a situação pós-colonial poderia ter trazido à tona a pluralidade dos interesses emancipatórios dos grupos dominados, dado que a subjetividade e a ideia de liberdade se misturam na filosofia ocidental e a emancipação do subalterno prevê um pôr em questão também a dominação (além da dominação material) das ideias. O sujeito subalterno não é um simples sujeito, é um sujeito do sujeito, dominado, silenciado, pelo colonialismo e pelas tradições. Um sujeito deste tipo (uma mulher, por exemplo em uma ex-colônia) deve procurar a própria libertação junto à própria comunidade contra o opressor, e ao mesmo tempo dentro da mesma comunidade contra aqueles que lhes conferem uma identidade subalterna. O que caracteriza a subalternidade é, portanto, uma multiplicidade

---

<sup>92</sup> *“Una nuova configurazione del ‘mondo’, fattosi materialmente uno e tuttavia attraversato oggi più che mai, da crepe, turbolenze e linee di frattura; una radicale revoca in questione degli universali sorti all’alba dell’illuminismo europeo (in primis, l’idea di una storia ‘uni-versalmente’ orientata), che prende la forma non di una mera ‘critica dell’ideologia’ ma di una sovversione – ossia, alla lettera, di una sub-versione – immanente al tessuto dell’identità occidentale; un riposizionamento, infine, dell’indagine teorica attorno a categoria quali ‘soggetto’ e ‘identità’ sul terreno delle dinamiche esperienziali e politiche di soggettivazione”* (tradução nossa).

(divisão) dos interesses emancipatórios na criação da subjetividade (BALIBAR apud FORNARI, 2011).

### 3.3.2 As fronteiras no pensamento pós-colonial

Conforme apresentado até o presente momento, a fronteira não é uma simples separação bidimensional entre dois territórios. Ao tentarmos entender como ela funciona segundo a crítica pós-colonial, pode-se perceber que nesta visão específica esta assume uma dupla função: a fronteira pode ser tanto vertical como horizontal.

Uma parte da crítica pós-colonial se concentra na função “verticalizadora” do limite, como instância de produção e legitimação da narrativa ocidental sobre a “história ocidental”, outra parte desta assume como próprio foco de indagação a função *latu senso* “horizontal” do limite: entendido como operador da configuração e compartimentação estadual-nacional no globo<sup>93</sup> (FORNARI, 2011, p. 42)

E ainda:

Fronteiras e limites não se configuram como simples linhas traçadas em um mapa, mas possuem o estatuto constitutivamente ambivalente de uma interface que atua nos processos de apropriação e partilha territorial e simbólica, reenviando por um lado à mais ampla questão da *instituição* de identidades (nacionais culturais, sociais) e por outro lado ao critério de regulamentação do pertencimento a uma ordem estatal ou nacional em base a uma exata codificação daquilo que vale como “interno” (inclusão) e como “externo” (exclusão)<sup>94</sup> (FORNARI, 2011, p. 43-44).

É exatamente nesta linha de intersecção entre dimensão material e simbólica (território e identidade) que se inserem os estudos pós-coloniais para tentar uma nova definição de categorias como fronteiras, mãe pátria e cultura nacional, do ponto de vista da diáspora. A primeira tarefa da leitura pós-colonial é, portanto, levar de volta a noção de nação (e tudo que dela deriva: nacionalismo e pátria, por exemplo) para

---

<sup>93</sup> *“Una parte della critica postcoloniale si concentra sulla funzione “verticalizzante” del limite, quale istanza di produzione e legittimazione della narrativa occidentale sulla “storia universale”, un’altra parte di essa assume invece come proprio fuoco di indagine la funzione latu sensu “orizzontale” del limite: inteso come operatore della configurazione e compartimentazione statale-nazionale del globo”* (tradução nossa).

<sup>94</sup> *“Confini e limiti non si configurano come semplici linee tracciate sulla carta geografica, ma posseggono lo statuto costitutivamente ambivalente di un’interfaccia che interviene nei processi di appropriazione e spartizione territoriale e simbolica, rinviando per un verso alla più vasta questione dell’istituzione di identità (nazionali, culturali, social) e per l’altro ai criterio di regolazione dell’appartenenza a un ordine statale o nazionale sulla base di una ben precisa codificazione di ciò che vale come ‘interno’ (inclusione) e come ‘esterno’ (esclusione)”* (tradução nossa).

seu centro e origem: a Europa Ocidental, já que entender a noção de nação é a base para tentar uma etnografia da contemporaneidade. A produção cultural da diáspora negra é, por exemplo, uma produção transnacional e transcultural: uma tradição não tradicional. A diáspora se põe como alternativa às noções de raça, nação e cultura tradicionais, pois estas são delimitadas num corpo finito, embora o nacionalismo diaspórico seja algo que foge da codificação do clássico nacionalismo europeu, pondo-se como alternativa translocal em oposição aos processos de territorialização das identidades culturais. A noção de diáspora foge da noção de identidade territorial, linguagem ou etnia comum e por isso reconfigura a noção de pertencimento, quebrando a ligação entre identidade e território.

Se pensarmos na definição de nação como uma afiliação textual e narrativa que nos é oferecida por Homi Bhabha (1997), chega-se ao limite de desqualificar a ideia de nação como força simbólica, já que segundo o autor indiano, primeiramente esta é uma estratégia narrativa. A partir do momento em que há uma constante ressignificação da noção de pertencimento (o plebiscito quotidiano do qual fala Ernest Renan<sup>95</sup>), chega-se a significar facilmente as “margens” desta nação e entender como, assim fazendo, Bhabha foca:

[...] a *cisão constitutiva* do sujeito nacional: cisão em virtude da qual o povo é tanto *objeto* de uma ‘pedagogia’ nacionalista que o leva continuamente de volta à unidade de um corpo social, seja *sujeito* de processos autônomos de significação e de contra-narrações que evocam e apagam continuamente as fronteiras totalizantes da nação<sup>96</sup> (FORNARI, 2011, p. 45-6).

A partir deste ponto de vista, a ideia de fronteira obrigatoriamente deve ser retematizada e relida, pois trata:

[...] *soleiras do sentido* que são continuamente atravessadas, apagadas, e traduzidas em processos de significação cultural e onde o efeito desta *significação incompleta* transforma as fronteiras em espaços “inter-médios” (*in-between*) nos quais são negociados os sentidos da autoridade política e cultural<sup>97</sup> (FORNARI, 2011, p. 46).

---

<sup>95</sup> Ernest Renan (1823-1892), filósofo político francês escreveu um ensaio em 1882 cujo título era “O que é uma nação” e a definição que ele nos oferece neste ensaio é: “a nação é um princípio espiritual que se expressa em um *plebiscito cotidiano*” (RENAN, 1987, p. 83).

<sup>96</sup> “*Scissione costitutiva del soggetto nazionale: scissione in virtù della quale il ‘popolo’ è sia oggetto di una ‘pedagogia’ nazionalista che lo riconduce costantemente all’unità di un corpo sociale, sia soggetto di autonomia processi di significazione e di contro-narrazioni che evocano e cancellano di continuo i confini totalizzanti della nazione*” (tradução nossa).

<sup>97</sup> “*Soglie di significato che vengono costantemente varcate, cancellate e tradotte nei processi di significazione culturale, là dove l’effetto di tale significazione incompleta è una trasformazione di confini e limiti in spazi inter-*

É assim que a fronteira deixa de ser algo que separa externamente e se torna algo que separa internamente, por exemplo, as minorias (migrantes, LGBT, minorias étnicas, entre outras) em relação à unidade do povo como nação (e estas minorias são sempre, segundo Bhabha, as responsáveis pela circulação da cultura, pois sempre precisam negociar sua existência mediando entre as fronteiras étnicas, culturais e raciais, por exemplo).

No momento exato em que se fundam os limites do espaço fronteiro seu significado passa de fronteira externa para delimitação interna, a diferença cultural não é problema de quem está fora, mas de quem está dentro e não se encaixa na narrativa unitária, estes são o oposto ao povo-como-unidade<sup>98</sup> (BHABHA, 1997, p. 484).

O problema posto por Bhabha é o mesmo que W.E.B. Du Bois enfrenta em sua obra, e que guiará seu entendimento de como são construídas as fronteiras étnico-raciais.

### 3.3.3 Outras fronteiras

A partir do momento em que se cria uma hierarquização de certos conceitos gerais, passa a existir uma verticalidade fronteira entre o que está no nível superior e inferior. Du Bois relata isto de maneira extremamente clarificadora quando nos explica a duplicidade (*two-ness*) do negro americano: “duas almas, dois pensamentos, duas lutas não conciliadas, dois ideais contrastantes em um corpo escuro”<sup>99</sup> (DU BOIS, 2010, p. 107), um ser humano dividido que carrega em si duas almas e que não deseja perder nenhum pedaço. Porém, é a partir desta duplicidade que ele se depara com um problema complexo:

[...] o negro que pretendia se tornar um homem de cultura estava mergulhado no paradoxo segundo o qual o saber que seu povo precisava era história já conhecida por seus vizinhos brancos, enquanto o saber que a ele ensinaria

---

*medi (in-between) nei quali e attraverso i quali sono negoziati i significati dell'autorità politica e culturale*” (tradução nossa).

<sup>98</sup> “Non appena la marginalità dello spazio-nazione è fondata, e la sua ‘differenza’ trasformata da confine esterno in delimitazione ‘interna’, la minaccia della differenza culturale non è più problema di un ‘altro’ popolo: diventa questione dell’alterità del popolo-come-unità” (tradução nossa).

<sup>99</sup> “Due anime, due pensieri, due lotte non conciliate, due ideali non contrastanti in un corpo scuro” (tradução nossa).

o mundo dos brancos era grego por sua carne e por seu sangue<sup>100</sup> (DU BOIS, 2010a, p. 107).

Pode-se entender a partir deste trecho como, segundo Du Bois, o negro, ao se tornar alguém que pretende ensinar algo, deve lidar com um público que já possui um saber. E o negro é obrigado a conhecer este saber para poder se encaixar no seu papel de intelectual ou artista. A ideia de beleza grega é um bom exemplo de como isso acontece: segundo Du Bois (2010), o negro não pode apresentar uma ideia de beleza africana, pois já está definido que o padrão de beleza é a grega. A partir desta definição, o público do artista negro não pode conseguir entender a beleza africana, pois esta destoa, muitas vezes, do ideal grego. Portanto, o saber que ele deve aprender para depois poder ensinar é o saber clássico grego. O próprio Sandro Mezzadra aborda esta temática ao citar Du Bois:

Definindo-se em 1940 “um dejetto” da Europa, *one of its rejected parts*, Du Bois traçava um balanço de uma experiência que já se arrastava havia mais de meio século, inaugurada com o descobrimento daquela que anteriormente eu mesmo defini como a anomalia do processo de construção da subjetividade negra em relação aos “padrões” da modernidade ocidental. “Além das fronteiras horizontais” de status e de classe que organizam a experiência social dos europeus e dos americanos brancos, (Du Bois) escrevia num texto juvenil que permaneceu inédito por muito tempo, “o afro-americano nasce em um mundo separado por uma rígida cesura vertical, que o divide em um hemisfério branco e em outro preto”<sup>101</sup> (MEZZADRA, 2013, p. 56).

Observa-se claramente como é criada esta separação, esta fronteira, para uma pessoa como Du Bois. A sociologia tradicional não percebeu esta cesura, esta divisão que para os negros acontece antes das outras fronteiras aparecerem. Como já visto, as fronteiras físicas são criadas e, mais importante, são indefinidas. As fronteiras étnico-raciais não poderiam ser diferentes. O próprio Du Bois relata suas tentativas de não ter contato com o mundo branco, por se considerar negro ao mesmo tempo

---

<sup>100</sup> “Il nero che aspirava a diventare un uomo di cultura era alle prese col paradosso che il sapere di cui la sua gente aveva bisogno era storia già nota per i suoi vicini bianchi, mentre il sapere che gli avrebbe insegnato il mondo dei bianchi era greco per la sua carne e per il suo sangue” (tradução nossa).

<sup>101</sup> “Definendosi nel 1940 «uno scarto» dell’Europa, *one of its rejected parts*, Du Bois tracciava un bilancio di un’esperienza già protrattasi per oltre mezzo secolo, inaugurata dalla scoperta di quella che ho in precedenza definito l’anomalia del processo di costituzione della soggettività nera rispetto agli “standard” della modernità occidentale. «Oltre ai confini orizzontali» di status e di classe che organizzano l’esperienza sociale degli europei e degli statunitensi bianchi, scriveva in un testo giovanile rimasto a lungo inedito, «l’afro-americano nasce in un mondo separato da un netto spacco verticale, che lo scinde in un emisfero bianco e in uno nero»” (tradução nossa).

em que era rechaçado no mundo negro por ele ser considerado mulato e ser originário do Norte dos Estados Unidos.

Principalmente os traços raciais não eram nem dados nem imutáveis. Especialmente no interior do grupo negro havia pessoas de todas as cores [...] minhas amizades e os próximos contatos que tive em Europa com pessoas brancas enfraqueceram minhas certezas. As eternas barreiras interraciais não me pareciam mais nem exclusivas nem rígidas<sup>102</sup> (DU BOIS, 2010, p. 299).

De qualquer maneira, segundo ele, apesar das inúmeras diferenças entre pessoas negras, o mundo está dividido em grupos primários que se separam devido a traços físicos e à ideia de afinidade cultural. E se trata de divisões que aparecem também na obra do psicanalista martinicano Frantz Fanon: em sua obra “Pele negra, mascaras brancas” (2008), há um trecho interessante sobre como se deu a criação de uma separação entre malgaxe e branco, a criação de uma fronteira racial entre dois grupos: “se ele é malgaxe, é porque o branco chegou, e se, em um dado momento da sua história, ele foi levado a se questionar se era ou não homem, é que lhe contestavam a sua humanidade” (FANON, 2008, p. 94). O negro (o malgaxe) só passa a se ver como negro no momento em que entra em contato com o branco e começa a sofrer por sua condição no momento em que a fronteira racial entre humano e não humano é construída pelo recém-chegado homem branco. Aí o malgaxe se vê obrigado a fazer de tudo para o branco o reconhecer como humano.

Este é em parte o que acontece também em outras fronteiras, nas fronteiras entre os gêneros há uma criação de uma separação vertical entre o que se situa ao nível alto da hierarquia e o que se situa abaixo. Quando uma fronteira é criada entre dois gêneros, há uma configuração vertical dos padrões de comportamento esperados.

Toda sociedade cria suas próprias configurações sexuais, define os limites e as fronteiras daquilo que pode ser considerado humano, respeitável e tolerável. Os padrões, assim definidos, assumem o parâmetro através do qual construímos nossas expectativas de normalidade, fundadas não em

---

<sup>102</sup> “Soprattutto i tratti razziali non erano né dati, né immutabili. Specialmente all’interno del gruppo negro c’erano persone di tutti i colori [...] le mie amicizie e gli stretti contatti avuti in Europa con persone bianche indebolirono le mie certezze. Le eterne barriere tra le razze non mi sembravano più né esclusive né rigide” (tradução nossa).

uma suposta naturalidade das características sexuais, quanto mais verossimilmente de sua aculturação<sup>103</sup> (RINALDI, 2015, p. 37).

Há uma configuração de conceitos e imagens nas fronteiras físicas que encontramos tanto nas fronteiras étnico-raciais como nas fronteiras de gênero: a noção de fronteira em si é ligada de modo indissociável às noções de conceito e imagem, construções sociais que nos ajudam a definir os padrões de comportamento certo ou errado. Há ainda momentos em que as fronteiras se cruzam, como relatado por Anzaldúa (1999 *apud* BIDA SECA, 2013):

Somos todas mulheres, portanto todas vocês estão incluídas e nós somos todas iguais. Aquela ideia foi que nós éramos *cultureless*, pois éramos feministas; nós não poderíamos ter outra cultura. Porém, elas (as feministas brancas) nunca deixaram em casa sua branquitude. Sua branquitude cobria tudo aquilo que diziam. Portanto elas me pediam para deixar meu lado *chicano* e me tornar parte delas; e eu não consegui deixar minha raça na entrada<sup>104</sup> (ANZALDUA, 1999 *apud* BIDA SECA, 2013).

Há aqui uma mistura de fronteiras que se sobrepõem e se cruzam, opõem e unem mundos distintos, separam e juntam pessoas. Conforme percebido, ao longo de todo o capítulo as fronteiras são indeterminadas e indetermináveis, cabendo a nós entender como as pessoas entendem, criam e interpretam as fronteiras que existem no mundo em que vivemos.

---

<sup>103</sup> “Ogni società crea le proprie configurazioni sessuali, definisce i limiti e i confini di ciò che è da considerarsi umano, rispettabile o tollerabile. Gli standard, così definiti, assumono il parametro attraverso il quale costruiamo le nostre aspettative di normalità, fondate non su una supposta naturalità delle caratteristiche sessuali, quanto più verossimilmente sulla loro culturalizzazione” (tradução nossa).

<sup>104</sup> “Tutte noi siamo donne, dunque tutte voi siete incluse e noi siamo tutte uguali. Quell’idea fu che noi eravamo *cultureless* perché eravamo femministe; noi non potevamo avere un’altra cultura. Però esse (le femministe bianche) non hanno mai lasciato a casa la loro bianchezza. La loro bianchezza copriva tutto quello che dicevano. Quindi esse mi chiedevano di lasciare la mia *chicaneness* e diventare parte di esse; e io sono stata incapace di lasciare la mia razza sulla porta” (tradução nossa).

## 4 CAPÍTULO 3: O DESENHO DA PESQUISA

*Há outros que são mais outros que os outros, os estrangeiros*<sup>105</sup>

### 4.1 A RELEVÂNCIA INTELLECTUAL DA PROBLEMÁTICA

A tese tem como objeto a análise da percepção de fronteira e da relação com os estrangeiros em um contexto fronteiriço. O estudo da relação com a fronteira e que valor esta última assume entre os jovens que compõem a população estudada, mas também a presença de relações com os estrangeiros mais ou menos orientadas à abertura, foi conduzido sob a égide da teoria sociológica sobre a fronteira e integrado pela literatura sobre a relação com os estrangeiros.

A sociologia da fronteira, apesar de ter uma articulação teórica bastante estruturada e um percurso histórico que remonta ao início do século passado, representa um setor da disciplina bastante negligenciado, pois, como já visto, os estudos sobre a fronteira sempre foram prerrogativa de outras áreas, como por exemplo a geografia. Apesar de ser uma temática que sempre interessou aos sociólogos, apenas recentemente – no final do século passado – observou-se um fortalecimento desta área. Talvez devido à preponderância da geografia nos estudos fronteiriços, os poucos estudos sociológicos focaram sua atenção, tradicionalmente, sobre as fronteiras físicas entre Estados ou regiões, ao invés de se ocupar, como aconteceu mais recentemente, da multiplicidade de outros tipos de fronteiras que nos rodeiam diariamente. Não acreditamos que exista uma exclusão mútua entre as duas visões, pelo contrário, pensamos na importância da integração dos estudos fronteiriços tradicionais com os estudos mais contemporâneos, a fim de entender melhor a complexidade do fenômeno “fronteira”.

A representação sociológica da fronteira enfatiza o caráter de ambivalência, de fluidez e de heterogeneidade desta última, com consequente dificuldade para oferecer uma definição que seja unanimemente aceita. A sua indeterminação é a característica que surgiu como a mais relevante ao seguirmos a teoria vista até o presente momento. Por este motivo, a pesquisa foi orientada a fim de poder confirmar empiricamente a validade desta hipótese: a fronteira é indeterminada. A proposta

---

<sup>105</sup> “There are others who are more others than others: the strangers”. BENKO, 1997, p. 25 (tradução nossa).

interpretativa que aqui é oferecida é que o tecido cognitivo da percepção da fronteira e da consequente percepção dos estrangeiros (daqueles que moram além-fronteira) não representa uma lista de ideias fragmentadas e desconectadas entre si, pelo contrário, representa um quadro com distintas dimensões e características interconectadas cuja natureza foi amplamente descrita na sociologia da fronteira pelos autores vistos até o presente momento.

Dentro desta relação entre percepção de fronteira e percepção dos estrangeiros se insere a experiência pessoal – e com isso a identidade – dos entrevistados como possível fator influente na relação entre a percepção de fronteira como indeterminada e na representação dos estrangeiros. Neste caso, a hipótese é que o frequentar de uma região de fronteira por parte de certas pessoas seja por sua vez influente na percepção desta como indeterminada, e desemboque em uma relação menos “agressiva” com os estrangeiros. Pelo contrário, o desconhecimento da fronteira levaria a uma percepção desta como mais rígida, fechada e a um sentimento mais negativo em relação aos estrangeiros. Em relação à percepção da fronteira, foram utilizadas as obras de Balibar sobre as suas características e Mezzadra sobre sua inclusão diferencial, enquanto para o segundo ponto, foram usadas as reflexões de Bauman sobre a sociedade pós-moderna, pensando em sua fragmentação que desemboca em um aumento da individualidade, somadas aos trabalhos da Margaret M. Wood, sobre as relações com os estrangeiros e o contexto de proveniência, a fim de tentar esclarecer como se estruturam as relações sociais nesta realidade fronteira.

#### **4.1.1 Étienne Balibar: a sobredeterminação da fronteira**

Como visto anteriormente, Étienne Balibar relata sobre fronteiras internas (BALIBAR, 2001), mas do que se trata exatamente? Para melhor entender as modalidades destas fronteiras internas o autor vai evocar três aspectos da equivocidade histórica das fronteiras: sua sobredeterminação (toda fronteira é determinada a partir de uma série de fatores, não apenas por um só motivo); sua polissemia (ou seja, o fato delas não existirem da mesma forma e nos mesmos lugares para indivíduos diferentes); e, sua heterogeneidade (o fato de existir mais funções de demarcação e de territorialização desempenhadas pelas fronteiras). Maiores informações são detalhadas a seguir:

- 1) Sobredeterminação: qualquer fronteira política nunca é exatamente a divisão simples entre dois Estados, mas sempre sobredeterminada por outras questões geopolíticas (se trata de um traço intrínseco às fronteiras, não contingente), isto porque as fronteiras têm a função de *configurar o mundo*, sem esta função não teriam sentido. O autor traz como exemplo o fato das fronteiras nacionais antigamente terem sido determinadas por alguns entes superiores (por exemplo, na época da guerra fria as fronteiras internas aos blocos eram totalmente diferentes das fronteiras entre os blocos);
- 2) *Polissemia* das fronteiras: estas não têm o mesmo sentido para todas as pessoas que as experimentam, dependendo de que lado são atravessadas, se quem a atravessa é homem de negócios ou um estudante ou um desempregado. Em comum, estas fronteiras possuem apenas o nome, mas em geral elas têm a função de oferecer a pessoas diferentes, diferentes experiências e de diferenciar uma pessoa da outra (isto relacionado a diferença de classe, mas também de origem nacional). Quem consegue oferecer diariamente um exemplo claríssimo disto são os Estados nacionais, por meio de sua dupla função, por um lado conseguem disfarçar a diferença entre cidadãos (todos os cidadãos são iguais perante a lei), e por outro conseguem segurar uma diferenciação de classe entre cidadãos mais ou menos “queridos”. Outro problema duplo que aparece está no conceito de circulação das pessoas, pois existe um duplo regime de circulação que não é mais de um país para outro, mas atravessa todas as sociedades internamente e transversalmente – enfraqueceu-se muitíssimo, por exemplo, a separação Norte vs Sul ou Centro vs Periferia, a *colour bar* é hoje algo transnacional. Tem-se, portanto, uma distinção. Para a pessoa rica que provem de um país rico, a fronteira nada mais é que uma mera formalidade, um detalhe que é preciso atravessar e que simboliza seu status. Já para o pobre de um país pobre, a fronteira é exatamente o oposto, é um obstáculo que precisa ser superado a altas custas e que retorna toda vez que o sujeito passa por alguma expulsão. É um lugar no qual se chega a *morar* (pensa-se no caso extremo do filme “O Terminal”), é uma espera de vida, que transforma as próprias pessoas em fronteiras;
- 3) Último ponto é a heterogeneidade e a ubiquidade das fronteiras: “algumas fronteiras não estão absolutamente situadas nas fronteiras [...], mas estão em

outros lugares, em qualquer lugar no qual se exerçam controles seletivos”<sup>106</sup> (BALIBAR, 2001, p. 211), sejam sanitários, por exemplo, ou de segurança. Se a fronteira foi definida como algo simples, esta simplicidade foi forçada pela necessidade de criá-la como instituição estadual, mas deve-se pensá-la como instituição extremamente antidemocrática, uma vez que limita, exclui e é usada para expulsar, por exemplo.

É fundamental neste momento repensar a visão de uma fronteira naturalizada como limite entre dois Estados independentes: esta percepção não chega a ser falsa, embora é demasiada simplista. Para poder construir nossas hipóteses, é importante pensar as fronteiras como sobredeterminadas, como algo que serve para subdividir nosso mundo e configurá-lo espacialmente, as fronteiras entre culturas e identidades devem ser interiorizadas e idealizadas, como já mencionado, e não poderiam ser assim se não fossem vistas como aquelas linhas que definem as concepções de mundo.

#### **4.1.2 Sandro Mezzadra e Brett Neilson: uma nova maneira de entender as fronteiras**

Conforme visto, segundo os autores italiano e australiano, é fundamental fazer emergir contradições e problemas dos estudos fronteiriços que permitam a elaboração de uma nova abordagem teórica à fronteira. Não se deve, portanto, repetir o mantra de muros e da segurança e, também, não se pode repetir o paradigma clássico que compara casos isolados e independentes, assumindo como claras as diferenças entre as situações analisadas. O que os dois autores fazem em sua proposta de trabalho, consiste em analisar a forma como se manifesta a relação entre os dois polos (fechamento e abertura), mostrando como às vezes esta relação se apresenta como uma verdadeira luta de fronteira. Eles sabem que existem diferenças radicais entre, por exemplo, as fronteiras da União Europeia e aquelas das regiões comerciais na China, mas não lhes interessa a mera comparação de casos de fronteiras.

---

<sup>106</sup> *“Alcune frontiere non sono assolutamente più situate alle frontiere, [...] ma sono altrove, dovunque si esercitano dei controlli selettivi”* (tradução nossa).

Mezzadra e Neilson pretendem entender as práticas que acontecem nas fronteiras (como estas se sobrepõem e entrelaçam, por exemplo), suas singularidades e traços em comum: buscam uma outra maneira de produção do conhecimento que necessita de traduções conceituais. A base intelectual na qual se inspiram é o Gramsci da “traducibilidade” de linguagens científicas e filosóficas, em suas reflexões construídas a partir da relação entre conceitos e alguma situação concreta específica. Assumir a fronteira como método significa tentar render produtiva esta relação, este atrito, seja do ponto de vista teórico, quanto para o fim da compreensão de diversas passagens de fronteira.

Nosso foco sobre as conexões e as desconexões, conceituais e materiais, deve, portanto, muito ao acurado trabalho dos etnógrafos, mas tenta dar um passo além em relação aos mais complexos estudos ‘multisituados’, que permanecem ligados à ética da ‘exequibilidade’ e ao imperativo de ‘estar lá’, ou seja aos marcos de garantia da prática etnográfica<sup>107</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2014, p. 26).

É preciso pensar nos fatores indiretos e não abertamente claros e presentes no momento da etnografia, pois além da presença *in loco* para entender o que está havendo nas relações sociais diretas, é necessário também perceber o trabalho dos “‘abstratos agentes terceiros’ como os cálculos logísticos, as ordens legais, as forças econômicas ou as narrativas humana”<sup>108</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2014, p. 26).

É fundamental em tudo isto construir as próprias observações e consequentes análises a partir dos entrelaçamentos entre observação etnográfica e análise política, pois como eles dizem:

[...] desta maneira buscamos ir além dos atuais debates ao redor das fronteiras, às migrações e ao trabalho, para enriquecer a literatura sobre o poder global e sobre a governança, sobre as mutações do capital e sobre a soberania, além de suas implicações para sujeitos e lutas através diversas configurações de espaço e de tempo<sup>109</sup> (MEZZADRA; NEILSON, 2014, p. 28).

---

<sup>107</sup> “La nostra focalizzazione sulle connessioni e sulle sconessioni, concettuali e materiali, deve dunque molto all’accurato lavoro degli etnologi, ma cerca di fare un passo in avanti anche rispetto ai più complessi studi ‘multisituati’, che rimangono legati all’etica della ‘fattibilità’ e all’imperativo dell’‘essere là’, ovvero ai marchi di garanzia della pratica etnografica” (tradução nossa).

<sup>108</sup> “Astratti agenti terzi’ quali i calcoli logistici, gli ordini legali, le forze economiche o le narrazioni umanitarie” (tradução nossa).

<sup>109</sup> “In questo modo, cerchiamo di andare oltre gli attuali dibattiti intorno ai confini, alle migrazioni e al lavoro, per arricchire la letteratura sul potere globale e sulla governance, sulle mutazioni del capitale e sulla sovranità, nonché sulle loro implicazioni per soggetti e lotte attraverso diverse configurazioni di spazio e tempo” (tradução nossa).

Escrever sobre lutas de fronteiras é, sempre segundo os autores, chamar a atenção sobre a produção de subjetividade política, produção esta que é fundamental entender para esclarecer como, hoje, a fronteira é cada vez mais um *borderscape*, uma paisagem de fronteira, um lugar dinâmico; não mais um lugar físico, mas um conjunto de práticas que se difundem e que precisam ser entendidas, conforme já mencionado:

[...] a ação social das fronteiras, em realidade, produz sempre específicas subjetividades; tais subjetividades, por sua vez, contribuem para remodelar essas mesmas fronteiras, e isto acontece muitas vezes de modo conflitual. Os conflitos são sempre, em sua essência, sinais de fronteiras, alertas da diferença e, mais especificamente, dificuldades de ultrapassar o impacto produzido pelo cruzamento das diferenças – sejam elas expressas em forma territorial ou supraterritorial<sup>110</sup> (CUTITTA, 2014, p. 167).

#### 4.1.3 Zygmunt Bauman: relações com os estrangeiros na sociedade líquida

*A comunidade é definida por suas fronteiras vigiadas de perto e não mais por seu conteúdo*<sup>111</sup>

No capítulo anterior relatou-se como as fronteiras são percebidas por Zygmunt Bauman. Agora, pretende-se aprofundar suas ideias acerca das relações que ocorrem entre os estrangeiros e os grupos estabelecidos em encontros casuais, ou seja, em eventos ocasionais como, por exemplo, os encontros em uma praça ou em algum lugar público. Encontros estes, que não pressupõem outros contatos, tanto no passado, como no futuro. Segundo o sociólogo polonês:

O encontro de estranhos é *um evento sem passado*. Frequentemente é também *um evento sem futuro* (o esperado é que não tenha futuro), uma história para “não ser continuada”, uma oportunidade única a ser consumida enquanto dure e no ato, sem adiamento e sem deixar questões inacabadas para outra ocasião (BAUMAN, 2001, p. 111).

---

<sup>110</sup> “L’azione sociale dei confini, in effetti, produce sempre specifiche soggettività; tali soggettività, a loro volta, contribuiscono a rimodellare quegli stessi confini, e ciò avviene spesso in via conflittuale. I conflitti sono sempre, in quanto tali, segnali di confine, spie della differenza e, più precisamente, della difficoltà di superare l’impatto prodotto dall’incrocio tra differenze – siano esse espresse in forma territoriale o sovraterritoriale” (tradução nossa).

<sup>111</sup> Bauman, 2001, p. 110.

Trata-se, basicamente, de um encontro que cria uma relação que termina no momento exato em que é criada: não há outra oportunidade de encontro e quase nenhuma possibilidade de uma sucessiva continuação do eventual diálogo que se estabelece naquele momento. A cidade é o lugar ideal para este tipo de relação. Sempre Bauman, porém citando Richard Sennet, refere que “uma cidade é um assentamento humano em que estranhos tem chance de se encontrar. Isto significa que estranhos tem chance de se encontrar em sua condição de estranhos” (BAUMAN, 2001, p. 111). A cidade, desde as primeiras análises sociológicas de Georg Simmel (2005), passando pelas obras literárias no estilo de Edgar Allan Poe (1993), é o lugar onde estranhos se encontram e onde estranhos são obrigados a se relacionar, querendo isto ou não, gostando disto ou não. Não há possibilidade de estar sozinho na cidade, trata-se do lugar onde se é obrigado a conviver juntos, conforme já visto no capítulo anterior: “viver na cidade é viver junto a estrangeiros”<sup>112</sup> (BAUMAN, 2005, p. 65). Além de estar rodeado por uma multidão de pessoas, esta multidão é feita de desconhecidos e às vezes de estrangeiros. Além disso, cada um é ele mesmo estrangeiro na própria cidade devido à incerteza da própria modernidade líquida.

Isto faz pensar que existem e são desenvolvidas estratégias de relacionamento (de sobrevivência, pode-se ousar referir) por parte dos moradores da cidade que servem para tecer estas relações temporárias. Quais são as estratégias que os moradores usam para se relacionar com os estrangeiros nesta condição? Sempre segundo Bauman, temos três possibilidades principais que se misturam a inúmeras outras atitudes individuais. A primeira estratégia é aquela mais tradicional que a sociologia reconhece: uma tentativa de assimilação que consiste, por parte dos autóctones, na redução quase total do caráter inesperado no comportamento do estrangeiro, conseguindo assim, reduzir ao mínimo a fronteira entre nós e os estrangeiros.

A segunda estratégia é uma novidade que Bauman introduz: o autor pensa quase em uma não percepção dos estrangeiros que desemboca naturalmente na quase invisibilidade destes últimos. Praticamente se dá uma ausência de sentido ao encontro com o estrangeiro. Esta ausência de sentido é diferente da ausência de contato, da ausência de relação, pois segundo o autor polonês, se trata de não dar

---

<sup>112</sup> “*Vivere in città significa vivere insieme, insieme con degli stranieri*” (tradução nossa).

sentido ao encontro interpessoal e chegar a tecer, assim, uma relação baseada na ausência de sentido atribuída ao contato.

A última estratégia é a criação de um nicho, de um espaço próprio do qual sair o mínimo possível e no qual deixar entrar o mínimo de pessoas:

[...] escavar um nicho, não há dúvida, implica acima de tudo separação *territorial*, o direito a um “espaço defensável” separado, espaço que precisa de defesa e é digno de defesa precisamente por ser separado – isto é, porque foi cercado de postos de fronteira que permitem a entrada apenas de pessoas “da mesma” identidade e impedem o acesso a quaisquer outros. Como o propósito da separação territorial é a homogeneidade do bairro, a “etnicidade” é mais adequada que qualquer outra “identidade” imaginada (BAUMAN, 2001, p. 124).

Na sociedade líquida, a identidade pessoal se sobrepõe à identidade coletiva, e se reduz, desta forma, à tensão que existe na luta entre *estabelecidos* e *outsiders*, abrindo espaço a estratégias de relações baseadas na tentativa de fuga da incerteza. Volta-se aqui à criação de nichos vista pouco antes, pois “a busca da segurança numa identidade comum e não em função de interesses compartilhados emerge como o modo mais sensato, eficaz e lucrativo de proceder” (BAUMAN, 2001, p. 124). Estas estratégias são, porém, permeáveis a outras formas de se relacionar com os estrangeiros. Podem existir contatos que levam às clássicas relações de hostilidade, derivadas de uma condição de instabilidade e incerteza que envolve a relação com o estrangeiro.

A representação do estrangeiro na sociedade pós-moderna ou líquida pode ser vista, portanto, da seguinte forma: visto que os traços sociais do estrangeiro se confundem e se misturam com os traços sociais do grupo estabelecido e visto, inclusive, que as próprias características do dia a dia nas grandes cidades (incerteza, precariedade, anonimato, solidão) misturam os estilos de vida dos moradores autóctones com os dos estrangeiros, pode-se chegar à conclusão que o estrangeiro não vive muito diferentemente de “nós, que aqui nascemos”. É fácil perceber isto ao pensar, por exemplo, na região de fronteira onde se desenvolve a presente pesquisa. Lá hoje, os *Outros* são dificilmente definíveis, assim como também a identidade de cada um dos residentes o é. Neste sentido, os estrangeiros partilham com os moradores apenas o *status* de ator social numa sociedade cada vez mais individualizada.

#### 4.1.4 Margaret Mary Wood: relações entre estrangeiros e grupos integrados

*Em todos os casos, é o estrangeiro que chega e é o grupo que o recebe. O grupo está [...] na sua casa*<sup>113</sup>

O encontro entre estranhos, entre estrangeiros e autóctones, por exemplo, tem como característica principal uma certa vaporosidade. Não existe um tema comum do qual partir – uma conversa sobre algum argumento caro a ambos, por exemplo – ou alguma lembrança que una os dois. Aparentemente não tem nada no qual se apoiar e que sirva como guia para o encontro, pois se trata quase sempre de encontros atemporais que, de qualquer forma, geram relações. Estas relações podem ser às vezes tensas e às vezes mais neutras, mas sempre surtem algum efeito em ambos os lados do diálogo. Estes efeitos dependem basicamente do tipo de reação que ocorre, principalmente, no grupo estabelecido, pois este tem o “controle” do lugar, enquanto o estrangeiro é o recém-chegado que deve se adequar ao conjunto de regras estabelecidas por quem é morador mais antigo.

A americana Margaret Mary Wood, que em 1934 publicou um ensaio intitulado *The stranger: a study in social relationship*, focou seus trabalhos sobre a temática das relações entre grupos integrados e estrangeiros. Segundo a autora, as relações sociais que os grupos integrados tecem com os estrangeiros variam não somente em base ao agir destes últimos, mas também em relação ao contexto e ao sistema de interações preexistente nos grupos com os quais o estrangeiro entra em contato. Disto deriva, claramente, que uma diferente socialização ou uma diferente organização social resultam em variadas e múltiplas relações sociais entre eles: o estrangeiro que chega em algum lugar não entra em um espaço social homogêneo e uniforme, mas deve agir em contextos distintos e predefinidos, por isso estes encontros geram relações multiformes conforme as demandas tanto dele como dos membros do grupo com o qual ele entra em contato.

O pertencimento a determinado grupo tende a ser um guia para que seus membros se relacionem com os recém-chegados: há um condicionamento por parte do grupo de pertencimento sobre o comportamento que cada membro deve seguir ao se aproximar de algum estrangeiro. Iniciando a leitura da relação a partir do grupo e,

---

<sup>113</sup> “In any events it is the stranger who comes and the group who receives. The group is (...) at home” (WOOD, 1934, p. 46) (tradução nossa).

portanto, do tipo de interações que este estabelece, é possível definir as características de cada interação grupo-estrangeiro. O sistema de interação inicial que os membros de um grupo têm com os estrangeiros depende de alguns fatores, como por exemplo: do tipo de integração social, do sistema de relações que regula a própria sociedade e das características do encontro e das personalidades dos indivíduos (WOOD, 1934).

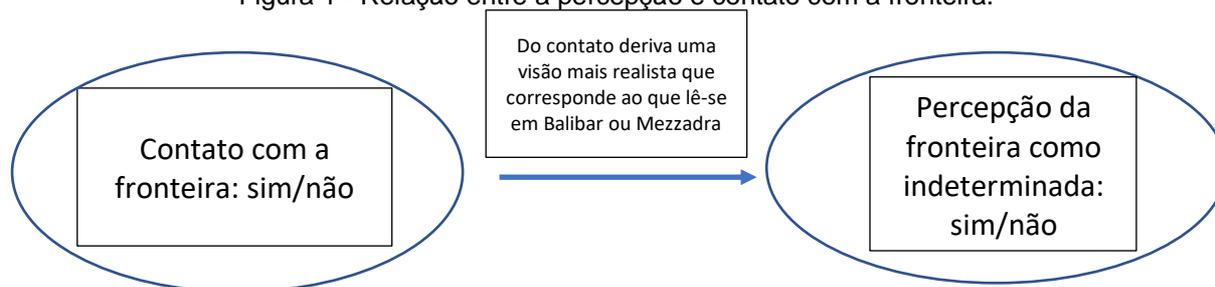
A autora usa estes fatores para entender as relações que se criam com os estrangeiros em determinadas situações específicas. No ambiente rural, por exemplo, a organização social está baseada principalmente nas relações familiares, coisa que gera um alto grau de integração social. Já nas pequenas cidades, prevalecem as relações interpessoais diretas de vizinhança, com um médio nível de integração social, enquanto nas grandes cidades estas relações são prevalentemente impessoais e, portanto, é reduzido o nível de integração social.

#### 4.2 A CONSTRUÇÃO DAS HIPÓTESES

A teoria sociológica vista até o momento desmistifica a ideia de uma visão fixa e rígida da fronteira, quando esta é entendida como separação entre dois mundos (seja quando se pensa em fronteira física, como ocorre entre dois Estados, seja quando se pensa em fronteiras percebidas, como as fronteiras de gênero). Vimos ao longo do capítulo anterior como existem várias dimensões conceituais que constituem o sutil enredo de um percurso de pensamento que nos leva a entender como a fronteira é, na realidade, algo extremamente indeterminado, e que indeterminada é também a relação que as pessoas têm com ela. Por causa disso, considerou-se importante analisar como as percepções das fronteiras podem ser influenciadas por vários fatores concomitantes que levam as pessoas a terem ou não esta leitura, de uma fronteira como indeterminada ou não: basicamente trata-se do entendimento de que quem conhece a fronteira tem uma visão mais “real” desta em comparação àqueles que não a conhece.

Ao tentar esquematizar esta hipótese principal em um modelo, pode-se entender mais facilmente como se dá a influência da variável “contato com a fronteira” em relação à percepção desta (Figura 1):

Figura 1 - Relação entre a percepção e contato com a fronteira.



Fonte: o autor.

O contato com a fronteira será a variável principal e, conforme abordado adiante, tem-se uma população extremamente heterogênea em relação a ela, garantindo uma boa variação de respostas. Já a variável dependente, neste caso específico, é a percepção da fronteira: supõe-se aqui que haja um nexos quase causal entre o contato frequente com a fronteira e a percepção da sua indeterminação. A pesquisa orientou-se, portanto, a submeter ao controle empírico a validade desta hipótese de trabalho, que opera uma integração entre a sociologia contemporânea sobre a fronteira e a percepção desta por parte da nossa população, equilibrando-se entre a observação empírica e a teoria sociológica mais geral.

Além disso, percebeu-se que a sociologia da fronteira traz uma visão importante também sobre a representação social do estrangeiro – ou, de qualquer maneira, daquele que vem (ou que ainda está) além da divisão, da separação – e de como esta percepção/representação se transforma em modelos e estratégias de relação e de percepção entre grupos estabelecidos e *outsiders*. Entender estes modelos e submetê-los ao controle empírico foi um dos desafios deste trabalho.

Como hipóteses secundárias pretende-se, portanto, entender se o contato com a fronteira pode ou não influenciar a percepção que as pessoas têm dos estrangeiros (sabendo desde o começo que não há como quantificar esta influência) e, percebendo a existência desta, se é possível deduzir que aqueles que não conhecem a fronteira e têm apenas uma percepção devida a relatos externos ou a contatos casuais com os estrangeiros apresentam maior propensão a perceber estes estrangeiros como perigosos/incômodos.

A presente área de pesquisa ainda é uma realidade predominantemente rural, portanto, retomando o texto de Wood (1934), visto previamente, pode-se pensar que há um comportamento padronizado por parte daqueles respondentes que passaram por este tipo de socialização, pois no contexto rural, tradicionalmente ligado a relações principalmente familiares, regidas por valores tradicionais e estáticos

típicos das pequenas comunidades, o encontro com o estrangeiro costuma ser casual, gerar curiosidade (WOOD, 1934), mas ao mesmo tempo, deixar pouco impacto no sistema de relações sociais dentro do qual o estrangeiro assume, quando muito, o papel de hóspede.

Já em uma metrópole, as relações são mais anônimas e cada indivíduo se torna, assim, mais aberto a relações interpessoais com os estrangeiros, pois “os habitantes da cidade são tão estrangeiros uns para os outros como os novos chegados o são para eles”<sup>114</sup> (WOOD, 1934, p. 230). Basicamente, pode-se entender na cidade que todo residente é um potencial estrangeiro e, devido também a isso, qualquer pessoa de fora seja menos “desconhecida” e próxima à realidade dos membros do grupo integrado. Assim sendo, os moradores das cidades parecem tender a ser mais abertos aos estrangeiros do que os moradores das áreas rurais.

A presença de contextos de socialização diferenciados na população pesquisada permitiu focar o observado pela autora americana, ou seja, em que medida a relação com os estrangeiros depende de contextos comunitários distintos. Esta segunda hipótese é esquematizada na Figura 2.

Pensando especificamente na população desta pesquisa, pode-se supor que as estratégias que Bauman cita pensando na vida na metrópole não se configuram exatamente conforme ele pensa. Seria mais interessante, talvez, pensar como mais possíveis de serem encontradas as relações que Wood descreve como sendo aplicadas a pequenas cidades e ambientes rurais.

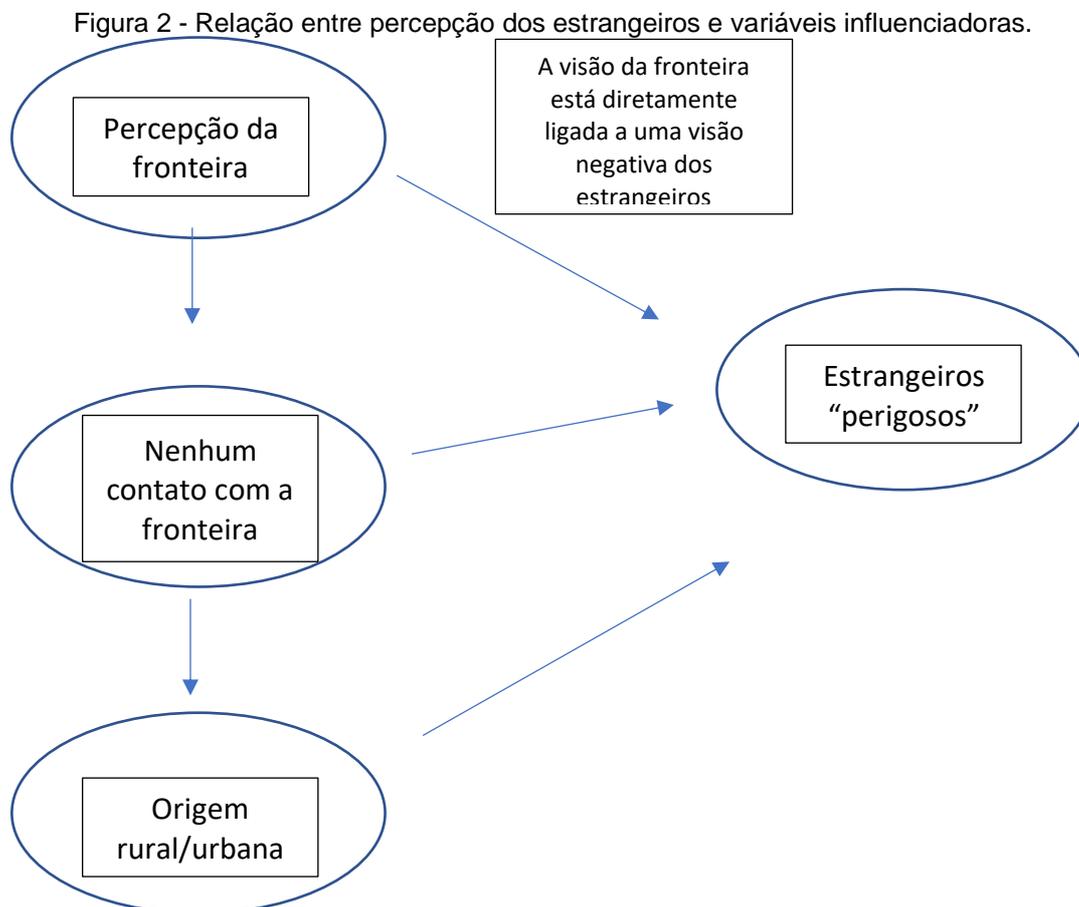
#### 4.3 A ESCOLHA DA POPULAÇÃO

Do ponto de vista da análise sociológica e das problemáticas postas pela convivência civil, a importância do tema escolhido se torna extremamente interessante devido a sua conexão com os fenômenos de mudanças sociais impulsionados pela migração de grandes massas de pessoas e com as questões fronteiriças que vieram à tona, e também devido a estes acontecimentos nos últimos tempos, inclusive no Brasil. A escolha do tema e da população alvo desta pesquisa entra exatamente nesta direção, pois para analisar o tema da percepção de fronteira foram escolhidos alunos de graduação do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus

---

<sup>114</sup> *“In the city, on the other hand, everyone outside the city-dweller’s own relatively small circle of friends and acquaintances is a stranger to him”* (tradução nossa).

Cáceres Prof. Olegário Baldo. Para fins de coleta de dados, foi construído um questionário que foi aplicado no campus e sucessivamente feitas entrevistas em grupos focais com os alunos desta instituição. Mas, qual foi o motivo desta escolha?



Fonte: o autor.

#### 4.3.1 O IFMT

O Campus de Cáceres do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT) faz parte da rede federal de educação. Originariamente Escola Agrotécnica Federal, foi transformado em campus do IFMT em 2008<sup>115</sup>. Esta instituição, conforme exposto em sua página oficial, é:

[...] uma instituição de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino. Vinculada ao Ministério da Educação, (que) possui natureza jurídica de autarquia, com autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar.

<sup>115</sup> Lei nº. 11.892, de 29 de dezembro de 2008.

O IFMT tem no Estado de Mato Grosso a sua área de atuação geográfica, conta com 14 campi em funcionamento (Alta Floresta, Barra do Garças, Cáceres, Campo Novo do Parecis, Confresa, Cuiabá – Octayde Jorge da Silva, Cuiabá – Bela Vista, Juína, Pontes e Lacerda, Primavera do Leste, Rondonópolis, São Vicente, Sorriso e Várzea Grande). Possui ainda cinco campi avançados, nos municípios de Diamantino, Lucas do Rio verde, Tangará da Serra, Sinop e Guarantã do Norte.

Atualmente, possui aproximadamente 25 mil alunos, nos mais de 100 cursos distribuídos nos níveis: Superior (bacharelado, licenciatura e tecnologias), Pós-graduação (especializações e mestrados), Técnico (com ensino médio integrado, subsequente, concomitante e Proeja), Educação a Distância (UAB e Profucionário), além de cursos de curta duração, como FIC (Formação Inicial e Continuada).<sup>116</sup>

Especificamente, o campus - que se encontra pouco fora da cidade, no chamado Distrito Industrial - tem uma relação estreitíssima com a região Oeste de Mato Grosso, cidade da qual Cáceres é polo:

Com forte vocação de formação agrícola, a instituição, desde a sua fundação, esteve voltada para demandas da realidade regional com foco na sustentabilidade ambiental e social das comunidades envolvidas.

Para responder demandas das áreas de agricultura familiar e agropecuária a instituição realiza em seu espaço físico diversas atividades de experimentação nestas áreas e suas tecnologias, como produção em Avicultura, Suinocultura, Piscicultura, Animais Silvestres, Apicultura, Bovinocultura de Leite e de Corte, Forragicultura, Equinocultura, Olericultura, Culturas Anuais e Fruticultura. Além destas áreas de produção, a escola oferece formação tecnológica em Desenvolvimento de Sistemas e Informática e cursos superiores em Tecnologia em Biocombustíveis e Engenharia Florestal.

Hoje o IFMT Campus Cáceres desenvolve educação tecnológica e profissionalizante em diversos níveis de formação desde a educação básica fundamental, com os cursos de Formação Inicial e Continuada FIC - voltado para a formação de jovens e adultos das séries iniciais, a cursos técnicos com formação integrada ao ensino médio, pós-médio e graduação.<sup>117</sup>

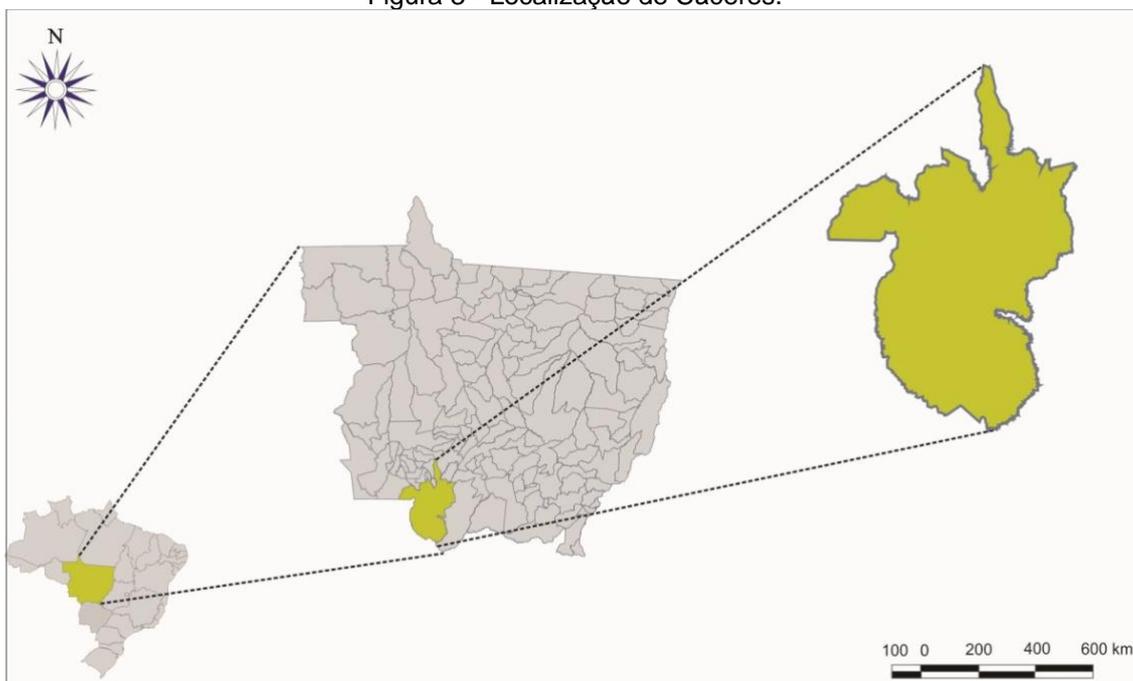
#### **4.3.2 Fronteira, mas não muito. Urbano, mas rural também**

Fundada em 1778 na beira do Rio Paraguai, na então capitania de Mato Grosso, Cáceres é um município de quase 90 mil habitantes, situado no Oeste do Estado de Mato Grosso.

<sup>116</sup> Disponível em: <http://ifmt.edu.br/conteudo/pagina/apresentacao-e-historico>. Acesso em: 21 jun 2019.

<sup>117</sup> Disponível em: <http://cas.ifmt.edu.br/conteudo/pagina/perfil-vocacao-e-areas-de-atuacao-do-campus-caceres>. Acesso em: 21 jun 2019.

Figura 3 - Localização de Cáceres.



Fonte: Silva e Almeida (2014).

Localizado a cerca de 200 km da capital do Estado (Cuiabá), à qual é ligada pela BR 070, que começa em Brasília e termina justamente no distrito da Corixa, em Cáceres, uma das características mais interessantes do ponto de vista desta pesquisa é sua relativa proximidade com a fronteira boliviana. Para alcançar este distrito nomeado acima, é necessário percorrer cerca de 90 km de estrada asfaltada (em boas condições), como pode-se observar nas imagens seguintes (Figuras 4 e 5).

Figura 4 - Mapa da BR 070.



Fonte: vBulletin (2014).

Figura 5 - Início da estrada partindo de Cáceres até a fronteira com a Bolívia.



Fonte: vBulletin (2014).

Além desta estrada asfaltada à fronteira entre Brasil e Bolívia no Oeste de Mato Grosso, existem várias outras estradas de menor importância (sem asfalto, porém transitáveis, dependendo da estação do ano e do meio de transporte utilizado), além de oferecer passagem entre várias fazendas e propriedades agrícolas ao longo da fronteira seca.

### 4.3.3 Municípios limítrofes

A cidade de Cáceres é polo (econômico e educacional) de outros municípios do Oeste Mato-grossense: Porto Esperidião, Vila Bela da Santíssima Trindade e Pontes e Lacerda, que são municípios fronteiriços, enquanto Jauru, Araputanga, São José dos Quatro Marcos, entre outros, são alguns dos municípios relativamente próximos à fronteira. A maioria dos alunos do campus Cáceres do IFMT que não são da cidade vem de um destes municípios. Além disso, todos os municípios citados têm uma pequena cidade como referência, e uma zona rural importante: fato este que acaba gerando experiências distintas para estes alunos, dependendo do município e da região de origem.

Se trata de uma questão interessante para testar as hipóteses vistas na obra de M. M. Wood (1934)<sup>118</sup>, segundo a qual há um distinto sistema de relações

<sup>118</sup> No contexto rural, tradicionalmente mais ligado a relações familiares o encontro com os estrangeiros se dá de forma casual; acontece, mas tende a deixar poucos traços no sistema de relações. Já nas pequenas cidades, onde temos um sistema de relações sociais mais diferenciado (as relações intrafamiliares são substituídas por relações de vizinhanças mais anônimas) existe, de qualquer forma, um contexto social pouco propício às

instaurado com os estrangeiros (e com a fronteira) em contextos rurais, de pequenas cidades e de grandes cidades. Isto pode levar, na presente pesquisa, a perceber se a relação com a fronteira (como lugar de vinda dos estrangeiros) possa variar em relação aos distintos contextos de origem.

#### **4.3.4 O IFMT Cáceres e sua relação com a fronteira**

O IFMT em Cáceres existe há quase quatro décadas e, nestes quarenta anos de trabalho, viu-se muitos bolivianos, ou brasileiros moradores da fronteira, entre seus estudantes. Especificamente, em 2017 houve em um projeto de intercâmbio com uma instituição parceira da cidade de San Matias (Bolívia): uma turma inteira de alunos bolivianos (quarenta pessoas) frequentou as aulas no campus de Cáceres do IFMT durante um ano (os alunos frequentavam os cursos uma semana por mês). Ao pensar no fato do IFMT estar situado fora da cidade e que os alunos que estudam em tempo integral têm direito ao almoço gratuito no refeitório do campus, pode-se seriamente pensar que durante este tempo os alunos de graduação tiveram contatos não casuais com os alunos bolivianos, pelo menos no horário de almoço (que como sabemos costuma ser estendido em qualquer instituição pública de estudo, devido à fila que se forma para a entrada no refeitório, sendo nestas filas também que os alunos socializam entre si). Também leva-se em consideração que podem ter acontecido outros contatos mais profundos, já que muitos professores dos cursos de graduação ministravam aulas para o referido curso e que existem vários espaços em comum que os alunos utilizam (biblioteca, centro de convivência, entre outros).

#### **4.3.5 Importância do contexto socio-ambiental da pesquisa**

Embora já antecipado, mas cabe ressaltar, a importância da localização do contexto socio-ambiental no qual se desenvolve a pesquisa. Cáceres se situa, como já mencionado, a menos de 100 km da fronteira, sendo uma cidade polo para a inteira região Oeste de Mato Grosso, mas não apenas para o lado brasileiro, já que a cidade

---

mudanças, em geral mais conservador. Há um contato talvez maior com o estrangeiro, mas em uma situação de pouca abertura para a mudança que acaba gerando mais dificuldades para este se “enturmar”. Já nas cidades o sistema de relações é mais anônimo, e segundo a Wood, cada um representa uma pessoa livre de escolher suas relações sociais “nestes contatos casuais os moradores da cidade são tão estrangeiros um com o outro quanto os novos moradores que chegam o são com eles” (p. 230, tradução nossa).

de San Matias (que é o polo do lado oposto da fronteira) tem como referência nacional a cidade de San Ignacio de Velasco, cidade que fica a mais de 300 km de distância ligada por uma estrada sem asfalto, que fica impraticável na estação de chuva e que, mesmo em época de seca, necessita de uma viagem de 7 horas de carro (ou ônibus) para ser alcançada. Isto faz com que a população de San Matias possua como referência a cidade brasileira de Cáceres. Para entender esta relação, basta pensar, por exemplo, no atendimento médico: existem diariamente muitos bolivianos encaminhados por seus médicos na Bolívia para este lado da fronteira para serem atendidos no hospital regional de Cáceres. Ainda, lembra-se que Cáceres possui um consulado boliviano, mesmo não tendo uma população de migrantes muito elevada (segundo dados do consulado em 2018, haviam 241 bolivianos residentes em Cáceres, que tem quase 100.000 habitantes, representando assim apenas 0,25% da população). Isto faz com que a cidade brasileira tenha, apesar da relativa distância da fronteira, um contato frequente com pessoas que vêm do “outro lado”, mesmo não se tratando de moradores permanentes ou pessoas que habitualmente frequentam a cidade (como por exemplo, os taxistas bolivianos que diariamente levam pessoas de um lado para outro da fronteira).

#### **4.3.6 Importância da escola como ambiente homogêneo**

É muito interessante analisar jovens inseridos num ambiente escolar integrado e homogêneo como requisito para poder avaliar as distintas opiniões e percepções em relação à fronteira, uma vez que estas são frutos de determinantes sociais externos a este ambiente. A experiência com a fronteira, como é facilmente entendível, é externa ao ambiente escolar, fazendo com que os entrevistados tragam experiências pessoais de fora do ambiente escolar. Este, entre outros, foi o motivo da escolha do IFMT, pois se trata de um contexto de socialização homogêneo, onde as diferenças de opinião sobre o tema pesquisado tem origem provavelmente de outras determinações sociais.

#### **4.3.7 A escolha da população/amostra**

Escolheu-se como população de estudo a totalidade dos alunos de graduação do IFMT, campus Cáceres, permitindo ao mesmo tempo fazer um levantamento

específico das características sociais e diferenciado no seu interior, com mais um requisito que é a homogeneidade do percurso de formação dos entrevistados. Graças a isto, pôde-se perceber mais facilmente suas diferenças devido a experiências externas e determinação social. Sucessivamente, para as entrevistas em grupos focais, foi feito inicialmente um convite a todos os alunos, sendo selecionados aqueles (poucos) que se colocaram à disposição para participar e, depois, foram divididos em dois grupos (contato com a fronteira sim/não), para formar dois grupos focais.

#### **4.3.8 Motivo da escolha de jovens estudantes**

Algumas pesquisas efetuadas ao longo dos últimos anos, em relação ao comportamento geracional, podem nos ajudar a entender a opção tomada. Estas,<sup>119</sup> referem que os jovens da atual geração universitária são menos apegados às fronteiras e aos limites entre países (NIELSEN COMPANY, 2016), podendo compreender um componente para a percepção da fronteira como indeterminada, embora não acredita-se que seja algo tão fundamental quanto o conhecimento da fronteira em si.

É interessante perceber como as distintas agências de socialização e a prática de visita à fronteira tendem a contribuir para uma postura relacional em comparação à fronteira. Como já mencionado anteriormente, a escola, em geral, é um lugar importante para este tipo de pesquisa, pois é nela que se tem contatos não casuais com estrangeiros e, portanto, aquelas condições ideais para que se realize o contato, a interação e o confronto entre *outsiders* e *insiders*, fundamentais para uma tentativa de compreensão (MERTON, 1972).

A escola se configura, portanto, como o lugar ideal que permite a convivência entre autóctones e estrangeiros, e numa realidade fronteiriça como a cidade de Cáceres e, sobretudo no campus do IFMT, onde houveram inúmeros encontros não casuais entre brasileiros e bolivianos (conforme relatado previamente). Este contato pode levar facilmente a considerações e ponderações sobre a fronteira (tendo visitado ela ou não).

---

<sup>119</sup> Nielsen Company (2016).

#### 4.4 O MODELO DE ANÁLISE

O percurso de construção do modelo explicativo para nossas hipóteses passou por várias etapas. Inicialmente, foram efetuadas algumas entrevistas exploratórias a fim de entender se, e como, seria possível confirmar as suposições criadas. As entrevistas exploratórias são fundamentais para qualquer pesquisa pois são elas que indicam se o rumo escolhido poderia ou não dar bons frutos. Obviamente, não podem servir de confirmação para as hipóteses, pois são apenas uma indicação de que se está no caminho certo. As entrevistas foram analisadas e, após isto, teve início a construção do questionário e sua aplicação; parte que tomou tempo considerável da pesquisa (mais adiante todo este percurso será detalhado). Finalmente, foram formados os grupos focais (dois), que serviram para esclarecer alguns pontos que permaneceram levemente obscuros durante a leitura dos dados coletados. Acredita-se que a complementação de entrevistas exploratórias, questionários e grupos focais forneceu uma base empiricamente importante para validar as hipóteses apresentadas.

##### **4.4.1 Entrevistas exploratórias: construir um questionário partindo dos dados**

Conforme já mencionado, antes de iniciar a construção do questionário, foram efetuadas várias<sup>120</sup> entrevistas exploratórias. Foram entrevistados alunos e ex-alunos, funcionários e ex-funcionários do campus de Cáceres do IFMT. Nenhum componente da população-alvo da pesquisa foi entrevistado neste momento, com intuito de evitar que o tema fosse de seu conhecimento no momento da aplicação do questionário. A escolha dos respondentes a estas primeiras entrevistas, dentro da realidade pesquisada, foi totalmente aleatória. Todos foram contatados pessoalmente, sendo que a lista inicial dos possíveis alvos era bem maior, porém as entrevistas tiveram que ser baseadas sobretudo na disponibilidade destas pessoas. Com alguns, o contato inicial partiu dos pesquisadores, enquanto com outros foi

---

<sup>120</sup> Contamos com a gravação de 15 entrevistas totais, sendo que uma foi perdida – o arquivo ficou corrompido – enquanto outra foi uma entrevista em grupo com três pessoas que não foi analisada aqui, por não trazer um conteúdo interessante para nosso objetivo. Assim, serão apresentadas aqui 13 entrevistas. Todos os entrevistados são ou foram moradores de Cáceres e todos têm ou tiveram uma relação com o campus do IFMT. Alguns conhecem bem a fronteira, outros nunca estiveram lá.

aplicada a técnica “bola de neve”, garantindo que outras pessoas ficassem disponíveis a prestar entrevista. Salienta-se novamente que foram feitas bem mais tentativas para chegar neste número de entrevistados, porém, como é de conhecimento, há sempre uma dificuldade em convencer as pessoas a conversar sobre qualquer assunto mediante a presença de um gravador.

Em linhas gerais, as entrevistas foram marcadas por meio de um primeiro contato telefônico, dando sequência ao agendamento do dia e horário do encontro. Infelizmente, nem sempre foi possível agendar estes momentos em lugares calmos e fechados, onde os entrevistados pudessem ficar totalmente à vontade e com exclusividade para a entrevista. As entrevistas foram realizadas na saída da faculdade, em restaurantes, shoppings, sujeitos a interrupções. No entanto, na maioria das ocasiões as entrevistas foram conduzidas em ambientes adequados, em casa, em uma sala, sem interferência de outras pessoas ou interrupções.

As entrevistas exploratórias foram fundamentais para entender os caminhos a serem trilhados para a construção não apenas do questionário, mas para a tese como um todo. A maioria das pessoas entrevistadas estava dispostas a conversar, de relatar, estavam interessadas, pois o interesse em uma pesquisa não é apenas do pesquisador: o entrevistado também mostra isto, tem vontade de relatar histórias, de relatar momentos e de oferecer sua opinião acerca daquilo sobre o qual é chamado a discorrer. Por isso, entender o cotidiano do entrevistado, sua relação com a fronteira e sua lógica de ação foram ações fundamentais para aproveitar ao máximo estas primeiras entrevistas exploratórias. Mais importante ainda, é conceber como a partir de pequenas histórias de cotidiano, relatos de acontecimentos, o próprio dia a dia dos entrevistados, seja possível – assim como ensinado por clássicos autores como William Foote White, com seu *Sociedade de esquina*, entre outros tantos – entender uma estrutura social, ou seja, como partindo do micro se pode obter uma perspectiva sobre a realidade social.

É fundamental ainda entender, para poder aproveitar ao máximo as entrevistas que foram efetuadas, que certas experiências que nos foram relatadas, muitas vezes, são o foco da análise e o objetivo das perguntas. Ou seja, é importante passar a perceber como as pessoas chegam à criação daquelas percepções, daquelas respostas, que se tornam regras ou rotinas, que são a normalidade – na visão dos entrevistados – e que vão além das normas dominantes sobre o argumento da entrevista.

#### 4.4.2 Quem foram os entrevistados

As entrevistas em linha geral não foram muito longas, durando em torno de quinze minutos, e o tema foi diretamente ligado à nossa pesquisa. A pergunta inicial foi sobre a percepção que estas pessoas tinham da fronteira, ou seja, quando as pessoas escutavam a palavra “fronteira”, o que era a primeira coisa que vinha em sua mente. Em geral, as repostas eram acerca da fronteira física, sendo que as pessoas conheciam ou não a região da Corixa (como já mencionado, região onde se situa a fronteira Brasil-Bolívia em Cáceres), tendo como ponto de partida esta divisa específica. Após uma conversa sobre a fronteira física, em geral, se passava às questões sobre as outras fronteiras (de gênero e étnico-raciais). Todos deram sua opinião e estas foram extremamente uteis para entender o rumo que deveria tomar o questionário que construímos e aplicamos.

Serão apresentados agora os entrevistados, ora pela interpretação do pesquisador, ora pela fala do próprio respondente.

##### 4.4.2.1 Entrevistada 1: 36 anos, professora

A entrevistada 1 é professora no campus Cáceres do IFMT, natural de Cuiabá, residindo em Cáceres desde 2015. A entrevistada já foi até a fronteira em Corixa, mesmo que apenas uma vez, tendo sido esta uma experiência traumática. De qualquer forma, a professora conhece outra fronteira (Brasil-Paraguai em Ponta Porã – MS), e nesta, as experiências foram diferentes. Por ter família morando nesta cidade do Mato Grosso do Sul, e ter o hábito frequente de visita-los no passado, tem um conhecimento um pouco maior e pode relatar algumas experiências. Pelo que percebeu na fronteira que mais conhece, há muita permeabilidade e isto leva a acreditar que ou a experiência em Cáceres foi uma exceção – ou mesmo um dia de falta de sorte – ou, e este é um ponto extremamente interessante para nossa pesquisa, a conformação da fronteira muda a estratégia que a polícia tem de lidar com ela: em Ponta Porã, a fronteira está em uma avenida que divide a cidade brasileira da paraguaia Pedro Juan Caballeiro, enquanto na Corixa, está no meio do nada, praticamente no campo.

Ao longo da entrevista pôde-se perceber como ela entende tanto as fronteiras físicas, como também as fronteiras de gênero e étnico raciais, como construídas: “de certa forma elas (as outras fronteiras) legitimam estereótipos. Uma pessoa negra ou de repente de alguma etnia indígena, talvez não tenha o mesmo tratamento de uma pessoa branca” (Fala da entrevistada 1, diário de campo, 9 de maio 2019).

Tanto as fronteiras físicas como as outras fronteiras são, segundo ela, construções sociais que mudam dependendo de quem são as pessoas que as atravessam, mas também dependendo de quem é a pessoa que se põe como interlocutor (por exemplo, o policial de fronteira).

#### 4.4.2.2 Entrevistada 2: 19 anos, estudante

Acadêmica de direito em uma universidade particular de Cáceres e ex-aluna do IFMT, nascida e crescida em Poconé (MT), reside em Cáceres desde 2016. Conhece bem a fronteira física pois já esteve tanto na Corixa como em Ponta Porã – MS (que conhece melhor por ter parentes lá). Pela entrevista realizada, pôde-se perceber como ela não vê fronteira como algo que interrompe, mas quase como um pequeno acidente em um *continuum*: “eu não vejo tanta diferença entre os dois lados. Existe [...] eu não vejo um muro que você não pode passar” (fala da entrevistada 2, diário de campo, 9 de maio de 2019). Ainda, questionada sobre a possível permeabilidade e seletividade da fronteira:

[...] a fronteira é permeável? Nem todas [...] existe fronteira, fronteira física, igual o caso de migrantes, não é que podem entrar livremente, eles precisam passar por uma série de coisas para entrar no país [...] por exemplo, lá nos EUA os mexicanos precisam passar por critérios para entrar nos EUA, aqui não é tão rígido porque aqui a gente vai e vem (entrevistada 2, diário de campo, 9 de maio de 2019).

Aparentemente, a mesma percepção que pode-se encontrar em Balibar e em Mezzadra, junto a uma visão frequente em outras entrevistas que percebem as fronteiras brasileiras e a política migratória do País como relapsa e pouco rígida. A entrevistada tem um histórico de militância em relação às questões de gênero desde o curso dela no ensino médio, portanto, foi interessante perguntar sobre as outras fronteiras que podem aparecer no nosso dia a dia. É interessante perceber como para estas a sua visão é mais rígida que para a fronteira física, falando sobre as fronteiras de gênero, ela diz que “a gente acaba dividindo grupos e nesta divisão cria-se uma

fronteira, cria-se um algo que eu não posso passar, não posso permear” (entrevistada 2, diário de campo, 9 de maio de 2019). Também, apresenta uma visão das fronteiras de gênero que lembra a inclusão diferencial que vista anteriormente: “a fronteira é fechada, mas para algumas pessoas, com certa dificuldade abre certas brechas. E também: “eu imagino uma rede, a fronteira é uma rede que deixa passar alguns peixes, no caso é o peixe maior” (entrevistada 2, diário de campo, 9 de maio de 2019).

#### 4.4.2.3 Entrevistado 3: 21 anos, estudante

Aluno de engenharia na UFMT, atualmente morando em Cuiabá, ex-aluno do IFMT Cáceres, nasceu e foi criado na zona rural do município de Cáceres. Nunca chegou a cruzar a fronteira, mas conhece a Corixa do lado brasileiro, pois na região há vários assentamentos, comunidades e fazendas. Conhece bem – melhor seria dizer conhecia, pois perdeu contato com estas pessoas quando se mudou para estudar – pessoas que cruzam normalmente a fronteira para comprar roupa e revender na cidade. Portanto, os relatos que ele pode nos oferecer são indiretos, baseados em comentários de pessoas que costumam levar mercadorias para o Brasil. Pode-se perceber na sua ideia de fronteira uma percepção de extrema liberdade de passagem para as pessoas: “o pessoal sempre fala que não tem como ter controle suficiente ali porque não tem gente suficiente para poder cuidar da fronteira” (entrevistado 3, diário de campo, 22 de maio de 2019). Ao mesmo tempo em que ele percebe a fronteira física como extremamente aberta para as pessoas, ele a vê muito fechada para mercadorias, pois como já mencionado, teve muito contato não com a fronteira diretamente, mas com pessoas que iam e voltavam facilmente. Estas pessoas, muito provavelmente devem ter passado por problemas na hora de transportar mercadoria, ou talvez até tiveram sua mercadoria retida.

Em relação às outras fronteiras (gênero ou étnico raciais), o acadêmico tem uma visão mais clara, pois estas fazem parte do seu dia a dia:

Se um cara em uma assembleia [...] eu passei por isso no próprio [...] eu tava como secretário do centro acadêmico na UFMT, teve uma greve [...] quando tipo um homem tá falando, para outro homem, baixa um pouco mais a bola, fala mais calmo porque outro cara pode ser agressivo ou também não gostar do que tá falando [...] que eu presenciei isso, a gente tava na assembleia, chegou um cara lá, ele detonou a menina, chegou outro cara lá com a mesma ideia que a menina, ele [...] de boa (entrevistado 3, diário de campo, 22 de maio de 2019).

Um das fronteiras e divisões presentes e bem explicitas sobre as quais ele poderia nos passar bastante informações. Infelizmente, por falta de tempo do próprio entrevistado, não se pôde aprofundar mais essa questão, levando ao encerramento pouco depois desta fala.

#### 4.4.2.4 Entrevistado 4: 21 anos, estudante

Aluno de engenharia na UFMT, atualmente morando em Cuiabá, tendo sido aluno do IFMT Cáceres por três anos. Amigo do entrevistado 3, foi criado em uma cidade do Oeste mato-grossense próxima a Cáceres (não fronteiriça), conhecendo um pouco a fronteira. Esteve em San Matias em duas ocasiões, sendo a primeira vez com sua família e a segunda em uma viagem organizada especificamente para fazer compras. A entrevista não transcorreu tão bem em relação à fronteira como havia-se planejado, pois ele focou muito no papel do poder público em coibir a passagem das pessoas. No entanto, foi extremamente interessante pois ao relatar suas duas viagens, percebeu e nos apresentou claramente a função diferencial da fronteira – que, conforme diz Balibar, não é a mesma para todos. A primeira vez que passou por lá, junto a seus pais, achou o controle superficial:

Quando eu fui com meu pai e com a minha mãe, com carro próprio [...] eu não achei rígida, achei superficial, eles não olharam o carro, olharam apenas o que estava na sacola de compras, então, sei lá, poderia muito bem ter passado droga no estepe ou em outro canto do carro e teria entrado. Agora quando eu já fui com esse pessoal fazer uma compra maior que tinha mais gente, se foi em um ônibus, eu achei até um pouco mais eficiente, pois entraram no ônibus, olharam de baixo, abriram sacola por sacola, apertavam para ver se havia algumas coisas, certo? Então fiquei com estes dois lados (entrevistado 4, diário de campo, 22 de maio 2019).

A diferença de tratamento que o acadêmico recebeu nas duas situações foi claramente uma prova da inclusão diferencial. Quando foi de carro particular, em família, o tratamento ocorreu de determinada forma, já quando foi com o ônibus, percebeu exatamente o oposto: um controle mais eficiente, um tratamento diferenciado, mais rígido:

A fronteira não é a mesma para todo mundo [...] um tratamento diferenciado, porque quando você vai com carro próprio, você vê que vai uma família tradicional cê entrou tranquilo, quando você vai em um ônibus meio de excursão... não sei se usei a palavra certa... [...] cria uma suspeita, então o tratamento é diferente. (entrevistado 4, diário de campo, 22 de maio 2019).

#### 4.4.2.5 Entrevistado 5: 21 anos, estudante

Aluno de direito na UFMT, atualmente morando em Cuiabá, foi criado na região do Nordeste mato-grossense (Canabrava do Norte, uma cidade com pouco mais de quatro mil habitantes a 1.200 km de Cuiabá). Mudou-se para Cáceres aos 14 anos para cursar o curso técnico de informática integrado ao ensino médio no IFMT. Residiu na moradia estudantil do campus por três anos e meio até se formar e mudar para a capital. É amigo dos entrevistados 3 e 4, com os quais dividia o alojamento no campus. Nestes anos em Cáceres, foi para San Matias, conhecendo, portanto, um pouco a fronteira na Corixa. O acadêmico relata a clara e aparente diferença entre os dois lados, sendo o lado brasileiro mais organizado e fechado e o lado boliviano mais solto e relaxado. O interessante é ver como para ele as fronteiras de gênero ou as fronteiras étnico-raciais são socialmente construídas, enquanto a fronteira física, por ser estabelecida por um Estado, é mais “natural”:

[...] (a fronteira étnico-racial) é uma construção social que depende da sociedade [...] basicamente, porque assim, eu sei que a gente precisa, que tem essa coisa do patriotismo, entendeu, a gente tem que delimitar limites do que é nosso e do que não, tanto para aplicar a nossa legislação em tudo. Já na fronteira entre raças, como já falei, depende, não é uma coisa estabelecida (entrevistado 5, diário de campo, 22 de maio 2019).

#### 4.4.2.6 Entrevistado 6: 43 anos, servidor público

O entrevistado é servidor do IFMT, morador de Cuiabá, residindo durante oito anos em Cáceres antes de voltar novamente para Cuiabá, onde hoje vive. Antes de se mudar para a cidade fronteiriça, era motorista de van/ônibus e costumava levar as pessoas em viagens organizadas da capital para fazer compras além fronteira. Depois que passou a morar em Cáceres, aprofundou mais ainda o conhecimento da fronteira. “Depois que comecei a morar passei a conhecer mais ainda, porque eu conhecia só como um viajante, depois comecei a conhecer como um morador” (entrevistado 6, diário de campo, 22 de maio 2019). É interessante perceber como, apesar da distância e da fronteira, as duas cidades de San Matias e de Cáceres estão tão próximas ao ponto de alguém que mora em Cáceres se definir morador da região. Não se trata, porém, de um sentimento compartilhado pela totalidade da população. A distância ainda é um impedimento muito grande e também “tem muita gente que

evita ir naquela fronteira fazer um comercio melhor com a Bolívia com medo do tráfico, com medo do roubo de veículos” (entrevistado 6, diário de campo, 22 de maio 2019). O medo do desconhecido afasta alguns moradores que, como será observado em outras entrevistas, não querem se aproximar dela nem para uma visita rápida. Mesmo entre os que conhecem bem a fronteira, há sempre um certo medo, uma certa desconfiança, como o próprio entrevistado relata: “eu já fui várias vezes, mas a primeira vez não fui com meu carro, a primeira vez eu fui muito receoso, fui o medroso, né? Parei em Cáceres, fui de van né? Mas depois que passei a conhecer melhor comecei a ir com meu carro” (entrevistado 6, diário de campo, 22 de maio 2019).

A experiência de ir várias vezes a San Matias lhe permitiu criar uma subdivisão dos visitantes da fronteira em três tipos ideais, que ele relata:

Temos três tipos de visitantes: nós temos o visitante medroso, que para em Cáceres deixa o carro e vai de van, temos o visitante meio medroso que vai ate a fronteira e pega um taxi pra lá e deixa o carro do lado brasileiro e temos o visitante corajoso que já conhece a fronteira, que era meu caso, que já conhecia eu já tinha algum contato lá na Bolívia, né, assim com pessoas de comercio, falou - oh se passar algum problema a gente conhece a policia boliviana - então eu já ia com meu carro até a Bolívia, passeava com meu carro, rodava tudo e voltava, mas não é uma coisa fácil para quem vai a primeira vez, quem vai a primeira vez realmente tem seu receio (entrevistado 6, diário de campo, 22 de maio 2019).

Conforme relatado, foi importante frequentar a fronteira para perceber tanto a ausência de perigo, bem como que há um laço forte entre os dois lados, confirmando assim a hipótese vista em Mezzadra e Neilson, que a fronteira na verdade mais une do que separa:

Passei a fazer novas amizades (em San Matias), inclusive na hora que eu ia lá eu falava para o pessoal: olha eu não sou mais um turista, agora eu moro em Cáceres, na hora que vocês forem a Cáceres [...] na hora que vocês precisarem de apoio, assim como eu estou aqui e posso precisar me procurem. Trocamos telefone trocamos e-mail então começamos a criar um certo laço de amizade para um ajudar ao outro né [...] (entrevistado 6, diário de campo, 22 de maio 2019).

E ainda: “quem convive sempre na fronteira, ela provoca união: eu te ajudo você me ajuda porque você tem problema lá e cá. Quem não convive na fronteira e é visitante é outra história, é outra fronteira, entendeu? Tem duas nuances bem distintas” (entrevistado 6, diário de campo, 22 de maio 2019).

Em um determinado momento da entrevista, foi perguntado sobre a fronteira e o controle policial, para saber como funciona, do seu ponto de vista, a presença do

Estado na região fronteiriça de Cáceres e a resposta corroborou exatamente o esperado:

Essa parte da polícia, eu senti assim, digamos, é uma coisa digamos, no bom português né, para inglês ver, porque a Bolívia ela é fronteira seca com o Brasil, não há um rio que divide. Um rio ele não... não é um impedimento, mas ele é um agravante de impedimento [...] então assim, por ser fronteira seca quem quer ir para a Bolívia legalmente passa pela aquela aduana legalmente, quem não quer... tem trocentas cabriteiras então aquela polícia tá ali pra inglês ver (entrevistado 6, diário de campo, 22 de maio 2019).

Já em relação às fronteiras de gênero ou étnico-raciais, o servidor não tem o mesmo ponto de vista. A visão destas outras fronteiras é de uma separação mais rígida e com bem menos possibilidades de aproximações. Aqui podemos ver como o conhecimento da fronteira física não influencia diretamente a percepção das outras fronteiras, que por sua vez são construídas a partir de muitos outros fatores.

#### 4.4.2.7 Entrevistado 7: 29 anos, autônomo

Entrevistado é formado em ciência da computação pela Unemat de Cáceres. No momento, está esperando ser chamado para um concurso e por isso trabalha vendendo produtos eletrônicos e efetuando pequenos consertos em computadores. Morou em Cáceres por três vezes ao longo da sua vida: a primeira vez, com um ano de idade, seguindo a mãe que havia passado em um concurso para professora. Após isso, sempre seguindo a mãe, se muda por alguns anos e retorna novamente a Cáceres como estudante universitário em 2010. Após se formar, saiu da cidade e retornou mais uma vez em 2013 para dar aula como professor substituto até 2014, ano em que seu contrato acabou, retornando para Cuiabá, onde atualmente mora. Nunca foi até a fronteira, mas conhece várias pessoas que foram para lá. Ao ser questionado sobre o que imagina ser a fronteira, dado que não a conhece pessoalmente, diz:

Imagino um lugar de muita tensão porque o exército ali tá presente e a função do exército ali não é meramente controlar o trânsito, é controlar o tráfico que é muito forte na região. Então tenho um pouco de medo isto é uma das coisas pelas quais eu adiei muitas vezes eu ir lá eee... o aspecto negativo é muito negativo em função de uma violência que é real, de um tráfico que é internacional [...] estar num país que não me transmite segurança pra mim é um receio (entrevistado 7, diário de campo, 24 de maio 2019).

Ao longo da entrevista pôde-se perceber que se confirmou sua visão da fronteira como um espaço perigoso e fechado. Além disso, na sua visão, a divisa funciona da mesma maneira com todos aqueles que vão passar em condições regulares por ela, sendo assim, não haveria a inclusão diferencial da qual Mezzadra refere. Para entender melhor o seu ponto de vista, é realizada uma pergunta imaginando uma situação hipotética, em que uma pessoa rica e uma pessoa pobre atravessam a mesma fronteira, ambos com a documentação regular:

Se ele tá legalizado, ele pode claro você pode ter um medo se for a sua primeira vez, como qualquer viagem, mas se ele tá com os documentos na mão ele vai tranquilo porque ele vai de cabeça erguida [...] se ele é uma pessoa de bem, de caráter, ele não vê aquilo como um importuno [...] então para mim neste caso eu não vejo isto como uma discriminação, porque se a pessoa tá ciente que ela fez tudo correto, a fronteira funciona da mesma forma para todo mundo (entrevistado 7, diário de campo, 24 de maio 2019).

Sobre as outras fronteiras pesquisadas, ele pensa que estas são construídas conforme situações determinadas e específicas, tanto em termos de gênero como étnico-raciais.

Existe um preconceito? Existe, mas porque nós temos a maior parte da população negra que é população pobre, quando você pega um negro rico ele mora no mesmo condomínio do que o juiz do que o empresário ele vai nos mesmos restaurantes, ele é tão bem tratado quanto (entrevistado 7, diário de campo, 24 de maio 2019).

Apesar de concordar que há fronteiras étnico-raciais, o entrevistado vê estas últimas apenas como relacionadas à questão econômica, não à questão racial: o preconceito existe apenas contra os pobres, segundo ele o fato é que a maioria da população pobre no Brasil é negra, por isso o preconceito de classe se confunde com o preconceito racial.

#### 4.4.2.8 Entrevistada 8: 38 anos, jornalista

Paraibana, moradora de Cáceres há 19 anos, conhece razoavelmente a fronteira, estando lá em ocasiões oficiais a trabalho e também para compras e turismo.

O ponto de maior atenção durante suas visitas foi a diferença percebida no tratamento que se dá à “direção” na fronteira: quem vai do Brasil para a Bolívia é controlado de uma forma distinta em comparação a quem vai da Bolívia para o Brasil. É “muito mais assim, como se quem vem de lá nos oferecesse perigo e a gente é que vai pra lá não oferecesse perigo nenhum. Eu achei que essa coisa do controle é para quem vem da Bolívia, não para quem vai” (entrevistada 8, diário de campo, 28 de maio 2019). Aparentemente, a inclusão diferencial aqui se dá dependendo da direção em que se entra ou se sai.

A entrevistada tem uma percepção clara da fronteira como um construto social:

As pessoas estabelecem isso aqui, isso aqui é o limite ou em uma outra percepção, ó aqui é onde se interage, dois povos, duas... diferentes realidades eee, mas quando na verdade, se a gente olhar de verdade, é um povo só, ou são muitos povos dentro desse território aqui da fronteira (entrevistada 8, diário de campo, 28 de maio 2019).

A percepção de uma única realidade com uma linha no meio que pretende separar dois mundos é presente em toda a entrevista, inclusive quando relata sobre a questão do atendimento médico oferecido aos bolivianos no Hospital Regional de Cáceres. Nisto, ela confirma os dados que recolhemos no nosso questionário, de que os cacerenses em média estão de acordo com o atendimento a bolivianos e o motivo pode ser realmente aquilo apontado na entrevista:

Por exemplo, quando vejo o entendimento, vamos dizer da assistência à saúde, eee... esses dias alguém estava me dizendo assim eee... a gente atende os bolivianos, e a gente não deveria atender os bolivianos porque eee... na verdade é outro Estado, é outra responsabilidade, só que... quem são os bolivianos? São os irmãos, os primos, os... de quem tá aqui, como que se dividem essas famílias, quem está do lado de cá e quem está do lado de lá. Então este limite estabelecido pelos Estados é o que separa, mas eu creio que não há... não há ...nas relações culturais, nas inter-relações do povo daqui de verdade não há esta separação (entrevistada 8, diário de campo, 28 de maio 2019).

A conversa se direcionou depois sobre formas de resistência experimentadas por mulheres fronteiriças, que ela conheceu graças ao trabalho ao longo destes anos e, infelizmente, teve que ser interrompida por um compromisso urgente, não sendo possível retomar em um segundo momento.

#### 4.4.2.9 Entrevistado 9: 36 anos, engenheiro agrônomo

O Entrevistado 9 nasceu no Espírito Santo. Ainda criança, se mudou para Rondônia, onde morou por muitos anos. Agora, mora em Cáceres já há alguns anos e conhece relativamente a fronteira. Não tem um conhecimento muito aprofundado, mas já esteve do lado de lá várias vezes. Ao ser levado a pensar sobre as fronteiras em geral, o engenheiro pensa em um lugar de grande passagem de pessoas, ou seja, uma fronteira aberta que não é uma barreira. Ao mudar para outras fronteiras, e pensar por exemplo nas fronteiras internas que existem em um ambiente de trabalho, ele passa a pensar em barreiras. Ao falar sobre outras fronteiras ainda (como as de gênero e étnico-raciais, por exemplo), o entrevistado admite a sua existência, a separação que elas criam na nossa sociedade, mas ao mesmo tempo percebe uma atuação muito forte do poder público para atenuar estas fronteiras e as separações que a sociedade de qualquer forma cria e reforça.

Pela sua experiência com a fronteira física na Corixa, pôde relatar a sua percepção de um lugar permeável, bem tranquilo, que em certos momentos do ano perde esta permeabilidade por causa do crime (a causa principal que gera um controle maior por parte da polícia). No entanto, tem certeza que ao sair de Cáceres, da fronteira com a Bolívia (caracterizada por um grande fluxo de tráfico de drogas), em sua opinião, a fronteira se tornaria um lugar mais fácil de atravessar, mais amigável. Ele explica esta sua visão ao apresentar como característica principal da fronteira um controle brando e amigável, mas o problema da sua insegurança e do seu aparente maior fechamento se dá por causa do tráfico de drogas e do crime em geral.

Ainda segundo o engenheiro, há uma diferença entre os dois lados da fronteira. Mesmo que não houvesse a fronteira física, haveria uma diferenciação entre os dois povos. Mas a fronteira tem a função de impedir este maior contato: “a fronteira mantém a separação, se não houvesse, os povos se misturariam facilmente” (entrevistado 9, diário de campo, 28 de maio 2019).

#### 4.4.2.10 Entrevistada 10: 26 anos, intérprete de libras

A entrevistada 10 nasceu em Cáceres, trabalha no IFMT desta cidade e nunca foi até a fronteira, só a conhecendo por relatos de terceiros. Ao ser questionada sobre o que possa ser uma fronteira, a sua resposta mais imediata é uma separação – todas as fronteiras são limites além dos quais não se pode ir – mas esta separação não é rígida, ela oscila muito; “é confuso ainda o meu imaginário com relação à fronteira, não sei até onde é cada município brasileiro da Bolívia, mas assim a impressão, a interpretação que eu faço com relação ao discurso que tem aqui é um ambiente perigoso, um espaço assim que passa todo tipo de pessoa, que corre-se um risco” (entrevistada 10, diário de campo, 28 de maio 2019). A fronteira no seu imaginário é um lugar aberto, onde se pode encontrar todo tipo de pessoa; existe uma fiscalização por parte da autoridade, mas não é boa, não é bem feita e é por isso, portanto, que ela tem medo e receio de ir até lá.

Questionada sobre as possíveis diferenças ou semelhanças que existem entre os dois lados da fronteira, ou entre bolivianos e brasileiros, a intérprete diz que em prática essa diferença não existe. O que existe é uma diferença apenas linguística, pelo resto são extremamente parecidos “tanto é que eles (os bolivianos) convivem bem com os brasileiros, né? A gente percebe que têm alguns deles aqui nos camelôs da [...] da cidade e eles se relacionam bem com os brasileiros. Você não vê conflito, né?” (entrevistada 10, diário de campo, 28 de maio 2019).

#### 4.4.2.11 Entrevistada 11: 24 anos, servidora pública

Nascida e criada em Cáceres, mora lá e nunca foi até a fronteira. Fronteira esta que em sua visão é uma divisão entre dois países que é “muitas vezes um ambiente tenso, pelo fato de toda a burocracia em relação à documentação para você entrar em outro país ou entrar em determinado país” (entrevistada 11, diário de campo, 28 de maio 2019). A percepção que ela tem sobre as fronteiras físicas é que a de Cáceres é tranquila, mas com certeza em outros lugares fronteiriços a situação não seria assim, pois na sua opinião Cáceres é uma exceção. A fronteira em si é um lugar de conflito, mas isto não acontece na Corixa, pois segundo ela, naquele lugar específico a fronteira é muito fácil de atravessar – até demais – porque, sempre segundo ela, bolivianos e brasileiros não tem grandes diferenças entre si, há diferenças culturais sim, entre os dois lados, mas não chegam a gerar conflito.

#### 4.4.2.12 Entrevistado 12: 44 anos, veterinário

O entrevistado 12 é paulista, mora em Cáceres há muitos anos, é veterinário e por causa do seu trabalho conhece bem tanto as fazendas da região fronteiriça bem como a cidade de San Matias e a própria fronteira.

Ao pensar em fronteira, a primeira coisa que vem em seu pensamento é divisão, mas pensando no caso específico de Cáceres a palavra que melhor define a fronteira é problema, pois “você tem quinhentos quilômetros sem controle e lá (Corixa) é um dos poucos lugares onde você tem as coisas contabilizadas, vistoriadas” (entrevistado 12, diário de campo, 28 de maio 2019).

Quanto à diferença entre os dois lados, o veterinário concorda que existem, mas são muito pequenas (basicamente relacionadas à culinária) e que o que parece é que existe um povo – inclusive ele diz que fisicamente os habitantes dos dois lados são iguais – que foi dividido por uma fronteira e que esta fronteira parece ter criado costumes diferentes em uma população que aparentemente não se diferencia tanto, nisto lembrando as pesquisas fronteiriças de F. Barth, mencionada anteriormente.

De qualquer maneira, ele vê a fronteira como um lugar aberto à passagem, sendo que a única coisa que poderia fazer os policiais parar alguém é o jeito de se aproximar do posto policial (nisto ele lembra o relato de Entrevistado 6, observado anteriormente): “quem tem costume de atravessar passa fácil, quem não tem, para, pergunta e aí é mais fácil ele ser revistado, parado, controlado” (entrevistado 12, diário de campo, 28 de maio 2019).

#### 4.4.2.13 Entrevistado 13: 43 anos, escritor

O entrevistado 13 é professor de inglês e escritor de contos infantis. Morador de Cáceres há dois anos, natural de Umuarama no Paraná, morou muitos anos em Rondônia, sempre em região fronteiriça. Conhece bem a fronteira entre o Brasil e a Bolívia tanto em Rondônia como em Cáceres. Esteve, inclusive, inúmeras vezes em San Matias devido a um projeto escolar.

Fronteiras para ele são limites, divisões, e falando especificamente da fronteira em Cáceres, ele a utiliza para oferecer uma noção mais geral pois a define como “uma fronteira ideológica porque assim, na verdade ela não existe ela está ali demarcada ideologicamente: daqui pra cá é meu, daqui pra lá é teu e ponto. Não tem

uma linha uma separação, uma cerca [...] e as pessoas aceitam essa fronteira e demarcam nesse sentido” (entrevistado 13, diário de campo, 28 de maio 2019).

A fronteira, em sua opinião não é rígida: “não é totalmente solta, mas também não é totalmente rígida, se não as pessoas não passavam, entendeu? Ela tem uma demarcação de respeito, mas assim [...] mas ela é maleável” (entrevistado 13, diário de campo, 28 de maio 2019), se trata de um espaço híbrido mais ou menos fácil de passar, dependendo da situação ou da pessoa: “algumas mais fáceis outras mais difíceis [...] cruzar a fronteira de um país para outro é uma coisa relativamente fácil [...] cruzar as fronteiras entre as pessoas é mais difícil” (entrevistado 13, diário de campo, 28 de maio 2019), ou seja, atravessar uma fronteira, seja ela física seja de outro tipo depende muito de quem o está fazendo, mas ele tem consciência que tanto as fronteiras de gênero, como as étnico-raciais são mais difíceis de passar pois se vai encontro a um pensamento construído e cristalizado, sendo esse muito difícil de passar.

Para finalizar a entrevistas, foi comentado sobre costumes e cultura, respondendo que “é nessa faixa de fronteira que tem os maiores intercâmbios né? Linguísticos, culturais porque as culturas, elas se mesclam, por isso que falei que ela não é exatamente rígida porque assim, vem um pouquinho da saltenha para o Brasil, vai um pouquinho pra lá [...]” (entrevistado 13, diário de campo, 28 de maio 2019). Ou seja, segundo ele, a fronteira em si não separa os costumes, não é a fronteira que cria as diferenças, sustenta ele que os costumes aparecem independentemente das fronteiras.

#### **4.4.3 A confirmação inicial das hipóteses**

A partir destas entrevistas exploratórias direcionou-se a pesquisa para a confirmação das hipóteses levantadas (e também para o descarte de algumas ideias que não se confirmaram). A princípio, todas as expectativas foram satisfeitas, pois as pessoas entrevistadas responderam, em linha geral, conforme o esperado: aqueles que conheciam a fronteira forneceram uma leitura mais próxima do nosso embasamento teórico e também da realidade conhecida; aqueles que não conheciam a fronteira ofereceram uma imagem que não foge do que estávamos esperando e que, às vezes, era o exato oposto da realidade conhecida.

Em linhas gerais quem conhece a fronteira percebe a sua indeterminação e a sua permeabilidade diferenciada muito claramente. Além disso, houve confirmação daquilo que foi estudado em relação às relações interfronteiriças: a fronteira mais une as pessoas do que as separa, criam-se vínculos tão fortes entre aqueles que moram ao redor destas “separações”, que transformam estas linhas divisórias em linhas de união.

Do lado oposto do *continuum* desta linha de pensamento, há aqueles que não conhecem muito a fronteira e vêm focando em aspectos desta que podem sim existir, mas mais como exceções que como regras: o medo e a ideia de um lugar inacessível, impossível de atravessar e que realmente separa dois mundos como uma barreira impermeável.

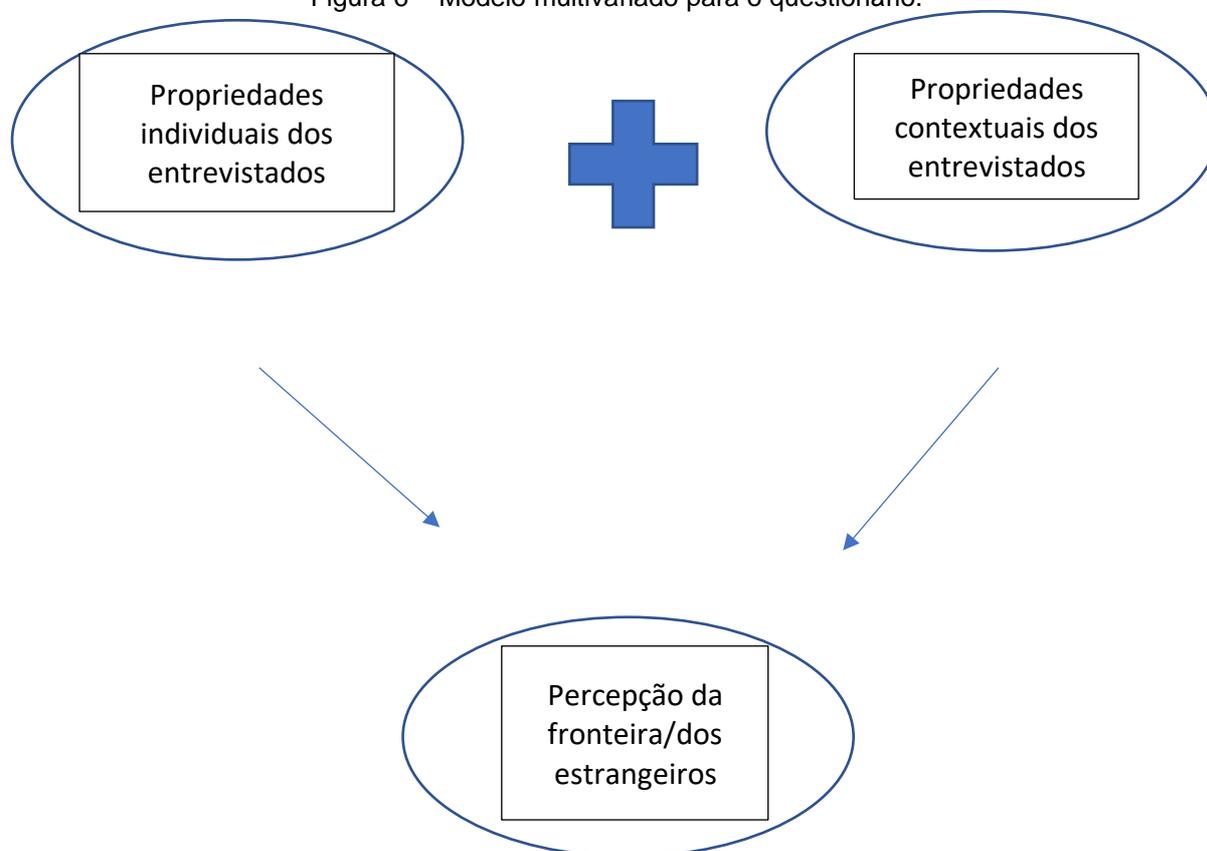
Confirmadas as hipóteses nas entrevistas exploratórias, foi construído um questionário para submetê-las a um teste mais rigoroso e com uma maior população de referência – o questionário que foi criado e aplicado envolveu a totalidade dos alunos de cursos superiores de uma instituição federal de ensino – dando mais fôlego para a possível confirmação das ideias levantadas (informações detalhadas são fornecidas a seguir).

#### **4.4.4 A construção do questionário**

O percurso teórico visto ao longo do segundo capítulo foi fundamental para a construção do questionário, pois o levantamento inicial sobre a sociologia clássica da fronteira permitiu criar uma ideia geral sobre como enfrentar o tema, bem como reavaliar certas ideias que haviam se cristalizado em nossas mentes. Além disso, preparou os pesquisadores a melhor enfrentar os *border studies*, cronologicamente mais próximos de nós. Estes últimos, foram as colunas teóricas que sustentaram a construção do questionário e permitiram uma reflexão sobre a fronteira desde novos pontos de vista que não foram tomados em consideração antes. Especificamente, Étienne Balibar, Sandro Mezzadra e Brett Neilson foram os três autores que mais inspiraram as perguntas realizadas. Não por acaso a operacionalização do questionário se baseia quase totalmente em suas ideias. Zygmunt Bauman foi também um ponto forte na construção das perguntas, porém, decidiu-se usar em maior peso a leitura que ele faz da relação autóctone-estrangeiro – embasada especificamente para este questionário, da obra da Margaret Mary Wood – para poder

confirmar uma segunda hipótese levantada. Graças a estes autores foi construído um questionário (Apêndices A e B) utilizando basicamente o seguinte modelo (Figura 6):

Figura 6 – Modelo multivariado para o questionário.



Fonte: o autor.

O questionário foi assim dividido em duas partes: a primeira, contendo as perguntas para levantar as variáveis independentes que servem para descrever as características individuais e coletivas dos entrevistados; e, uma segunda, com perguntas para levantar as variáveis dependentes para entender a percepção que os entrevistados têm em relação aos temas da pesquisa (percepção da fronteira, dos estrangeiros e outras fronteiras). Mais especificamente, para construir o questionário partiu-se de uma coleta de dados sobre as características dos entrevistados, tanto individuais (e.g., sexo, idade, tempo de residência em Cáceres) como contextuais (e.g., lugar de socialização – urbano/rural – conhecimento ou menos da fronteira), seguido pela tentativa de verificar como estas propriedades individuais/contextuais (variáveis independentes) se combinam com a segunda parte do questionário (nossas hipóteses, as variáveis dependentes), que tem perguntas mais específicas em relação à fronteira, percepção desta, relação com os estrangeiros, percepção destes,

entre outros. Pode-se resumir as propriedades (individuais, contextuais e percepção) da seguinte forma (Quadro 1):

Quadro 1 - Propriedades individuais e contextuais dos entrevistados e percepção da fronteira e dos estrangeiros

<b>Propriedades individuais:</b>
Gênero Idade Lugar de nascimento Socialização urbana/rural Semestre de curso Orientação religiosa Orientação política Exposição à mídia (social e tradicional) Contato com a fronteira contato com estrangeiros
<b>Propriedades contextuais:</b>
Contexto de residência (qual cidade e se urbano/rural) Status socioeconômico Conhecimento da fronteira em relação à passagem de pessoas Conhecimento da fronteira em relação à passagem de mercadorias
<b>Percepção da fronteira/dos estrangeiros</b>
Conhecimento, crenças, estereótipos em relação à região fronteira Sentimentos relativos aos estrangeiros Percepção dos estrangeiros como perigosos Percepção de outras fronteiras (étnico-racial, de gênero)

Fonte: o autor.

O conjunto de variáveis individuais e contextuais serve para caracterizar as identidades pessoais e sociais que foram imaginadas ao longo do processo de construção do questionário. As perguntas de 1 a 9 foram pensadas para criar um perfil geral do entrevistado: além das perguntas sobre gênero, religião e tempo na faculdade, há perguntas importantes – como uma sobre sua socialização – que oferecerão dados para os futuros cruzamentos, a fim de testar as hipóteses baseadas na obra da M.M. Wood. Das questões 10 à 14 tem-se perguntas que tentam criar um perfil de classe dos alunos, tanto em relação a sua renda bem como à autocolocação de classe e à classe social de origem. Sucessivamente, há três perguntas sobre a autocolocação política dos alunos que servirão para criar seu perfil político. Dado que sabemos que há tendências de comportamento relacionadas ao pertencimento político, e também sabemos que a atitude em relação aos estrangeiros não foge destas tendências, pretende-se verificar como isto se daria em um contexto fronteira.

Ato seguinte, há uma série de perguntas sobre a relação dos respondentes com a mídia em geral (grande mídia, mídia local, redes sociais) e com a mesma mídia

em relação à fronteira. As perguntas seguintes (22 e 23) servirão para entender o quanto os alunos são realmente conhecedores da realidade fronteiriça local, sendo indagado tanto o contato que tiveram com a fronteira na região da Corixa, bem como o contato real com estrangeiros na cidade.

Após isto, como já antecipado, encontram-se as variáveis dependentes, havendo da pergunta 24 em diante nove perguntas que serão cruzadas, quando possível, com as anteriores, com intuito de descobrir se as hipóteses deste trabalho se confirmam. Se trata da terceira parte da tabela vista anteriormente: *conhecimento, crenças, estereótipos em relação à região fronteiriça* que foi inserida entre as variáveis dependentes, pois se pensou tratar de uma característica que é percebida somente após o surgimento de sentimentos ativados pela construção deste objeto, desta imagem, que é a fronteira. *Sentimentos relativos aos estrangeiros e Percepção dos estrangeiros como perigosos* foram pensados em relação à uma ligação direta, que é amplamente percebida pela população em geral, entre desvio e estrangeiro/migrante. Percepção esta que pode ser derivada basicamente da exposição à mídia local, que costuma enfatizar mais os crimes dos estrangeiros do que os crimes cometidos pelos próprios locais. *Percepção de outras fronteiras (étnico-racial, de gênero)*: há aqui uma tentativa de entender como poderia se dar a percepção de outras fronteiras quando se foca na fronteira física. Sabe-se que inúmeros são os fatores que influenciam as fronteiras “outras”, porém acredita-se que haja uma melhor distinção destas fronteiras por parte de quem conhece a fronteira física.

Especificamente, é importante listar estas questões: há duas perguntas sobre a percepção de permeabilidade da fronteira e mais duas sobre a percepção de diferença entre Brasil e a Bolívia que vão ao encontro do que postulado por Mezzadra e Balibar. Sucessivamente, para entender a relação com os estrangeiros, há uma série de perguntas sobre crime e uma pergunta sobre um tema considerado “quente” na cidade: o atendimento aos bolivianos no Hospital Regional. Há ainda duas perguntas “bônus” sobre outras fronteiras que podem surgir no dia a dia dos entrevistados. Em especial, estas últimas duas perguntas não têm a intenção de fornecer dados conclusivos por vários motivos – a percepção de outras fronteiras depende de inúmeros fatores que não foram pesquisados e não é intenção desta tese focar neles – mas podem servir de estímulos para novas pesquisas e fornecer dados

interessantes sobre a amostra escolhida em relação a uma temática relacionada à nossa pesquisa.

#### **4.4.5 Os grupos focais**

Para esclarecer melhor os dados coletados com o questionário, dois grupos focais foram criados: no mesmo universo pesquisado foram selecionadas dez pessoas que nunca tiveram contato com a fronteira e outras dez que conhecem bem a fronteira. Estes dois grupos foram entrevistados em dois dias distintos. A escolha de fazer grupos focais foi pensada como forma de integrar a metodologia do questionário e, assim, obter dados e resultados mais completos, já que o grupo focal facilita inclusive o próprio desenho do questionário e consegue, às vezes, minimizar os problemas que podem derivar de respostas em branco ou N/A (que nesta pesquisa tiveram número considerável). O grupo focal serve ainda para uma compreensão mais profunda dos dados encontrados no questionário, pois pode corroborar estes dados e explorar em profundidade as relações sugeridas pela análise quantitativa, pode iluminar o contexto das respostas, as motivações ou ainda o significado de, por exemplo, dados não congruentes na análise estatística (GATTI, 2005).

Sabe-se que há limitações relacionadas ao uso dos grupos focais, como o fato dos entrevistados serem “convocados” para responder sobre dado tema – o que não deixaria as respostas com fluxo natural – ou ainda o fato dos respondentes não se sentirem a vontade em responder com sinceridade algumas perguntas, pelo fato de haver outras pessoas ao redor. Ainda assim, há um ponto interessante, pois é possível observar, ao aplicar o questionário, as interações que surgem entre os participantes e perceber congruências e diferenças nas opiniões.

O planejamento dos grupos focais foi feito seguindo regras que pudessem minimizar os vieses da amostra e garantir a generalidade, a segmentação e homogeneidade requerida para obter um resultado fidedigno, pois como é sabido, ter participantes com estas características é importante para garantir uma discussão livre sobre o tema escolhido (MORGAN; KRUEGER, 1993). Conforme Krueger (1993), sabendo que não se deve usar uma amostra aleatória para escolha dos participantes nos grupos focais, mas uma amostra teórica, a seleção dos participantes foi realizada seguindo regras bem específicas que pudessem garantir respostas interessantes para nossos objetivos. O primeiro contato foi realizado pelo pesquisador principal. Ao

aplicar o questionário, foi informado aos alunos que em um segundo momento alguns poderiam ser convidados a participar de uma “entrevista coletiva”. Em seguida, foram contatados os professores que seguem estes alunos diariamente, e solicitado ajuda para montar estes grupos. Após garantir um número superior àquele necessário, os convites foram formalizados. Foram recebidas algumas respostas positivas e outras negativas, sendo que os alunos foram bem solícitos e mostraram mais uma vez compromisso interessante com a pesquisa, sendo que todos que se comprometeram foram à entrevista. Os grupos resultantes foram assim homogêneos ao seu interior, porém comparáveis entre si, e isso permitiu analisar as diferenças no pensamento entre os alunos que foram e os que não foram até a fronteira.

Os alunos foram entrevistados em dois dias distintos em uma das salas de aula do curso de engenharia. Foi construído um roteiro de perguntas (Apêndice C) que pudesse ser eficaz, além de *probes* e marcadores para obter melhores resultados. O uso de um guia de perguntas construído especificamente para o caso permitiu criar uma progressão natural entre os tópicos, fazendo com que a conversa fluísse melhor.

Para o bom andamento da conversa, foi seguido um planejamento que pudesse direcionar as respostas (WOLFF; KNODEL; SITTITRAI, 1993). Inicialmente, foi apresentado o tópico por meio de uma breve introdução: este ponto não foi muito aprofundado, pois os alunos já haviam preenchido o questionário e, ao serem recrutados, já sabiam que estavam divididos entre “conhecedores da fronteira” e “desconhecedores da fronteira”. Portanto, já estavam a par do assunto que seria abordado e, por isso, apenas foi esclarecido algumas pequenas dúvidas se necessário. Após esta primeira parte introdutória, foi realizada uma pergunta “quebra-gelo”, muito importante para criar um ambiente mais propício à conversa (WOLFF; KNODEL; SITTITRAI, 1993), dando início a discussão com uma pergunta inicial que permitiu entender qual fosse a experiência e o conhecimento de cada um sobre o assunto tratado. A continuação da discussão se deu por meio de outras perguntas que foram formuladas a fim de cobrir todos os tópicos previstos no grupo focal. Obviamente, o grupo focal foi gravado e um assistente, que teve a função de observador, anotou todas as características observadas. No total, foram feitas quatro perguntas que foram respondidas por todos os alunos. Em alguns momentos houve muita interação, em outros, menos. Algumas perguntas tiveram apenas respostas individuais e outras geraram longas discussões. Acredita-se que os grupos focais

foram extremamente uteis para esclarecer alguns pontos que, pelas respostas do questionário, não ficaram claros.

## 5 CAPÍTULO 4: RESULTADOS

### 5.1 ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados foi bastante satisfatória e, apesar da importante perda de alguns questionários devido à grande quantidade de respostas não preenchidas, considerou-se suficiente frente aos resultados obtidos, uma vez que muitos questionários válidos foram obtidos, permitindo uma análise significativa.

Após a coleta de dados em papel e digitalização de todas as respostas, a análise foi segmentada em duas partes: inicialmente, foi conduzida uma análise estatística que serviu para apresentar o perfil dos entrevistados; sucessivamente, foram cruzadas as variáveis para tentar aprofundar melhor este perfil e, ainda, para entender como o questionário pôde oferecer as respostas esperadas para confirmar nossas hipóteses.

#### 5.1.1 Análise estatística: um perfil geral dos entrevistados

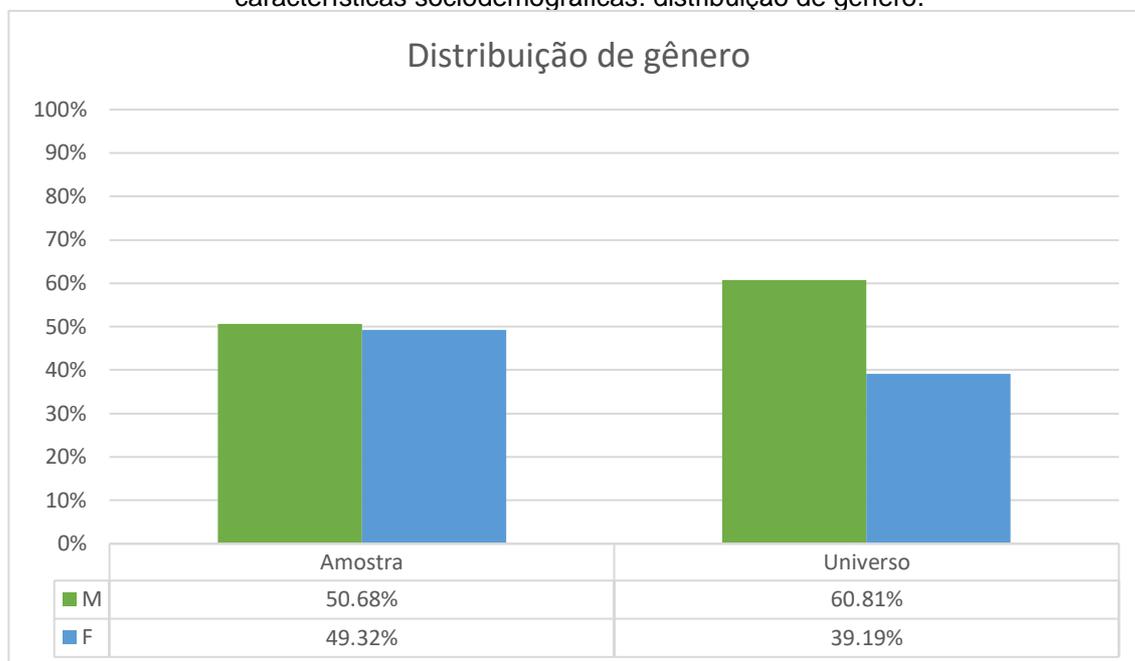
O universo pesquisado apresenta uma maior representação masculina, pois dos cento e quarenta e oito alunos inscritos no curso, noventa são homens e cinquenta e oito mulheres. Nos dias da coleta não foi possível alcançar todos os alunos matriculados por motivos variados (ausências, estágios em curso, pesquisa de campo, entre outros). Porém, nenhum dos alunos presentes se recusou a preencher o questionário. Esta disponibilidade indica um alto comprometimento com as pesquisas em geral (embora não seja surpreendente uma vez que os universitários estão bastante acostumados a participar de pesquisas) e uma discreta disponibilidade por parte também dos professores, que tiveram que ceder uma parte da própria aula para que fosse possível alcançar o objetivo proposto. Ao final, um total de cento e um questionários foram preenchidos, porém, após a limpeza do banco de dados (limpeza necessária devido ao alto número de questões em branco, que inviabilizariam a análise estatística nestes questionários eliminados), obteve-se ao todo setenta e três questionários válidos, exatamente 50% do universo pesquisado<sup>121</sup>.

---

<sup>121</sup> Algumas perguntas também foram excluídas pois mesmo nos questionários que mais estavam preenchidos haviam perguntas deixadas em branco.

Dos setenta e três questionários foi extraída uma primeira estatística (acerca da representação de gênero), conforme observado abaixo (Figura 7):

Figura 7 - Descrição das respostas dos participantes e da população em geral em relação às características sociodemográficas: distribuição de gênero.

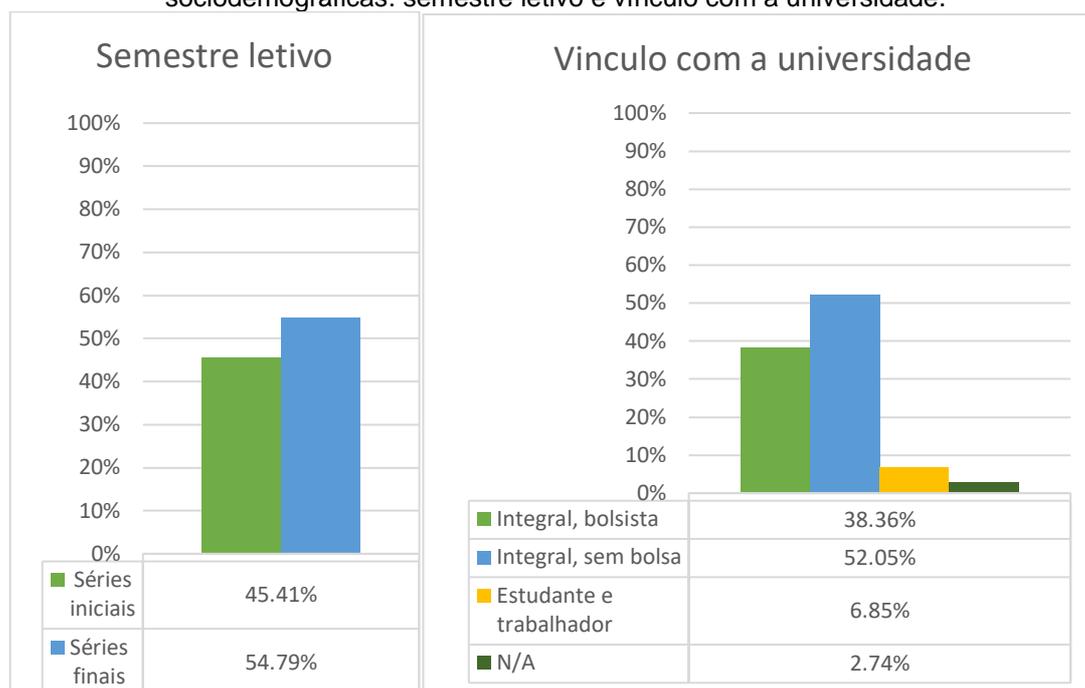


Fonte: o autor.

Pode-se observar neste gráfico uma maior representação feminina da amostra em comparação ao universo. Isto pode assinalar, por exemplo, tanto uma maior frequência às aulas das mulheres bem como uma maior disponibilidade por parte delas para o preenchimento completo do questionário (ressalta-se que alguns dos questionários foram descartados pelo alto número de questões em branco).

A seguir, os gráficos dão uma visão em linhas gerais sobre algumas das características sociodemográficas dos alunos que responderam ao questionário (Figura 8).

Figura 8 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: semestre letivo e vínculo com a universidade.



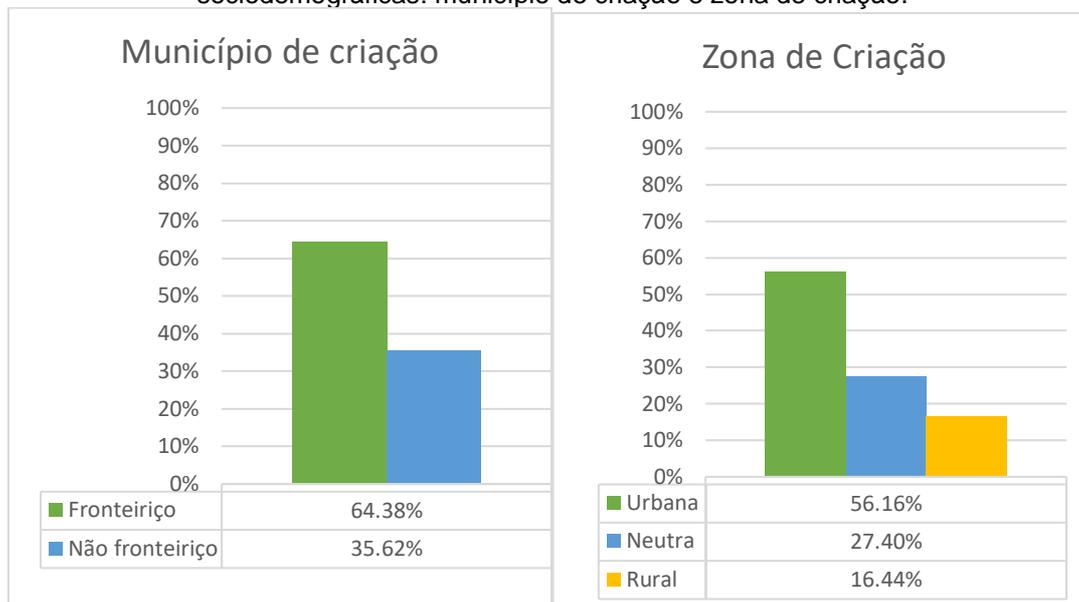
Fonte: o autor.

Percebe-se aqui, na primeira das duas tabelas que os alunos que mais responderam ao questionário pertencem às séries finais: mesmo havendo uma diferença mínima (menos de 5 pontos percentuais), os alunos concluintes – ou próximos da conclusão – são a maioria. Ao pensar que normalmente nas séries iniciais há mais alunos que nas séries finais (ao longo do curso é normal haver desistência e este curso não quebra a tradição, conforme observado pela lista de matriculados) pode-se entender que, como mencionado, os alunos acostumados com as pesquisas estão mais dispostos a responder completamente um questionário – longo, sinceramente – do que os alunos iniciantes.

Em relação ao vínculo, tem-se uma imensa maioria de alunos que estudam em tempo integral – uma boa quantidade com bolsa, e isto reforça a tese em relação aos alunos que estão acostumados com a pesquisa – e alguns poucos estudantes trabalhadores. Este último dado é fruto, basicamente, do fato que o curso é diurno, com aulas iniciando às 7 da manhã até 5 horas da tarde, quase todos os dias, o que inviabilizaria para grande parte das pessoas estudar e ter um emprego ao mesmo tempo. Pode-se já adiantar, analisando esta tabela, qual é o perfil econômico destes estudantes (mas estes dados serão expostos mais adiante).

Os dados obtidos em relação à socialização dos participantes são demonstrados a seguir na Figura 9.

Figura 9 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: município de criação e zona de criação.



Fonte: o autor.

Cáceres, como já antecipado, é um município que faz divisa com a Bolívia. Por se situar na beira do Pantanal, não é encontrada uma grande distribuição de população nos municípios limítrofes, porém existem nas proximidades mais três municípios de fronteira dos quais provêm uma boa parte dos alunos do campus de Cáceres do IFMT. No caso específico dos alunos de engenharia entrevistados, observa-se no gráfico que a grande maioria deles provêm de um município fronteiriço e, portanto, teve ao longo de sua socialização uma forte presença desta fronteira que existe entre Mato Grosso e a província autônoma de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. Mesmo não conhecendo pessoalmente a fronteira, com toda certeza, de alguma maneira, ela esteve presente no dia a dia destas pessoas: alguns podem tê-la atravessada, outros não, alguns podem viver em contato com bolivianos, outros nunca, mas em geral, esta divisa sempre se fez presente como uma presença importante na vida dos alunos. Há uma quantidade menor de alunos que provêm de municípios não fronteiriços – alguns das redondezas de Cáceres, outros da capital e outros ainda de outros estados brasileiros. Mesmo sendo uma minoria, se trata de uma minoria significativa, permitindo haver uma considerável variação no perfil dos entrevistados.

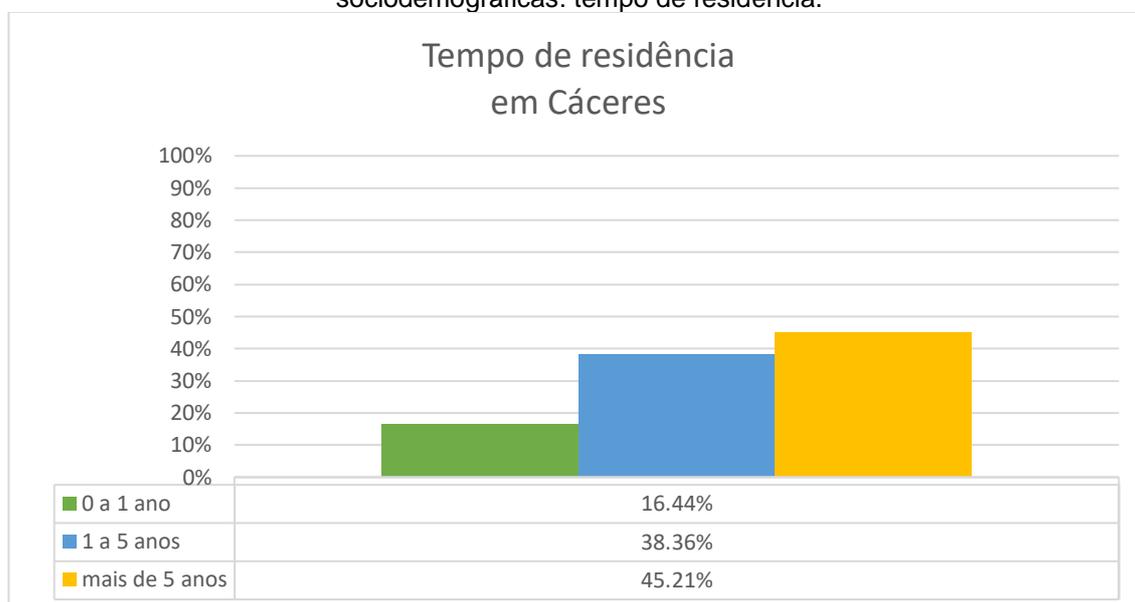
Em relação à região de socialização é interessante ver como se dá a distribuição entre zona urbana, zona rural ou mista (aqueles que foram criados

igualmente tanto na zona rural como na urbana). A maioria dos entrevistados se socializou em zona urbana<sup>122</sup>, um terço aproximadamente dos entrevistados foi socializado indiferentemente entre zona rural e urbana e pouco mais de 15% exclusivamente em zona rural. É interessante, sucessivamente, cruzar este dado com as variáveis dependentes, sobre relação com estrangeiros, com intuito de observar se a teoria de Wood, relatada no capítulo anterior, é confirmada pelos dados coletados.

A questão relacionada à residência atual dos entrevistados não revelou surpresas. Como esperado, a totalidade dos entrevistados reside em Cáceres, pois, sendo o curso integral e possuindo o município de Cáceres uma extensão muito ampla, seria dificultoso para um estudante residir em outro lugar e frequentar diariamente as aulas.

Na figura 10 é observado o tempo de residência dos participantes na cidade de Cáceres, uma vez que não são todos os alunos nascidos na cidade, sendo interessante saber há quanto tempo vivem lá.

Figura 10 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: tempo de residência.

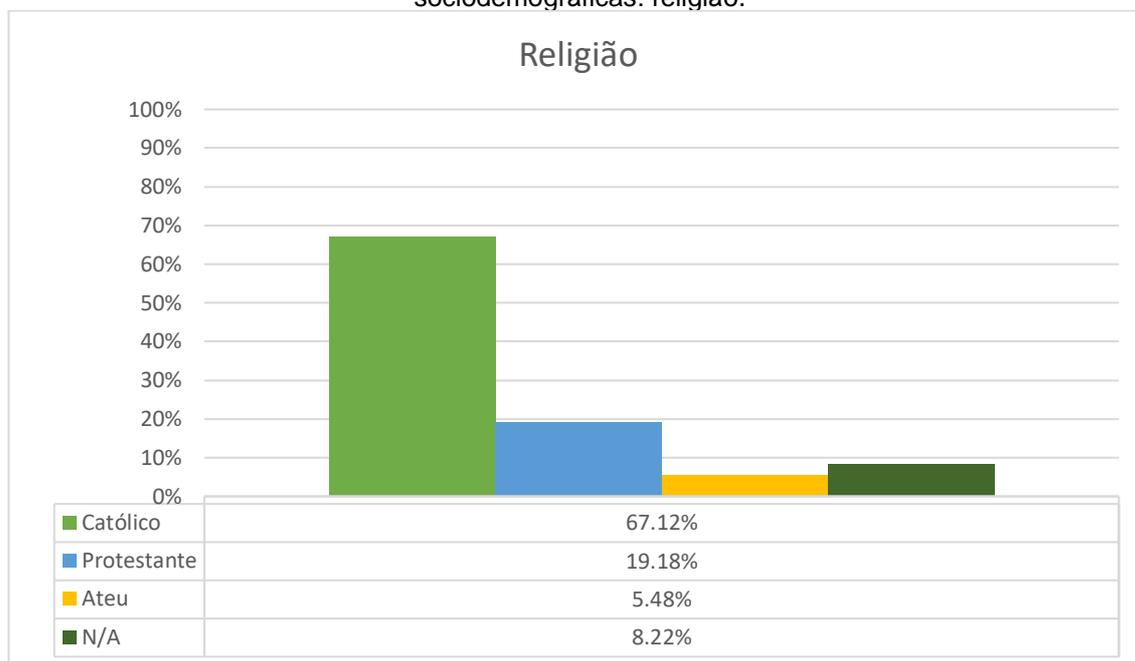


Fonte: o autor.

<sup>122</sup> Cabe aqui uma pequena digressão para pensar onde se situa a fronteira entre zona rural e zona urbana em uma realidade agrícola, como a região do Sudoeste mato-grossense. Estendendo o conceito, mas deixando claro que este não é o objetivo desta pesquisa, pode-se pensar que a socialização em uma pequena cidade do interior não se assemelha muito à realidade de alguém que foi criado, por exemplo, em São Paulo ou Brasília, e que as cidades citadas na pesquisa tendem a ser mais um “rural urbanizado” do que uma zona urbana propriamente. De qualquer forma, para fins de pesquisa, considera-se válida a definição que os próprios entrevistados deram.

Pôde-se perceber que a maioria dos alunos não é de Cáceres, e que talvez, tenha se mudado para a cidade pantaneira apenas para frequentar o curso escolhido. A maioria entre eles (55%) respondeu que mora em Cáceres há pouco tempo (menos de cinco anos), porém, a grande parte dos que vieram de outras cidades são de municípios próximos, prova disso é a resposta que deram na pergunta sobre o município de criação. De qualquer forma, a grande maioria mora na cidade há mais de um ano (quase 85%), significando que não faltaram oportunidades para conhecer a fronteira que lá existe entre o Brasil e a Bolívia, bem como ter contato com estrangeiros. Desta forma, pode-se ousar dizer que, em sua grande maioria, trata-se de uma população que não é leiga em relação aos quesitos apresentados no questionário. Mesmo não conhecendo a fronteira, sabe-se que ela está próxima, ou até conhece alguém que a frequenta. De qualquer forma, não se trata de um tema novo sobre o qual nunca tiveram que pensar, pois a proximidade faz com que a região da fronteira seja algo relativamente comum no dia a dia das pessoas.

Figura 11 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: religião.



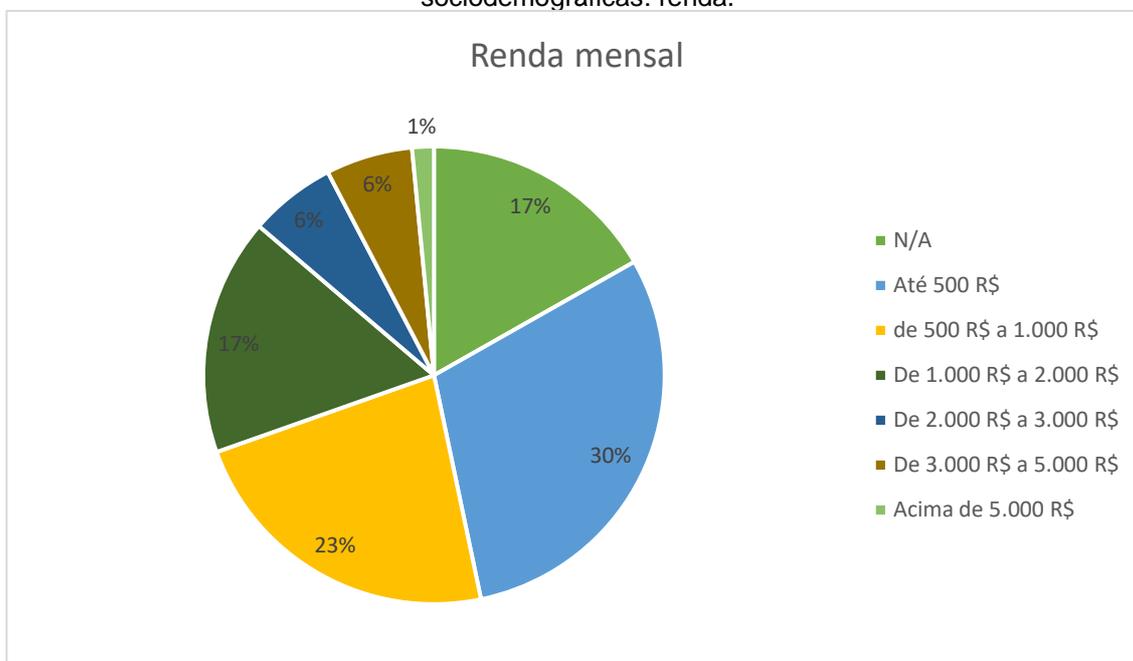
Fonte: o autor.

Em relação à religião, a amostra não destoa muito dos dados relativos ao país. O censo demográfico realizado em 2010 pelo IBGE<sup>123</sup> aponta para 66% de pessoas

<sup>123</sup> Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em: 10 abr 2020.

que seguem a religião católica, 22% de evangélicos, 8% “sem religião”, dados que não diferem exageradamente daquelas relacionadas aos dados aqui coletados.

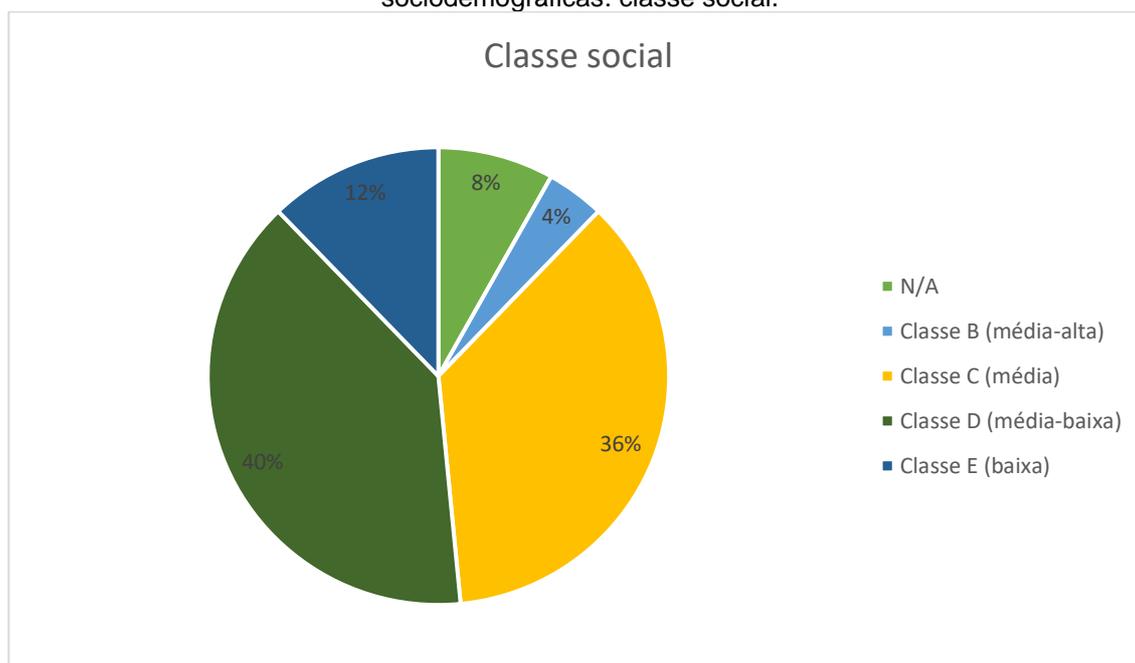
Figura 12 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: renda.



Fonte: o autor.

Na Figura 12 é demonstrado como a maioria dos alunos é de baixa renda: mais da metade ganha menos de um salário mínimo, o que pode ser explicado também pelo fato de muitos alunos serem bolsistas de um curso universitário integral. De qualquer forma, o município de Cáceres está na lista dos 100 municípios mais pobres do país, sendo que a realidade destes alunos não difere muito da realidade da população em geral.

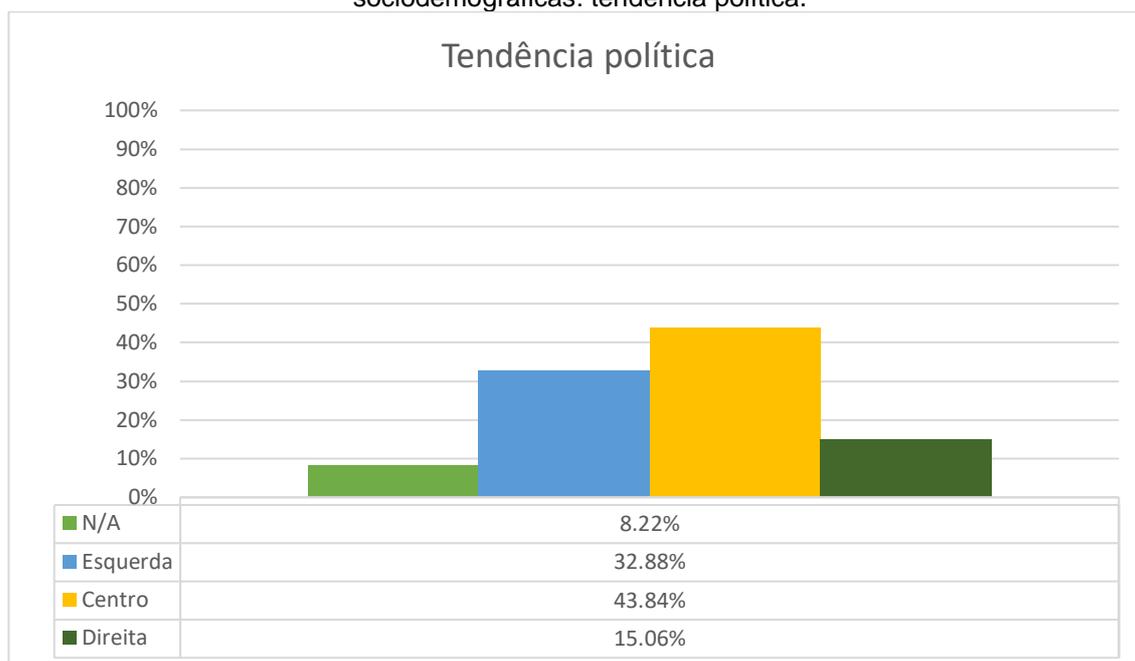
Figura 13 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: classe social.



Quanto à percepção de classe, nota-se uma tendência interessante: mais de 3/4 dos alunos se consideram pertencentes à classe média ou média baixa, sendo que cerca de 3/4 destes ganham no máximo 2 salários mínimos e mais de 50% menos de um salário (inclusive, 30% ganham menos que meio salário mínimo e apenas 17% se declaram de classe baixa). Pode-se entender esta percepção de classe como relacionada à realidade local: como já mencionado, Cáceres é um dos municípios mais pobres do País<sup>124</sup>, portanto, a percepção de riqueza ou pobreza se relaciona à realidade local mais que à realidade nacional. Outra explicação desta relação poderia ser uma distorção devido à formulação das perguntas em si, pois a questão que aborda “renda” se referia aos rendimentos individuais. Ao responder sobre a classe, o aluno pode se referir à família como um todo. Infelizmente, a pergunta sobre a profissão dos pais não foi respondida pela maioria dos alunos, o que impossibilitou a sua análise.

<sup>124</sup> Disponível em: <https://www.folhamax.com/cidades/estudo-mostra-vg-entre-as-100-cidades-mais-pobres-do-brasil/4959>. Acesso em: 22 mar 2020.

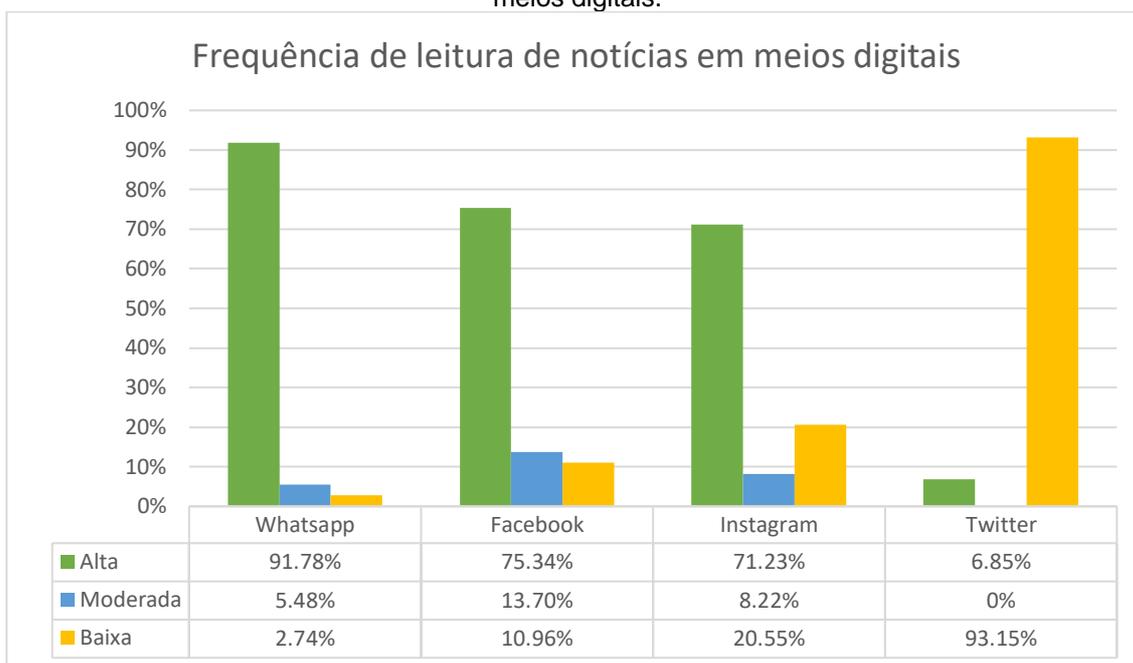
Figura 14 - Descrição das respostas dos participantes em relação às características sociodemográficas: tendência política.



Fonte: o autor.

Em relação à tendência política dos entrevistados, observa-se uma distribuição com forte componente centrista e uma tendência maior para a esquerda do que à direita. Mais uma vez, as perguntas sobre os partidos políticos de preferência e aqueles nos quais os respondentes nunca votariam – que poderiam confirmar ou não esta tabela – não foram preenchidas por um número suficiente de pessoas que pudesse permitir a análise. Portanto, não se tem um item de controle sobre estes dados, restando apenas entender que a autocolocação política seja esta e supor que o entrevistado saiba os significados de direita, centro e esquerda em relação à política.

Figura 15 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a frequência de leitura de notícias em meios digitais.

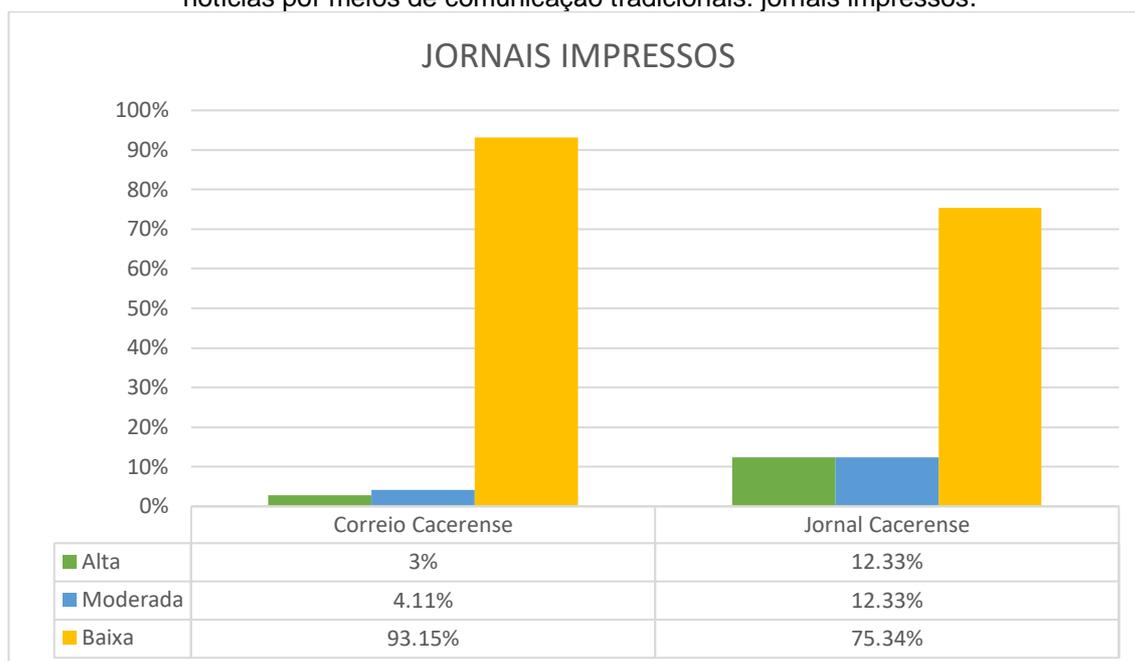


Fonte: o autor.

Na Figura 15 observa-se que o aluno do IFMT campus Cáceres se informa bastante pelos meios digitais e redes sociais, sendo maioria das informações obtidas através do WhatsApp (mais de 90% declaram uma frequência alta – todos os dias ou quase isso – de leitura de notícias neste meio digital), seguida a uma distância relativamente baixa do Facebook e um pouco menos do Instagram. O Twitter, pelo contrário, quase não é utilizado, apenas 6,85% dos entrevistados costumam se informar por este meio. O restante dos entrevistados não usa a rede social ou tem um acesso mínimo, próximo a zero. De qualquer forma, é extremamente elevado o uso destes meios como fonte de informação; sendo que não é exagerado afirmar que a maior fatia de informação que os alunos recebem vem deles.

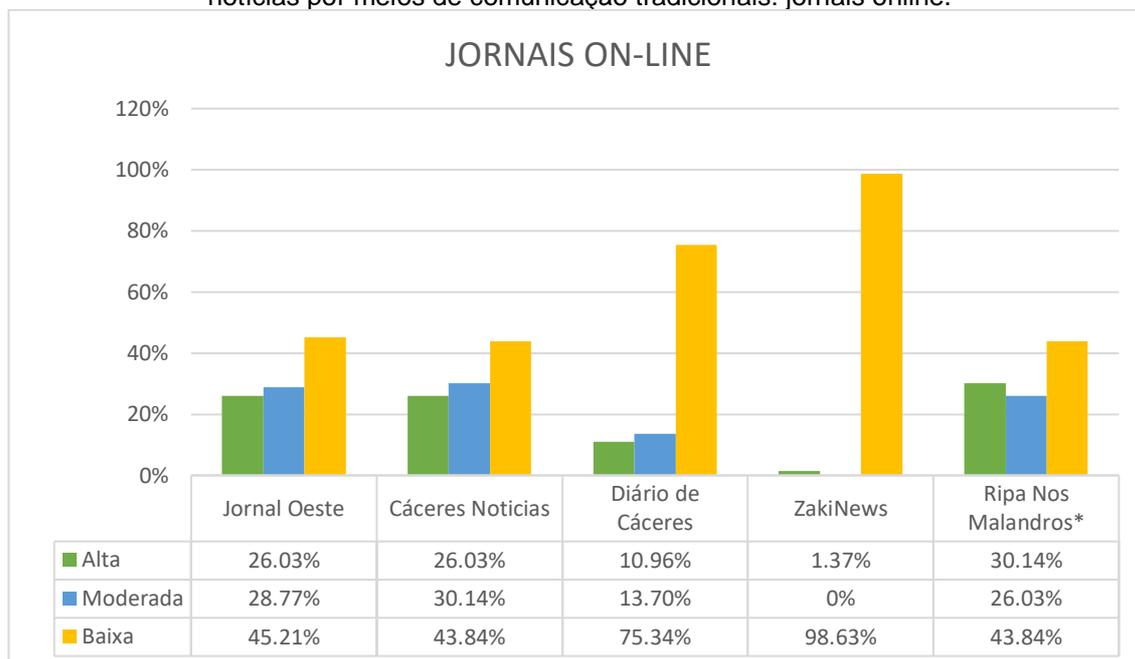
Em relação aos jornais impressos, os entrevistados não parecem ser assíduos leitores, pelo contrário, a imensa maioria ou não os lê ou lê com uma frequência ínfima. Os jornais locais, apesar de serem distribuídos gratuitamente, não têm muita difusão entre os jovens estudantes que preferem outros meios de informação.

Figura 16 - Descrição da frequência de respostas dos participantes de acordo com o acesso de notícias por meios de comunicação tradicionais: jornais impressos.



Fonte: o autor.

Figura 17 - Descrição da frequência de respostas dos participantes de acordo com o acesso de notícias por meios de comunicação tradicionais: jornais online.



\*Ripa nos Malandros é um jornal que se ocupa de fatos de crônicas ligados a pequenos roubos ou crimes de menor entidade que utiliza uma escrita dialetal e um tom irônico para dar as notícias. Se assemelha mais a um site de humor que um jornal, apesar das notícias serem todas verdadeiras.

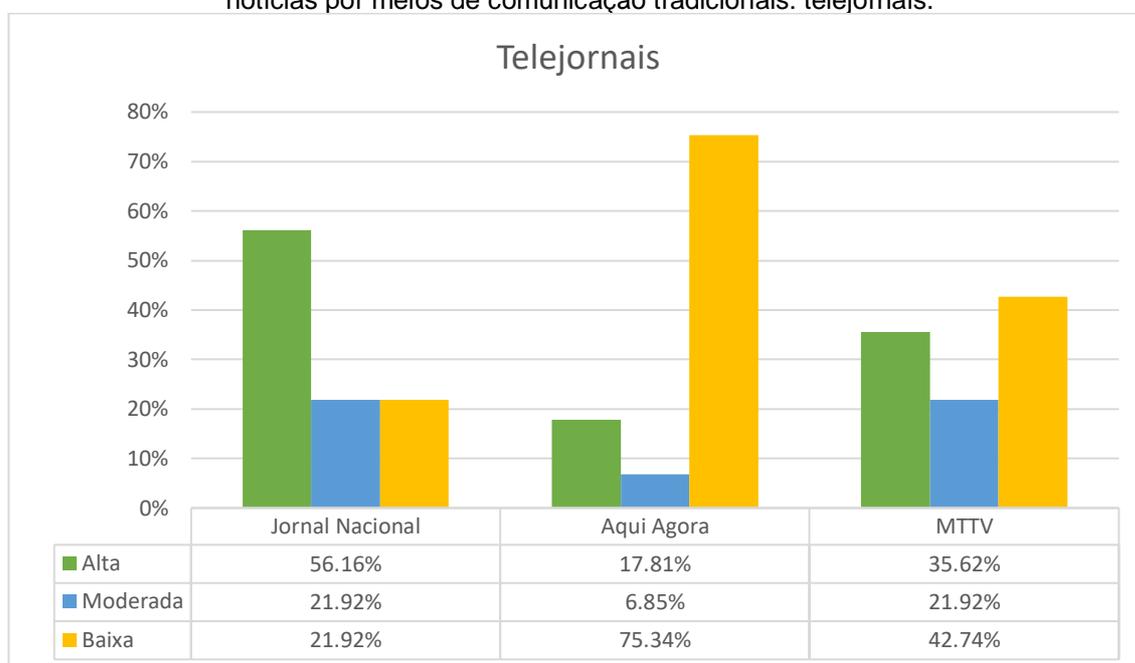
Fonte: o autor.

Os participantes têm um acesso relativamente alto à mídia digital: os dois jornais online com maior difusão local (Jornal Oeste e Cáceres Notícias) são fonte de informação para mais que a metade dos alunos (frequência de leitura alta ou

moderada), sugerindo que os alunos preferem se informar por estes meios digitais do que pelos tradicionais jornais impressos. Ainda assim, estes jornais não alcançam a capilaridade e difusão que o WhatsApp e outros meios digitais têm.

Um discurso a parte merece o jornal online Ripa nos Malandros, que conta também com um programa radiofônico diário – que se ocupa dos pequenos fatos de crônica (pequenos roubos, micro tráfico de drogas, acidentes de trânsito, entre outros) com um tom hilário e uma linguagem regional. Isto faz com que a leitura seja uma mistura de informação e entretenimento ao mesmo tempo, o que leva muitas pessoas a os seguir mais pelo tom usado que pelo conteúdo.

Figura 18 - Descrição da frequência de respostas dos participantes de acordo com o acesso de notícias por meios de comunicação tradicionais: telejornais.



Fonte: o autor.

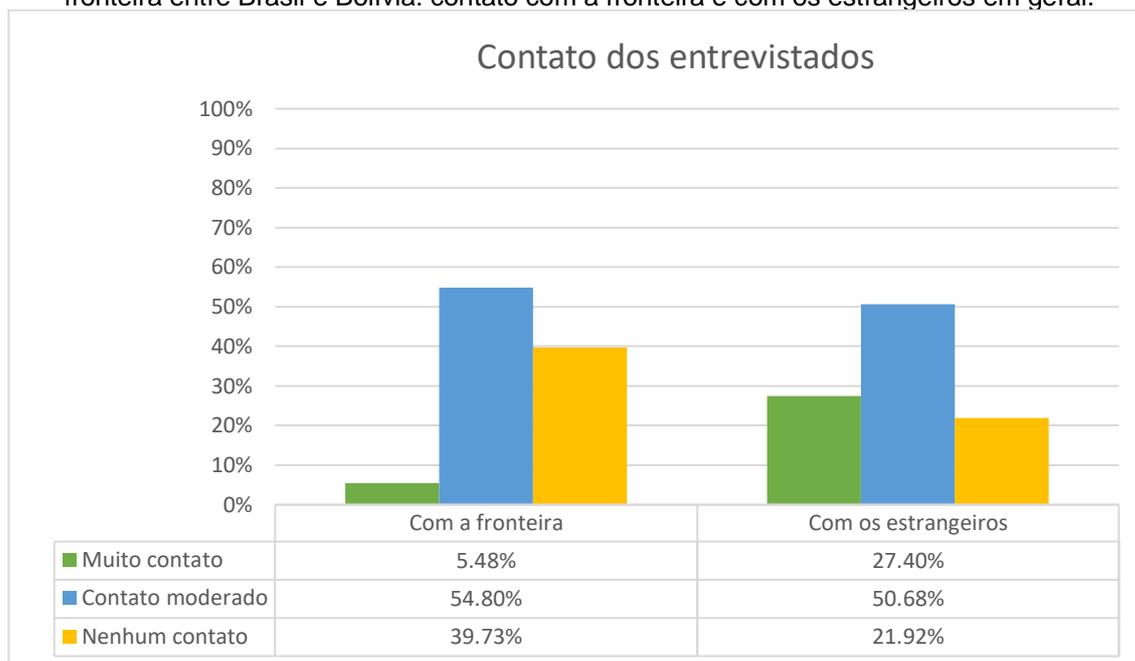
Os entrevistados assistem televisão. O telejornal tem uma frequência elevada de pessoas que o assiste. Entre todos, o mais visto é o Jornal Nacional, sendo que a maioria o assiste diariamente, e apenas 20% não costuma assistir este meio de comunicação. Os outros dois são menos assistidos, mesmo assim, o MTTV (jornal regional da TVCA filiada à Rede Globo) é visto com alta ou moderada frequência pela maioria dos sujeitos da amostra, enquanto o Aqui Agora (que faz parte do canal nacional SBT) é pouco visto em geral.

A nova série de gráficos apresentados a seguir enfoca as questões das fronteiras e a percepção e o contato com estrangeiros. Será demonstrado o tipo de

contato que os entrevistados têm com a fronteira; com os bolivianos; como percebem estes últimos; e quanto sentem como presentes às outras fronteiras eventuais que podem aparecer no dia a dia.

A Figura 19 demonstra o contato que os estudantes tiveram com os estrangeiros e com a fronteira ao longo do último ano.

Figura 19 - Frequência de respostas dos participantes em relação as questões sobre a percepção de fronteira entre Brasil e Bolívia: contato com a fronteira e com os estrangeiros em geral.

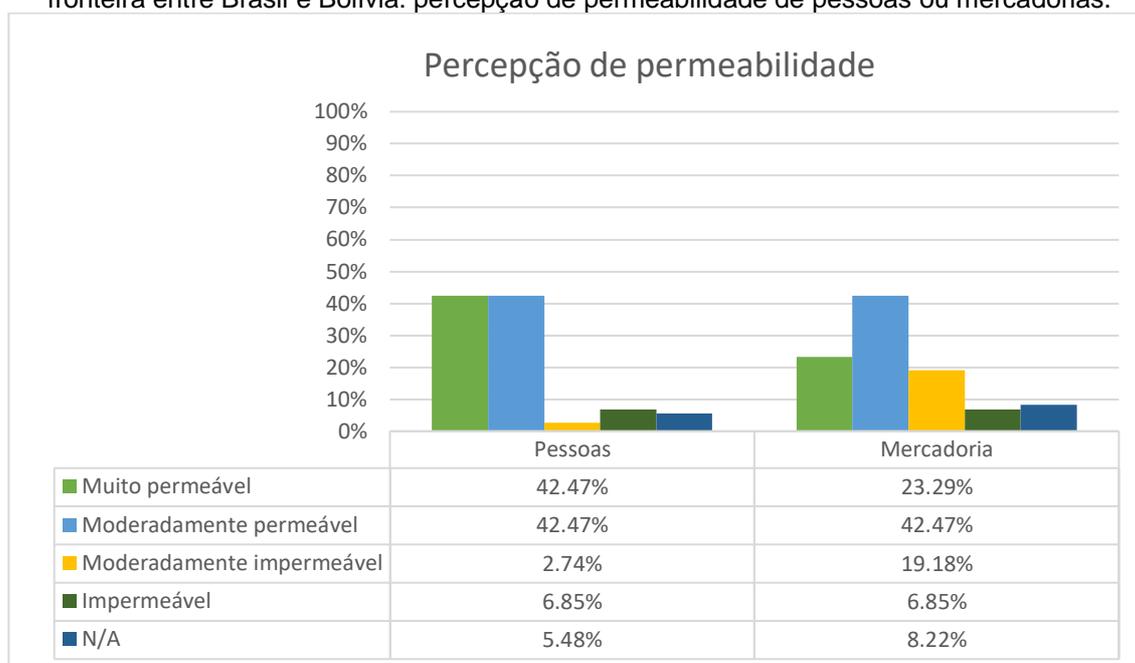


Fonte: o autor.

O contato com a fronteira, comparado ao contato com os estrangeiros, mostra claramente o quão interessante foi a escolha da amostra. Apesar de ser um município de fronteira, quase a metade dos alunos não teve nenhum contato com a fronteira. Este fato confirma a heterogeneidade da amostra escolhida pois, como mencionado anteriormente, a cidade de Cáceres é um alvo interessante principalmente por ser uma região de fronteira, embora distante desta última. Isto faz com que seja possível encontrar pessoas que conhecem bem a região da divisa e pessoas que não a conhecem, todos na mesma amostra. Ainda, o contato com os estrangeiros também mostra a qualidade da escolha desta população: apesar de quase a metade dos entrevistados não conhecer a fronteira, muitos conhecem ou tiveram contato com algum estrangeiro. Isto pode ter ocorrido nas ruas da cidade, por exemplo, mas acredita-se que muitos dos participantes, por serem alunos do IFMT em Cáceres, tiveram contato com a turma de bolivianos que frequentou as aulas no campus ao

longo do ano de 2017. Assim, foi observada uma taxa de quase 30% dos alunos que tiveram muito contato com estrangeiros, fazendo com que as hipóteses deste estudo possam ser testadas no momento do cruzamento das variáveis com um bom nível de confiabilidade (Figura 19).

Figura 20 - Frequência de respostas dos participantes em relação às questões sobre a percepção de fronteira entre Brasil e Bolívia: percepção de permeabilidade de pessoas ou mercadorias.



Fonte: o autor.

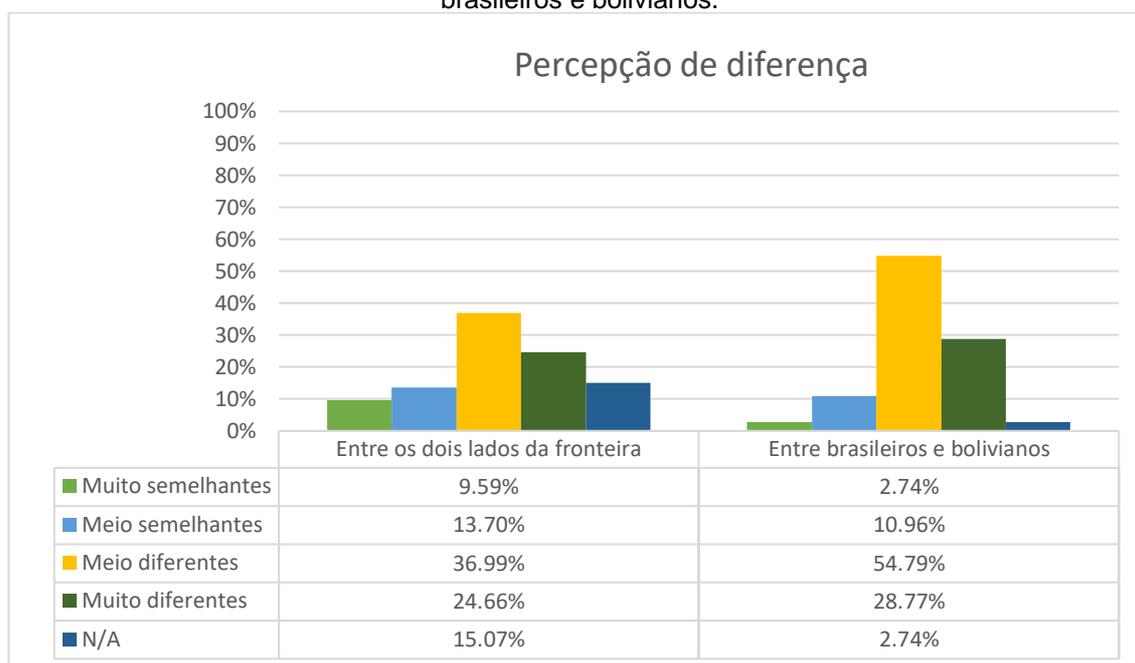
A grande maioria dos entrevistados pensa que a passagem de pessoas pela fronteira seja fácil. Há no imaginário dos cacerenses uma ideia da fronteira como algo extremamente fácil de ser atravessado, e talvez até tenham razão, dado que a fronteira entre Brasil e Bolívia na região conta com poucos policiais na estrada principal, existem fazendas que dividem os dois países apenas com uma cerca de arame farpado e está repleto de ruas de terra que atravessam estas fazendas por todos os lados<sup>125</sup>.

Além disso, é patente a presença diária de bolivianos na cidade de Cáceres, pelos mais variados motivos. Vê-se diariamente, por exemplo, carros com placa do país vizinho com função de taxis e carros particulares fazendo compras nos mercados locais. É interessante comparar a percepção de passagem de pessoas com a percepção de passagens de mercadorias: esta parece entrar com mais dificuldade,

<sup>125</sup> Encaminhamento do leitor para a entrevista exploratória nº 6, na qual se explica claramente como funciona a divisa.

talvez por haver uma única estrada de asfalto que liga os dois países e o fato dos caminhões de transporte passarem quase exclusivamente por ela, ou, pelo fato de aparentemente haver mais controle devido ao tráfico de drogas, que leva à consequente maior fiscalização dos itens transportados do que das pessoas. Fato é que a passagem de pessoas é vista como bem mais fácil que a passagem de mercadorias naquela fronteira específica.

Figura 21 - Frequência de respostas dos participantes em relação às questões sobre a percepção de fronteira entre Brasil e Bolívia: percepção de diferença entre os dois lados da fronteira e entre brasileiros e bolivianos.



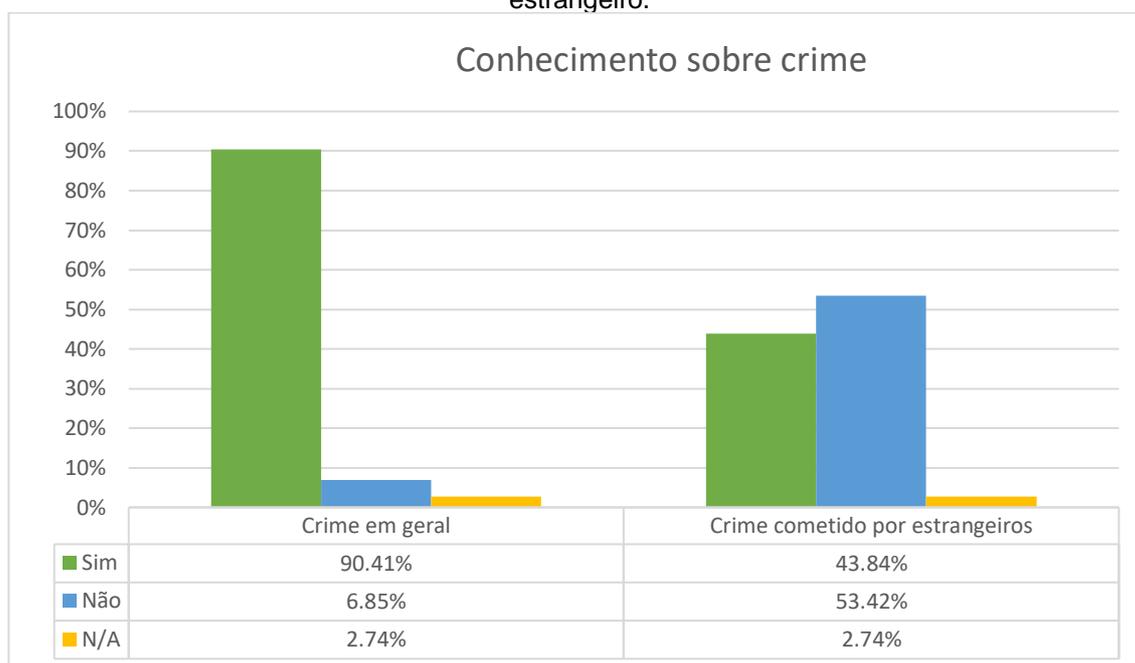
Fonte: o autor.

Consegue-se observar como os entrevistados percebem uma diferença grande do ponto de vista das pessoas que moram de um lado e de outro da fronteira, mas uma menor diferença do ponto de vista do ambiente físico. Os dois lados da fronteira são vistos como semelhantes por quase um quarto dos participantes (três quartos as veem como diferentes), enquanto em relação à diferença entre pessoas apenas um décimo dos entrevistados vê os bolivianos e os brasileiros como semelhantes. É interessante esta percepção, pois excetuando alguns traços arquitetônicos característicos dos centros urbanos<sup>126</sup>, o restante do território tem quase as mesmas

<sup>126</sup> San Matias, na Bolívia, possui algumas características – como o uso da madeira entalhada e decorada para janelas, portas e colunas em geral – típicas da herança do barroco indígena nascido e desenvolvido nas missões jesuítas de chiquitos que caracterizam toda a região nas redondezas de San Ignacio de Velasco (como Santa Ana, San Miguel e San Rafael, apenas para citar três das mais próximas arquitetonicamente entre as seis missões tombadas pela UNESCO (Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/529>. Acesso em: 23 mar 2020), enquanto

características: se trata do bioma pantanal (chamado de chaco na Bolívia), tendo como atividade mais comum a criação de gado de corte ou produção de leite em fazendas particulares. Do ponto de vista cultural, há sim algumas diferenças, relacionadas muitas vezes apenas a distinções criadas pelas legislações dos dois Estados<sup>127</sup>, embora há de se concordar que se percebem mais diferenças que semelhanças entre os dois lados.

Figura 22 - Frequência de respostas dos participantes em relação às questões sobre a percepção de fronteira entre Brasil e Bolívia: conhecimento sobre crime em geral ou cometido por algum estrangeiro.



Fonte: o autor.

Como era de se esperar, dadas as respostas às perguntas sobre como as pessoas se informam, a grande maioria (90%) ouviu falar de algum crime cometido no município ao longo do último ano. Tanto os jornais online mais sérios como o irônico (i.e., “Ripa nos Malandros”), focam muito seus artigos na cobertura da microcriminalidade local, sendo que as redes sociais também funcionam como caixa de ressonância para estes mesmos artigos e outros relacionados a estes acontecimentos.

---

Cáceres tem um centro histórico caracterizado pelos casarões coloniais tradicionais que podem ser encontrados em qualquer centro urbano mais antigo no Brasil.

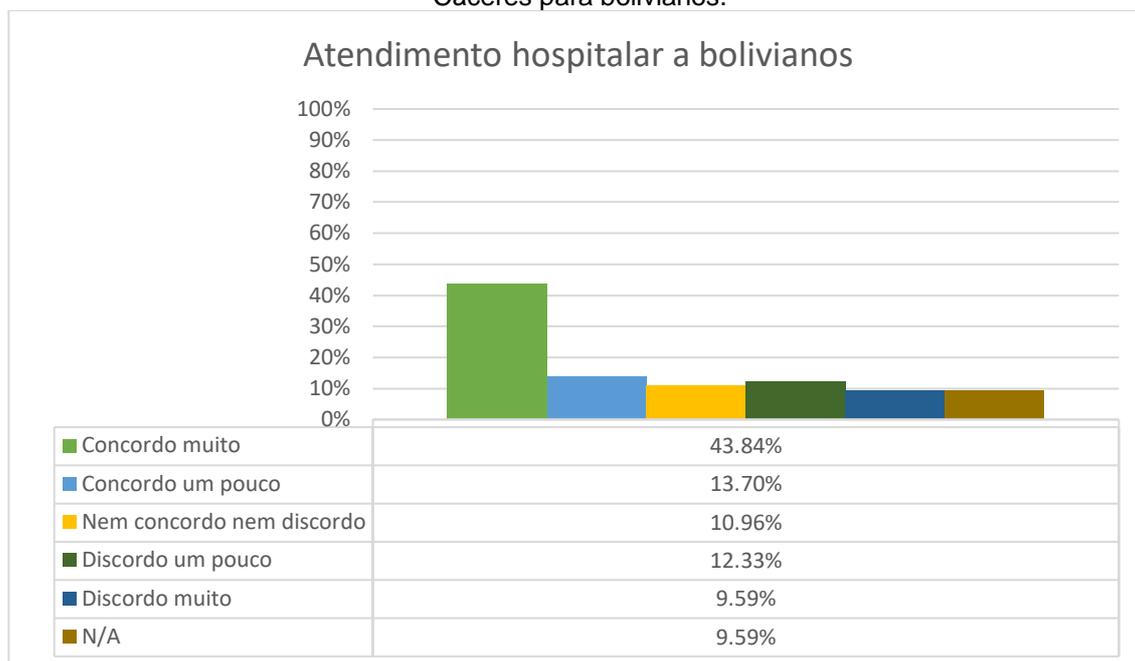
<sup>127</sup> Como exemplo, as rinhas de galos que no Brasil são proibidas e na Bolívia são legais. É comum brasileiros se deslocarem até a região da chiquitania para participar de festas onde estes eventos acontecem. De qualquer forma, as exposições agrícolas, que são as festas mais tradicionais do Oeste mato-grossense, existem de ambos os lados e não diferem muito entre si.

Em relação à pergunta sobre o crime cometido por estrangeiros, menos pessoas tomaram conhecimento destes. Pelo acompanhamento feito nos jornais locais ao longo destes anos, os crimes cometidos por bolivianos, por exemplo, existem, são noticiados e recebem até mais ênfase do que os crimes cometidos por locais. De qualquer forma, uma possível explicação para esta menor percepção pode ser a sua quantidade em relação ao crime em geral, pois enquanto há em média um crime por semana envolvendo bolivianos, todos os dias há uma longa lista de microcrimes envolvendo brasileiros, o que pode fazer com que o crime cometido por estrangeiros passe mais despercebido por ser mais “diluído”.

Há um ponto interessante a ser explicado antes de analisar a próxima pergunta sobre o atendimento aos bolivianos no hospital de Cáceres: como já relatado, Cáceres é um polo regional (tanto na área de saúde, educação, financeiro, entre outros) para todo o Oeste mato-grossense. Sabe-se também que se tornou referência para toda a região da chiquitania boliviana ao Leste de San Ignacio de Velasco: San Matias, por exemplo, fica a menos de 100 km de estrada asfaltada de Cáceres enquanto a distância para San Ignacio de Velasco é de 300 km (de estrada não asfaltada, no meio do Pantanal) e para a capital da província (Santa Cruz de la Sierra) são 800 km. Devido a esta logística, é obvio que os contatos com a cidade brasileira são mais fáceis que com as cidades de referência na Bolívia. Os matienses se deslocam raramente – devido também ao alto esforço financeiro que uma viagem deste tipo impõe – tanto para a própria capital como também para a cidade mais importante da região, preferindo utilizar os serviços que Cáceres oferece.

Entre os serviços utilizados pelos bolivianos em Cáceres, destaca-se o atendimento médico hospitalar: há em Cáceres um hospital público (o Hospital Regional de Cáceres) que atende toda a região Oeste de Mato Grosso e que diariamente atende também bolivianos que passam a fronteira especificamente para ali serem atendidos (muitas vezes com pedido de médicos bolivianos encaminhando diretamente para o hospital brasileiro). Como é de conhecimento, Cáceres é uma cidade extremamente pobre e o hospital regional é mantido com recursos públicos derivados de impostos brasileiros. Diante desta situação foi criada a próxima pergunta, pois poderia haver um certo mal-estar nesta situação onde bolivianos utilizam gratuitamente um hospital público brasileiro.

Figura 23 - Frequência de respostas dos participantes em relação às questões sobre a percepção de fronteira entre Brasil e Bolívia: concordância em relação ao atendimento no Hospital Regional de Cáceres para bolivianos.

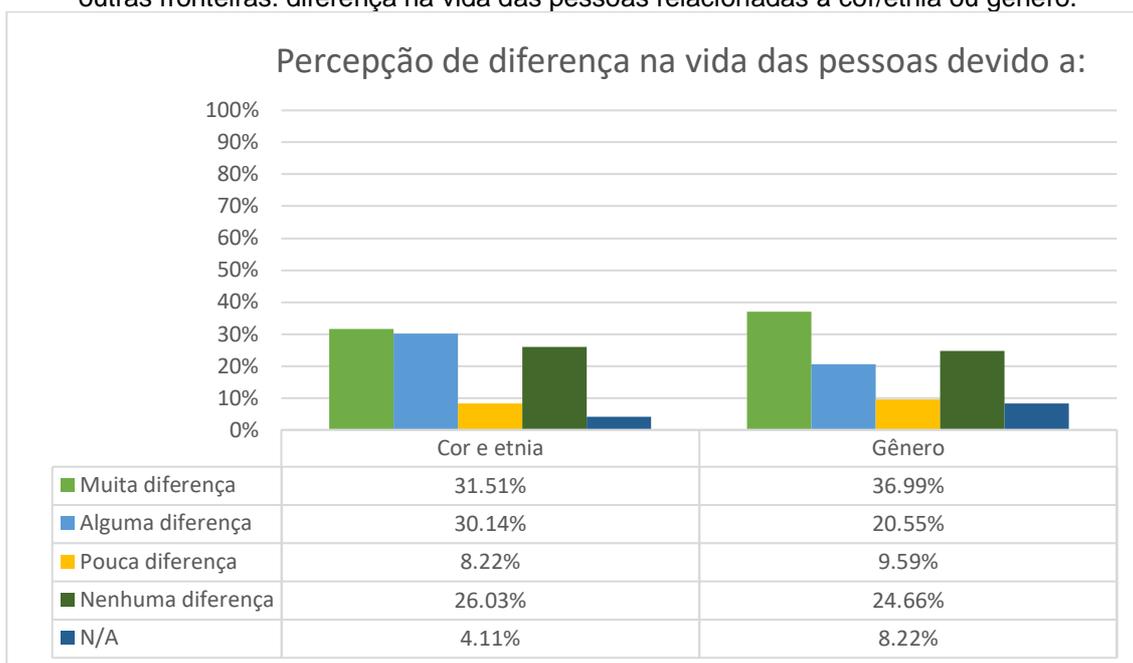


Fonte: o autor.

Ao contrário do que seria esperado, observa-se como a maioria dos entrevistados concorda com o fato dos bolivianos serem atendidos no hospital da cidade. Embora 10% tenha se mantido neutro, quase 60% dos entrevistados estiveram de acordo (com maior ou menor grau de concordância) com o atendimento e pouco mais de 20% não estava confortável com esta situação. Adiante, através do cruzamento das variáveis, será averiguada a possibilidade de usar estas respostas para confirmar ou não as questões levantadas em nossas hipóteses.

Os últimos dois gráficos demonstram questões envolvendo a percepção de outras fronteiras: são perguntas sobre a percepção das fronteiras de gênero e étnico-raciais. Sabe-se que não se trata de perguntas exaustivas e definitivas, pois para a percepção destas outras fronteiras contribuem outros fatores que não foram levantados aqui, por óbvias questões, inclusive de tamanho do questionário. De qualquer forma, já podem fornecer uma primeira ideia da qual poderia ser, em uma realidade de fronteira, a percepção de outras fronteiras no dia a dia da população.

Figura 24 - Frequência de respostas dos participantes em relação às questões sobre a percepção de outras fronteiras: diferença na vida das pessoas relacionadas à cor/etnia ou gênero.



Fonte: o autor.

A quantidade de pessoas que diz não haver nenhuma ou pouca diferença é praticamente a mesma para ambas as situações (pouco menos de 1/4 dos entrevistados). Interessante é notar como se diferenciam as outras respostas: na questão sobre gênero houve mais pessoas que deixaram a resposta em branco do que na questão sobre etnia e raça, (8,22% vs 4,11%). A distribuição daqueles que acham que gênero ou raça e etnia fazem diferença se dá de maneira distinta, pois somando ambas as respostas (muita diferença e alguma diferença) tem-se aproximadamente 60% de concordância na pergunta sobre raça e etnia, contra 56% na pergunta sobre gênero (e aqui entraria talvez aquele 4% que não respondeu). O dado interessante, porém, é que, apesar de haver mais respondentes achando que raça e etnia fazem mais diferença entre as pessoas que moram em Cáceres que o gênero, aqueles que acreditam que o gênero cria uma barreira mais difícil de ser superada são bem mais (31,51% vs 36,99%). Ou seja, a raça ou a etnia faz diferença para uma parte maior das pessoas, mas o gênero, apesar de não ser visto como um fator de diferença por tantas pessoas como a raça/etnia, cria uma fronteira bem mais forte e difícil de ser ultrapassada.

### 5.1.2 O cruzamento das variáveis

Nesta altura da análise, pode-se finalmente cruzar algumas das variáveis pesquisadas a fim de obter um quadro mais esclarecedor da amostra analisada. Decidiu-se inicialmente tentar traçar alguns perfis dos participantes, sendo eles: o perfil de gênero, o perfil de classe e o perfil político. Por último, objetivou-se entender como se distingue a percepção de algumas variáveis dependentes, em base tanto ao tipo de socialização pela qual os entrevistados passaram, bem como em relação ao nível de conhecimento (ou desconhecimento) da fronteira propriamente dita.

Foi decidido não analisar todos os cruzamentos efetuados – inseridos no Apêndice D para consulta – por uma questão tanto de facilidade de leitura, bem como pelo fato de não serem todos dados interessantes para os objetivos desta tese. Serão analisados apenas aqueles que cremos úteis para tentar esclarecer as perguntas que nós tentamos responder e aqueles que contenham algum dado excepcionalmente interessante que possa fornecer alguma dica para esta pesquisa.

#### 5.1.2.1 O perfil de gênero

Ao analisar as respostas a variável gênero se apresentou como extremamente interessante, uma vez que a quantidade de homens e mulheres que responderam ao questionário foi praticamente idêntica (50,68% vs 49,32%). Por isso, é normal esperar algo interessante em uma distribuição tão equilibrada. Os resultados surpreenderam, sendo que o pertencimento de gênero estrutura dois mundos distintos em relação à fronteira, homens e mulheres se relacionam tanto com ela como com os estrangeiros de forma muito distinta: os homens são mais conhecedores das fronteiras, enquanto as mulheres são menos propensas a se aventurar em um lugar tão “nebuloso”.

Tabela 1 - Associação entre gênero e contato com estrangeiros.

Variáveis	Gênero		
	M	F	
Contato com a estrangeiros			
Muito contato	35,2%	19,5%	27,4%
Pouco contato	54%	47,5%	50,6%
Nenhum contato	10,8%	33,3%	22%
Total	100%	100%	100%
	50,7%	49,3%	

$\chi^2=6,03$ ,  $P=0,04$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

Os homens parecem conhecer mais estrangeiros (ou pelo menos ter mais contato) que as mulheres. A resposta à pergunta sobre este contato mostra uma quantidade maior de homens (35,2% vs 19,5%) tendo muito contato e uma quantidade maior de mulheres (33,3% vs 10,8%) tendo pouco contato.

Em relação ao contato com a fronteira, se repete a tendência que a tabela anterior apresentou. Como observado na Tabela 2, o número de homens que tem muito ou um contato moderado com a fronteira é maior (51,4% vs 30,5%) que o número de mulheres, e o contrário é verdadeiro também: homens que não têm nenhum contato com a fronteira são em menor número que as mulheres (29,7% vs 50%).

Tabela 2 - Associação entre gênero e contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil.

Variáveis	Gênero		
	M	F	
Contato com a fronteira			
Nenhum contato	29,7%	50%	39,7%
Um pouco de contato	18,9%	19,5%	19,2%
Contato moderado	48,7%	22,2%	35,6%
Muito contato	2,7%	8,3%	5,5%
	100%	100%	100%
	50,7%	49,3%	

$X^2=6,52$ ,  $P=0,08$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

É possível extrair destas duas tabelas uma discrepância de gênero em relação ao contato tanto com a fronteira, como com os estrangeiros. Aparentemente os homens circulam mais que as mulheres pela região da Corixa e, de qualquer forma, estão em contato maior com estrangeiros (tanto na cidade como fora).

Há outra diferença que se dá em relação a como se diferencia a relação de homens e mulheres da nossa amostra com a informação/mídia. Nas tabelas seguintes observa-se uma distribuição bem particular na hora de assistir os telejornais: o Jornal Nacional é o mais assistido em geral e, enquanto há um grande número de homens (62%) que tendem a assistir muito este jornal, ao mesmo tempo, um número bastante alto (30%) não o assiste ou o assiste muito pouco. Já as mulheres compõem também o grupo dos que assistem esse jornal diariamente (50% delas), mas tendem a assistir mais que eles em linha geral, pois as taxas de reposta para frequência alta e moderada são respectivamente 50% e 36%, sendo que apenas 14% das entrevistadas praticamente não assiste este jornal.

Tabela 3 - Associação entre gênero e frequência de visão de notícias: "Jornal Nacional".

Variáveis	Gênero		
	M	F	
Visão notícias Jornal Nacional			
Alta	62%	50%	56%
Moderada	8%	36%	22%
Baixa	30%	14%	22%
	100%	100%	100%
	50,7%	49,3%	

$\chi^2=9,09$ ,  $P=0,01$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

Ao observar o segundo jornal mais assistido – o MTTV – vê-se como as porcentagens de divisão nítida se repetem entre os homens (43% assiste muito vs 46% não assiste), mas ao mesmo não acontece com as mulheres, que têm uma distribuição mais equilibrada (e assistem o MTTV bem menos que o Jornal Nacional, 28% vs 50%)

Tabela 4 - Associação entre gênero e frequência de visão de notícias: "MTTV".

Variáveis	Gênero		
	M	F	
Visão notícias MTTV			
Alta	43%	28%	36%
Moderada	11%	33%	22%
Baixa	46%	39%	42%
	100%	100%	100%
	50,7%	49,3%	

$\chi^2=5,66$ ,  $P=0,05$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

Ficou claro até agora que os entrevistados se informam prioritariamente por mídia social, mas de qualquer maneira – como relatado anteriormente – os telejornais são um meio de informação muito importante para a grande maioria deles. Percebe-se, porém, uma diferente forma de se informar em relação ao gênero, pois as respostas dos homens tendem a uma separação mais rígida entre uma fruição diária das notícias e nenhuma visão, enquanto as mulheres tendem a apresentar com menor frequência esta característica, sendo mais equilibradas em suas respostas (aproximadamente um terço para cada resposta).

Quando a questão relaciona as outras fronteiras (raça, etnia ou gênero), a análise se faz mais interessante. Por exemplo, em relação à pergunta sobre a diferença que podem fazer a raça ou a etnia na vida de uma pessoa, ambos os sexos concordam em sua maioria – 57% os homens e um pouco mais, 67%, as mulheres – que faz diferença, muita ou alguma. O dado mais interessante talvez seja o fato de

mais de um terço dos homens acreditar que não faça nenhuma diferença, contra apenas 17% das mulheres.

Tabela 5 - Associação entre gênero e percepção da diferença referente à cor e etnia na vida das pessoas em Cáceres.

Variáveis	Gênero		
	M	F	
Percepção de diferença que cor ou etnia faz			
N/A	3%	6%	4%
Muita diferença	27%	36%	32%
Alguma diferença	30%	31%	30%
Pouca diferença	5%	11%	8%
Nenhuma diferença	35%	17%	26%
	100%	100%	100%
	50,7%	49,3%	

$X^2=3,95$ ,  $P=0,41$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

Também há um dado interessante (e esperado) quando a questão relaciona as fronteiras de gênero: as mulheres percebem mais que os homens a dificuldade que é ser mulher em Cáceres. Um número similar de homens (aproximadamente um terço) acredita que não faça nenhuma diferença tanto ao gênero como a raça ou etnia. Mas ao observar o que as mulheres pensam a respeito, nota-se como a metade exata das participantes concorda que ser mulher faz muita diferença, 19% pensa que faz alguma diferença e apenas 22% pensa que faz pouca ou não faz nenhuma diferença. Este é um sinal claro de que a resposta está direcionada, no caso das mulheres, pela experiência pessoal vivida no dia a dia delas.

Tabela 6 - Associação entre gênero e percepção da diferença que o gênero faz na vida das pessoas em Cáceres.

Variáveis	Gênero		
	M	F	
Percepção de diferença que o gênero faz			
N/A	8%	8%	8%
Muita diferença	24%	50%	37%
Alguma diferença	22%	19%	21%
Pouca diferença	8%	11%	10%
Nenhuma diferença	38%	11%	25%
	100%	100%	100%
	50,7%	49,3%	

$X^2=8,75$ ,  $P=0,06$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

A análise do perfil de gênero foi interessante e ofereceu uma visão bem distinta dos dois “mundos”. Em alguns campos foi mais profunda enquanto em outros mais leve, mas o que emerge é um quadro preciso de quanto o universo dos homens e das

mulheres é distinto, sobretudo em relação à percepção das fronteiras que os envolvem diretamente (fronteiras de gênero) e também em relação a como lidam com as fronteiras físicas, pois como observado, os homens as conhecem melhor que as mulheres.

### 5.1.2.2 O perfil de classe

Outro cruzamento realizado envolveu a variável autopertencimento de classe social. Já era de conhecimento que a autocolocação de classe mostrava uma concentração alta - 76% - nas classes C e D. O que pôde ser percebido em relação ao tema investigado foram alguns dados interessantes quanto ao contato com a fronteira, pois as classes mais baixas são aquelas que têm menor contato com este lugar: 55% dos que se autocolocaram na classe D disseram não ter nenhum contato com a fronteira, enquanto na classe B este valor é 0%. Já nesta classe social (a mais alta na qual se colocaram os jovens entrevistados), 67% tem um contato moderado e 33% muito contato, enquanto conforme alterna-se de C para E, aqueles que têm muito contato descem de 8% até 0%. Isto pode se dar por vários motivos. Talvez, aqueles que se colocam em uma classe mais baixa não tenham interesse ou recursos para alcançar a fronteira (há na cidade ônibus que organizam visitas à Bolívia para comprar roupa mais barata e revender no Brasil, mas normalmente quem usufrui disso são pessoas que têm lojas no centro da cidade, ou vêm de outra região, por exemplo a capital do Estado). Já os que se colocam nas classes mais altas podem ser pessoas que já se deslocaram até o outro lado exatamente para estas compras, ou para desempenhar alguma atividade nas fazendas fronteiriças.

Tabela 7 - Associação entre a classe social dos participantes e o contato com a fronteira.

Variáveis	Classe Social					
	N/A	B	C	D	E	
Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil						
Nenhum contato	0%	0%	38%	55%	33%	40%
Um pouco de contato	50%	0%	19%	14%	22%	19%
Contato moderado	33%	67%	35%	31%	44%	36%
Muito contato	17%	33%	8%	0%	0%	5%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%
	8%	4%	36%	40%	12%	

$\chi^2=18,57$ ,  $P=0,09$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

Uma das características mais interessantes notadas ao cruzar as variáveis é em relação a como as pessoas se informam. Já foi observado que os entrevistados preferem se informar por mídia social ou por telejornal em sua grande maioria. O que o questionário revelou foi um aspecto bem interessante em relação ao uso do WhatsApp: conforme a classe social decresce, diminui também o uso que se faz desta ferramenta para se informar. Este fato é patente na Tabela 8 demonstrada abaixo:

Tabela 8 - Associação entre a classe social dos participantes e a frequência de leitura de notícias: "WhatsApp".

Variáveis	Classe Social					
	N/A	B	C	D	E	
Frequência de leitura de notícias: "WhatsApp"						
Alta	100%	100%	96%	93%	67%	92%
Moderada	0%	0%	4%	7%	11%	5%
Baixa	0%	0%	0%	0%	22%	3%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%
	8%	4%	36%	40%	12%	

$X^2=16,21$ ,  $P=0,03$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

Enquanto 100% da classe B tem uma frequência de leitura alta de notícias por WhatsApp, conforme a classe decresce, cai também o número de pessoas que se informa dessa forma (96% na classe C, 93% na classe D e 67 na classe E). Este número diminui pouco nas classes intermediárias (que ainda mantém uma frequência de leitura moderada), mas baixa muito quando se olha a coluna da classe E, na qual o número de pessoas que tem uma frequência de leitura baixa de notícias por WhatsApp é de 22%.

Tabela 9 - Associação entre a classe social dos participantes e percepção de diferença devido a etnia ou raça.

Variáveis	Classe Social					
	N/A	B	C	D	E	
Diferença cor e etnia na vida das pessoas em Cáceres						
N/A	0%	40%	0%	3%	0%	4%
Muita diferença	0%	20%	31%	34%	44%	32%
Alguma diferença	50%	40%	31%	28%	22%	30%
Pouca diferença	25%	0%	4%	14%	0%	8%
Nenhuma diferença	25%	0%	35%	21%	33%	26%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%
	5%	7%	36%	40%	12%	

$X^2=23,55$ ,  $P=0,10$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

Ao verificar as últimas duas tabelas (Tabelas 9 e 10), aquelas que se referem à percepção da diferença que fazem cor, etnia e gênero na vida das pessoas em Cáceres, há algo interessante, sobretudo na primeira (Tabela 9).

Tabela 10 - Associação entre a classe social dos participantes e percepção de diferença devido a gênero.

Variáveis	Classe Social					
	N/A	B	C	D	E	
Diferença gênero na vida das pessoas em Cáceres						
N/A	33%	33%	8%	3%	0%	8%
Muita diferença	0%	33%	35%	41%	56%	37%
Alguma diferença	50%	33%	19%	17%	11%	21%
Pouca diferença	0%	0%	8%	14%	11%	10%
Nenhuma diferença	17%	0%	31%	24%	22%	25%
	100%	100%	100%	100%	100%	100%
	8%	4%	36%	40%	12%	

$\chi^2=17,88$ ,  $P=0,33$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

Em Cáceres, como no resto do Brasil, há uma relação direta entre cor ou etnia e classe social. Os entrevistados parecem ter consciência disso, pois em linhas gerais, a maioria absoluta relatou que estas características citadas fazem muita ou pelo menos alguma diferença na vida das pessoas. Mesmo não sendo a pergunta do questionário relativa diretamente à questão econômica, pode-se inferir esta informação facilmente: o dado mais interessante que surge, e que faz pensar dessa forma, é como esta percepção se distribui. Conforme a classe diminui, aumenta o número de pessoas que veem a cor e a raça como fazendo muita diferença (20% para a classe B, 31% para a classe C, 34% para a classe D e 44% para a classe E). Já em relação às fronteiras de gênero, a distribuição é mais homogênea, com uma distribuição parecida entre as classes sociais.

### 5.1.2.3 O perfil político

Como já percebido na pergunta sobre autocolocação política, a maioria dos entrevistados se define como sendo de centro, em segundo lugar de esquerda e em um número menor de casos de direita. Não há dados evidentes em relação ao perfil político dos entrevistados, pois a distribuição das respostas ao cruzar esta variável com as outras resultou-se bastante homogênea. De qualquer forma, é possível perceber algumas levíssimas diferenças entre as três colocações. Em relação à

socialização, por exemplo, a imensa maioria dos que se declaram de direita vem de um município fronteiro (82%), enquanto os de esquerda e de centro são respectivamente 63% e 56%. Os entrevistados de esquerda são mais urbanos (63%) que os outros dois (centro 56% e direita 55%). Estas informações nos mostram de qualquer forma uma distribuição relativamente homogênea: pode-se ver que as diferenças estão espalhadas em todos os perfis analisados sem nenhum dado que possa chamar mais atenção que os outros.

Tabela 11 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e o município de criação.

Variáveis	Posicionamento Político			
	N/A	Esquerda	Centro	Direita
Município de criação				
Município fronteiro	83%	63%	56%	82%
Município não fronteiro	17%	38%	44%	18%
	100%	100%	100%	100%

N = 73

Fonte: o autor.

Tabela 12 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e a zona de criação.

Variáveis	Posicionamento Político			
	N/A	Esquerda	Centro	Direita
Zona de criação				
Urbana	33%	63%	56%	55%
Neutra	33%	21%	31%	27%
Rural	33%	17%	13%	18%
	100%	100%	100%	100%

N = 73.

Fonte: o autor.

Tabela 13 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e o contato com estrangeiros.

Variáveis	Posicionamento Político			
	N/A	Esquerda	Centro	Direita
Contato com estrangeiros				
Muito contato	50%	25%	22%	36%
Pouco contato	33%	54%	53%	45%
Nenhum contato	17%	21%	25%	18%
	100%	100%	100%	100%

N = 73.

Fonte: o autor.

Ao observar o contato que os participantes têm com a fronteira, é possível verificar como aqueles que se colocaram à direita no espectro político tem mais contato com a fronteira e os estrangeiros.

Tabela 14 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e o contato com a fronteira.

Variáveis	Posicionamento Político			
	N/A	Esquerda	Centro	Direita
Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil				
Nenhum contato	17%	42%	41%	45%
Um pouco de contato	17%	13%	25%	18%
Contato moderado	67%	38%	31%	27%
Muito contato	0%	8%	3%	9%
	100%	100%	100%	100%

N = 73.

Fonte: o autor.

A quantidade de pessoas que se diz de direita e tem muito contato com os estrangeiros é bem maior que os outros (36% vs 25% para esquerda e 22% para o centro), e também em relação ao contato com os estrangeiros (9% vs 8% para esquerda e 3% para o centro). À exceção destes, em geral, a distribuição também é bastante homogênea, fazendo pensar que não haja uma relação direta entre posição política e contato com os estrangeiros ou com a fronteira. Talvez seja possível dizer que o contato não seja algo voluntário, mas casual, e que não haja uma ligação direta entre posição política e preconceito ou falta de contato, pois ao analisar os dados a seguir (Tabela 15), em relação à concordância ou não quanto ao atendimento a bolivianos no hospital da cidade, observa-se como as pessoas de direita são as que mais concordam com esta situação.

É de conhecimento que, tendenciosamente, pessoas que se dizem de direita costumam ter um maior grau de intolerância em relação a estrangeiros, mas aparentemente os dados coletados em Cáceres desmentem esta afirmação. Como mencionado anteriormente, talvez não haja uma ligação direta entre o posicionamento político de direita e a crença nos valores mais tradicionais da direita.

Tabela 15 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e a concordância com o atendimento no hospital.

Variáveis	Posicionamento Político			
	N/A	Esquerda	Centro	Direita
Concordância para atendimentos de bolivianos no hospital de Cáceres				
N/A	33%	8%	6%	9%
Concordo muito	17%	50%	41%	55%
Concordo um pouco	33%	13%	13%	9%
Nem concordo nem discordo	17%	8%	16%	0%
Discordo um pouco	0%	13%	13%	18%
Discordo muito	0%	8%	13%	9%
	100%	100%	100%	100%

N = 73.

Fonte: o autor.

Tabela 16 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e a percepção de diferença devido a etnia ou raça.

Variáveis	Posicionamento Político			
	N/A	Esquerda	Centro	Direita
Diferença cor e etnia na vida das pessoas em Cáceres				
N/A	0%	0%	6%	9%
Muita diferença	33%	46%	22%	27%
Alguma diferença	50%	33%	25%	27%
Pouca diferença	0%	0%	19%	0%
Nenhuma diferença	17%	21%	28%	36%
	100%	100%	100%	100%

N = 73.

Fonte: o autor.

Como esperado, as temáticas étnico-raciais e de gênero também mostram uma tendência das pessoas de direita se posicionarem mais em direção a uma relativização das diferenças que podem fazer estas características na vida das pessoas, mas não tanto como imaginado: cor e etnia fazem muita diferença para 27% das pessoas de direita, 22% para os de centro e 46% daqueles que se definem de esquerda. O gênero tem os mesmos resultados, mas com uma diferença menor (45% direita, 50% esquerda e apenas 28% centro).

Tabela 17 - Associação entre o posicionamento político dos participantes e a percepção de diferença devido a gênero.

Variáveis	Posicionamento Político			
	N/A	Esquerda	Centro	Direita
Diferença gênero na vida das pessoas em Cáceres				
N/A	17%	4%	9%	9%
Muita diferença	17%	50%	28%	45%
Alguma diferença	17%	21%	22%	18%
Pouca diferença	17%	4%	13%	9%
Nenhuma diferença	33%	21%	28%	18%
	100%	100%	100%	100%

N = 73.

Fonte: o autor.

### 5.1.3 A percepção da fronteira

Traçar o perfil dos entrevistados – tanto por gênero, como por classe e também o perfil político – foi interessante para melhor compreender as características dessa amostra: pôde-se entender quais as diferenças principais entre homens e mulheres, quanto estão distantes politicamente e qual é a classe social à qual dizem pertencer, além de tentar entender se haveria alguma característica desse perfil que poderia nos dizer algo mais acerca deles. A construção do questionário, como já reportado, foi feita seguindo as indicações teóricas de Sandro Mezzadra sobre a fronteira e também as considerações de M.M. Wood sobre a diferenciação da relação com os estrangeiros nos distintos contextos territoriais (além das contribuições de Étienne Balibar, Brett Neilson e Zygmunt Bauman). Mezzadra confronta continuamente com uma realidade de fronteira indeterminada, que não pode ser definida, que admite uma inclusão diferencial e que em realidade é mais porosa que fechada – infringindo uma visão de rigidez que, quase naturalmente, estamos propensos a pensar.

Os dados que mais se destacaram serão agora demonstrados, pois, o cruzamento de algumas variáveis com as respostas sobre a percepção da fronteira, permitirá esclarecer e, eventualmente, detalhar como o nosso percurso teórico se encaixa nas respostas dadas pela amostra, ou não. É sabido que um questionário é uma ferramenta útil para este fim, mas não se pode confiar cegamente nele, uma vez que, apesar dos pré-testes feitos previamente à sua aplicação terem oferecido resultados positivos, sempre há chance de não se receber o rendimento esperado.

### 5.1.3.1 Relação entre tipo de socialização/conhecimento de fronteira e percepção desta quanto à passagem de pessoas e de mercadorias: a fronteira é aberta ou não?

Ao cruzar os dados sobre o conhecimento da fronteira e a percepção desta, percebe-se como há pequenas, porém significativas, diferenças entre quem conhece e quem não conhece a divisa. Na Tabela 18 percebe-se uma distinção entre quem conhece bem a fronteira e tem muito contato com ela e quem não tem nenhum ou pouco contato em relação, por exemplo, à passagem de pessoas. Quem não conhece a fronteira tende a perceber esta última como totalmente aberta para passagem de pessoas, já quem a conhece muito bem tende a ser mais moderado em suas respostas, como se quisesse avisar que, sim a fronteira não é aquele lugar fechado imaginado que remete a muros e arame farpado, mas também não é um lugar totalmente aberto e sem controle. A resposta dos conhecedores da fronteira está mais para aquela inclusão diferencial da qual nos falamos tanto Mezzadra, Neilson e Balibar. Um lugar que não pode ser definido como totalmente aberto e nem totalmente fechado, mas algo intermediário, para o qual uma definição binária não serviria.

Tabela 18 - Contato com a fronteira e sua influência sob a percepção de controle de passagem de pessoas na fronteira.

Variáveis	Controle de passagem de pessoas					Impermeável
	N/A	Muito permeável	Moderadamente permeável	Moderadamente impermeável		
Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil						
Nenhum contato	14%	45%	34%	3%	3%	100%
Um pouco de contato	0%	43%	43%	0%	14%	100%
Contato moderado	0%	42%	46%	4%	8%	100%
Muito contato	0%	25%	75%	0%	0%	100%

N=73.

Fonte: o autor.

Merece uma explicação a resposta à questão relativa à passagem de mercadorias, pois Cáceres funciona como centro de trânsito para muitas pessoas que diariamente vão até San Matias para comprar, principalmente, roupa a ser revendida no Brasil (sobretudo na capital do Estado). Ao retornar ao Brasil, o controle de mercadorias trazidas pelos “muambeiros” nos ônibus fretados é extremamente rígido. Ao pensar em controle de mercadorias, provavelmente os entrevistados visualizaram

esta situação, dado que a totalidade dos que conhecem bem a fronteira a definiram como fechada (75% moderadamente e 25% totalmente) para a passagem de mercadorias, sendo que quem conhece menos a realidade fronteiriça visualiza uma situação mais porosa, não totalmente fechada mas ao mesmo tempo não totalmente aberta. Percebe-se aqui como quem não conhece perfeitamente a fronteira pensa que seja mais fácil a passagem de pessoas que de mercadorias.

Tabela 19 - Contato com a fronteira e sua influência sob a percepção de controle de passagem de mercadorias na fronteira.

Variáveis	Controle de passagem de mercadorias					Impermeável
	N/A	Muito permeável	Moderadamente permeável	Moderadamente impermeável		
Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil						
Nenhum contato	14%	24%	45%	10%	7%	100%
Um pouco de contato	7%	14%	50%	21%	7%	100%
Contato moderado	4%	31%	42%	19%	4%	100%
Muito contato	0%	0%	0%	75%	25%	100%

N=73.

Fonte: o autor.

Em relação ao município de criação – socialização – nota-se o mesmo perfil observado anteriormente, pois quem conhece um pouco melhor a fronteira, por ter nascido perto desta, tende a ser mais moderado em suas respostas em comparação a quem foi socializado longe desta última. Importante ressaltar que na região pesquisada há um preconceito sobre a fronteira, pois esta é vista – devido às suas características físicas – como extremamente aberta e permeável, um lugar pelo qual é extremamente fácil passar. As respostas refletem esta visão, dado que quem foi socializado longe da fronteira percebe esta última como mais livre, no quesito passagem de pessoas, do que quem foi socializado próximo a ela.

Tabela 20 - Município de criação e sua influência sob a percepção de controle de passagem de pessoas na fronteira.

Variáveis	Controle de passagem de pessoas					
	N/A	Muito permeável	Moderadamente permeável	Moderadamente impermeável	Impermeável	
Município de criação						
Município fronteiro	9%	38%	40%	4%	9%	100%
Município não fronteiro	0%	50%	46%	0%	4%	100%

N=73.

Fonte: o autor.

De forma similar, ao observar a passagem de mercadorias e comparar com a passagem de pessoas, depara-se com uma percepção de fronteira mais fechada, sobretudo por parte de quem foi socializado próximo à divisa (apenas 19% dos fronteiriços pensam nela como permeável, contra 31% dos não fronteiriços).

Tabela 21 - Contato com a fronteira e sua influência sob a percepção de controle de passagem de mercadorias na fronteira.

Variáveis	Controle de passagem de mercadorias					
	N/A	Muito permeável	Moderadamente permeável	Moderadamente impermeável	Impermeável	
Município de criação						
Município fronteiro	11%	19%	43%	19%	9%	100%
Município não fronteiro	4%	31%	42%	19%	4%	100%

N=73.

Fonte: o autor.

A variável que interessa a M. M. Wood, a diferença derivada do tipo de socialização, não reservou dados muito esclarecedores, pois as respostas estão muito dispersas – quase idênticas entre os entrevistados – o que poderia indicar que o fato de ter sido criado em uma zona urbana ou rural não influenciaria diretamente a percepção da fronteira como permeável ou responsável por uma inclusão diferenciada. Apenas chama atenção o fato que as pessoas que foram socializadas em zona rural pensam que a fronteira seja totalmente impermeável em porcentagem tão alta (17%). Se, porém, analisar as outras respostas – somando-se os muito e moderadamente permeável – não se observa grande diferença. Não era esperado uma resposta significativa deste cruzamento, dado que na visão da Wood a diferença

que deriva da socialização se dá principalmente na relação com os estrangeiros. Portanto, pode-se dizer que esta também está seguindo a previsão deste estudo.

Tabela 22 - Zona de criação e sua influência sob a percepção de controle de passagem de pessoas na fronteira.

Variáveis	Controle de passagem de pessoas					Impermeável
	N/A	Muito permeável	Moderadamente permeável	Moderadamente impermeável		
Zona de criação						
Urbana	7%	44%	39%	5%	5%	100%
Neutra	5%	50%	40%	0%	5%	100%
Rural	0%	25%	58%	0%	17%	100%

N=73.

Fonte: o autor.

Novamente, não era esperado algo muito diferente, a zona de criação não influencia na percepção de passagem de mercadorias. A mesma tendência vista nas respostas anteriores está presente na tabela abaixo: a mercadoria é vista como mais difícil de passar de um lado para o outro da fronteira pois esta última é percebida como mais impermeável para um número maior de pessoas – mesmo que a maioria ainda ache a fronteira permeável em linhas gerais.

Tabela 23 - Zona de criação e sua influência sob a percepção de controle de passagem de pessoas na fronteira.

Variáveis	Controle de passagem de mercadorias					Impermeável
	N/A	Muito permeável	Moderadamente permeável	Moderadamente impermeável		
Zona de criação						
Urbana	12%	29%	37%	17%	5%	100%
Neutra	5%	15%	50%	25%	5%	100%
Rural	0%	17%	50%	17%	17%	100%

N=73.

Fonte: o autor.

Já a questão residência no município parece oferecer uma tendência, mesmo que leve, em relação à passagem de pessoas pela fronteira: quanto mais tempo as pessoas moram na cidade de Cáceres, mais tendem a percebê-la como impermeável. É necessário esclarecer as coisas: a imensa maioria ainda percebe a fronteira como permeável (muito ou moderadamente que seja), mas de qualquer forma, a percepção de impermeabilidade, por pequena que seja, cresce conforme cresce o tempo de residência na cidade.

Tabela 24 - Tempo de residência e sua influência sob a percepção de controle de passagem de pessoas na fronteira.

Variáveis	Controle de passagem de pessoas				
	N/A	Muito permeável	Moderadamente permeável	Moderadamente impermeável	Impermeável
Tempo de residência em Cáceres					
De 0 a 1 ano de residência	8%	42%	50%	0%	0%
De 1 ano e 1 dia a 5 anos	0%	50%	43%	0%	7%
Mais de 5 anos de residência	9%	36%	39%	6%	9%

N=73.

Fonte: o autor.

A mesma tendência, mas em direção oposta, é percebida em relação ao controle de mercadorias: quanto mais tempo as pessoas residem em Cáceres, menos tendem a ver a fronteira como permeável para mercadorias. Pelo contrário, a tendência é a oposta em todos os campos: cresce o número de pessoas que percebem ela como impermeável e diminui o número de pessoas que a percebem como permeável. A permanência em Cáceres provavelmente leva aos ouvidos destas pessoas, histórias sobre mercadorias aprendidas ou controle e fiscalizações rígidas no retorno ao Brasil.

Tabela 25 - Zona de criação e sua influência sob a percepção de controle de passagem de mercadorias na fronteira.

Variáveis	Controle de passagem de mercadorias				
	N/A	Muito permeável	Moderadamente permeável	Moderadamente impermeável	Impermeável
Tempo de residência em Cáceres					
De 0 a 1 ano de residência	8%	25%	42%	17%	8%
De 1 ano e 1 dia a 5 anos	4%	32%	46%	14%	4%
Mais de 5 anos de residência	12%	15%	39%	24%	9%

N=73.

Fonte: o autor.

É possível perceber, nesta primeira análise, como as questões levantadas na base teórica deste estudo começam a aparecer, mesmo que em forma sutil: quem conhece melhor a fronteira possui uma percepção desta como mais próxima à

realidade mostrada por Mezzadra, Balibar, entre outros. A averiguação desta análise ocorre nas próximas tabelas e, sobretudo, nos grupos focais analisados adiante.

Para entender como se dá a percepção que os entrevistados têm da fronteira, também foram feitas mais duas perguntas que ofereceram dados significativos: a primeira era sobre a percepção de quanto são diferentes ou similares os dois lados da fronteira – o lado de Cáceres e o lado de San Matias –, a segunda, era sobre a diferença que poderia existir em relação ao aspecto físico entre bolivianos e brasileiros. Ambas as perguntas foram cruzadas com outras variáveis, gerando uma série de respostas bem interessantes em relação sobretudo ao cruzamento com o contato com a fronteira entre Brasil e Bolívia: por exemplo, 38% daqueles que não tiveram nenhum contato com a fronteira preferiram deixar em branco a resposta sobre a diferença entre os dois lados da fronteira do que se arriscar a imaginar uma realidade desconhecida (a pergunta era sobre a opinião acerca da realidade fronteiriça, não sobre o conhecimento). Outro ponto interessante é que a grande maioria dos que conhecem bem a fronteira percebe os dois lados como bem diferentes, e este é um detalhe que faz pensar, pois em realidade se trata de duas regiões pantaneiras bastante despovoadas. Portanto, ao conseguir nos imaginar perdidos em algum lugar, seria difícil entender em que país nos encontraríamos, mas mesmo assim, há uma tendência a perceber os dois lados como diferentes.

Tabela 26 - Associação entre o contato com a fronteira e a percepção da diferença entre os lados desta.

Variáveis	Diferença dos lados					100%	
	N/A	Muito semelhantes	Meio semelhantes	Meio diferentes	Muito diferentes		
Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil							
Nenhum contato	38%	7%	10%	28%	17%	100%	40%
Um pouco de contato	0%	7%	21%	36%	36%	100%	19%
Contato moderado	0%	12%	15%	46%	27%	100%	36%
Muito contato	0%	25%	0%	50%	25%	100%	5%

$\chi^2=22,40$ ,  $P=0,03$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

A análise da Tabela 27 torna este aspecto ainda mais interessante: percebe-se que quem mais vê os dois lados como diferentes (muito ou meio) é quem foi socializado em zona urbana (61%). Já quem foi socializado em zona rural pensa o contrário (50% veem os dois lados como muito ou meio semelhantes). Uma possível

interpretação desta resposta pode ser devida ao tipo de interpretação da pergunta: quem vem da zona rural pensou no campo, enquanto quem vem da zona urbana talvez tenha pensado nas duas cidades de Cáceres e San Matias.

Tabela 27 - Associação entre a zona de criação e a percepção da diferença entre os lados da fronteira.

Variáveis	Diferença dos lados						
	N/A	Muito semelhantes	Meio semelhantes	Meio diferentes	Muito diferentes		
Zona de criação							
Urbana	17%	7%	15%	34%	27%	100%	56%
Neutra	15%	0%	10%	50%	25%	100%	27%
Rural	8%	33%	17%	25%	17%	100%	16%

N=73.

Fonte: o autor.

O mesmo se dá com a análise das respostas dos cacerenses “nativos” em comparação aos “recém-chegados”: quem mora há menos de um ano em Cáceres percebe os dois lados como mais semelhantes (42% somando muito e meio semelhantes), enquanto quem mora há mais de 5 anos os vê como diferentes (69% somando muito e meio diferentes).

Tabela 28 - Associação entre o tempo de residência e percepção da diferença entre os lados da fronteira.

Variáveis	Diferença dos lados						
	N/A	Muito semelhantes	Meio semelhantes	Meio diferentes	Muito diferentes		
Tempo de residência em Cáceres							
De 0 a 1 ano de residência	25%	17%	25%	17%	17%	100%	16%
De 1 ano e 1 dia a 5 anos	14%	11%	11%	36%	29%	100%	38%
Mais de 5 anos de residência	12%	6%	12%	45%	24%	100%	45%

N=73.

Fonte: o autor.

Comparando estas tabelas com as tabelas relacionadas às respostas sobre a diferença percebida em relação aos aspectos físicos, culturais ou sociais entre brasileiros e bolivianos, percebe-se que os entrevistados se sentem mais livres para responder (já que apenas 7% daqueles que não tem nenhum contato com a fronteira não responderam esta pergunta contra 38% da pergunta anterior). Aparentemente, falar sobre os bolivianos é mais fácil que falar sobre a Bolívia. Um outro ponto interessante desta tabela é o fato que metade (50%) daqueles que têm muito contato

com a fronteira não veem nenhuma diferença entre cacerenses e matienses (o resultado era exatamente o oposto na tabela anterior, 75% dos que conhecem bem a fronteira veem muita ou alguma diferença entre os dois lados da fronteira). Aparentemente, em geral, a percepção que as pessoas têm é de grande diferença entre os lugares e pouca diferença entre as pessoas.

Tabela 29 - Associação entre o contato com a fronteira e a percepção de diferença em aspectos físicos e culturais entre bolivianos e brasileiros.

Variáveis	Diferença do aspecto físico					100%	40%
	N/A	Muita diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil							
Nenhum contato	7%	0%	17%	55%	21%	100%	40%
Um pouco de contato	0%	7%	0%	57%	36%	100%	19%
Contato moderado	0%	0%	12%	58%	31%	100%	36%
Muito contato	0%	25%	0%	25%	50%	100%	5%

$X^2=18,05$ ,  $P=0,11$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

Na Tabela 30 percebe-se a mesma tendência: a grande maioria dos participantes – quer sejam originários de zona urbana, rural ou neutra – nota pouca ou nenhuma diferença no aspecto físico entre os brasileiros e os bolivianos que moram dos dois lados da fronteira.

Tabela 30 - Associação entre a zona de criação e a percepção de diferença em aspectos físicos e culturais entre bolivianos e brasileiros.

Variáveis	Diferença do aspecto físico					100%	56%
	N/A	Muita diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
Zona de criação							
Urbana	5%	2%	12%	44%	37%	100%	56%
Neutra	0%	5%	5%	70%	20%	100%	27%
Rural	0%	0%	17%	67%	17%	100%	16%

$N=73$ .

Fonte: o autor.

Já em relação ao tempo de permanência, aparentemente, os “novatos” percebem os cacerenses como menos semelhantes aos bolivianos que os próprios autóctones – em quantidade mínima, mas mesmo assim há uma diferença – que tendem a se perceber como muito próximos aos vizinhos (Tabela 31).

Tabela 31 - Associação entre o tempo de residência e a percepção de diferença em aspectos físicos e culturais entre bolivianos e brasileiros.

Variáveis	Diferença do aspecto físico					100%	16%
	N/A	Muita diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
Tempo de residência em Cáceres							
De 0 a 1 ano de residência	8%	8%	17%	50%	17%	100%	16%
De 1 ano e 1 dia a 5 anos	0%	0%	11%	61%	29%	100%	38%
Mais de 5 anos de residência	3%	3%	9%	52%	33%	100%	45%

N=73.

Fonte: o autor.

### 5.1.3.2 Atendimento a bolivianos no Hospital Regional de Cáceres: quando o outro é estrangeiro

Uma das hipóteses que se pretende testar é de que maneira distintas realidades de socialização podem influenciar a percepção dos estrangeiros e a relação com estes últimos. Para isso, foram relacionadas as variáveis referentes, por exemplo, às comunidades de origem dos entrevistados ou ao diferente contato com a fronteira, com os dados relativos a um aspecto muito peculiar da cidade de Cáceres: o atendimento a bolivianos no hospital da cidade. Os dados obtidos foram extremamente interessantes e coerentes com as ideias da Wood, apresentadas anteriormente. A socióloga evidenciou em sua obra como distintos contextos de origem social podem caracterizar distintas relações com os estrangeiros: como já salientado, há uma distinção entre o ambiente rural (onde existem comunidades mais fechadas com dificuldades em enfrentar as mudanças) e o ambiente urbano (onde as relações são menos consolidadas e duradouras e, por isso, uma maior abertura).

Tabela 32 - Associação entre a zona de criação e a concordância com o atendimento aos bolivianos no hospital de Cáceres.

Variáveis	Concordância com o atendimento no hospital						100%
	N/A	Concordo muito	Concordo pouco	Indiferente	Discordo pouco	Discordo muito	
Zona de criação							
Urbana	11%	51%	5%	22%	11%	11%	100%
Neutra	11%	50%	33%	0%	6%	11%	100%
Rural	9%	36%	18%	0%	36%	9%	100%

 $\chi^2=18,33$ ,  $P=0,05$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

Exatamente em relação a este tipo de distinção, pode-se perceber como mudam as percepções dos nossos respondentes em relação à concordância ou menos com o atendimento de bolivianos no hospital de Cáceres.

A tabela 33 é, talvez, uma das mais interessantes, uma vez que nela está contida a confirmação do que a Wood apresentou em sua obra: pressupondo a concordância com o atendimento como uma maior abertura e a discordância como um fechamento. Percebe-se que quem foi socializado em ambiente rural tende a discordar mais em relação a este atendimento de quem foi socializado em ambiente urbano, ou em ambos os ambientes. Quase a metade dos que foram criados em ambiente rural (45%) discorda em algum grau com este atendimento, em comparação a pouco mais de 20% dos urbanos e apenas 17% dos mistos. Em relação aos que foram criados em ambiente urbano, é interessante observar como 22% deles se posiciona como indiferente quanto a esta questão (foram os únicos indiferentes do questionário). De qualquer forma, a maioria dos que foram criados em ambiente urbano (51%) ou neutro (50%) concorda plenamente com este atendimento enquanto apenas 36% dos que foram criados em ambiente rural é da mesma opinião. A amostra analisada confirma, portanto, o esperado e o que a Wood havia já percebido e justificado em sua pesquisa: ambientes específicos de socialização oferecem comportamentos específicos em relação aos estrangeiros.

Ao cruzar os dados com outras variáveis – contato com a fronteira, município de criação e tempo de residência em Cáceres – e das tabelas resultantes, pode-se perceber mais uma questão interessante: de todas, é possível extrair uma tendência daqueles que têm ou tiveram maior contato com a fronteira em discordar com este atendimento. Entre aqueles que, de uma maneira ou de outra, têm mais contato com a fronteira (tanto contato real, como ter sido criado em município fronteiriço, bem como residir em Cáceres – município fronteiriço – por mais tempo) está a maioria dos que discordam muito com o atendimento; aqueles que foram criados em município fronteiriço tendem a estar menos de acordo com o atendimento que aqueles que foram criados em município não fronteiriço. Finalmente, o cruzamento da variável com o tempo de residência em Cáceres resulta que quanto menos tempo o entrevistado morou na cidade pantaneira, mais ele está de acordo com o atendimento a bolivianos, enquanto conforme aumenta o tempo de residência na cidade menor a concordância com este atendimento.

Tabela 33 - Associação entre o contato com a fronteira e a concordância com o atendimento aos bolivianos no hospital de Cáceres.

Variáveis	Concordância com o atendimento no hospital						
	N/A	Concordo muito	Concordo pouco	Indiferente	Discordo pouco	Discordo muito	
Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil							
Nenhum contato	8%	46%	13%	8%	25%	8%	100%
Um pouco de contato	8%	54%	15%	15%	8%	8%	100%
Contato moderado	12%	48%	16%	16%	8%	12%	100%
Muito contato	25%	50%	25%	0%	0%	25%	100%

N=73.

Fonte: o autor.

Tabela 34 - Associação entre o município de criação e a concordância com o atendimento aos bolivianos no hospital de Cáceres.

Variáveis	Concordância com o atendimento no hospital						
	N/A	Concordo muito	Concordo pouco	Indiferente	Discordo pouco	Discordo muito	
Município de criação							
Município fronteiriço	14%	40%	19%	16%	12%	14%	100%
Município não fronteiriço	4%	65%	9%	4%	17%	4%	100%

N=73.

Fonte: o autor.

Tabela 35 - Associação entre o tempo de residência e a concordância com o atendimento aos bolivianos no hospital de Cáceres.

Variáveis	Concordância com o atendimento no hospital						
	N/A	Concordo muito	Concordo pouco	Indiferente	Discordo pouco	Discordo muito	
Tempo de residência em Cáceres							
De 0 a 1 ano de residência	0%	91%	9%	0%	0%	0%	100%
De 1 ano e 1 dia a 5 anos	15%	50%	12%	8%	15%	15%	100%
Mais de 5 anos de residência	10%	31%	21%	21%	17%	10%	100%

N=73.

Fonte: o autor.

Uma explicação para estes resultados poderia ser encontrada ao pensar na situação de extrema pobreza da região e na sensação generalizada de uma alta precariedade no atendimento do hospital. Este lugar, que mal consegue atender os moradores locais, não daria conta de tantos atendimentos extras para pessoas que

em teoria deveriam ficar “do seu lado”. Não se tem a pretensão aqui de sugerir que a maioria dos entrevistados é xenófoba ou fechada em relação aos estrangeiros, pelo contrário, a maioria entre eles está plenamente de acordo com este atendimento – o que mostra uma abertura e uma empatia rara. É interessante, porém, perceber como ao aumentar o tempo de estadia na região, aumenta também a percepção da dificuldade de viver em uma situação precária e, conseqüentemente, aumenta a taxa de resposta contrária a este atendimento (mesmo que se trate da resposta de uma minoria dos entrevistados).

### 5.1.3.3 Um corolário: percepção de diferença devido a cor, etnia e gênero

As últimas duas variáveis analisadas forneceram resultados interessantes: apesar de saber e ter já antecipado que não se esperavam resultados diretamente ligados ao conhecimento da fronteira, pois a percepção de outras fronteiras, como as de gênero e as étnico-raciais, não depende diretamente apenas do conhecimento da fronteira física, mas de muitos outros fatores. De qualquer forma, a inclusão destas duas perguntas no questionário foi uma escolha interessante que pode, por exemplo, oferecer inspiração para futuras pesquisas envolvendo estas temáticas.

Pode-se encontrar um sinal interessante ao cruzar os dados entre percepção de diferença na vida das pessoas devido ao gênero e tempo de residência em Cáceres.

Tabela 36 - Associação entre o tempo de residência e a percepção de diferença devido a gênero.

Variáveis	Diferença devido a gênero					100%	
	N/A	Muita diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
Tempo de residência em Cáceres							
De 0 a 1 ano de residência	0%	50%	25%	0%	25%	100%	16%
De 1 ano e 1 dia a 5 anos	14%	46%	11%	11%	18%	100%	38%
Mais de 5 anos de residência	6%	24%	27%	12%	30%	100%	45%

N=73.

Fonte: o autor.

Aparentemente, há um hiato entre os moradores de Cáceres e os alunos que vieram para a cidade para frequentar as aulas. Pode-se inferir isto baseado no fato de que 75% daqueles que moram na cidade há menos de um ano (portanto, alunos vindos de outra cidade que estão nos semestres iniciais), acreditam que o gênero faz

diferença (muita ou alguma) na vida das pessoas. Ao observar os outros percentuais, nota-se que este valor cai para 56% entre aqueles que não nasceram em Cáceres, mas estão na cidade para estudo (de 1 a 5 anos de residência), diminuindo ainda mais (51%) entre aqueles que moram há mais de 5 anos (com toda probabilidade nascidos na cidade).

A mesma tendência parece ocorrer quando se faz a mesma pergunta a pessoas que foram socializadas em lugares distintos, como cidade ou campo, conforme consta na Tabela 37.

Tabela 37 - Associação entre a zona de criação e a percepção de diferença devido a gênero.

Variáveis	Diferença devido a gênero						
	N/A	Muita diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
Zona de criação							
Urbana	10%	41%	15%	7%	27%	100%	56%
Neutra	10%	30%	30%	15%	15%	100%	27%
Rural	0%	33%	25%	8%	33%	100%	16%

N=73.

Fonte: o autor.

O total daqueles que nasceram em zona urbana e creem que o gênero não faz nenhuma ou pouco diferença na vida das pessoas em Cáceres é de 34%, contra 41% dos que nasceram em zona rural. Uma leve diferença pouco significativa (se pensarmos no peso e no número de N/A), mas que pode indicar uma tendência a ser pesquisada mais profundamente em trabalhos futuros nesta área.

Tabela 38 - Associação entre o contato com a fronteira e a percepção de diferença devido a gênero.

Variáveis	Diferença devido a gênero						
	N/A	Muita diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil							
Nenhum contato	3%	45%	21%	7%	24%	100%	40%
Um pouco de contato	14%	36%	7%	14%	29%	100%	19%
Contato moderado	8%	27%	27%	12%	27%	100%	36%
Muito contato	25%	50%	25%	0%	0%	100%	5%

N=73.

Fonte: o autor.

Ao cruzar as variáveis relacionadas a conhecer a fronteira física (contato com a fronteira e socialização em município fronteiro) e perceber mais claramente outras fronteiras (de gênero, neste caso), não houve nenhuma relação direta: as respostas estão distribuídas em maneira bastante similar entre todas as possibilidades. Como já relatado, não era esperado nenhuma correlação, pois a percepção de outras

fronteiras deriva de mais fatores combinados do que apenas o conhecimento de fronteiras físicas.

Tabela 39 - Associação entre o município de criação e a percepção de diferença devido a gênero.

Variáveis	Diferença devido a gênero					100%	64%
	N/A	Muita diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
Município de criação							
Município fronteiriço	9%	36%	26%	11%	19%	100%	64%
Município não fronteiriço	8%	38%	12%	8%	35%	100%	36%

N=73.

Fonte: o autor.

Ao perguntar para as pessoas sobre a percepção de fronteiras étnico-raciais também não era esperado respostas significativas, pois como em relação às fronteiras de gênero, estas também não possuem uma ligação direta com o conhecimento das fronteiras físicas. Aqui, porém, houve surpresa ao observar os seguintes resultados:

Tabela 40 - Associação entre o tempo de residência e a percepção de diferença devido a cor ou etnia.

Variáveis	Diferença devido a cor ou etnia					100%	16%
	N/A	Muita diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
Tempo de residência em Cáceres							
De 0 a 1 ano de residência	0%	58%	25%	0%	17%	100%	16%
De 1 ano e 1 dia a 5 anos	11%	36%	25%	11%	18%	100%	38%
Mais de 5 anos de residência	0%	18%	36%	9%	36%	100%	45%

$\chi^2=14,05$ ,  $P=0,08$ ,  $N=73$ .

Fonte: o autor.

O que surpreendeu foi a resposta à pergunta sobre diferença derivada de cor ou etnia cruzada com o tempo de residência (com toda probabilidade, como já mencionado, cacerenses natos vs estudantes temporários) na cidade de Cáceres: os recém-chegados (alunos dos primeiros semestres dos cursos, com toda probabilidade) acreditam que cor ou etnia fazem muita diferença em quantidade bem maior que os outros respondentes (50% vs 36% de quem mora entre 1 e 5 anos e 18% apenas de quem mora há mais de 5 anos). E do lado oposto, tem-se a mesma distinção (obviamente invertida): apenas 17% dos “novatos” – contra 36% dos “cacerenses” – acredita que cor ou etnia não fazem nenhuma diferença; uma diferença alta que, novamente, pode inspirar novas pesquisas nesta temática.

Nos outros cruzamentos de variáveis envolvendo conhecimento de fronteira, foram recebidas respostas relativamente homogêneas, significando que a distribuição das opiniões dos entrevistados não seja, mais uma vez, diretamente relacionada ao conhecimento maior ou menor da fronteira física.

Tabela 41 - Associação entre o contato com a fronteira e a percepção de diferença devido a cor ou etnia.

Variáveis	Diferença devido a cor ou etnia						
	N/A	Muita diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil							
Nenhum contato	0%	34%	34%	3%	28%	100%	40%
Um pouco de contato	14%	29%	7%	21%	29%	100%	19%
Contato moderado	4%	27%	38%	4%	27%	100%	36%
Muito contato	0%	50%	25%	25%	0%	100%	5%

N=73.

Fonte: o autor.

Tabela 42 - Associação entre o município de criação e a percepção de diferença devido a cor ou etnia.

Variáveis	Diferença devido a cor ou etnia						
	N/A	Muita diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
Município de criação							
Município fronteiriço	4%	28%	34%	9%	26%	100%	64%
Município não fronteiriço	4%	38%	23%	8%	27%	100%	36%

N=73.

Fonte: o autor.

Vale uma pequena menção ao cruzamento com a variável zona de criação (rural ou urbana, Tabela 43), pois há aparentemente uma resposta oposta em comparação àquela dada à mesma pergunta, mas sobre fronteira de gênero.

Tabela 43 - Associação entre a zona de criação e a percepção de diferença devido a cor ou etnia.

Variáveis	Diferença devido a cor ou etnia						
	N/A	Muita diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
Zona de criação							
Urbana	5%	29%	27%	7%	32%	100%	56%
Neutra	5%	35%	25%	10%	25%	100%	27%
Rural	0%	33%	50%	8%	8%	100%	16%

N=73.

Fonte: o autor.

A quantidade de pessoas, crescidas em ambiente rural, que acredita que cor ou etnia não fazem nenhuma diferença no dia a dia das pessoas é de apenas 8% (era 33% na outra pergunta), enquanto entre os “urbanos” esta porcentagem cresce até 32% dos entrevistados (era 27% na outra pergunta). O mesmo vale do lado oposto:

88% dos “rurais” acreditam que cor e raça fazem alguma ou muita diferença, enquanto entre os “urbanos” esta porcentagem diminui para 56% (ainda representando um número significativo, mesmo não chegando ao patamar do outro). Aparentemente, a origem rural tem alguma influência na percepção das fronteiras étnico-raciais como significativas. Talvez uma explicação possa ser o próprio fato das pessoas que vêm de zona rural se perceberem como pertencentes ao grupo étnico ou racial desfavorecido e, portanto, sentir como mais próxima a questão, mas esta também é uma confirmação que pode ser investigada futuramente.

## 5.2 OS GRUPOS FOCALIS

Conforme mencionado no capítulo anterior, com intuito de aprofundar mais as questões levantadas no questionário, foram criados dois grupos focais: o primeiro, com pessoas que conhecem muito bem a fronteira Brasil/Bolívia em Cáceres; e, o segundo, com pessoas que dela não têm nenhum conhecimento. Foi assim elaborado um roteiro de perguntas (Apêndice C) para inicialmente tentar captar a percepção que estes alunos têm da fronteira (por exemplo, aos que conhecem a fronteira, foi solicitado que relatassem algum caso de dificuldade que tiveram ao atravessá-la; e no caso daqueles que não conhecem a fronteira, foi-lhes pedido imaginar como poderia ser, em sua visão, a fronteira entre o Brasil e a Bolívia no distrito da Corixa).

Em seguida, foi solicitado que cada grupo construísse uma lista de adjetivos negativos que poderiam caracterizar a fronteira, sendo posteriormente aprofundados os motivos que levaram a esta escolha. Após, foi solicitado o oposto, que os alunos listassem adjetivos positivos relacionados à fronteira e que justificassem suas escolhas.

Como última pergunta, foi solicitado que os alunos tentassem se distanciar da fronteira física e pensassem também nas inúmeras fronteiras que existem no nosso dia a dia (por exemplo, fronteiras de gênero entre homens e mulheres, fronteiras que existem entre professores e estudantes, fronteiras que você cruza ao passear por alguns bairros da sua cidade, fronteiras entre os tipos de lugares que vocês frequentam a noite – bares, “baladas”) e partindo desta reflexão sobre a multiplicidade das fronteiras foi solicitada uma definição do que é uma fronteira.

### 5.2.1 Conheço a fronteira

O primeiro grupo focal teve a participação de nove alunos do IFMT de Cáceres, todos com um notável grau de conhecimento da fronteira e da Bolívia. Inicialmente, foi explicada a metodologia, feitas as devidas explicações relativas à participação e como seriam tratados os dados. Após sanar algumas dúvidas iniciais e completar a parte mais prática – como preenchimento de cola para moderador, assinatura do TCLE, entre outras – foi iniciada a entrevista pedindo a todos os entrevistados se apresentarem explicando sua relação com a fronteira (tanto a de Corixa como outras fronteiras que eles pudessem conhecer). As respostas foram as mais variadas e esta apresentação mostrou a ótima qualidade da seleção dos respondentes, pois haviam todos os tipos de relação com a fronteira, sendo que todas (ou quase todas) eram relações fortes: um dos participantes morava em um assentamento na Corixa, outro tem fazenda de família na divisa, mas para chegar até a fazenda era obrigado a atravessar a fronteira para depois retornar ao Brasil por outro caminho (passando exclusivamente pelo lado brasileiro, a rota compreendia 90 km de estrada sem asfalto, mais longa). Um dos participantes é de família de comerciantes que fazem compras em San Matias, outro conhece bem tanto a fronteira da Corixa bem como outras fronteiras de Mato Grosso do Sul e do Paraná e, finalmente, a última nasceu na Corixa (com toda probabilidade do lado boliviano, não foi possível confirmar esta informação) e “veio ao Brasil” já adulta para estudar, embora a sua família ainda more lá. Havia também duas pessoas cujo contato foi bem menor que a média, mas de qualquer forma não eram leigas quanto ao assunto.

A primeira pergunta solicitou que relembassem a última vez que cruzaram a fronteira, sendo esta apenas um aquecimento para tentar lembrar detalhes interessantes sobre estas viagens e começar assim a refletir sobre o argumento proposto. Os mais diversos relatos foram coletados: havia quem foi para San Matias para levar parentes em visita a Cáceres para conhecer “um outro país”, também aqueles que foram por curiosidade, outros apenas para comprar umas Paceañas<sup>128</sup>, enquanto outros foram para negócios. Em linha geral, a conversa focou na fronteira, mas do ponto de vista do controle policial: todos indistintamente estranharam o fato

---

<sup>128</sup> Cerveja nacional boliviana, muito apreciada na região fronteiriça, ela aparece bastante nos relatos dos entrevistados. É vendida em San Matias e quem passa por lá sempre costuma levar algumas de volta ao Brasil.

que ir para a Bolívia é extremamente fácil<sup>129</sup>, mas justificaram dizendo que em geral os policiais sabem que a grande maioria daqueles que passam por aquele posto vão apenas para a cidade de San Matias fazer algumas pequenas compras e que, também, existem os “fregueses”, ou seja, pessoas que costumam passar por lá com uma certa frequência e sendo assim conhecidos dos policiais. Da mesma forma, todos estranharam também a discrepância que há em relação ao controle no retorno ao Brasil. Neste caso, bem mais cuidadoso, pois há um problema grande de tráfico de drogas e de entrada de mercadorias em número acima do permitido. Todos relataram episódios parecidos relacionados ao cuidado quase paternalista que os policiais brasileiros tiveram ao aconselhar as pessoas que estavam saindo para a Bolívia e, pelo contrário, o tratamento extremamente desconfiado que receberam no retorno ao Brasil<sup>130</sup>. Seja por causa do tráfico de drogas, seja pela passagem de produtos alimentícios não processados<sup>131</sup>, ou remédios comprados na Bolívia sem receita médica, a fiscalização no retorno é bem rígida, e vários foram os relatos de carros revistados nos lugares mais impensáveis. De qualquer forma, nenhum dos entrevistados foi barrado ou impedido de entrar ou teve mercadoria apreendida, um sinal da extrema facilidade de entrada por esta fronteira, ou ainda um sinal de quão bem os entrevistados conhecem as normas. O único detalhe estranho que eles relataram foi a facilidade que algumas pessoas têm de passar, tanto na ida como na volta, pelo fato de serem conhecidos dos policiais – há pessoas que passam diariamente e não param para revista nem na ida nem na volta – e também todos relataram que a fiscalização no retorno depende de quem são os policiais presentes naquele momento – como se houvesse um relaxamento na passagem de pessoas

---

<sup>129</sup> Não há nenhum controle na saída para a Bolívia, uma vez que no Brasil a legislação fronteiriça permite o trânsito de um município fronteiriço para outro município fronteiriço sem necessidade de controle policial, pois não se configura como saída do país. Ao se deslocar para o município sucessivo deveria haver o controle para a real entrada no País

<sup>130</sup> Foi relatado que a desconfiança em relação à passagem de motos se dá porque costuma haver um alto índice de roubo deste tipo de veículos do lado brasileiro, pois eles são levados para o lado bolivianos e trocados por – cotação da época – um quilo de pasta base (com um quilo deste produto é possível fazer aproximadamente de oito a dez quilos de cocaína). É, portanto, comum que motos sejam roubadas em Cáceres (ou já em território boliviano, no trajeto de 10 km entre a fronteira e a cidade), levadas até San Matias e trocadas por esta pasta base. As “mulas” retornariam ao Brasil a pé com a droga em mochilas e a revenderiam por um valor bem superior.

<sup>131</sup> Há na Corixa um posto de fiscalização da INDEA – Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso – que está lá desde a época em que o Brasil conseguiu debelar a febre aftosa de seu rebanho, enquanto a Bolívia ainda tinha que lutar com este problema. O controle se dava principalmente para evitar a entrada de animais contaminados que pudessem levar a doença de volta ao Brasil, mas o posto fiscaliza também todas as entradas de produtos alimentícios.

dependendo de quem deveria controlar: uma confirmação da inclusão diferenciada da fronteira bastante ressaltada por Mezzadra.

Ao serem questionados sobre o controle na Bolívia, todos disseram que, tanto na ida como na volta, o controle é praticamente nulo, apenas um dos entrevistados relatou uma experiência que parece ser bastante comum, pois após a sua fala outros também confirmaram o relato: os militares que controlam a entrada costumam pedir um pequeno “agrado” ao retornar para o Brasil.

- A) Geralmente [...] quando você está passando para entrar eles geralmente [...] eles pedem – ah traz uma coca – porque aí eles observam você, então quando você está voltando e não trouxe uma coca para eles, a forma deles te abordar e de te revistar é uma, se você chegou ali e entregou a coca já era, já está liberado e vai embora;
- B) É boa, essa parte aí é bom, é diferente o tratamento;
- A) Eles não te revistam não fiscalizam;
- B) Só falar a eles que vai trazer alguma coisa para eles, já era já, cê tem burocracia nenhuma para ali, eles só apertam a cancela, levantam a cancela e cê vai embora;
- A) A cancela deles é muito engraçada, é de madeira amarrada a uma pedra, eles *sorta as corda* e abre (Diário de Campo, grupo focal, 8 de novembro 2019).

Descobriu-se sucessivamente que os militares fronteiriços são jovens recrutadas e que seu salário é extremamente baixo. Estes fatores, junto ao baixo valor cobrado (um refrigerante deve custar em torno de dois reais em San Matias), faz com que este pedido de propina não seja considerado por ninguém uma verdadeira propina, também porque nunca houve problemas reais na passagem da Bolívia para o Brasil.

A segunda e a terceira perguntas feitas entraram já na questão da percepção da fronteira, com a tentativa de focar na análise feita por Mezzadra e Balibar acerca das características desta última: uma fronteira vista como um lugar rígido, fechado, facilmente definido e descrito homoganeamente por este grupo seria um resultado não congruente com a bibliografia levantada. O esperado com estas duas perguntas complementares era observar uma série de respostas que pusessem em luz a indeterminação da fronteira, sua heterogeneidade e sua inclusão diferencial – que inclusive havia sido amplamente confirmada na pergunta anterior.

Foi perguntado ao grupo para pensar em um aspecto negativo e depois em um aspecto positivo que viesse à mente ao pensar em fronteira. As perguntas foram separadas focando inicialmente na parte negativa e sucessivamente na parte positiva. Inicialmente, quando perguntado sobre os aspectos negativos das fronteiras todas as respostas foram unânimes, que não havia nenhum aspecto negativo. Em um certo

momento um dos participantes (a que menos tinha mencionado sobre a fronteira) disse: “lá em Lacerda<sup>132</sup> tinha muito disso: roubar carro moto e sempre acharem do lado de lá da fronteira” (Diário de Campo, grupo focal, 8 de novembro 2019). A partir desta fala o grupo começou a discorrer sobre os assuntos de roubos de veículos e tráfico de drogas. Um dos aspectos mais relevantes da violência naquela região específica está ligado à corrente de crime que prevê o roubo de veículos no Brasil, seu transporte até a Bolívia, a sucessiva troca por droga e enfim o retorno ao Brasil onde esta pode ser revendida. Este aspecto, porém, não foi o que mais gerou discussão, pois os alunos estavam mais preocupados em relação ao meio ambiente que ao tráfico de drogas. Eles relataram que, como a legislação ambiental na Bolívia é menos rígida que no Brasil, muitos crimes ambientais são cometidos na Bolívia e seu resultado aparece em Cáceres<sup>133</sup>. Uma fala que chamou atenção em relação a esta diferença de fiscalização diz respeito às queimadas controladas: proibidas no Brasil, elas são livres na Bolívia. Quem possui uma fazenda fronteira tem que tomar cuidado e às vezes apagar incêndios em sua propriedade “porque o fogo não respeita fronteiras” (Diário de Campo, grupo focal, 8 de novembro 2019).

Foi solicitado que focassem, sucessivamente, em algum aspecto positivo da fronteira. Mais uma vez observou-se unanimidade no relato de que os pontos positivos eram muitos. Viver perto de uma fronteira, para quem a conhece, é algo que oferece principalmente vantagens: trocas culturais, comércio entre os dois lados, ajuda das pessoas de ambos os lados, estes foram os aspectos mais lembrados como positivos por quase todos os participantes.

A fronteira é vista, portanto, como algo extremamente positivo por todos aqueles que a conhecem, pois enquanto para encontrar um ponto negativo levou um certo tempo (e todos focaram no problema do crime), os pontos positivos apareceram extremamente rápidos e de uma forma heterogênea. Além disso, quem a conhece não a vê como fechada ou rígida, pelo contrário, o relato foi que “você vai, você passa

---

<sup>132</sup> Pontes e Lacerda, cidade fronteira do Oeste mato-grossense a aproximadamente 230 km de Cáceres, em direção ao Estado de Rondônia.

<sup>133</sup> Os alunos deram o exemplo do corte de árvores de mogno, que é proibido no Brasil, mas legal na Bolívia: os madeireiros cortam estas árvores na Bolívia, trazem até Cáceres, a regularizam por meio de uma pequena taxa de importação, podendo assim a revender no Brasil. Outro exemplo foi relacionado ao gado boliviano: Cáceres tem o 3º maior rebanho do Brasil e está livre de febre aftosa. San Matias não garante seus animais desta doença, mas os bois bolivianos são mais baratos que os brasileiros, então, sobretudo em fazendas fronteiriças, estes animais se tornam “brasileiros” sem que haja controle por parte das autoridades, correndo o risco de afetar o rebanho de toda a região.

pela fronteira, entra, compra, e sai tranquilamente” (Diário de Campo, grupo focal, 8 de novembro 2019).

Por fim, a última pergunta realizada misturou dois conceitos: a questão das outras fronteiras e a solicitação para pensar em definir uma fronteira. Pedimos para se distanciar da fronteira física e pensar nas outras fronteiras do nosso dia a dia. Com intuito de facilitar o exercício, foi dado o exemplo das fronteiras que atravessamos diariamente ao mudar de bairro em uma cidade.

Após uma primeira discussão sobre o que poderiam ser outras fronteiras, durante a qual não surgiram comentários interessantes, foi solicitado que dessem uma definição de fronteira, sem focar na divisão entre dois estados. Interessante foi a evolução das definições. Partiu-se de uma primeira definição como uma separação: “seria uma barreira, talvez [...] até por essa questão mesmo, questão social, questão financeira, entendeu, seria uma barreira entre esses dois lados, entendeu, de certa forma algo que impossibilita a ligação de dois mundos diferentes” (Diário de Campo, grupo focal, 8 de novembro 2019). A primeira imagem que vem à mente de todos é sempre uma imagem de separação, de divisão: foi definida como divisor de água, divisor de classes, separação, divisor de cultura, divisor de saúde, todas as definições focavam na palavra divisão, apesar de todos os entrevistados, nas repostas anteriores, concordarem que a fronteira era um espaço de integração entre dois lugares. Ninguém conseguia desviar da imagem de uma linha que divide. Até que, quase no final da entrevista, uma das participantes tomou a palavra e deu a sua definição:

Eu acho que não é só uma divisão, mas também é uma ligação, porque eu acho que através de qualquer fronteira tanto social, econômica, qualquer tipo, de gênero, que mantenha uma fronteira consegue ligar dois [...] esses mundos que estão divididos, acho que a gente pode dizer que talvez seja uma divisão ou uma ligação eee [...] ao mesmo tempo, entendeu, acho que nem tanto ela é negativa nem tanto positiva, tanto que as outras duas perguntas cês poderiam entender a mesma coisa. A gente não acha ponto negativo a gente não acha ponto positivo, mas não é só em questão a esta fronteira física entendeu, em questão de outras, outros gêneros que têm uma fronteira, que tem [...] acho que é tipo que tem uns [...] a fronteira é como se fosse um ser racional e irracional, cada um eee [...] aproveita ela de maneira que lhe convém, então eu acho assim, fronteira não seria nem 100% uma [...] uma divisão, mas também talvez uma integração (Diário de Campo, grupo focal, 8 de novembro 2019).

Uma fronteira que não é apenas um divisor, mas também que promove união. Aliás, mais une que separa. Oferecendo esta definição, a entrevistada confirmou

plenamente o esperado. A confirmação da nossa hipótese principal, a indeterminação da fronteira entendida não como algo que divide apenas, mas como algo que às vezes une, às vezes separa, e que deixa passar as pessoas seletivamente.

### **5.2.2 Não conheço a fronteira**

No dia seguinte ocorreu mais um encontro com outro grupo de alunos. Desta vez, os selecionados eram todos alunos que não conheciam a fronteira. Alguns entre eles deviam fazer uma avaliação com um professor, então foi combinado diretamente com todos os participantes na sala desta turma após o fim da prova. Apareceram sete alunos para responder às questões, além de duas colegas que nos ajudaram como observadoras. Estas últimas, perceberam um maior nervosismo nesta turma em relação à precedente. Talvez esta sensação se dê pelo fato de não serem pessoas que conhecem a fronteira, que foram chamadas a falar sobre este argumento que não é totalmente de seu domínio, ou talvez pelo simples fato de não estarem à vontade em serem entrevistadas. De qualquer forma, desde a introdução do tema até a apresentação dos participantes, e até a primeira pergunta, o nervosismo estava presente e patente ao longo da entrevista: houve bastante gesticulação, pernas e braços cruzados, enfim uma situação de desconfiança por uns bons minutos. No momento em que foi efetuada a primeira pergunta e os entrevistados perceberam do que se tratava, foi claríssima a mudança de atitude por parte dos mesmos.

A primeira pergunta foi similar à pergunta do grupo anterior, mas por óbvios motivos, não pôde ser igual: então em vez de perguntar um relato de viagem até a fronteira foi questionado como eles imaginavam a fronteira entre Brasil e Bolívia na região da Corixa. As respostas foram muito parecidas, por ser uma pergunta inicial, quase um “quebra-gelo”, não eram esperados muitos detalhes ou profundidade. Em geral, a fronteira era imaginada como um lugar perigoso, onde passam carros roubados e onde há passagem de drogas. A única resposta mais interessante foi a de uma pessoa que disse imaginar um lugar parecido com o mercado popular (camelô) de Cáceres: um lugar feio, desarrumado, cheio de barraquinhas que vendiam os mesmos produtos que se encontrariam nas lojinhas do centro da cidade brasileira: este respondente, para descrever a fronteira, usou a imagem mais comum que os cacerenses têm da Bolívia.

Em síntese, as respostas não foram interessantes, mas como mencionado, a pergunta serviu para relaxar os entrevistados, tendo alcançado seu objetivo. Na segunda pergunta – um ponto negativo que vem à cabeça quando se pensa na fronteira – os participantes já foram mais interativos e a conversa fluiu com maior naturalidade. Em linhas gerais, os pontos negativos apontados foram muito parecidos, sendo que todos estavam relacionados ao crime e ao tráfico de drogas: “pela questão mesmo de falta de segurança [...] pela questão do tráfico de drogas, pela questão de roubo de carro” (Diário de Campo, grupo focal, 9 de novembro 2019). Segundo os respondentes, estes tipos de crimes e o fato de estarem perto de um lugar onde isso acontece pode afetar o cotidiano das pessoas que moram lá:

A) Há um número muito grande de adolescentes brasileiros que se envolvem com este tipo de [...] com o tráfico de drogas, lá na minha cidade há uma quantidade muito alta;

B) Você tem falta de segurança por exemplo o pessoal de baixa renda, eles estão o que? Muito sujeito ao tráfico (Diário de Campo, grupo focal, 9 de novembro 2019).

Há ainda uma percepção de separação entre dois mundos devido aos relatos de roubos de carros que acontecem na região:

É tipo, relato da minha cidade: Jauru, tipo a falta de segurança tem em todo lugar, não é porque é fronteira que é menos segura ou mais segura, mas o problema não é acontecer ou não acontecer algo inseguro tipo [...] mas como vai se resolver depois, tem muito [...] muitas [...] roubo de carro na minha cidade, Jauru, foi descoberto, conseguiram constatar a ida do [...] do veículo até a Bolívia, mas e depois? Então eles não conseguiam recuperar isso, não conseguiam achar os culpados. Não foi uma vez, não foi duas vezes, foram várias vezes (Diário de Campo, grupo focal, 9 de novembro 2019).

Aparentemente, pelos relatos, os entrevistados sentem uma incapacidade em agir do outro lado da fronteira para resolver problemas que foram causados por algo que está exatamente do lado de lá e os afeta diretamente. É como se do lado brasileiro existisse a capacidade de fazer algo em relação, por exemplo, a um crime, enquanto no momento em que se passa a fronteira, as coisas mudassem e, como lá é outro mundo, outro lugar separado por uma linha, não valessem as ferramentas, as categorias possuídas e as pessoas se sentissem incapazes de entender como resolver algum pequeno problema que saberiam resolver se estivesse em “seu” lugar.

As respostas nesta altura da entrevista estavam bem mais interessantes, com os alunos interagindo entre eles e a conversa fluindo com facilidade. Foi então

introduzida a terceira pergunta: pensar sobre um ponto positivo quando se fala em fronteira. Neste ponto, as respostas foram bastante variadas sendo que a maioria dos participantes focou em algum aspecto prático da situação: há quem dissesse que as coisas do lado de lá são mais baratas, quem citou a possibilidade de cursar medicina nas faculdades do lado boliviano com maior facilidade que no Brasil, e teve até um aluno que disse amar o fato de morar perto da fronteira pelo fato de ele jogar vôlei e de vez em quando poder enfrentar bolivianos em encontros “internacionais”. Em grandes linhas, os entrevistados se concentraram nos aspectos práticos da fronteira, aquelas coisas que podem facilitar o dia a dia de uma região extremamente precária.

Chegou então o momento da quarta pergunta: tentar se distanciar da fronteira física, pensar em outras fronteiras e tentar oferecer uma definição do que seria este limite. Neste momento, a tensão tomou conta novamente da turma. Os participantes ficaram um instante paralisados, não sendo possível entender se não sabiam muito bem o que falar, ou se estavam refletindo sobre a pergunta (ou ambas as coisas). Optou-se, portanto, encorajar a conversa dando vários exemplos extremamente detalhados de outras fronteiras: a partir deste momento, houve como uma faísca que liberou as respostas e as interações também fluíram bastante. As próprias respostas foram bastante confusas, por exemplo, um dos respondentes relatou:

O termo fronteira, a palavra fronteira, tem vários significados: físicos ou não, mas é o que cons [...] estabelece o início de uma coisa ou [...] e o fim de outra sendo o início de uma [...] região ou o fim da outra ou [...] aaa [...] eu acho que é algo assim, só que a fronteira não é algo [...] só que acho que a palavra fronteira não é algo que estabelece uma divisão: tipo acabou aqui, só posso ir até aqui ou iniciou eu tenho que ir daqui para frente, mas acho que a fronteira, ela fala, ela limita certas coisas, só que ela, ela também necessita da integração destas coisas, a fronteira não é uma coisa concreta que começa e termina mas fala onde começa, fala onde termina, só que ela necessita da integração dessas duas três quatro coisas que fazem fronteira (Diário de Campo, grupo focal, 9 de novembro 2019).

Apesar de ser uma boa definição do que pode ser uma fronteira, é algo bastante obscuro: sinal que novamente o nervosismo havia tomado conta do grupo. Essas respostas, de qualquer forma, foram bastante interessantes uma vez que quase todas focaram nos efeitos de divisão, de separação que a fronteira exerce. Ao mesmo tempo, haviam algumas pessoas que percebiam a diferença que há na capacidade da fronteira de separar ou não dois mundos dependendo de quem fosse atravessar, ou ainda da capacidade que a fronteira tem em mostrar o outro como ele é: de mostrar as diferenças que existem entre indivíduos que vivem em lados opostos.

Em suma, pode-se perceber como os entrevistados do grupo que não tinham nenhum contato com a fronteira possuem uma visão desta como sendo mais perigosa, mais rígida. A fronteira é um espaço que é criado para separar e pôr em evidencia diferenças que existiam antes da mesma ser institucionalizada. Este grupo transparece o oposto de Barth, ou seja, que as fronteiras são criadas exatamente para confirmar as diferenças que existem naturalmente entre, por exemplo, dois grupos étnico.

## 6 CONCLUSÕES

A fronteira foi vista quase sempre como algo que separa, que divide dois mundos distintos entre si. Divisão entre impérios, territórios ou regiões, a fronteira era um lugar com guardas, muitas vezes armados, que impediam a entrada dos indesejados e que – talvez este seja o ponto mais importante – separava naturalmente dois lugares por serem diferentes.

A teoria sociológica que acompanhou o percurso desta tese desmistificou muitas destas noções ou percepções preconcebidas, ressaltando como mais importante para este estudo o fato de questionar a ideia de que a fronteira seja algo fixo e, sobretudo, rígido e intransponível. Percebe-se ao longo de todo este tempo de pesquisa – tanto no momento do levantamento teórico, bem como na secção empírica de coleta e análise dos dados – que existem inúmeros conceitos que dão base a uma imagem de indeterminação, tanto da fronteira, bem como da relação que as pessoas têm com ela. Ficou demonstrado claramente como as percepções das pessoas sobre a fronteira podem ser influenciadas por um conjunto de fatores que, por sua vez, podem influenciar a forma como estas mesmas pessoas se relacionam com as próprias fronteiras.

O contato com a fronteira física se tornou o teste decisivo para entender como se daria esta percepção: tentou-se equilibrar a observação empírica com a teoria sociológica mais geral sobre a fronteira; a percepção e os *border studies* indicaram o caminho a ser trilhado. Supondo que houvesse um nexos quase causal entre o contato frequente com a fronteira e a percepção da sua indeterminação, a pesquisa orientou-se a submeter por controle empírico a validade desta hipótese de trabalho, operando uma integração entre os dados coletados e a teoria sociológica mais geral.

Além disso, o levantamento relativo à sociologia da fronteira fez perceber uma outra nuance: existe alguém do lado de lá, sempre. Entender a relação que as pessoas têm com este alguém, este estrangeiro, foi também um objetivo desta tese. Em uma região fronteira é mais costumeiro ter contato com estrangeiros e, conseqüentemente, ter que lidar com eles; isto leva os indivíduos a uma percepção de separação ainda mais forte entre grupos estabelecidos e *outsiders* – onde os *outsiders* são aqueles que vêm de fora do país – e também à criação de estratégias de relação com estes grupos. O objetivo proposto foi de entender se poderia haver alguma diferença nesta relação com os estrangeiros, entre quem conhece a fronteira

e quem não. Outro objetivo traçado em paralelo, foi de tentar perceber se a hipótese de Wood sobre a diferença na relação que as pessoas de áreas urbanas e de áreas rurais têm com os estrangeiros também se confirmaria no caso aqui investigado: os resultados, que confirmaram plenamente a hipótese de Wood, não mostraram diferenças substanciais na relação com os estrangeiros entre quem conhece e quem não conhece a fronteira.

À luz das análises efetuadas nos questionários, chega-se à conclusão que existem diferenças significativas de percepção entre quem não conhece e quem conhece a fronteira. Os primeiros tendem a ver a fronteira como mais homoganeamente definida, perigosa, totalmente aberta à passagem de pessoas: uma passagem sem nenhum controle, à mercê de quem quiser entrar no país. Já aqueles que conhecem bem a fronteira tendem a ser mais moderados em suas respostas: segundo eles, a fronteira aplica uma inclusão diferencial aos que por ela querem passar. Inclusão diferencial que foi confirmada também nos grupos focais, pois os relatos daqueles que conhecem bem a fronteira foram praticamente todos na direção de confirmar, mais uma vez, as teorias vistas sobre esse tema e em mostrar como a divisa, em realidade, é um espaço que mais une as pessoas que moram ao redor dela do que divide. Todas estas respostas coletadas, além de confirmar as hipóteses criadas, corresponderam exatamente ao apresentado ao longo do percurso teórico.

Outro ponto importante analisado foi como distintas realidades de socialização podem influenciar a percepção que os participantes têm dos estrangeiros. Havia-se pensado que diferentes comunidades de origem pudessem gerar diferentes atitudes e esta hipótese também se confirmou, pois há uma diferença na relação com estrangeiros entre quem foi socializado em ambiente rural e em ambiente urbano: sendo os rurais mais fechados em relação aos estrangeiros enquanto os urbanos mais abertos, ou seja, conforme alertado por Wood, específicos ambientes de socialização oferecem específicos comportamentos em relação aos estrangeiros.

Enfim, confirma-se a existência de uma separação – mesmo que às vezes apenas sutil – na percepção que as pessoas possuem da fronteira em si. Claramente, distintas experiências levam a distintas visões do espaço fronteiriço e a distintas relações com aqueles que vem além da fronteira.

## REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Visões da pós-modernidade: discursos e perspectivas teóricas. **Sociologias**, v. 21, p. 184-217, 2009.
- ALBUQUERQUE, J. L. C., **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.
- ARENDT, H. **As origens do totalitarismo**. Antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- AUERBACH, E. **Mimesis. Il realismo nella letteratura occidentale**. Turim: EINAUDI, 2010.
- BALIBAR, É. **La paura delle masse**. Milano: Mimesis Eterotopie, 2001.
- BARTH, F. Ecologic relationships of ethnic groups in Swat, North Pakistan. **American Anthropologist**, v. 58, n. 6, p. 1079-1087, 1956.
- BARTH, F. **Ethnic groups and boundaries**. The social organization of culture difference. Illinois: Waveland Press, 1998.
- BAUMAN, Z. **Fiducia e paura nella città**. Milano: Mondadori, 2005.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENKO, G. Introduction: modernity, postmodernity and social sciences. In: BENKO, G.; STROHMAYER, U. **Space and social theory**: interpreting modernity and postmodernity. Oxford: Blackwell, 1997.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BHABHA, H. **Nazione e narrazione**. Roma: Meltemi, 1997.
- BIDASECA, K. Mondi (post)coloniali. Considerazioni su razza, genere e sesso, soggettività e temporalità. **Scienza & Politica**, v. 25, n. 49, p. 15-32, 2013.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, 2007a.
- CARVALHO, C. M. D. Geografia das fronteiras. Obra de Jacques Ancel. Comentários. **Revista Brasileira de Geografia**, v. I, n. 3, p. 95-110, 1939.
- CHAKRABARTY, D. **Provincializzare l'Europa**. Roma: Meltemi, 2004.

COLLINA, V.; BONAIUTI, G. **Storia delle dottrine politiche**. Milano: Le Monnier, 2010.

CUTITTA, P. Il confine come metodo. **Rivista di Storia delle Idee. Intrasformazione**, v. 3, n. 2, p. 165-168, 2014.

CUTITTA, P. **Segnali di confine**. Il controllo dell'immigrazione nel mondo-frontiera. Milano: Mimesis Eterotopie, 2007.

DESIDERI, F. Il confine delle forme. Dalla Philosophie des Geldes alla Lebensanschauung. **Revista Aut Aut**, v. 257, p. 105-119, 1993.

DU BOIS, W.E.B. **Sulla linea del colore**. Razza e democrazia negli Stati Uniti e nel mondo. Bolonha: Il Mulino, 2010.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FABIETTI, U. La costruzione dei confini in antropologia: pratiche e rappresentazioni. **Confini/Grenzen. Convegno di studi / Studientagung**, Bolzano: Università di Milano, 2004. Disponível em: <http://www.sissco.it/articoli/confinigrenzen-598/ugo-fabietti-606/>. Acesso em: 23 maio 2020.

FANON, F. **Pele negra, mascaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FLUSTY, S. **Building paranoia**: the proliferation of interdictory space and the erosion of spatial justice. West Hollywood: Los Angeles Forum for Architecture and Urban Design, 1994.

FORNARI, E. **Linee di confine**. Filosofia e postcolonialismo. Turim: Bollati Boringhieri, 2011.

FURRI, F. La città-rifugio: una declinazione dell'accoglienza tra solidarietà e autonomia. **REMHU. Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana**, v. 26, n. 52, p. 11-36, 2018.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Série Pesquisa em Educação, v. 10. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GERALDO, E. A "lei de cotas" de 1934: controle de estrangeiros no Brasil. **Cadernos AEL**, v. 15, n. 27, 2009.

GOETTERT, J. D.; SOUZA, A. O.; ABREU, S. Processo civilizador e fronteiras: fronteiras para civilizar ou civilizar as fronteiras? *In*: XIV Simpósio Internacional Processos Civilizadores, 2012, Dourados. **Anais XIV Simpósio Internacional Processos Civilizadores**, v. 1, p. 1-21, Dourados: EdUFGD, 2012. Disponível em: [http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Mesa\\_C](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais14/arquivos/textos/Mesa_C)

oordenada/Trabalhos\_Completos/Jones\_Goettert\_e\_Adauto\_e\_Silvana.pdf. Acesso em: 23 maio 2020.

KRUEGER, R. A. Quality control in focus group research. *In*: MORGAN, D. L. **Successful focus groups: advancing the state of the art**. Newbury Park: Sage Publications, 1993.

LIVIO, T. **Storia di Roma dalla sua fondazione**. Texto latino a fronte. v. 1: libri 1-2, Milano: BUR, 1982.

LUCASSEN, J.; LUCASSEN, L. The mobility transition revisited, 1500–1900: what the case of Europe can offer to global history. **Journal of global history**, v. 4, n. 3, p. 347-377, 2009.

MANDICH, G. **Georg Simmel: sociologia dello spazio**. Cagliari: Quaderni del dipartimento di Ricerche Economiche e sociali - sezione sociologia Università degli Studi di Cagliari, 1996.

MARTIN, A. R. **Fronteiras e nações**. São Paulo: Contexto, 1994.

MARTINS, J. S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MEO, M. Riflessioni sull'etnicità. **Quaderni di Intercultura**, v. II, p. 1-24, 2010.

MERTON, R. K. Insiders and outsiders: a chapter in the sociology of knowledge. **American Journal of Sociology**, v. 78, n. 1, p. 9-47, 1972.

MEZZADRA, S. Confini, frontiere, capitale. **Rivista di Storia delle Idee. Intrasformazione**, v. 4 n. 2, p. 20-24, 2015.

MEZZADRA, S. Du Bois e Fanon. Questione di sguardi. *In*: MELLINO M. **Fanon postcoloniale**. I Dannati della terra oggi. Verona: Ombre Corte, 2013.

MEZZADRA, S.; NEILSON, B. Between inclusion and exclusion: on the topology of global space and borders. **Theory, Culture & Society**, v. 29, n. 4-5, p. 58-75, 2012.

MEZZADRA, S.; NEILSON, B. **Confini e frontiere**. La moltiplicazione del lavoro nel mondo globale. Bolonha: il Mulino, 2014.

MEZZADRA S.; NEILSON, B. Fabrica mundi. Producing the world by drawing borders. *In*: BLACKWELL, A.; LEE, C. **Architecture, Landscape, Political Economy**. Toronto: Scapegoat, 2013, p. 3-19.

MORGAN, D. L; KRUEGER, R. A. When to use focus groups and why. *In*: MORGAN, D. L. **Successful focus groups: advancing the state of the art**. Newbury Park: Sage Publications, 1993.

MORGAN, D. L. **Successful focus groups: advancing the state of the art**. Newbury Park: Sage Publications, 1993

NIELSEN COMPANY. **Estilos de vida das gerações globais:** quanto a idade influencia nosso comportamento? 2016. Disponível em: <https://www.nielsen.com/br/pt/insights/article/2016/estilos-de-vida-das-geracoes-globais-quanto-a-idade-influencia-nosso-comportamento/>. Acesso em: 08 jun 2020.

OLIVEIRA, A. T. R. Migrações internacionais e política migratória no Brasil. **Cadernos OBMIGRA**, v. 1, n. 3, 2015.

POE, E. A. **O Homem da multidão**. Florianópolis: Paraula, 1993.

RENAN, E. **¿Qué es una nación?** Cartas a Strauss. Madrid: Alianza Editorial, 1987.

RINALDI, C. Confini di genere. **Rivista di Storia delle Idee**, v. 4, n. 2, p. 37-42, 2015.

SAID, E. **Orientalismo**. O oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCIORTINO, G. **Rebus immigrazione**. Bolonha: Il Mulino, 2017.

SENNETT, R. **O declínio do homem público**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

SEYFERTH, G. Colonização imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, n. 53, p. 117-149, 2002.

SILVA, M. O.; ALMEIDA, R. A. Reforma agrária nos municípios de Cáceres/MT e Selvíria/MS: agronegócio, subordinação e emancipação camponesa. **Revista NERA**, v. 17, n. 25, p. 88-101, 2014.

SIMMEL, G. **Sociologia**. Milão: Meltemi, 2018.

TURNER, F. J. **The frontier in American history**. Boston: Digireads.com, 2010.

VBULLETIN. **Viagem de moto – Rota das fronteiras (PR/MS/MT)**, 2014. Disponível em: <http://xt660.com.br/showthread.php?5315-Rota-das-Fronteiras-PR-MS-MT/page12&styleid=3>. Acesso em: 22 maio 2020.

VILLAR, D. Uma abordagem crítica do conceito de “etnicidade” na obra de Fredrik Barth. **Revista MANA**, v. 10, n. 1, 2004.

WOLFF, B.; KNODEL, J.; SITTITRAI, W. Focus groups and surveys as complementary. *In*: MORGAN, D. L. **Successful focus groups: advancing the state of the art**. Newbury Park: Sage Publications, 1993.

WOOD, M. M. **The stranger: a study in social relationship**. New York: Columbia University Press; London: P.S. King & Son, 1934.

ZOLBERG, A. R. Matters of State: theorizing immigration policy. *In*: HIRSCHMAN, C.; KASINITZ, P.; DEWIND, J. **The handbook of international migrations**. New York: Russel Sage Foundation, 1999.



## APÊNDICE A - Questionário

Submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do IFMT  
Autorizado - CAAE: 18886719.8.0000.8055

P1. Qual é seu gênero?

1. Masculino
  2. Feminino
  3. Outro (especificar): \_\_\_\_\_
- Prefiro não responder a esta pergunta

P2. Você tem quantos anos? \_\_\_\_\_

- Prefiro não responder a esta pergunta

P3. Você está em qual semestre da faculdade?

1. Primeiro
  2. Segundo
  3. Terceiro
  4. Quarto
  5. Quinto
  6. Sexto
  7. Sétimo
  8. Oitavo
  9. Nono
  10. Décimo ou mais
- Prefiro não responder a esta pergunta

P4. Você foi criado(a) em qual(is) cidade(s) e estado(s)? (Pode incluir mais de uma cidade)

1. Cáceres, MT
  2. Porto Esperidião, MT
  3. Vila Bela da Santíssima Trindade, MT
  4. Pontes e Lacerda, MT
  5. Cuiabá/ Varzea Grande, MT
  6. Outro (anote aqui): \_\_\_\_\_
- Prefiro não responder a esta pergunta

P5. Você foi criado(a) onde nesse município?

1. Exclusivamente na zona urbana
  2. Prevalentemente na zona urbana
  3. Igualmente, tanto na zona urbana como na zona rural
  4. Prevalentemente em uma zona rural
  5. Exclusivamente em uma zona rural
- Prefiro não responder a esta pergunta

P6. Você mora onde atualmente?

1. Cáceres, MT
  2. Outro (anote aqui): \_\_\_\_\_
- Prefiro não responder a esta pergunta

P7. Você mora nesta área há quantos anos? \_\_\_\_\_

- Prefiro não responder a esta pergunta

P8. Você mora onde nesse município?

1. Na cidade mesmo
  2. Em uma zona rural
- Prefiro não responder a esta pergunta

P9. Qual é a sua religião, se tiver?

1. Católica

2. Evangélico Pentecostal
3. Evangélico Não-Pentecostal
4. Adventista
5. Testemunha de Jeová
6. Mórmon
7. Candomblé
8. Umbanda
9. Espírita kardecista, espiritualista
10. Seicho-No-Iê, Messiânica, Perfeita Liberdade
11. Judaica
12. Budista
13. Santo Daime, Esotérica
14. É ateu/Não acredita em Deus
15. Não tem religião
16. Prefiro não responder

P10. Qual é a sua renda mensal, aproximadamente? Considere apenas os seus rendimentos.

1. Até 500 R\$
  2. De 500 R\$ a 1.000 R\$
  3. De 1.000 R\$ a 2.000 R\$
  4. De 2.000 R\$ a 3.000 R\$
  5. De 3000 R\$ a 5.000 R\$
  6. Acima de 5000 R\$
- Prefiro não responder a esta pergunta

P11. Você atualmente é estudante integral?

1. Sim, e recebo uma bolsa
  2. Sim, mas não recebo nenhuma bolsa
  3. Não, sou aluno mas trabalho fora também
- Prefiro não responder a esta pergunta

P12. É comum dividir a população em classes sociais. Na sua opinião, a que classe social você pertence?

1. Classe A (alta)
  2. Classe B (média-alta)
  3. Classe C (média)
  4. Classe D (média-baixa)
  5. Classe E (baixa)
- Prefiro não responder a esta pergunta

P13. Qual/quais a/as profissão/profissões de seus pais? (Pode incluir mais de uma resposta)

---

Prefiro não responder a esta pergunta

P14. Na sua opinião, a que classe social pertencem seus pais? (pode escolher mais de uma opção)

1. Classe A (alta)
  2. Classe B (média-alta)
  3. Classe C (média)
  4. Classe D (média-baixa)
  5. Classe E (baixa)
- Prefiro não responder a esta pergunta

P15. Qual é o seu partido político de preferência?

1. PT
2. PSL
3. MDB
4. PSDB
5. DEM
6. PSOL
7. PDT
8. Outro partido não listado



Diário de Cáceres	<input type="radio"/>					
Zakinews	<input type="radio"/>					
Ripa nos Malandros	<input type="radio"/>					

**Continua na próxima página**

<b>Telejornais</b>						
Jornal Nacional	<input type="radio"/>					
Aqui Agora	<input type="radio"/>					
MTTV	<input type="radio"/>					

Prefiro não responder a esta pergunta

P20. Segue abaixo uma lista de redes sociais frequentemente usadas no celular, computador ou tablet. Por favor, indique a frequência com que você lê notícias *relacionadas à fronteira entre o Brasil e a Bolívia* em cada rede social:

	<b>Frequência de ler notícias sobre a fronteira</b>					
	<b>Todos os dias</b>	<b>4-6 vezes por semana</b>	<b>1-3 vezes por semana</b>	<b>1 vez a cada 15 dias</b>	<b>1 vez por mês ou menos</b>	<b>Não uso esta rede social</b>
Whatsapp	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Facebook	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Instagram	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Twitter	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Prefiro não responder a esta pergunta

P21. Segue abaixo uma lista de jornais, sites de notícias, e telejornais. Por favor, indique a frequência com que você lê e assiste notícias *relacionadas à fronteira entre o Brasil e a Bolívia* em cada um:

	<b>Frequência de ler/assistir notícias sobre a fronteira</b>					
	<b>Todos os dias</b>	<b>4-6 vezes por semana</b>	<b>1-3 vezes por semana</b>	<b>1 vez a cada 15 dias</b>	<b>1 vez por mês ou menos</b>	<b>Não costumo ler/assistir este meio de comunicação</b>
<b>Jornais Impressos</b>						
Correio Cacerense	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jornal Cacerense	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**Continua na próxima página**

<b>Jornais Onlines e Sites</b>						
Jornal Oeste Cáceres Notícias	<input type="radio"/>					
Diário de Cáceres	<input type="radio"/>					
Zakinews	<input type="radio"/>					
Ripa nos Malandros	<input type="radio"/>					
<b>Telejornais</b>						
Jornal Nacional	<input type="radio"/>					
Aqui Agora	<input type="radio"/>					
MTTV	<input type="radio"/>					

Prefiro não responder a esta pergunta

P22. No último ano, você já teve algum contato com estrangeiros?

1. Sim, habitualmente (todo dia ou quase todo dia)
  2. Sim, com uma certa frequência (por ex., uma vez por semana)
  3. Sim, esporadicamente (eu tive contato por um tempo, mas não tenho mais)
  4. Sim, 1-2 vezes
  5. Não
- Prefiro não responder a esta pergunta

P23. Quanto contato você tem com a fronteira entre a Bolívia e o Brasil?

1. Nenhum contato (nunca conheci a fronteira pessoalmente)
  2. Um pouco de contato (alguns conhecidos meus já a visitaram e já conversei sobre a fronteira com eles)
  3. Contato moderado (já visitei uma vez ou outra, ou converso regularmente com pessoas que a conhecem bem)
  4. Muito contato (a conheço pessoalmente, faço compras ou visito/visitei a Bolívia com frequência)
- Prefiro não responder a esta pergunta

P24. Pelo que você sabe, como você percebe o controle da fronteira entre a Bolívia e o Brasil quanto à passagem de *peessoas*?

1. É muito permeável; quem quiser atravessar consegue
  2. É moderadamente permeável; geralmente é fácil atravessar
  3. É moderadamente impermeável; geralmente é difícil atravessar
  4. É impermeável; o controle da fronteira quanto à passagem de pessoas é rígido
- Prefiro não responder a esta pergunta

P25. Pelo que você sabe, como você percebe o controle da fronteira entre a Bolívia e o Brasil quanto à passagem de *mercadoria*?

1. É muito permeável; é fácil levar coisas de um lado para o outro
  2. É moderadamente permeável; geralmente é fácil levar coisas de um lado para o outro
  3. É moderadamente impermeável; geralmente é difícil levar coisas de um lado para o outro
  4. É impermeável; o controle da fronteira quanto à passagem de mercadoria é rígido
- Prefiro não responder a esta pergunta

P26. Na sua opinião, quão diferentes são os dois lados da fronteira entre a Bolívia e o Brasil?

1. São muito semelhantes; praticamente iguais, apenas existe uma fronteira no meio
  2. São meio semelhantes; não há muita diferença entre o lado boliviano e o lado brasileiro
  3. São meio diferentes; dá para claramente ver as diferenças entre os dois lados ao atravessar a fronteira
  4. São muito diferentes; o lado brasileiro da fronteira não tem nada a ver com o lado boliviano
- Prefiro não responder a esta pergunta

P27. Considerando aspectos físicos, culturais, sociais, etc. na sua opinião, quão diferentes são os bolivianos e os brasileiros?

1. São muito semelhantes; quase iguais, apenas há uma fronteira no meio
  2. São meio semelhantes; não há muita diferença, porém, tem algumas
  3. São meio diferentes; dá para claramente ver as diferenças
  4. São muito diferentes; um não tem nada a ver com o outro
- Prefiro não responder a esta pergunta

P28. Ao longo do último ano, você já tomou conhecimento de algum crime cometido no seu município?

1. Sim
  2. Não
- Prefiro não responder a esta pergunta

P29. Ao longo do último ano, você já tomou conhecimento de algum crime cometido por estrangeiros no seu município?

1. Sim
  2. Não
- Prefiro não responder a esta pergunta

P30. Se você respondeu sim às perguntas 28 e/ou 29, por favor, indique como você ficou sabendo desses crimes (complete a(s) coluna(s) relativa(s) à sua resposta):

	<b>Crime cometido por algum brasileiro</b>	<b>Crime cometido por algum estrangeiro</b>
Pessoalmente; boca-a-boca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Redes sociais (WhatsApp, Facebook, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jornais impressos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jornais onlines/sites de notícias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Telejornais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
<input type="radio"/> Prefiro não responder a esta pergunta		

P31. Você está de acordo com o fato de bolivianos serem atendidos pelo hospital regional em Cáceres?

1. Concordo muito
  2. Concordo um pouco
  3. Nem concordo nem discordo
  4. Discordo um pouco
  5. Discordo muito
- Prefiro não responder a esta pergunta

P32. Na sua opinião, quanta diferença faz a cor e a etnia na vida de uma pessoa no lugar onde você mora?

1. Muita diferença; pessoas de certas cores e etnias enfrentam muito mais obstáculos que as de outras cores
  2. Alguma diferença; pessoas de certas cores e etnias às vezes têm mais dificuldades que outras pessoas
  3. Pouca diferença; geralmente, as pessoas têm controle das suas próprias circunstâncias de vida independente de cor ou etnia
  4. Nenhuma diferença; a cor ou etnia não determinam como uma pessoa vive a sua vida.
- Prefiro não responder a esta pergunta

P33. Na sua opinião, quanta diferença faz o gênero na vida de uma pessoa no lugar onde você mora?

1. Muita diferença; as mulheres enfrentam muito mais obstáculos que os homens
  2. Alguma diferença; as mulheres às vezes têm mais dificuldades que os homens
  3. Pouca diferença; geralmente, as mulheres têm controle das suas próprias circunstâncias de vida independente de gênero
  4. Nenhuma diferença; o gênero não determina como uma pessoa vive a sua vida.
- Prefiro não responder a esta pergunta

## APÊNDICE B – Code Book

Do *code book* foram excluídas as perguntas que tiveram uma quantidade elevada de respostas em branco e que, portanto, não seriam interessantes para a pesquisa.

P1. Qual é seu genero?

Valor	Resposta
1	Masculino
2	Feminino
3	Outro
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P2. Você tem quantos anos?

Valor	Resposta
N	Idade
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P3. Você está em que semestre da faculdade?

Valor	Grupo de resposta	Resposta
1	Séries iniciais	Primeiro
		Segundo
		Terceiro
		Quarto
		Quinto
2	Séries finais	Sexto
		Setimo
		Oitavo
0	N/A	Nono
		Decimo ou mais
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

P4. Você foi criado(a) em qual(is) cidade(s) e estado(s)? (Pode incluir mais de uma cidade)

Valor	Grupo de resposta	Resposta
1	Município fronteiroço	Cáceres, MT
		Porto Esperidião, MT
		Vila Bela da Santíssima Trindade, MT
		Pontes e Lacerda, MT
2	Município não fronteiroço	Cuiabá/ Varzea Grande, MT
		Outro
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

P5. Você foi criado(a) onde nesse município?

Valor	Grupo de resposta	Resposta
1	Urbano	Exclusivamente na zona urbana
		Prevalentemente na zona urbana
2	Neutro	Igualmente, tanto na zona urbana como na zona rural
3	Rural	Prevalentemente em uma zona rural
		Exclusivamente em uma zona rural
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

P6. Você mora onde atualmente?

Valor	Resposta
1	Cáceres
2	Outro município
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P7. Você mora nesta área há quantos anos?

Valor	Resposta
1	De 0 a 1 ano de residência
2	De 1 ano e 1 dia a 5 anos
3	Mais de 5 anos de residência

0 Prefiro não responder a esta pergunta

P8. Você mora onde nesse município?

Valor	Resposta
1	Na cidade mesmo
2	Em uma zona rural
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P9. Qual é a sua religião, se tiver?

Valor	Grupo de resposta	Resposta
1	Católico	Católica
		Evangélico Pentecostal
		Evangélico Não-Pentecostal
2	Protestante	Adventista
		Testemunha de Jeová
		Mórmon
		Espírita kardecista, espiritualista
		Candomblé
		Umbanda
3	Outras religiões	Seicho-No-Iê, Messiânica, Perfeita Liberdade
		Judaica
		Budista
		Santo Daime, Esotérica
4	Não tem religião/Ateu	É ateu/Não acredita em Deus
		Não tem religião
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

P10. Qual é a sua renda mensal, aproximadamente? Considere apenas os seus rendimentos.

Valor	Resposta
1	Até 500 R\$
2	7. De 500 R\$ a 1000 R\$
3	8. De 1.000 R\$ a 2.000 R\$
4	De 2.000 R\$ a 3.000 R\$
5	De 3000 R\$ a 5.000 R\$
6	Acima de 5000 R\$
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P11. Você atualmente é estudante integral?

Valor	Resposta
1	4. Sim, e recebo uma bolsa
2	5. Sim, mas não recebo nenhuma bolsa
3	6. Não, sou aluno mas trabalho fora também
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P12. É comum dividir a população em classes sociais. Na sua opinião, a que classe social você pertence?

Valor	Resposta
1	6. Classe A (alta)
2	Classe B (média-alta)
3	Classe C (média)
4	7. Classe D (média-baixa)
5	8. Classe E (baixa)
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P17. Hoje em dia, quando se conversa de tendências políticas, fala-se de pessoas que simpatizam mais com a esquerda e de pessoas que simpatizam mais com a direita.

De acordo com o sentido político que os termos "esquerda" e "direita" têm para você, em uma escala onde 0 indica esquerda e 10 indica direita, onde você se coloca?

Valor	Grupo de resposta	Resposta
1	Esquerda/centro-esquerda	0

		1
		2
		3
		4
2	Centro	5
		6
		7
3	Direita/Centro-direita	8
		9
		10
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

P18. Segue abaixo uma lista de redes sociais frequentemente usadas no celular, computador ou tablet. Por favor, indique a frequência com que você lê notícias em cada rede social:

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos Não uso esta rede social
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

Whatsapp

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos Não uso esta rede social
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

Facebook

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos Não uso esta rede social
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

Instagram

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos Não uso esta rede social
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

Twitter

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos Não uso esta rede social
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

P19. Segue abaixo uma lista de jornais, sites de notícias, e telejornais. Por favor, indique a frequência com que você lê e assiste cada um:

#### JORNAIS IMPRESSOS

Correio Cacerense

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos

0	N/A	Não uso esta rede social Prefiro não responder a esta pergunta
Jornal cacereense		
<b>Valor</b>	<b>Grupo de reposta</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos
0	N/A	Não costumo ler/assistir este meio de comunicação Prefiro não responder a esta pergunta
<b>JORNAIS ONLINE O SITES</b>		
Jornal Oeste		
<b>Valor</b>	<b>Grupo de reposta</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos
0	N/A	Não costumo ler/assistir este meio de comunicação Prefiro não responder a esta pergunta
Cáceres Notícias		
<b>Valor</b>	<b>Grupo de reposta</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos
0	N/A	Não costumo ler/assistir este meio de comunicação Prefiro não responder a esta pergunta
Diário de Cáceres		
<b>Valor</b>	<b>Grupo de reposta</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos
0	N/A	Não costumo ler/assistir este meio de comunicação Prefiro não responder a esta pergunta
Zakinews		
<b>Valor</b>	<b>Grupo de reposta</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos
0	N/A	Não costumo ler/assistir este meio de comunicação Prefiro não responder a esta pergunta
Ripa nos malandros		
<b>Valor</b>	<b>Grupo de reposta</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos
0	N/A	Não costumo ler/assistir este meio de comunicação Prefiro não responder a esta pergunta
<b>TELEJORNAIS</b>		
Jornal Nacional		
<b>Valor</b>	<b>Grupo de reposta</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias

		4-6 vezes por semana
		1-3 vezes por semana
		1 vez a cada 15 dias
		1 vez por mês ou menos
		Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
		Prefiro não responder a esta pergunta
Aqui agora		
<b>Valor</b>	<b>Grupo de repostas</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias
		4-6 vezes por semana
		1-3 vezes por semana
		1 vez a cada 15 dias
		1 vez por mês ou menos
		Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
		Prefiro não responder a esta pergunta
MTTV		
<b>Valor</b>	<b>Grupo de repostas</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias
		4-6 vezes por semana
		1-3 vezes por semana
		1 vez a cada 15 dias
		1 vez por mês ou menos
		Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
		Prefiro não responder a esta pergunta

P20. Segue abaixo uma lista de redes sociais frequentemente usadas no celular, computador ou tablet. Por favor, indique a frequência com que você lê notícias *relacionadas à fronteira entre o Brasil e a Bolívia* em cada rede social:

Whatsapp

<b>Valor</b>	<b>Grupo de repostas</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias
		4-6 vezes por semana
		1-3 vezes por semana
		1 vez a cada 15 dias
		1 vez por mês ou menos
		Não uso esta rede social
		Prefiro não responder a esta pergunta

Facebook

<b>Valor</b>	<b>Grupo de repostas</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias
		4-6 vezes por semana
		1-3 vezes por semana
		1 vez a cada 15 dias
		1 vez por mês ou menos
		Não uso esta rede social
		Prefiro não responder a esta pergunta

Instagram

<b>Valor</b>	<b>Grupo de repostas</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias
		4-6 vezes por semana
		1-3 vezes por semana
		1 vez a cada 15 dias
		1 vez por mês ou menos
		Não uso esta rede social
		Prefiro não responder a esta pergunta

Twitter

<b>Valor</b>	<b>Grupo de repostas</b>	<b>Resposta</b>
1	Frequencia alta	Todos os dias
		4-6 vezes por semana

2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos Não uso esta rede social
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

P21. Segue abaixo uma lista de jornais, sites de notícias, e telejornais. Por favor, indique a frequência com que você lê e assiste notícias *relacionadas à fronteira entre o Brasil e a Bolívia* em cada um:

### JORNAIS IMPRESSOS

Correio Cacerense

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

Jornal cacerense

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

### JORNAIS ONLINE O SITES

Jornal Oeste

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

Cáceres Notícias

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

Diário de Cáceres

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana 1 vez a cada 15 dias
3	Frequencia baixa ou nula	1 vez por mês ou menos Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
0	N/A	Prefiro não responder a esta pergunta

Zakinews

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias 4-6 vezes por semana
2	Frequencia moderada	1-3 vezes por semana

3	Frequencia baixa ou nula	1 vez a cada 15 dias
0	N/A	1 vez por mês ou menos
	Ripa nos malandros	Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
		Prefiro não responder a esta pergunta

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias
2	Frequencia moderada	4-6 vezes por semana
3	Frequencia baixa ou nula	1-3 vezes por semana
0	N/A	1 vez a cada 15 dias
		1 vez por mês ou menos
		Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
		Prefiro não responder a esta pergunta

**TELEJORNAIS**

Jornal Nacional

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias
2	Frequencia moderada	4-6 vezes por semana
3	Frequencia baixa ou nula	1-3 vezes por semana
0	N/A	1 vez a cada 15 dias
		1 vez por mês ou menos
		Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
		Prefiro não responder a esta pergunta

Aqui agora

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias
2	Frequencia moderada	4-6 vezes por semana
3	Frequencia baixa ou nula	1-3 vezes por semana
0	N/A	1 vez a cada 15 dias
		1 vez por mês ou menos
		Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
		Prefiro não responder a esta pergunta

MTTV

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Frequencia alta	Todos os dias
2	Frequencia moderada	4-6 vezes por semana
3	Frequencia baixa ou nula	1-3 vezes por semana
0	N/A	1 vez a cada 15 dias
		1 vez por mês ou menos
		Não costumo ler/assistir este meio de comunicação
		Prefiro não responder a esta pergunta

P22. No último ano, você já teve algum contato com estrangeiros?

Valor	Grupo de reposta	Resposta
1	Muito contato	6. Sim, habitualmente (todo dia ou quase todo dia)
2	Pouco contato	7. Sim, com uma certa frequência (por ex., uma vez por semana)
3	Nenhum contato	8. Sim, esporadicamente (eu tive contato por um tempo, mas não tenho mais)
0	N/A	9. Sim, 1-2 vezes
		Não
		Prefiro não responder a esta pergunta

P23. Quanto contato você tem com a fronteira entre a Bolívia e o Brasil?

Valor	Resposta
1	Nenhum contato
2	10. Um pouco de contato
3	Contato moderado
4	Muito contato
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P24. Pelo que você sabe, como você percebe o controle da fronteira entre a Bolívia e o Brasil quanto à passagem de *pessoas*?

Valor	Resposta
1	É muito permeável
2	11. É moderadamente permeável
3	É moderadamente impermeável
4	É impermeável
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P25. Pelo que você sabe, como você percebe o controle da fronteira entre a Bolívia e o Brasil quanto à passagem de *mercadoria*?

Valor	Resposta
1	É muito permeável
2	É moderadamente permeável
3	É moderadamente impermeável
4	É impermeável
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P26. Na sua opinião, quão diferentes são os dois lados da fronteira entre a Bolívia e o Brasil?

Valor	Resposta
1	São muito semelhantes
2	12. São meio semelhantes
3	São meio diferentes
4	São muito diferentes
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P27. Considerando aspectos físicos, culturais, sociais, etc. na sua opinião, quão diferentes são os bolivianos e os brasileiros?

Valor	Resposta
1	São muito semelhantes
2	13. São meio semelhantes
3	São meio diferentes
4	São muito diferentes
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P28. Ao longo do último ano, você já tomou conhecimento de algum crime cometido no seu município?

Valor	Resposta
1	Sim
2	Não
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P29. Ao longo do último ano, você já tomou conhecimento de algum crime cometido por estrangeiros no seu município?

Valor	Resposta
1	Sim
2	Não
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P31. Você está de acordo com o fato de bolivianos serem atendidos pelo hospital regional em Cáceres?

Valor	Resposta
1	6. Concordo muito
2	Concordo um pouco
3	7. Nem concordo nem discordo
4	8. Discordo um pouco
5	9. Discordo muito
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P32. Na sua opinião, quanta diferença faz a cor e a etnia na vida de uma pessoa no lugar onde você mora?

Valor	Resposta
-------	----------

1	Muita diferença
2	14. Alguma diferença
3	Pouca diferença
4	Nenhuma diferença
0	Prefiro não responder a esta pergunta

P33. Na sua opinião, quanta diferença faz o gênero na vida de uma pessoa no lugar onde você mora?

**Valor**

**Resposta**

1	Muita diferença
2	15. Alguma diferença
3	Pouca diferença
4	Nenhuma diferença
0	Prefiro não responder a esta pergunta

## **APÊNDICE C - Roteiros para os grupos focais**

Submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do IFMT  
Autorizado - CAAE: 18886719.8.0000.8055

### **GRUPOS FOCAIS – PERCEPÇÃO DE FRONTEIRA (ROTEIRO 1)**

#### **INTRODUÇÃO**

Boa Tarde! Meu nome é Paolo e o de meu colega é Priscilla. O nosso objetivo aqui é o de entender como as pessoas veem e percebem a fronteira com especial atenção à fronteira entre o Brasil e a Bolívia no distrito da Corixa: quais são as imagens mais recorrentes relacionadas à fronteira a partir de suas experiências. Além disso queremos tentar entender qual a percepção de outras fronteiras que eventualmente podem surgir no seu dia a dia.

Os pontos de vista discutidos nos ajudarão muito a entender esses temas e vocês estarão contribuindo para importantes projetos de pesquisa que estão sendo realizados por várias instituições que estão trabalhando em conjunto esta temática. Por isso, muito obrigada pela participação de todos e esperamos que ela seja informativa e estimulante.

Para que essa discussão seja proveitosa e frutífera temos algumas recomendações e esclarecimentos a fazer. Em primeiro lugar, sintam-se à vontade para participar e expressar suas ideias. Pedimos, no entanto, que fale uma pessoa de cada vez. Em segundo lugar, sabemos que cada um aqui tem experiências diferentes que gostaríamos de conhecer. Portanto, deixem de lado a timidez e contem-nos o que vocês realmente pensam. Finalmente, por favor, sintam-se à vontade para discordar e oferecer o seu próprio ponto de vista, mas respeitando as opiniões dos outros participantes. Para nós não existem respostas certas ou erradas, o que queremos conhecer é a sua vivência sobre o que foi perguntado.

Temos ainda uma última observação: essa discussão será gravada e alguns pesquisadores estarão presentes aqui na sala fazendo anotações, pois queremos acumular o máximo de informações dos seus depoimentos. Mas vocês podem ficar absolutamente tranquilos com relação ao sigilo de todas estas informações gravadas, transcritas e anotadas. Em outras palavras, vocês não serão identificados em qualquer relatório, livro ou artigo. Nesse mesmo espírito, é importante que vocês não comentem depois, lá fora, a discussão compartilhada aqui. E, antes de iniciarmos, gostaríamos de saber se vocês têm alguma pergunta.

#### **QUEBRA GELO**

Para começar gostaríamos de pedir que cada um de vocês se apresente dizendo seu nome e qual é sua relação com a fronteira Brasil – Bolívia na região da Corixa.

#### **ROTEIRO PARA DISCUSSÃO**

1. Para começar gostaríamos de saber quando foi a última vez que você cruzou a fronteira e foi até, por exemplo, San Matias, ou pode ser também algum momento especial que você quer nos relatar. Se puder nos contar algo sobre sua experiência.

PROBES: tentar captar a percepção da fronteira como aberta/fechada ao cruzar (p. ex. uma dificuldade que tiveram ao atravessar, na ida ou na volta e como isto pode influenciar a percepção de um espaço fechado que causa uma ruptura entre territórios)

2. Quando se pensa em fronteira vêm à cabeça muitos aspectos, tanto positivos como negativos. Você poderia nos relatar uma coisa negativa que vem à sua cabeça quando se fala na fronteira?

PROBES: qual foi o motivo desta escolha? - Tentar captar os motivos que levaram a esta opção de ver o lado negativo da fronteira (tráfico de drogas?)

3. Agora gostaríamos que você nos relatasse o oposto: um aspecto positivo que vem à sua cabeça quando se pensa em Fronteira

PROBES qual foi o motivo desta escolha? - Tentar captar os motivos que levaram a esta opção de ver o lado positivo da fronteira (lugar de união mais que de separação?)

4. Como última pergunta gostaríamos que você se distanciasse um momento da fronteira física e pensasse também nas inúmeras fronteiras que existem no nosso dia a dia (p. ex. fronteiras de gênero entre homens e mulheres, fronteiras que existem entre professores e estudantes, fronteiras que você cruza ao passear por alguns bairros da sua cidade, fronteiras entre os tipos de lugares que vocês frequentam a noite – bares, baladas)

Refletindo sobre o que falamos até o presente momento gostaria que tentasse nos dar uma definição sua do que é uma fronteira.

PROBES a fronteira é indeterminada, tentar entender como se dá a definição, se há diferenças ou semelhanças e, sobretudo, se após a(s) primeira(s) fala(s) os outros vão copiando.

Antes de fechar, alguém tem mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

### **CONCLUSÃO**

Muito obrigado a todos por passar este momento conosco, compartilhando seus valiosos pontos-de-vista. Nosso grupo conseguiu aprofundar vários pontos relacionados aos temas propostos. A discussão que vocês tiveram sobre todos esses aspectos foi muito informativa e muito útil para a nossa pesquisa. Obrigado!

## **GRUPOS FOCAIS – PERCEPÇÃO DE FRONTEIRA (ROTEIRO 2)**

### **INTRODUÇÃO**

Boa Tarde! Meu nome é \_\_\_\_\_ e o de meu colega é \_\_\_\_\_. O nosso objetivo aqui é de entender como as pessoas veem e percebem a fronteira com especial atenção à fronteira entre o Brasil e a Bolívia no distrito da Corixa: quais são as imagens mais recorrentes relacionadas à fronteira mesmo vocês não a conhecendo diretamente. Além disso queremos tentar entender qual a percepção de outras fronteiras que eventualmente podem surgir no seu dia a dia.

Os pontos de vista discutidos nos ajudarão muito a entender esses temas e vocês estarão contribuindo para importantes projetos de pesquisa que estão sendo realizados por várias instituições que estão trabalhando em conjunto esta temática. Por isso, muito obrigada pela participação de todos e esperamos que ela seja informativa e estimulante.

Para que essa discussão seja proveitosa e frutífera temos algumas recomendações e esclarecimentos a fazer. Em primeiro lugar, sintam-se à vontade para participar e expressar suas ideias. Pedimos, no entanto, que fale uma pessoa de cada vez. Em segundo lugar, sabemos que cada um aqui tem experiências diferentes que gostaríamos de conhecer. Portanto, deixem de lado a timidez e contem-nos o que vocês realmente pensam. Finalmente, por favor, sintam-se à vontade para discordar e oferecer o seu próprio ponto de vista, mas respeitando as opiniões dos outros participantes. Para nós não existem respostas certas ou erradas, o que queremos conhecer é a sua vivência sobre o que for perguntado.

Temos ainda uma última observação: essa discussão será gravada e alguns pesquisadores estarão presentes aqui na sala fazendo anotações, pois queremos acumular o máximo de informações dos seus depoimentos. Mas vocês podem ficar absolutamente tranquilos com relação ao sigilo de todas estas informações gravadas, transcritas e anotadas. Em outras palavras, vocês não serão identificados em qualquer relatório, livro ou artigo. Nesse mesmo espírito, é importante que vocês não comentem depois, lá fora, a discussão compartilhada aqui. E, antes de iniciarmos, gostaríamos de saber se vocês têm alguma pergunta.

### **QUEBRA GELO**

Para começar gostaríamos de pedir que cada um de vocês se apresente dizendo seu nome e qual é sua relação com a fronteira Brasil – Bolívia na região da Corixa (nunca esteve lá, mas já ouviu falar?)

## **ROTEIRO PARA DISCUSSÃO**

1. Para começar gostaríamos de saber como você imagina que seja a fronteira entre o Brasil e a Bolívia na Corixa. Tanto em relação ao lugar físico bem como em relação ao que se pode encontrar naquele lugar (polícia, alfandega, pessoas circulando etc.)  
Se puder nos contar algo sobre como você imagina um lugar de fronteira entre dois Países.

PROBES: tentar captar a percepção da fronteira como aberta/fechada (p. ex. uma percepção desta como um lugar extremamente controlado, de difícil acesso, com policias espalhados, um lugar que é uma ruptura entre dois territórios)

2. Quando se pensa em fronteira vêm à cabeça muitos aspectos, tanto positivos como negativos. Você poderia nos relatar uma coisa negativa que vem à sua cabeça quando se fala na fronteira?

PROBES: qual foi o motivo desta escolha? - Tentar captar os motivos que levaram a esta opção de ver o lado negativo da fronteira (trafico de drogas?)

3. Agora gostaríamos que você nos relatasse o oposto: um aspecto positivo que vem à sua cabeça quando se pensa em Fronteira

PROBES qual foi o motivo desta escolha? - Tentar captar os motivos que levaram a esta opção de ver o lado positivo da fronteira (lugar de união mais que de separação?)

4. Como última pergunta gostaríamos que você se distanciasse um momento da fronteira física e pensasse também nas inúmeras fronteiras que existem no nosso dia a dia (p. ex. fronteiras de gênero entre homens e mulheres, fronteiras que existem entre professores e estudantes, fronteiras que você cruza ao passear por alguns bairros da sua cidade, fronteiras entre os tipos de lugares que vocês frequentam a noite – bares, baladas)

Refletindo sobre o que falamos ate o presente momento gostaria que tentasse nos dar uma definição sua do que é uma fronteira.

PROBES a fronteira é indeterminada, tentar entender como se dá a definição, se há diferenças ou semelhanças e, sobretudo, se após a(s) primeira(s) fala(s) os outros vão copiando.

Antes de fechar, alguém tem mais alguma coisa que gostaria de acrescentar?

## **CONCLUSÃO**

Muito obrigado a todos por passar este momento conosco, compartilhando seus valiosos pontos-de-vista. Nosso grupo conseguiu aprofundar vários pontos relacionados aos temas propostos. A discussão que vocês tiveram sobre todos esses aspectos foi muito informativa e muito útil para a nossa pesquisa. Obrigado!

## APÊNDICE D - Tabelas de análises estatísticas

Tabela 1 - Descrição da frequência de respostas dos participantes em relação as suas características sociodemográficas.

Variáveis	Frequência (%)
<b>Gênero</b>	
<i>Masculino</i>	37 (50,68)
<i>Feminino</i>	36 (49,32)
<b>Semestre Letivo</b>	
<i>Séries iniciais</i>	33 (45,41%)
<i>Séries finais</i>	40 (54,79%)
<b>Município de criação</b>	
<i>Município fronteiriço</i>	47 (64,38%)
<i>Município não fronteiriço</i>	26 (35,62%)
<b>Zona urbana de criação</b>	
<i>Urbana</i>	41 (56,16%)
<i>Neutra</i>	20 (27,40%)
<i>Rural</i>	12 (16,44%)
<b>Residência atual</b>	
<i>Cáceres</i>	73 (100%)
<b>Há quantos anos mora na região</b>	
<i>0 a 1 anos</i>	12 (16,44%)
<i>&gt; 1 a 5 anos</i>	28 (38,36%)
<i>&gt; 5 anos</i>	33 (45,21%)
<b>Zona urbana de residência</b>	
<i>Urbana</i>	73 (100%)
<b>Religião</b>	
<i>N/A</i>	6 (8,22%)
<i>Católico</i>	49 (67,12%)
<i>Protestante</i>	14 (19,18%)
<i>Ateu</i>	4 (5,48%)
<b>Renda mensal</b>	
<i>N/A</i>	11 (15,07%)
<i>Até 500,00 R\$</i>	27 (26,99%)
<i>De 500 R\$ a 1000 R\$</i>	15 (20,55%)
<i>De 1.000 R\$ a 2.000 R\$</i>	11 (15,07%)
<i>De 2.000 R\$ a 3.000 R\$</i>	4 (5,48%)
<i>De 3000 R\$ a 5.000 R\$</i>	4 (5,48%)
<i>&gt; 5000 R\$</i>	1 (1,37%)
<b>Modalidade de vínculo universitário</b>	
<i>N/A</i>	2 (2,74%)
<i>Sim, bolsista</i>	28 (38,36%)
<i>Sim, sem bolsa</i>	38 (52,05%)
<i>Não, sou aluno e trabalho</i>	5 (6,85%)
<b>Classe social</b>	
<i>N/A</i>	6 (8,22%)
<i>Classe B (média-alta)</i>	3 (4,11%)
<i>Classe C (média)</i>	26 (35,62%)
<i>Classe D (média-baixa)</i>	29 (39,73%)
<i>Classe E (baixa)</i>	9 (12,33%)
<b>Tendência política</b>	
<i>N/A</i>	6 (8,22%)
<i>Esquerda</i>	24 (32,88%)
<i>Centro</i>	32 (43,84%)
<i>Direita</i>	11 (15,06%)

Fonte: o autor.

Tabela 2 - Distribuição das respostas dos participantes sobre a frequência de leitura de notícias em meios digitais.

Variáveis	Frequência (%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “WhatsApp”</b>	
<i>Alta</i>	67 (91,78%)
<i>Moderada</i>	4 (5,48%)
<i>Baixa</i>	2 (2,74%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “Facebook”</b>	
<i>Alta</i>	55 (75,34%)
<i>Moderada</i>	10 (13,7%)
<i>Baixa</i>	8 (10,96%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “Instagram”</b>	
<i>Alta</i>	52 (71,23%)
<i>Moderada</i>	6 (8,22%)
<i>Baixa</i>	15 (20,55%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “Twitter”</b>	
<i>Alta</i>	5 (6,85%)
<i>Baixa</i>	68 (93,15%)

Fonte: o autor.

Tabela 3 - Descrição da frequência de respostas dos participantes de acordo com o acesso de notícias por meios de comunicação tradicionais.

Variáveis	Frequência (%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “Jornal Correio Cacerense”</b>	
<i>Alta</i>	2 (2,74%)
<i>Moderada</i>	3 (4,11%)
<i>Baixa</i>	68 (93,15%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “Jornal Cacerense”</b>	
<i>Alta</i>	9 (12,33%)
<i>Moderada</i>	9 (12,33%)
<i>Baixa</i>	55 (75,34%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “Jornal Oeste”</b>	
<i>Alta</i>	19 (26,03%)
<i>Moderada</i>	21 (28,77%)
<i>Baixa</i>	33 (45,21%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “Cáceres Notícias”</b>	
<i>Alta</i>	19 (26,03%)
<i>Moderada</i>	22 (30,14%)
<i>Baixa</i>	32 (43,84%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “Diário de Cáceres”</b>	
<i>Alta</i>	8 (10,96%)
<i>Moderada</i>	10 (13,7%)
<i>Baixa</i>	55 (75,34%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “Zakinews”</b>	
<i>Alta</i>	1 (1,37%)
<i>Baixa</i>	73 (98,63%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “Ripa nos malandros”</b>	
<i>Alta</i>	22 (30,14%)
<i>Moderada</i>	19 (26,03%)
<i>Baixa</i>	32 (43,84%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “Jornal Nacional”</b>	
<i>Alta</i>	41 (56,16%)
<i>Moderada</i>	16 (21,92%)
<i>Baixa</i>	16 (21,92%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “Aqui agora”</b>	
<i>Alta</i>	13 (17,81%)
<i>Moderada</i>	5 (6,85%)
<i>Baixa</i>	55 (75,34%)
<b>Frequência de leitura de notícias: “MTTV”</b>	
<i>Alta</i>	26 (35,62%)
<i>Moderada</i>	16 (21,92%)
<i>Baixa</i>	31 (42,47%)

Fonte: o autor.

Tabela 4 - Frequência de respostas dos participantes em relação as questões sobre a percepção de fronteira entre Brasil e Bolívia.

Variáveis	Frequência (%)
<b>Contato com estrangeiros</b>	
<i>Muito contato</i>	20 (27,4%)
<i>Pouco contato</i>	37 (50,68%)
<i>Nenhum contato</i>	16 (21,92%)
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil</b>	
<i>Nenhum contato</i>	29 (39,73%)
<i>Um pouco de contato</i>	14 (19,18%)
<i>Contato moderado</i>	26 (35,62%)
<i>Muito contato</i>	4 (5,48%)
<b>Percepção de controle de passagens de pessoas pela fronteira</b>	
<i>N/A</i>	4 (5,48%)
<i>Muito permeável</i>	31 (42,47%)
<i>Moderadamente permeável</i>	31 (42,47%)
<i>Moderadamente impermeável</i>	2 (2,74%)
<i>Impermeável</i>	5 (6,85%)
<b>Percepção de controle de passagens de mercadoria pela fronteira</b>	
<i>N/A</i>	6 (8,22%)
<i>É muito permeável</i>	17 (23,29%)
<i>É moderadamente permeável</i>	31 (42,47%)
<i>É moderadamente impermeável</i>	14 (19,18%)
<i>É impermeável</i>	5 (6,85%)
<b>Diferença entre os lados da Bolívia e Brasil na fronteira</b>	
<i>N/A</i>	11 (15,07%)
<i>São muito semelhantes</i>	7 (9,59%)
<i>São meio semelhantes</i>	10 (13,7%)
<i>São meio diferentes</i>	27 (36,99%)
<i>São muito diferentes</i>	18 (24,66%)
<b>Diferença entre brasileiros e bolivianos em aspectos físicos, culturais e sociais</b>	
<i>N/A</i>	2 (2,74%)
<i>São muito semelhantes</i>	2 (2,74%)
<i>São meio semelhantes</i>	8 (10,96%)
<i>São meio diferentes</i>	40 (54,79%)
<i>São muito diferentes</i>	21 (28,77%)
<b>Conhecimento sobre crimes cometidos no seu município</b>	
<i>N/A</i>	2 (2,74%)
<i>Sim</i>	66 (90,41%)
<i>Não</i>	5 (6,85%)
<b>Conhecimento sobre crimes cometidos no seu município cometido por estrangeiros</b>	
<i>N/A</i>	2 (2,74%)
<i>Sim</i>	32 (43,84%)
<i>Não</i>	39 (53,42%)
<b>Concordância para atendimentos de bolivianos no hospital de Cáceres</b>	
<i>N/A</i>	7 (9,59%)
<i>Concordo muito</i>	32 (43,84%)
<i>Concordo um pouco</i>	10 (13,7%)
<i>Nem concordo nem discordo</i>	8 (10,96%)
<i>Discordo um pouco</i>	9 (12,33%)
<i>Discordo muito</i>	7 (9,59%)
<b>Diferença entre cor e etnia na vida das pessoas em Cáceres</b>	
<i>N/A</i>	3 (4,11%)
<i>Muita diferença</i>	23 (31,51%)
<i>Alguma diferença</i>	22 (30,14%)
<i>Pouca diferença</i>	6 (8,22%)
<i>Nenhuma diferença</i>	19 (26,03%)
<b>Diferença entre gênero na vida das pessoas em Cáceres</b>	
<i>N/A</i>	6 (8,22%)
<i>Muita diferença</i>	27 (36,99%)
<i>Alguma diferença</i>	15 (20,55%)
<i>Pouca diferença</i>	7 (9,59%)
<i>Nenhuma diferença</i>	18 (24,66%)

Fonte: o autor.

Tabela 5 - Influência do gênero dos participantes no perfil sociodemográfico e de acesso a informações.

Variáveis	Gênero		X <sub>2</sub>	p
	Masculino	Feminino		
<b>Município de criação</b>				
<i>Município fronteiriço</i>	22	15	0,79	0,37
<i>Município não fronteiriço</i>	25	11		
<b>Zona urbana de criação</b>				
<i>Urbana</i>	19	22	1,06	0,65
<i>Neutra</i>	12	8		
<i>Rural</i>	6	6		
<b>Tendência política</b>				
<i>N/A</i>	3	3	2,80	0,42
<i>Esquerda</i>	9	15		
<i>Centro</i>	18	14		
<i>Direita</i>	7	4		
<b>Religião</b>				
<i>N/A</i>	3	3	1,06	0,80
<i>Católico</i>	24	25		
<i>Protestante</i>	7	7		
<i>Ateu</i>	3	1		
<b>Classe social</b>				
<i>N/A</i>	3	3	1,90	0,75
<i>Classe B (média-alta)</i>	2	1		
<i>Classe C (média)</i>	15	11		
<i>Classe D (média-baixa)</i>	12	17		
<i>Classe E (baixa)</i>	5	4		
<b>Contato com estrangeiros*</b>				
<i>Muito contato</i>	13	7	<b>6,03</b>	<b>0,04</b>
<i>Pouco contato</i>	20	17		
<i>Nenhum contato</i>	4	12		
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil</b>				
<i>Nenhum contato</i>	11	18	6,52	0,08
<i>Um pouco de contato</i>	7	7		
<i>Contato moderado</i>	18	8		
<i>Muito contato</i>	1	3		
<b>Frequência de leitura de notícias: "WhatsApp"</b>				
<i>Alta</i>	35	32	2,12	0,34
<i>Moderada</i>	2	2		
<i>Baixa</i>	0	2		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Facebook"</b>				
<i>Alta</i>	29	26	0,55	0,76
<i>Moderada</i>	4	6		
<i>Baixa</i>	4	4		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Instagram"</b>				
<i>Alta</i>	25	27		
<i>Moderada</i>	2	4		
<i>Baixa</i>	10	5		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Twitter"</b>				
<i>Alta</i>	2	35	0,24	0,62
<i>Baixa</i>	3	33		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Jornal Correio Cacerense"</b>				
<i>Alta</i>	0	2	4,98	0,08
<i>Moderada</i>	3	0		
<i>Baixa</i>	34	34		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Jornal Cacerense"</b>				
<i>Alta</i>	4	5	1,55	0,46
<i>Moderada</i>	3	6		
<i>Baixa</i>	30	25		

<b>Frequência de leitura de notícias: “Jornal Oeste”</b>				
<i>Alta</i>	8	11	0,91	0,63
<i>Moderada</i>	12	9		
<i>Baixa</i>	17	16		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Cáceres Notícias”</b>				
<i>Alta</i>	9	10	0,16	0,92
<i>Moderada</i>	11	11		
<i>Baixa</i>	17	15		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Diário de Cáceres”</b>				
<i>Alta</i>	5	3	0,90	0,63
<i>Moderada</i>	4	6		
<i>Baixa</i>	28	27		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Zakinews”</b>				
<i>Alta</i>	0	1	1,04	0,30
<i>Baixa</i>	37	35		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Ripa nos malandros”</b>				
<i>Alta</i>	13	9	0,89	0,64
<i>Moderada</i>	9	10		
<i>Baixa</i>	15	17		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Jornal Nacional”**</b>				
<i>Alta</i>	23	18	<b>9,09</b>	<b>0,01</b>
<i>Moderada</i>	3	13		
<i>Baixa</i>	11	5		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Aqui agora”</b>				
<i>Alta</i>	7	6	0,28	0,86
<i>Moderada</i>	2	3		
<i>Baixa</i>	28	27		
<b>Frequência de leitura de notícias: “MTTV”**</b>				
<i>Alta</i>	16	10	<b>5,66</b>	<b>0,05</b>
<i>Moderada</i>	4	12		
<i>Baixa</i>	17	14		
<b>Diferença entre cor e etnia na vida das pessoas em Cáceres</b>				
<i>N/A</i>	1	2	3,95	0,41
<i>Muita diferença</i>	10	13		
<i>Alguma diferença</i>	11	11		
<i>Pouca diferença</i>	2	4		
<i>Nenhuma diferença</i>	13	6		
<b>Diferença entre gênero na vida das pessoas em Cáceres</b>				
<i>N/A</i>	3	3	8,75	0,06
<i>Muita diferença</i>	9	18		
<i>Alguma diferença</i>	8	7		
<i>Pouca diferença</i>	3	4		
<i>Nenhuma diferença</i>	14	4		

Fonte: o autor.

Tabela 6 - Associação entre a classe social dos participantes e suas características sociodemográficas e acesso a informações.

Variáveis	Classe Social					X <sub>2</sub>	P
	N/A	B	C	D	E		
<b>Tendência política</b>							
N/A	0	1	4	1	0	15,18	0,23
Esquerda	1	1	8	12	2		
Centro	3	0	9	15	5		
Direita	2	1	5	1	2		
<b>Contato com estrangeiros*</b>							
Muito contato	2	0	9	6	3	7,39	0,49
Pouco contato	4	3	12	15	3		
Nenhum contato	0	0	5	8	3		
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil</b>							
Nenhum contato	0	0	10	16	3	18,57	0,09
Um pouco de contato	3	0	5	4	2		
Contato moderado	2	2	9	9	4		
Muito contato	1	1	2	0	0		
<b>Frequência de leitura de notícias: "WhatsApp"</b>							
Alta	6	3	25	27	6	16,21	0,03
Moderada	0	0	1	2	1		
Baixa	0	0	0	0	2		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Facebook"</b>							
Alta	3	3	20	21	8	5,93	0,65
Moderada	1	0	3	5	1		
Baixa	2	0	3	3	0		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Instagram"</b>							
Alta	6	2	15	23	6	11,90	0,15
Moderada	0	1	2	3	0		
Baixa	0	0	9	3	3		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Twitter"</b>							
Alta	0	1	1	2	1	4,36	0,35
Baixa	6	2	25	27	8		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Jornal Correio Cacerense"</b>							
Alta	0	0	2	0	0	5,52	0,70
Moderada	0	0	2	1	0		
Baixa	6	3	22	28	9		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Jornal Cacerense"</b>							
Alta	0	0	5	3	1	9,04	0,33
Moderada	0	0	6	3	0		
Baixa	6	3	15	23	8		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Jornal Oeste"</b>							
Alta	2	2	6	7	2	7,03	0,53
Moderada	1	0	7	8	5		
Baixa	3	1	13	14	2		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Cáceres Notícias"</b>							
Alta	2	0	7	6	4	4,07	0,85
Moderada	1	1	9	9	2		
Baixa	3	2	10	14	3		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Diário de Cáceres"</b>							
Alta	0	0	4	2	2	4,04	0,85
Moderada	1	0	4	4	1		
Baixa	5	3	18	23	6		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Zakinews"</b>							
Alta	0	0	1	0	0	1,83	0,76
Baixa	6	3	25	29	9		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Ripa nos malandros"</b>							
Alta	2	1	8	7	4	4,37	0,82

<i>Moderada</i>	1	0	8	7	3		
<i>Baixa</i>	3	2	10	15	2		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Jornal Nacional”</b>							
<i>Alta</i>	4	2	17	13	5	5,49	0,70
<i>Moderada</i>	0	0	5	9	2		
<i>Baixa</i>	2	1	4	7	2		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Aqui agora”</b>							
<i>Alta</i>	0	0	6	4	3	7,41	0,49
<i>Moderada</i>	0	0	3	1	1		
<i>Baixa</i>	6	3	17	24	5		
<b>Frequência de leitura de notícias: “MTTV”</b>							
<i>Alta</i>	3	2	11	5	5	9,78	0,28
<i>Moderada</i>	1	0	7	7	1		
<i>Baixa</i>	2	1	8	17	3		
<b>Diferença entre cor e etnia na vida das pessoas em Cáceres</b>							
<i>N/A</i>	2	2	0	1	0	23,55	0,10
<i>Muita diferença</i>	0	1	8	10	4		
<i>Alguma diferença</i>	2	2	8	8	2		
<i>Pouca diferença</i>	1	0	1	4	0		
<i>Nenhuma diferença</i>	1	0	9	6	3		
<b>Diferença entre gênero na vida das pessoas em Cáceres</b>							
<i>N/A</i>	2	1	2	1	0	17,88	0,33
<i>Muita diferença</i>	0	1	9	12	5		
<i>Alguma diferença</i>	3	1	5	5	1		
<i>Pouca diferença</i>	0	0	2	4	1		
<i>Nenhuma diferença</i>	1	0	8	7	2		

Fonte: o autor.

Tabela 7 - Associação entre variáveis sociodemográficas e de acesso a informações com o posicionamento político dos participantes.

Variáveis	Posicionamento político				X <sub>2</sub>	p
	N/A	Esquerda	Centro	Direita		
<b>Município de criação</b>						
<i>Município fronteiro</i>	5	15	18	9	3,35	0,34
<i>Município não fronteiro</i>	1	9	14	2		
<b>Zona urbana de criação</b>						
<i>Urbana</i>	2	15	18	6	2,72	0,84
<i>Neutra</i>	2	5	10	3		
<i>Rural</i>	2	4	4	2		
<b>Religião</b>						
<i>N/A</i>	0	1	5	0	8,52	0,48
<i>Católico</i>	5	16	19	9		
<i>Protestante</i>	1	4	7	2		
<i>Ateu</i>	0	3	1	0		
<b>Contato com estrangeiros</b>						
<i>Muito contato</i>	3	6	7	4	2,65	0,85
<i>Pouco contato</i>	2	13	17	5		
<i>Nenhum contato</i>	1	5	8	2		
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil</b>						
<i>Nenhum contato</i>	1	10	13	5	5,37	0,80
<i>Um pouco de contato</i>	1	3	8	2		
<i>Contato moderado</i>	4	9	10	3		
<i>Muito contato</i>	0	2	1	1		
<b>Percepção de controle de passagens de pessoas pela fronteira</b>						
<i>N/A</i>	0	1	2	1	15,56	0,21

<i>Muito permeável</i>	3	14	11	3		
<i>Moderadamente permeável</i>	1	7	17	6		
<i>Moderadamente impermeável</i>	1	0	0	1		
<i>Impermeável</i>	1	2	2	0		
<b>Percepção de controle de passagens de mercadorias pela fronteira</b>						
<i>N/A</i>	1	1	2	2	9,73	0,63
<i>É muito permeável</i>	1	6	7	3		
<i>É moderadamente permeável</i>	3	11	15	2		
<i>É moderadamente impermeável</i>	1	6	4	3		
<i>É impermeável</i>	0	0	4	1		
<b>Diferença entre os lados da Bolívia e Brasil na fronteira</b>						
<i>N/A</i>	1	4	5	1	3,53	0,99
<i>São muito semelhantes</i>	0	3	3	1		
<i>São meio semelhantes</i>	1	4	4	1		
<i>São meio diferentes</i>	3	6	13	5		
<i>São muito diferentes</i>	1	7	7	3		
<b>Diferença entre brasileiros e bolivianos em aspectos físicos, culturais e sociais</b>						
<i>N/A</i>	0	1	1	0	9,01	0,70
<i>São muito semelhantes</i>	0	1	1	0		
<i>São meio semelhantes</i>	0	4	3	1		
<i>São meio diferentes</i>	6	13	16	5		
<i>São muito diferentes</i>	0	5	11	5		
<b>Concordância para atendimentos de bolivianos no hospital de Cáceres</b>						
<i>N/A</i>	2	2	2	1	11,55	0,71
<i>Concordo muito</i>	1	12	13	6		
<i>Concordo um pouco</i>	2	3	4	1		
<i>Nem concordo nem discordo</i>	1	2	5	0		
<i>Discordo um pouco</i>	0	3	4	2		
<i>Discordo muito</i>	0	2	4	1		
<b>Diferença entre cor e etnia na vida das pessoas em Cáceres</b>						
<i>N/A</i>	0	0	2	1	14,64	0,26
<i>Muita diferença</i>	2	11	7	3		
<i>Alguma diferença</i>	3	8	8	3		
<i>Pouca diferença</i>	0	0	6	0		
<i>Nenhuma diferença</i>	1	5	9	4		
<b>Diferença entre gênero na vida das pessoas em Cáceres</b>						
<i>N/A</i>	1	1	3	1	5,82	0,92
<i>Muita diferença</i>	1	12	9	5		
<i>Alguma diferença</i>	1	5	7	2		
<i>Pouca diferença</i>	1	1	4	1		
<i>Nenhuma diferença</i>	2	5	9	2		
<b>Frequência de leitura de notícias: "WhatsApp"</b>						
<i>Alta</i>	5	23	28	11	4,88	0,55
<i>Moderada</i>	1	1	2	0		
<i>Baixa</i>	0	0	2	0		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Facebook"</b>						
<i>Alta</i>	5	17	26	7	6,61	0,35
<i>Moderada</i>	1	3	5	1		
<i>Baixa</i>	0	4	1	3		
<b>Frequência de leitura de notícias: "Instagram"</b>						
<i>Alta</i>	3	18	23	8	8,10	0,23

<i>Moderada</i>	0	3	1	2		
<i>Baixa</i>	3	3	8	1		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Twitter”</b>						
<i>Alta</i>	0	3	2	0	2,46	0,48
<i>Baixa</i>	6	21	30	11		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Jornal Correio Cacerense”</b>						
<i>Alta</i>	0	0	1	1	5,37	0,49
<i>Moderada</i>	1	1	1	0		
<i>Baixa</i>	5	23	30	10		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Jornal Cacerense”</b>						
<i>Alta</i>	1	1	4	3	5,31	0,50
<i>Moderada</i>	1	4	4	0		
<i>Baixa</i>	4	19	24	8		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Jornal Oeste”</b>						
<i>Alta</i>	1	8	8	2	4,14	0,65
<i>Moderada</i>	1	8	10	2		
<i>Baixa</i>	4	8	14	7		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Cáceres Notícias”</b>						
<i>Alta</i>	0	6	10	3	5,21	0,51
<i>Moderada</i>	1	9	9	3		
<i>Baixa</i>	5	9	13	5		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Diário de Cáceres”</b>						
<i>Alta</i>	0	2	4	2	1,95	0,92
<i>Moderada</i>	1	3	4	2		
<i>Baixa</i>	5	19	24	7		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Zakinews”</b>						
<i>Alta</i>	0	0	1	0	1,29	0,72
<i>Baixa</i>	6	24	31	11		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Ripa nos malandros”</b>						
<i>Alta</i>	2	6	11	3	9,14	0,16
<i>Moderada</i>	0	11	5	3		
<i>Baixa</i>	4	7	16	5		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Jornal Nacional”</b>						
<i>Alta</i>	4	10	19	8	9,46	0,14
<i>Moderada</i>	0	10	5	1		
<i>Baixa</i>	2	4	8	2		
<b>Frequência de leitura de notícias: “Aqui agora”</b>						
<i>Alta</i>	1	1	8	3	6,48	0,37
<i>Moderada</i>	1	1	2	1		
<i>Baixa</i>	4	22	22	7		
<b>Frequência de leitura de notícias: “MTTV”</b>						
<i>Alta</i>	2	7	13	4	2,08	0,91
<i>Moderada</i>	1	7	5	3		
<i>Baixa</i>	3	10	14	4		

Fonte: o autor.

Tabela 8 - Características sociodemográficas e sua influência sob a percepção de controle de passagem na fronteira.

Variáveis	Controle de passagem				X <sub>2</sub>	p
	N/A	Muito permeável	Moderadamente permeável	Moderadamente impermeável		
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil</b>						
Nenhum contato	4	13	10	1	1	10,49 0,57
Um pouco de contato	0	6	6	0	2	
Contato moderado	0	11	12	1	2	
Muito contato	0	1	3	0	0	
<b>Município de criação</b>						
Município fronteiro	4	18	19	2	4	4,52 0,34
Município não fronteiro	0	13	12	0	1	
<b>Zona urbana de criação</b>						
Urbana	3	18	16	2	2	6,50 0,59
Neutra	1	10	8	0	1	
Rural	0	3	7	0	2	
<b>Há quanto tempo mora</b>						
De 0 a 1 ano de residência	1	5	6	0	0	6,89 0,54
De 1 ano e 1 dia a 5 anos	0	14	12	0	2	
Mais de 5 anos de residência	3	12	13	2	3	

Fonte: o autor.

Tabela 9 - Influência das variáveis sociodemográficas na percepção de controle de mercadorias na fronteira.

Variáveis	Controle de mercadorias					X <sub>2</sub>	p
	N/A	Muito permeável	Moderadamente permeável	Moderadamente impermeável	Impermeável		
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil</b>							
<i>Nenhum contato</i>	4	7	13	3	2	16,01	0,19
<i>Um pouco de contato</i>	1	2	7	3	1		
<i>Contato moderado</i>	1	8	11	5	1		
<i>Muito contato</i>	0	0	0	3	1		
<b>Município de criação</b>	5	9	20	9	4		
<i>Município fronteiro</i>	1	8	11	5	1		
<i>Município não fronteiro</i>							
<b>Zona urbana de criação</b>							
<i>Urbana</i>	5	12	15	7	2	6,74	0,56
<i>Neutra</i>	1	3	10	5	1		
<i>Rural</i>	0	2	6	2	2		
<b>Há quanto tempo mora</b>							
<i>De 0 a 1 ano de residência</i>	1	3	5	2	1	4,97	0,76
<i>De 1 ano e 1 dia a 5 anos</i>	1	9	13	4	1		
<i>Mais de 5 anos de residência</i>	4	5	13	8	3		

Fonte: o autor.

Tabela 10 - Associação entre características sociodemográficas e a percepção da diferença entre os lados da fronteira.

Variáveis	Diferença dos lados					X <sub>2</sub>	p
	N/A	Muito semelhantes	Meio semelhantes	Meio diferentes	Muito diferentes		
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil*</b>							
<i>Nenhum contato</i>	11	2	3	8	5	<b>22,40</b>	<b>0,03</b>
<i>Um pouco de contato</i>	0	1	3	5	5		
<i>Contato moderado</i>	0	3	4	12	7		
<i>Muito contato</i>	0	1	0	2	1		
<b>Município de criação</b>							
<i>Município fronteiriço</i>	7	5	7	15	13	1,69	0,79
<i>Município não fronteiriço</i>	4	2	3	12	5		
<b>Zona urbana de criação</b>							
<i>Urbana</i>	7	3	6	14	11	11,82	0,15
<i>Neutra</i>	3	0	2	10	5		
<i>Rural</i>	1	4	2	3	2		
<b>Há quanto tempo mora</b>							
<i>De 0 a 1 ano de residência</i>	3	2	3	2	2	5,91	0,65
<i>De 1 ano e 1 dia a 5 anos</i>	4	3	3	10	8		
<i>Mais de 5 anos de residência</i>	4	2	4	15	8		

Fonte: o autor.

Tabela 11 - Efeito das variáveis sociodemográficas sobre o atendimento aos bolivianos no hospital de Cáceres.

Variáveis	Concordância no atendimento no hospital						X <sub>2</sub>	P
	N/A	Concordo muito	Concordo pouco	Indiferente	Discordo pouco	Discordo muito		
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil</b>								
<i>Nenhum contato</i>	2	11	3	2	6	5	10,09	0,82
<i>Um pouco de contato</i>	1	7	2	2	1	1		
<i>Contato moderado</i>	3	12	4	4	2	1		
<i>Muito contato</i>	1	2	1	0	0	0		
<b>Município de criação</b>								
<i>Município fronteiriço</i>	6	17	8	7	5	4	6,55	0,25
<i>Município não fronteiriço</i>	1	15	2	1	4	3		
<b>Zona urbana de criação*</b>								
<i>Urbana</i>	4	19	2	8	4	4	<b>18,33</b>	<b>0,05</b>
<i>Neutra</i>	2	9	6	0	1	2		
<i>Rural</i>	1	4	2	0	4	1		
<b>Há quanto tempo mora</b>								
<i>De 0 a 1 ano de residência</i>	0	10	1	0	0	1	14,55	0,14
<i>De 1 ano e 1 dia a 5 anos</i>	4	13	3	2	4	2		
<i>Mais de 5 anos de residência</i>	3	9	6	6	5	4		

Fonte: o autor.

Tabela 12 - Influência das variáveis sociodemográficas na percepção de diferença entre aspectos físicos e culturais entre bolivianos e brasileiros.

Variáveis	Diferença do aspecto físico					X <sub>2</sub>	p
	N/A	Muita diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil</b>							
<i>Nenhum contato</i>	2	0	5	16	6	18,05	0,11
<i>Um pouco de contato</i>	0	1	0	8	5		
<i>Contato moderado</i>	0	0	3	15	8		
<i>Muito contato</i>	0	1	0	1	2		
<b>Município de criação</b>							
<i>Município fronteiriço</i>	1	1	4	27	14	1,28	0,86
<i>Município não fronteiriço</i>	1	1	4	13	7		
<b>Zona urbana de criação</b>							
<i>Urbana</i>	2	1	5	18	15	7,39	0,49
<i>Neutra</i>	0	1	1	14	4		
<i>Rural</i>	0	0	2	8	2		
<b>Há quanto tempo mora</b>							
<i>De 0 a 1 ano de residência</i>	1	1	2	6	2	5,90	0,65
<i>De 1 ano e 1 dia a 5 anos</i>	0	0	3	17	8		
<i>Mais de 5 anos de residência</i>	1	1	3	17	11		

Fonte: o autor.

Tabela 13 - Efeito das variáveis sociodemográficas na percepção da ocorrência de crimes da população geral.

Variáveis	Crimes Gerais			X <sub>2</sub>	p
	N/A	Sim	Não		
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil</b>					
<i>Nenhum contato</i>	0	25	4	5,74	0,45
<i>Um pouco de contato</i>	1	13	0		
<i>Contato moderado</i>	1	24	1		
<i>Muito contato</i>	0	4	0		
<b>Município de criação</b>					
<i>Município fronteiriço</i>	2	41	4	1,78	0,41
<i>Município não fronteiriço</i>	0	25	1		
<b>Zona urbana de criação</b>					
<i>Urbana</i>	1	37	3	0,86	0,92
<i>Neutra</i>	1	18	1		
<i>Rural</i>	0	11	1		
<b>Há quanto tempo mora</b>					
<i>De 0 a 1 ano de residência</i>	0	11	1	1,17	0,88
<i>De 1 ano e 1 dia a 5 anos</i>	1	26	1		
<i>Mais de 5 anos de residência</i>	1	29	3		

Fonte: o autor.

Tabela 14 - Efeito das variáveis sociodemográficas na percepção da ocorrência de crimes da população geral.

Variáveis	Crimes Estrangeiros			X <sub>2</sub>	p
	N/A	Sim	Não		
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil</b>					
<i>Nenhum contato</i>	1	10	18	4,65	0,58
<i>Um pouco de contato</i>	1	6	7		
<i>Contato moderado</i>	0	13	13		
<i>Muito contato</i>	0	3	1		
<b>Município de criação</b>					
<i>Município fronteiriço</i>	2	20	25	1,15	0,56
<i>Município não fronteiriço</i>	0	12	14		
<b>Zona urbana de criação</b>					
<i>Urbana</i>	1	20	20	1,88	0,75
<i>Neutra</i>	1	8	11		
<i>Rural</i>	0	4	8		
<b>Há quanto tempo mora</b>					
<i>De 0 a 1 ano de residência</i>	0	4	8	4,02	0,40
<i>De 1 ano e 1 dia a 5 anos</i>	1	16	11		
<i>Mais de 5 anos de residência</i>	1	12	20		

Fonte: o autor.

Tabela 15 - Efeito das variáveis sociodemográficas na percepção de diferença de gêneros.

Variáveis	Diferença de gênero					X <sub>2</sub>	p
	N/A	Muito diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil</b>							
<i>Nenhum contato</i>	1	13	6	2	7	8,12	0,77
<i>Um pouco de contato</i>	2	5	1	2	4		
<i>Contato moderado</i>	2	7	7	3	7		
<i>Muito contato</i>	1	2	1	0	0		
<b>Município de criação</b>							
<i>Município fronteiriço</i>	4	17	12	5	9	3,40	0,49
<i>Município não fronteiriço</i>	2	10	3	2	9		
<b>Zona urbana de criação</b>							
<i>Urbana</i>	4	17	6	3	11	5,44	0,70
<i>Neutra</i>	2	6	6	3	3		
<i>Rural</i>	0	4	3	1	4		
<b>Há quanto tempo mora</b>							
<i>De 0 a 1 ano de residência</i>	0	6	3	0	3	9,62	0,29
<i>De 1 ano e 1 dia a 5 anos</i>	4	13	3	3	5		
<i>Mais de 5 anos de residência</i>	2	8	9	4	10		

Fonte: o autor.

Tabela 16 - Efeito das variáveis sociodemográficas sob a percepção da diferença de etnia.

Variáveis	Diferença de etnia					X <sub>2</sub>	p
	N/A	Muito diferença	Alguma diferença	Pouca diferença	Nenhuma diferença		
<b>Contato com a fronteira entre Bolívia e Brasil</b>							
<i>Nenhum contato</i>	0	10	10	1	8	15,74	0,20
<i>Um pouco de contato</i>	2	4	1	3	4		
<i>Contato moderado</i>	1	7	10	1	7		
<i>Muito contato</i>	0	2	1	1	0		
<b>Município de criação</b>							
<i>Município fronteiriço</i>	2	13	16	4	12	1,32	0,85
<i>Município não fronteiriço</i>	1	10	6	2	7		
<b>Zona urbana de criação</b>							
<i>Urbana</i>	2	12	11	3	13	4,71	0,78
<i>Neutra</i>	1	7	5	2	5		
<i>Rural</i>	0	4	6	1	1		
<b>Há quanto tempo mora</b>							
<i>De 0 a 1 ano de residência</i>	0	7	3	0	2	14,05	0,08
<i>De 1 ano e 1 dia a 5 anos</i>	3	10	7	3	5		
<i>Mais de 5 anos de residência</i>	0	6	12	3	12		

Fonte: o autor.

## APÊNDICE E – Referências complementares

- AGIER, M. Nova Cosmópolis: as fronteiras como objeto de conflito no mundo contemporâneo. **Revista Brasileiras de Ciências Sociais**, v. 31, n. 91, e319103, 2016.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- APPADURAI, A. **Sicuri da morire**. Roma: Meltemi, 2005.
- BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey**. v. 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- BALIBAR, É. **Un conflitto oltre le frontiere**. Il Manifesto. Quotidiano comunista, 2015. Disponível em: <https://ilmanifesto.it/un-conflitto-oltre-le-frontiere/>. Acesso em: 22 maio 2020.
- BAUMAN, Z. **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Dentro la globalizzazione**. Le conseguenze sulle persone. Roma/Bari: Laterza, 2006.
- BECKER, H. S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007
- BECKER, H. S. **Truques da escrita**. Para começar e terminar tese, livros e artigos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- BIEMER, P. P. Total survey error: design, implementation, and evaluation. **Public Opinion Quarterly**, Oxford: v. 74, n. 5, p. 817-848, 2010.
- BORDINI, G. S.; SPERB, T. M. O uso dos grupos focais on-line síncronos em pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 3, p. 437-445, 2011.
- BOURDIEU, P. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2015.
- BOURDIEU, P. **Le regole dell'arte**. Genesi e struttura del campo letterario. Milano: Il Saggiatore, 2005.
- BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, P. O campo político. **Revista brasileiras de Ciências Políticas**, n. 5, p. 193-216, 2011.
- BOURDIEU, P. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, P. **Sul concetto di campo in sociologia**. Roma: Armando editore, 2010.

BUTLER, J.; SPIVAK, G. C. **Che fine ha fatto lo stato-nazione?** Roma: Meltemi, 2009.

CASAS-CORTES, M.; COBARRUBIAS, S.; GENOVA, N.; GARELLI, G.; GRAPPI, G.; HELLER, C.; HESS, S.; KASPAREK, B.; MEZZADRA, S.; NEILSON, B.; PEANO, I.; PEZZANI, L.; PICKLES, J.; RAHOLA, F.; RIEDNER, L.; SCHEEL, S.;

CORBETTA, P. **La ricerca sociale: metodologia e tecniche.** v. 4. Bolonha: Il Mulino, 2003.

CORTI, P. **Storia delle migrazioni internazionali.** Roma/Bari: Laterza, 2003.

COSTA, A. O. Norbert Elias e a configuração: um conceito interdisciplinar. **Revista de sociologia Configurações**, v. 19, p. 34-48, 2017.

DAL LAGO, A. **Non-persone.** L'esclusione dei migrante in una società globale. Milano: Feltrinelli, 2009.

DAVID, L. M. **Successful focus groups: advancing the state of the art.** Newbury Park: Sage Publications, 1993.

DU BOIS, W.E.B. The afro-american. **The Journal of Transnational American Studies**, v. 2, n. 1, 2010.

ELIAS, N. **A sociedade de corte.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, N. **Escritos e ensaios.** v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ELIAS, N. **Introdução à sociologia.** Lisboa: Edições 70, 2008.

FANON, F. **Os condenados da terra.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2015.

FISK, S.; CUDDY, A. J.; GLICK, P.; XU, J. A model of (often mixed) stereotype content: competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 82, n. 6, p. 878-902, 2002.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GONDIM, L. **A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso.** São Carlos: EdUFSCar, 2010.

GOTHBERG, J.; APPLGATE, B.; REEVES, P.; KOHLER, P.; THURSTON, L.; PETERSON, L. Is the medium really the message? a comparison of face-to-face, telephone, and internet focus group venues. **Journal of Ethnographic & Qualitative Research**, v. 7, n. 3, p. 108-127, 2013.

GRAZIANO, M. **Frontiere.** Bolonha: Il Mulino, 2017.

GROVES, R. M.; FOWLER JR, F. J.; COUPER, M. P.; LEPKOWSKI, J. M.; SINGER, E.; TOURANGEAU, R. **Survey methodology**. 2. ed. Hoboken: John Wileys & Sons, 2009.

HEPWORTH, K. Bordered subjects. **City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action**, v. 18, n. 6, p. 842-845, 2014.

HOUTUM, H. Remapping borders. *In*: WILSON, T. M.; DONNAN, H. **A companion to border studies**. Oxford: Blackwell Publishing, 2012, p. 405-417.

KINDER, D. R. Opinion and action in the realm of politics. *In*: GILBERT, D. T.; FISKE, S. T.; LINDZEY, G. **The handbook of social psychology**. New York: McGraw-Hill, 1998, p. 778–867.

LAREDO SICSÚ, A.; DANA, S. **Estatística aplicada**. Análise exploratória dos dados. São Paulo: Saraiva, 2012.

LEVY, M. S. F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). **Revista de Saúde Pública**, v. 8, supl. 0, p. 49-90, 1974.

LIVI BACCI, M. **In cammino**: breve storia delle migrazioni. Bolonha: Il Mulino, 2014.

LUSKIN, R. C.; BULLOCK, J. G. “Don’t know” means “don’t know”: DK responses and the public’s level of political knowledge. **Journal of Politics**, v. 73, n. 2, p.547-557, 2011.

MÉLO, J. L. B. Fronteiras: da linha imaginária ao campo de conflitos. **Sociologias**, n. 11, p. 126–146, 2004.

MEZZADRA, S. Multiplicação de fronteiras e práticas da mobilidade. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. XXIII, n. 44, p. 11-30, 2015.

MEZZADRA, S.; NEILSON, B. Borderscapes of differential inclusion: subjectivity and struggles on the threshold of justice’s excess. *In*: BALIBAR, É.;

MEZZADRA, S.; SAMADDAR, R. **The borders of justice**. Philadelphia: Temple University Press, 2011. p. 181-203.

MEZZADRA, S. **Terra e confini**. Metamorfosi di un solco. Castel San Pietro Romano: Manifestolibri La Talpa, 2016.

MEZZADRA, S. The proliferation of borders and the right to escape. *In*: JANSEN, Y.; CELIKATES, R.; DE BLOOIS, J. **The irregularization of migration in contemporary Europe**. Detention, Deportation, Drowning. Londres/New York: Rowman & Littlefield, 2015, p. 121-135.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

MOHANTY, C. T. **Femminismo senza frontiere**. Teoria, differenze, conflitti. Verona: Ombre Corte, 2012.

MONDAK, J. J. Developing valid knowledge scales. **American Journal of Political Science**, v. 45, n. 1, p. 224-238, 2001.

MORGAN, D. L. **Focus groups as qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1997.

POPPER, K. R. **Logica della scoperta scientifica**. Turim: Einaudi, 1970.

POZENATO, J. C. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2003.

PRESSER, S.; COUPER, M. P.; LESSLER, J. T.; MARTIN, E.; MARTIN, J.; ROTHGEB, J. M.; SINGER, E. Methods for testing and evaluating survey questions. **Public Opinion Quarterly**, v. 68, n. 1, p. 109-130, 2004.

QUIVY, R.; VAN CAMPENHOUDT, L. **Manual de investigações em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 2008.

RODRÍGUEZ, A. M. Nación, democracia y humanismo en Ernest Renan. **Contrastes. Revista Internacional de Filosofía**, v. 16, p. 109-128, 2011.

SASSEN, S. **Expulsões**. Brutalidade e complexidade na economia global. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60-70, 2002.

SEYFERTH, G. Colonização e política migratória no Brasil Imperial. *In*: SALLES, T.; SALLES M. R. R. **Políticas migratórias**: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior. São Carlos: Editora Sumaré/EdUFSCar, 2002b, p.79-110.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

SPIVAK, G. C. **Critica della ragione postcoloniale**. Roma: Meltemi, 2004.

TAZZIOLI, M. New keywords: migration and borders. **Cultural Studies**, v. 29, n. 1, p. 55-87, 2015.

TODOROV, T. **O medo dos bárbaros**. Para além do choque de civilizações. Petrópolis: Vozes, 2010.

TOURANGEAU, R.; RASINSKI, K. A. Cognitive processes underlying context effects in attitude measurement. **Psychological Bulletin**, v. 103, n. 3, p. 299-314, 1988.

VINHA, M. O conceito de configuração e poder em Norbert Elias. **Revista Conexões** n. 5, p. 48-60, 2000.

WAIZBORT, L. **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: EDUSP, 2001.

WRIGHT, J.; MARSDEN, P. **Handbook of survey research**. San Diego: Elsevier, 2010.

YOUNG, R. J. C. **Introduzione al postcolonialismo**. Roma: Meltemi, 2005.